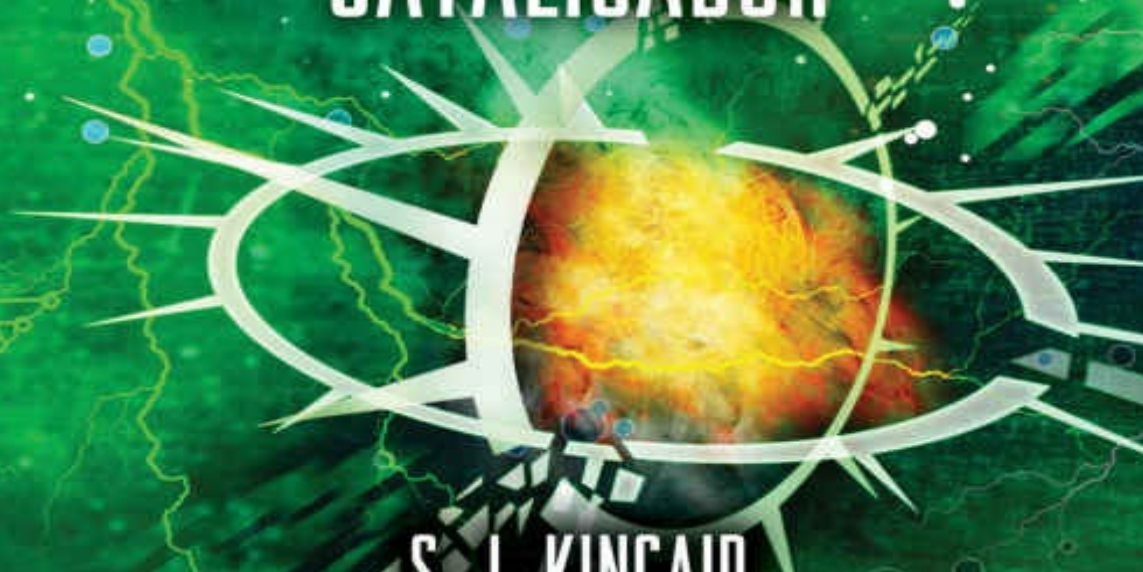


O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL.3



S. J. KINCAID





INSÍGNIA

CATALISADOR VOL.3

S. J. KINCAID





Editora: Marcia Alves

Assistente editorial: Natália Chagas Máximo

Tradução: Rafael Gustavo Spigel

Preparação: Elisa Martins

Revisão: Bia Nunes de Sousa e Luciane Helena Gomide

Diagramação e ePub: Pamella Destefi

Insígnia – Catalisador

Título original: *Catalyst*

Copyright © 2014 by S. J. Kincaid

Publicado mediante acordo com Lennart Same Agency AB.

© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A

vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana

CEP 04020-041 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (55 11) 4612-2866 • editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-813-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kincaid, S. J.

Insígnia [livro eletrônico]: Catalisador / S. J. Kincaid; [tradução Rafael Gustavo Spigel]. – 2. ed. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. – (Insígnia; v. 3)

1,7 Mb; ePub.

Título original: *Catalist*.

eISBN 978-85-7683-813-5

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-00938 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

1 0 1 0 0 1 0 1 0 0 0 0 1 0 0 1 1 1 1 0 0 1 0 0 0 0 1 0 1 1 1 1 0 0 1 1 1
0 1 1 1 1 0 1 1 1 0 0 0 0 0 0 1 0 0 0 0 0 0 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 0 0 0 0 0
1 1 1 1 1 0 1 1 0 0 1 1 1 1 1 0 1 0 0 1 1 0 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 0
0 1 0 1 1 1 0 1 1 0 0 0 1 1 1 1 0 0 1 0 0 1 1 0 0 1 1 1 1 0 0 1 1 1 1 1 0
0 0 0 0 1 1 1 1 1 0 0 1 0 1 0 1 0 1 1 0 1 0 0 1 1 1 0 1 0 0 0 1 1 0 0 0 1
0 1 0 1 1 0 0 0 0 1 0 1 0 1 1 1 1 1 1 1 0 0 0 1 1 0 1 1 1 1 1 0 1 1 0 0 1
0 1 0 0 0 1 1 1 1 1 1 0 1 0 1 1 1 0 0 1 0 1 1 0 1 1 1 0 1 0 0 0 1 0 0 0 0
1 1 0 1 1 0 1 1 0 1 1 1 1 1 1 0 1 0 0 0 0 0 0 0 1 0 1 1 1 1 0 1 1 1 0 1 1
0 0 1 1 1 1 1 1 1 0 1 1 1 1 0 0 0 0 1 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 1 0 0 0 0 1 0 1
1 0 1 0 0 1 0 0 1 1 1 0 0 0 1 1 0 0 1 1 1 0 0 1 0 0 1 1 0 1 0 0 1 0 0 0 0

Temos o poder de reiniciar o mundo.
Thomas Paine, Common Sense



COALIZÃO DE MULTINACIONAIS

ALIANÇA INDO-AMERICANA

Bloco Euro-Australiano

Países da Oceania

Aliança Norte-Americana

América Central

CORPORAÇÕES MULTINACIONAIS:(e combatentes patrocinados)

Dominion Agra

COMBATENTE PATROCINADO:

Karl “Vanquisher” Marsters

Nobridis

COMBATENTES PATROCINADOS:

Elliot “Áries” Ramirez

Cadence “Vespa” Grey

Britt “Touro” Schmeiser

Wyndham Harks

COMBATENTES PATROCINADOS:

Heather “Enigma” Akron

Yosef “Vetor” Saide

Snowden “Novato” Gainey

Matchett-Reddy

COMBATENTES PATROCINADOS:

Lea “Tempestade” Styron

Mason “Espectro” Meekins

Epicenter Manufacturing

COMBATENTES PATROCINADOS:

Emefa “Polaris” Austerley

Alec “Condor” Tarsus

Ralph “Toureiro” Bates

Obsidian Corp.

COMBATENTES PATROCINADOS: Nenhum

ALIANÇA RUSSO-CHINESA

Federação Sul-Americana
Associação dos Países Africanos
Bloco Nórdico

CORPORAÇÕES MULTINACIONAIS:(membros patrocinados desconhecidos)

Harbinger
Lexicon Mobile
LM Lymer Fleet
Kronus Portable
Stronghold Energy
Preeminent Communications

HOUVE UM INCONVENIENTE AO se hospedar em uma suíte altamente luxuosa em Las Vegas. E não foi o preço. Neil Raines estava com sorte ultimamente e se mostrou contente por revelar seus espólios em um quarto luxuoso para a visita de seu filho.

O problema era que a localização do quarto de hotel onde estavam os deixava próximos de muitos VIPs que se hospedavam no mesmo andar. Toda vez que Tom Raines e o pai subiam até o quarto, passavam por um corredor polonês de seguranças particulares que protegiam o corredor.

Até então, Tom conseguia passar usando alguns artifícios.

Hoje, algo parecia diferente quando eles se aproximaram dos detectores de metal e dos escâneres corporais que os esperavam.

Neil reagiu da forma que sempre fazia nessas ocasiões.

– Este é o problema dos privilegiados – ele vociferou com Tom quando se aproximaram, com um brilho desafiador nos olhos e o tom de voz alto porque esperava claramente que um daqueles VIPs o ouvisse. – No final, eles são um bando de covardes patéticos que se escondem atrás de seus capangas contratados.

Os seguranças contratados olharam feio. Eles *tinham* ouvido.

– Podemos arrumar um quarto em outro lugar – Tom disse baixinho. – Estou cansado daqui também. Preferiria ficar em um lugar mais barato e colocar esse dinheiro em uma conta de poupança, quem sabe?

– Poupança? – Neil bufou. – Sim, claro, vou guardar meus suados dólares com banqueiros ladrões para que eles possam aprovar outra “taxa de juros” e financiar seus próximos saques. Sem chance – ele deu um tapa de leve nas costas de Tom. – Eu preferiria pagar as despesas do meu garoto pelo menos uma vez.

Com isso, Neil ergueu os braços para ser revistado, olhando atravessado para os seguranças que se aproximaram dele. Tom hesitou alguns metros atrás, procurando no bolso a dispensa médica que o militar tinha providenciado aos recrutas Intrassolares sempre que se deparassem com escâneres de segurança – dispositivos que visavam revelar os processadores neurais em seu crânio.

Quando Neil se queixou, a cabeça de Tom devaneou de volta à última vez que tinha visitado o pai. Eles tiveram uma briga feia. Tom não compreendia o medo que seu pai tinha de Vengerov, e Neil se recusou a explicar. Mais tarde, Tom entendeu – após Joseph Vengerov deixá-lo na Antártida para morrer congelado. Alguns trilhões de dólares deram ao homem poder sobre a vida e a morte, e Neil percebera isso antes de Tom.

Tom não sabia o que dizer ao pai para consertar as coisas. Como se constatou mais tarde, ele não tinha que saber. Neil estava igualmente disposto a fingir que nada havia acontecido. Talvez ele estivesse até tentando compensar algo, por isso o sofisticado quarto, o belo cassino, e Neil até acordava mais cedo para que eles pudessem pegar algo para jantar antes de partir na noite. Ele estava empolgado para ouvir sobre a promoção de Tom para a Companhia Superior; e também para contar a Tom tudo sobre o fantasma da máquina que tinha destruído os drones.

– Acho que você não ouviu muito sobre isso na Agulha, né? – Neil disse, rindo sobre o drinque. – Aconteceu bem antes de você voltar.

Tom engoliu em seco.

– Ah, sim, não ouvi muito a respeito.

– Foi incrível, Tommy. Tinha esse clarão no alto, daí olhei para cima e um daqueles quadros de anúncios foi aceso com esta mensagem: “O fantasma da máquina está atento aos vigias”. E você sabe para quem era essa mensagem: só podia ser para o Departamento de Segurança Nacional. Talvez a Obsidian Corp. Depois só vi que explodiram. Cada um deles – ele tomou um grande e triunfante gole de seu drinque. – Você tinha que estar lá.

Tom não conseguiu evitar uma repugnante vibração ao ouvir isso. Aparentemente, o fantasma tinha impressionado muito seu pai, o que era assombroso, pois Tom *era* o fantasma da máquina. Ele havia destruído os drones.

Neil inclinou-se na direção dele.

– Vou te contar: a Agência de Importação de Cocaína deve estar subindo pelas paredes na tentativa de encontrar esse cara. Nossa esperança é que eles não o encontrem.

– Sim, vou brindar a isso – Tom comentou, erguendo seu refrigerante.

– Eles sempre encontram, e espere só para ver: o fantasma vai ser encontrado com dois tiros na parte de trás da cabeça, como se tivesse cometido suicídio.

O sorriso de Tom diminuiu um pouco. Não era a coisa mais reconfortante de se ouvir.

E ele não estava tranquilo agora que se aproximou dos seguranças, tentando distinguir o supervisor para que pudesse entregar a ele sua dispensa e acabar com isso de forma rápida. Seu formulário médico afirmava que ele precisava passar por fora das máquinas de escâner devido ao estimulador de nervos implantado em seu crânio para tratar a epilepsia.

Toda vez que Tom usava isso perto de seu pai, ele tinha que ser cuidadoso. Neil precisava estar muito ocupado para vê-lo entregando a dispensa ao supervisor dos seguranças, e Tom precisava pegá-la de volta antes que Neil se virasse e a visse. Geralmente, ele tentava se afastar do pai antes, indo para o quarto sozinho. Hoje, Neil tinha perseguido seus passos. Hoje ele não poderia evitar.

Se Neil ficasse sabendo sobre a dispensa médica, ele teria exigido vê-la. Teria descoberto que Tom havia passado por uma cirurgia cerebral. Epilepsia não era o verdadeiro motivo pelo qual seu cérebro não podia ser escaneado, e sim um processador neural, mas só a ideia de que Tom devesse passar por uma cirurgia cerebral teria feito Neil explodir.

Isso não acabaria bem.

Hoje, Neil passou pelo corredor polonês em tempo recorde, virando-se para olhar para trás assim que Tom estava prestes a entregar seu formulário. Ele hesitou. Uma grande mão agarrou seu ombro e o conduziu na direção do detector de metal.

E o detector de metal apitou.

Tom ficou tenso vendo Neil cruzar os braços impacientemente, olhando de lado e vendo dois seguranças andando sem jeito em sua direção. Uma mulher de olhar entediado revelou um bastão detector de metal.

– Você se esqueceu de tirar algo dos bolsos? – ela perguntou, franzindo a testa quando seu bastão apitou ao passar sobre a cabeça de Tom.

Tom se mostrou constrangido por dentro, com plena consciência de que seu pai o observava.

– Ahn, não.

A mulher começou a manusear o cabelo dele com os dedos.

– Olhe, eu tenho um... – Tom disse baixinho, enfiando a mão no bolso e virando-se de costas para Neil, desesperado em pegar sua dispensa médica.

– Tire as mãos do bolso – ordenou o segundo guarda.

– Não é uma arma – Tom disse num sussurro furioso. – É um...

– O que está acontecendo? – Neil quis saber, arrastando-se na direção deles. – Por que a demora?

Um terceiro segurança deu um passo à frente para repelir Neil, e Tom voltou a tentar recuperar sua dispensa médica, mas eis que seus dedos cibernéticos acionaram o bastão, e a mulher ordenou que ele erguesse as mãos.

E então algo aconteceu.

Houve uma agitação perto dos computadores, e então toda uma multidão de seguranças abordou Tom ao mesmo tempo, rodeando-o com armas em punho.

– Nós processamos o perfil biométrico dele. Afaste-se! – um dos seguranças gritou para o outro.

A mulher afastou-se dele de forma rápida, e Tom arregalou os olhos para os seguranças repentinamente armados antes de seu cérebro compreender o que se passava. Neil vinha causando problemas a eles, por isso processaram os perfis biométricos de ambos, descobrindo, assim, a identidade de Tom.

E o fato de que ele estava na lista de observação contra o terrorismo.

Tom fechou os olhos. *Ah, deixa disso.*

– Mãos ao alto! – alguém gritou para Tom.

Ele ergueu as mãos, com a cabeça a mil, tentando descobrir o que fazer a partir dali.

– Isso é ridículo – Neil explodiu, e de repente alguns poucos guardas armados transferiram sua atenção para ele. – O meu filho parece uma ameaça terrorista para vocês?

– Ele precisa vir conosco – o líder dos guardas afirmou.

– Pai, deixe para lá. Eu vou com eles por dois segundos, certo? – Tom insistiu, pensando que poderia esclarecer a confusão se conversasse com um deles em particular. Uma ligação telefônica resolveria isso.

Se ele conseguisse ir a outro lugar sem o pai, poderia explicar. Mas a segurança que havia retomado a inspeção com o detector de metal portátil deu um grito e saltou para trás, e Tom viu um de seus dedos mecanizados se separar onde ela sem querer o tinha inconscientemente puxado.

Tom ficou paralisado.

Neil também, olhando fixamente para o dedo.

– O que é isso? – as armas foram sacadas, iluminando o rosto de Tom. – Algum tipo de arma?

– É um dedo! – Tom exclamou. – Olhe para isso. Todos os meus dedos são falsos, certo? Estão vendo? – ele puxou mais dois para mostrar a eles. – Eles são mecânicos. É por isso que acionam o detector de metal.

Ele ignorou o modo como Neil olhava boquiaberto para ele, como se nem o conhecesse, em completo estado de choque.

Tom não havia contado para o pai sobre a ulceração produzida pelo frio, sobre perder os dedos. O exército deveria tecnicamente notificar seu pai sobre quaisquer cirurgias mais importantes. A amputação de dedos provavelmente deveria ter sido considerada.

Melhor que Neil descubra isso do que *outra* parte mecânica do corpo de Tom.

– Tommy... – Neil sussurrou.

– Vamos. Vou mostrar a vocês. Pai, me espere aqui – Tom disse decididamente.

Neil estava atordoado o suficiente para fazer automaticamente qualquer coisa que Tom lhe pedisse; e, mesmo assim, Tom poderia ainda ter salvado a situação se tivesse sido capaz de se aproveitar do choque de Neil e escapulir com os guardas para explicar em particular. Neil ficaria chateado, mas dedos amputados não eram como uma cirurgia cerebral secreta e materiais neurais em nível de computação.

Mas seu cabelo tinha sido desarrumado pela mulher que passara os dedos nele, e o remendo de pele falsa em sua nuca ficara exposto. Quando ele se virou, ávido por fugir, Neil interpelou:

– O que é isso? – ele se lançou e agarrou Tom pelos ombros, empurrando sua

cabeça para baixo, e Tom se desvencilhou dele com um empurrão, mas não antes de Neil enxergar a porta de acesso neural.

Seu movimento repentino pôs os guardas em ação, prontos para um incidente terrorista. Gritos saturaram o ar e inesperadamente corpos aproximaram-se de Tom por todos os lados, aglomerando-se ao seu redor e derrubando-o no chão.

O ataque violento o deixou sem fôlego, e, enquanto a bochecha de Tom era raspada no carpete, ele ouviu Neil gritando com a voz furiosa e frenética por apoio, e ele sem poder usar a estúpida dispensa médica que estava em seu bolso.

– Deixem-me levantar. É sério. Posso explicar tudo – Tom disse a ele, imobilizado no chão enquanto um escâner corporal móvel passava sobre sua cabeça, verificando se havia explosivos implantados.

– Oh, meu Deus, dê uma olhada nisso – um dos seguranças disse para o outro, passando o objeto sobre a cabeça de Tom, que sabia o que eles estavam vendo: uma rede metálica em forma de teia de aranhas dentro de seu crânio.

Enquanto isso, outro guarda havia encontrado a dispensa médica em seu bolso e estava contando para os outros.

– Sim, aqui diz que ele passou por cirurgia cerebral, mas isso parece um estimulador de nervos para vocês?

Tom esforçou-se para enxergar Neil, imobilizado no carpete a alguns metros dele. Seu pai não estava lutando agora. Ele estava olhando fixamente para a mesma imagem no escâner, com a mandíbula frouxa, o rosto esbranquiçado, drenado de sangue.

Tom fechou os olhos e começou a rir baixinho, imaginando como as coisas poderiam piorar. Ele estava realmente encrocado. Ele e seu pai.

Os AGENTES DO GOVERNO que chegaram para colocar todos sob custódia – Tom, Neil e os guardas também – não eram da Agulha Pentagonal. Eles eram da Agência de Segurança Nacional.

Tom recontou a mesma sequência de acontecimentos a três interrogadores diferentes e passou dias sozinho em uma cela, à espera de seu interrogatório oficial. Passou horas a fio medindo seus passos, atormentando-se sobre o que aconteceria a partir dali, preocupando-se com as repercussões geradas, com o que Neil poderia dizer... Ele já tinha perdido os primeiros poucos dias da Companhia Superior na Agulha Pentagonal. Os outros recrutas já haviam retornado.

Ele daria tudo para estar com eles.

Finalmente, chegou o dia em que Tom descobriria o destino de seu pai, em que conheceria oficialmente a agente da ASN que supervisionava a situação.

Tom estava com os nervos à flor da pele e andou a passos largos para encarar a mulher esbelta e arrogante. Ela aparentava ter por volta de quarenta anos, com cabelo loiro-claro amarrado em um coque apertado, maçãs do rosto acentuadas e

lábios definidos em uma fina linha escarlate.

– Senhor Raines – ela disse vividamente. – Estou contente por você estar aqui. Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

O perfil dela lampejou em seu campo de visão:

NOME: Confidencial

PATENTE: Confidencial

STATUS DE SEGURANÇA: Ultrassegredo LANDLOCK-14

– Meu nome é Irene Frayne. Precisamos discutir sobre o seu pai. Por favor, sente-se.

Tom sentou-se. Uma luz distante perturbou sua visão, e ele teve que piscar para discernir o rosto dela.

Havia algo claramente intimidante em conhecer um agente da ASN de verdade. Tom sabia que eles tinham as fichas de cada cidadão do país, e muitos dos contratados da Obsidian Corp. também eram agentes da ASN em tempo integral... Ele tinha até invadido um de seus centros de fusão por engano quando interagiu com os sistemas da Obsidian Corp. e avaliou o alcance de seus informantes secretos. Até onde ele sabia, Frayne tinha uma lista de cada site constrangedor da internet que ele tinha visitado.

Demonstrando impaciência com as superfícies planas e pontudas do rosto, Frayne ofereceu a Tom um dispositivo metálico, que fazia lembrar uma pequena maçaneta.

– Eu quero que você insira isso na porta de acesso neural de seu cérebro.

– O que é isso? – Tom perguntou cautelosamente.

– Sou eu quem faço perguntas aqui, senhor Raines. Insira-o. Agora.

Tom sentiu um desconforto só de pensar em interagir com um dispositivo desconhecido, mas ele não tinha muita escolha. Virou o objeto, de modo a ver o pino onde o dispositivo foi projetado para se ligar à sua porta de acesso, e depois o plugou na nuca. Tom tentou acomodar-se na cadeira, mas agora não conseguia inclinar confortavelmente a cabeça. Ele ficou sentado ali todo desajeitado, com a cabeça inclinada para a frente e os ombros tensos.

Frayne, enquanto isso, estava analisando um tablet em suas bem cuidadas mãos.

– Declare o seu nome completo.

– Thomas Andrew Raines.

– Você é um recruta da Agulha Pentagonal, senhor Raines?

– Sim, é claro.

– Você já mentiu alguma vez para se livrar de algum problema?

A pergunta o deixou perturbado. Como ele deveria respondê-la? Será que existia alguém que não tivesse feito isso em algum momento?

– Espere – ele se debateu –, você quer dizer agora mesmo?

O olhar de Frayne manteve-se fixo na tela. Então, um sorriso mísero fez-se em seus lábios.

– Essa resposta é insuficiente para nossos objetivos. Agora, vamos prosseguir – ela tocou a tela, e seus pálidos olhos tremularam com o que viram. Em seguida, voltou a atenção a Tom. – Compreendo que os processadores neurais ativam a memória fotográfica. Se eu sentir que você está omitindo algum detalhe ou não está sendo totalmente verdadeiro, teremos que verificar o seu registro com um dispositivo de recenseamento. Está me entendendo?

Tom sentiu seu rosto empalidecer. O suor começou a se acumular em sua testa e nas palmas. De repente, ele entendeu o que deveria estar aparecendo naquela tela, o que aquela coisa estava fazendo em seu cérebro: ela tinha pedido duas verdades e depois fez uma pergunta elaborada para confundi-lo. Era um detector de mentiras. Ou talvez até algo mais complexo do que isso, uma vez que ele tinha um processador neural que poderia acessar diretamente certas áreas de seu cérebro. Como ele queria poder enxergar aquela tela.

– Eu compreendo.

Frayne pôs o tablet de lado e entrelaçou os dedos das mãos.

– Como você já deve ter percebido, precisamos discutir sobre o seu pai.

– Ouça – Tom tentou –, meu pai é...

– Muito teimoso – Frayne o interrompeu. – Após a sua nomeação pública, nós tivemos que fichá-lo. Ele tem conhecimento sobre o processador neural. Desnecessário dizer, ele não está satisfeito. Isso aflige você?

– Sim – Tom disse veementemente, notando o modo como os olhos de Frayne tremularam diante do tablet ao confirmar suas palavras.

É claro que isso o afligia. Ele nunca quis que Neil descobrisse a respeito. Ele sabia que seu pai provavelmente tinha se irritado com um de seus discursos antigovernistas e anti-institucionais quando descobriu que estava sob proteção da ASN, e, quando ouviu toda a história do processador neural, deve ter explodido com eles.

– Olhe, ele fala uma coisa, mas nunca age de acordo – Tom insistiu. – Ele não é violento, caso seja essa sua preocupação.

– Fico surpresa por ele permitir que o filho seja um Combatente Intrassolar – os lábios de Frayne voltaram a exibir uma fina linha escarlata. – E novamente, você não tem sido exatamente o Combatente Intrassolar muito semelhante aos outros, tem, senhor Raines? Temos um ex-recruta em nossa organização. Acredito que você o conheça. Nigel...

– Nigel Harrison – Tom a interrompeu, contente pela chance de discutir sobre qualquer impressão que ela tivesse formado a seu respeito. – Sim, o cara que tentou explodir a Agulha Pentagonal. Espero que ele não seja a minha referência de caráter

aqui, pois eu era o bom moço lá. Fui o salvador da pátria quando ele tentou atacar o próprio grupo. Verifique isso em seu detector de mentiras e verá.

Frayne olhou para ele rispidamente, e Tom arrependeu-se de revelar que tinha descoberto que estava conectado a um detector de mentiras. Então, ela o analisou por um tenso momento.

– Estamos perfeitamente cientes do passado do senhor Harrison, e garanto a você que o comportamento dele agora está muito bem regrado.

Tom sentiu uma sensação de formigamento subir até sua nuca. Sim, ele sabia como Nigel havia sido “regrado”. Eles devem tê-lo reprogramado para satisfazer às necessidades da agência. O que eles mais queriam é ter uma pessoa com um computador na cabeça, e não o próprio Nigel. Dalton Prestwick o tinha provocado com esse possível destino, na época em que parecia que Tom poderia não ter chance na ComCam.

Um processador neural poderia ser uma coisa terrível se a pessoa errada o programasse.

Frayne cruzou os braços e firmou-se para trás em sua cadeira, com o queixo inclinado. – senhor Harrison é uma fonte valiosa de discernimento nos trabalhos da Agulha Pentagonal. Antigamente nossa agência tinha pouca informação direta de dentro do sistema. Devido ao recente desaparecimento de Heather Akron, uma recruta que deveria ter se unido a nós, esperamos que isso mude.

Será que ela foi adequadamente regrada também? Tom questionou-se cinicamente. Talvez isso fosse parte do motivo pelo qual Heather recusou-se a voltar atrás de sua jornada para destruir Tom, destruir Blackburn. Ela sabia o que estava à sua frente. Ela pensava que não tinha nada a perder.

Ainda assim, ele não conseguia deixar de sentir um calafrio ao pensar na menina que tinha visto sendo assassinada por Blackburn.

Frayne analisou o tablet.

– O Comitê de Defesa me concedeu acesso completo às suas fichas. Vejo que esta é sua segunda maior violação de segurança. A primeira ocorreu quando você realizou reuniões não autorizadas com a combatente Medusa, da Aliança Russo-Chinesa.

– Eu confesso essa, mas fui absolvido pelo Comitê de Defesa do Senado. E agora acabou.

– Você cometeu uma fraude com cartão de crédito contra um executivo da Coalizão no total de aproximadamente cinquenta mil dólares.

Tom se assustou, surpreso por eles terem conhecimento disso. Quando eram novatos, ele e Vik tinham contraído uma dívida no cartão de crédito de Dalton Prestwick. Era vingança – afinal de contas, o homem tinha reprogramado Tom.

– Não foi uma fraude. Meu nome estava no cartão. Além do mais... – Tom pensou

numa boa desculpa e logo a encontrou. – Além do mais, eu só gastei aquele dinheiro para ajudar a economia.

Frayne inclinou-se olhando para ele, deixando claro que ele era um imbecil.

Tom acabou se entregando.

– Olha só, ele está dormindo com a minha mãe.

– Sua mãe – ela consultou o tablet. – Ah, Delilah Nyland. A dançarina.

– Dançarina? – Tom repetiu. Ele nunca tinha ouvido muita coisa a respeito de sua mãe, só sabia que ela havia fugido de casa aos catorze anos e que o pai de Tom a conhecera em Las Vegas. Eles nunca realmente se casaram, mesmo depois do nascimento dele. – Espere, que tipo de dançarina?

Então ele pensou nas vezes quando, em sua infância, Neil tinha tentado se mostrar indiferente em lhe entregar algumas notas e dizer a ele para dar uma volta em um salão de RV. Tom se lembrou do tipo de mulheres que costumavam se jogar nos braços de seu pai.

De repente, ele não quis saber mais nada a respeito dela.

– Quer saber? Não me diga. Esqueça que eu te perguntei isso.

Frayne o analisou.

– Parece que você teve uma infância bem instável, senhor Raines. Aliada ao que parece ser uma predisposição familiar em relação à conduta antissocial, suponho que isso explique alguns de seus problemas de adaptação na Agulha Pentagonal.

– Eu não sou maluco.

– E mesmo assim você tem o destaque de ser uma das pessoas mais novas na lista de observação de terroristas da Interpol. Não existem muitos jovens de dezesseis anos considerados ameaças terroristas internacionais.

– Sou classificado como um terrorista de *baixo nível*, nem sequer um perigoso. Teve uma brincadeira no banheiro de um clube, e os caras de lá levaram isso muito a sério, e um deles deve ter mexido os pauzinhos para me ferrar. Você não vai me prender, vai?

– Estou bem ciente de que o termo “terrorista” se tornou, digamos, um rótulo muito amplo, então, não, senhor Raines, eu não pretendo prendê-lo. Mas não posso deixar de observar que os problemas parecem persegui-lo. Esse recente incidente é considerável – ela passou o dedo comprido e esbelto sobre o queixo, analisando Tom. – Você sabe o que seu pai está enfrentando hoje? Confinamento por tempo indefinido.

– Ele não é perigoso, ele é...

– Não é particularmente prudente também – os olhos dela quase se fecharam. – Assim que seu pai descobriu sobre o seu processador neural, ele se tornou o guardião da altamente confidencial inteligência. Já chegamos a um acordo com outros civis não autorizados cientes de seu implante neural, mas com o seu pai, que

tem um registro de conduta antissocial, a história é outra. Não se pode confiar nele.

Tom conhecia a ficha de Neil: resistência à prisão, perturbação do sossego, ataque a oficiais magistrados, bêbado e indisciplinado... Ele sabia que Neil já tinha provavelmente se condenado com suas visões políticas sinceras desde que fora colocado sob custódia. Ele odiava pessoas como Frayne, as quais considerava “fiscais da cleptocracia corporativa”.

– Certo. Vamos imaginar que meu pai conte para todo mundo – Tom estendeu as mãos. – Quem vai acreditar nele? Ele é um bêbado desempregado que não tinha dinheiro para terminar o ensino médio. Chame-o de teorista da conspiração e ninguém dará ouvidos a uma palavra que ele disser.

– Mas alguns poderão. Esse é um ponto delicado no desenvolvimento da tecnologia neural. Não podemos correr o risco de seu pai ganhar força se ele revelar os processadores neurais. Você tem conhecimento da Lei de Autorização de Defesa Nacional, senhor Raines?

Tom afundou em seu assento, passando a mão no cabelo e tentando pensar no que fazer.

– Acho que sim. Algo sobre terroristas, certo?

– A linguagem da lei é muito ampla – ela disse –, deliberadamente a fim de dar a alguém em minha posição mais liberdade ao aplicá-la. Eu poderia facilmente interpretar o seu pai, e vou citar diretamente a lei, como alguém “que fazia parte de ou apoiava substancialmente... forças que são empregadas em atos hostis contra os Estados Unidos ou seus parceiros da Coalizão”. Ele é conhecido publicamente por incitar contra o governo, contra nossas empresas parceiras na Coalizão. Já tenho razões para colocá-lo sob custódia como terrorista doméstico. Ele não terá direito a um advogado nem a um julgamento pelo tribunal do júri. Seu pai simplesmente desaparecerá, e eu farei tudo isso legalmente... a menos que, de alguma forma, você pudesse me garantir que ele pode ser controlado.

Tom sentou-se com o coração acelerado, agarrando-se à única ponta de esperança que ela estava oferecendo.

– Deixe eu conversar com meu pai. Eu conseguirei encontrar uma forma. Vou fazê-lo ficar quieto.

Ela ergueu a cabeça.

– Não estou certa sobre ele, e sem dúvida não estou certa sobre você, senhor Raines, mas vou lhe dar uma chance – ela se pôs de pé, analisando-o de uma maneira intimidante determinada. – De qualquer modo, mostre-me o que você é capaz de fazer.

TOM FOI ESCOLTADO PARA a sala de interrogatório onde Neil estava sentado à mesa de maneira relaxada, com a mão sustentando a testa.

Esse momento se aproximava desde o dia em que Tom concordou em receber um processador neural, mas ainda assim ele sentiu um frio na barriga ao perceber que o seu pai sabia de tudo. Tom tinha uma chance, só uma, de convencer a ASN de que ele poderia desarmar Neil e fazer com que deixasse de ser uma ameaça ao sigilo do programa.

– Oi, pai.

Seu pai levantou-se em parte da mesa, quase implorando.

– Tommy, me diga que nada disso é verdade. Esse... esse negócio de processador neural. Não pode ser verdade.

Tom sentiu um buraco no estômago. Sua boca ficou totalmente seca.

– É verdade. Um computador na minha cabeça é a única razão pela qual eu poderia controlar os drones no espaço. Eu tive que implantá-lo para entrar nas Forças Intrassolares.

– Você quer dizer que me deixou e foi lá e pegou isso logo depois... – Neil falou apressado e confuso até ficar em silêncio. Ele balançou a cabeça várias vezes. – Eu deveria ter imaginado. Havia algo diferente em você, em seu rosto, pensei que você tinha amadurecido, não imaginava... – ele disse, levando a mão até a cabeça. – A mesa de roleta. A roleta! Era por isso que você sabia aqueles números!

– Sim – Tom admitiu. – É por isso.

O olhar de Neil para ele ficou mais aguçado.

– E Joseph Vengerov sabia, não sabia? Ele estava tentando provar um ponto de vista – o pai encurtou a distância entre os dois com alguns poucos passos. – Ele teve algo a ver com isso? – a saliva voou de sua boca. – Teve? Aquele canalha daquele russo frio e calculista.

– Vengerov não teve nada a ver com isso. Ele só desenvolveu a tecnologia para as forças armadas. Fui eu quem decidiu receber isso. E concordei que esconderia de você.

Neil balançou a cabeça sem se conformar.

– Não consigo acreditar nisso. Você não deixaria eles fazerem isso com você. Não seria tão *estúpido*.

Tom sentiu o calor subir por dentro.

– Alguém contou a você o que eu posso fazer agora que tenho um processador

neural? Alguém contou a você que eu falo trinta idiomas? Tenho conhecimento de física. De cálculo. Venci a cúpula do Capitólio! Consigo memorizar um livro escolar enquanto durmo.

Neil olhou fixamente para ele.

– Você nem parece mais o meu filho.

– Porque eu não sou! – Tom se desesperou para que seu pai compreendesse. Ele deu um passo para trás para se afastar de Neil, sentindo-se cheio de energia. – Nada acontecia na minha vida. Nada! Eu era feio e estúpido, um perdedor. Não conseguia fazer nada além de jogar videogame. Agora tudo é diferente. O computador me ajudou muito. Sou muito melhor. Então, não, eu não sou o mesmo cara de antes. Sou *melhor*. Sou muito melhor, pai. Eu poderia continuar e fazer qualquer coisa agora.

Neil olhou para ele com os olhos inexpressivos, e as irritantes luzes sobre sua cabeça revelavam cada linha causticada em sua pele.

– Eu nunca percebi quanto você se odiava.

Tom suspirou.

– Não é disso que estou falando.

– É sim – Neil explodiu. – Você deve se odiar para falar desse jeito, e vou te dizer, isso corta meu coração, Tommy, corta mesmo, porque você é e sempre foi um grande rapaz.

Tom ficou ainda mais sem paciência.

– Você acha mesmo que eu estava em uma situação melhor quando fui reprovado no Reformatório Rosewood? Acha que teria sido melhor se continuasse jogando videogame pelo resto da vida? Esta coisa aqui – ele apontou para suas têmporas – me proporcionou tudo. Ela abriu o mundo para mim.

– Você teve escolhas antes – Neil berrou. – E agora não tem mais! Consegue entender isso? *Eles são seus donos!* Ninguém no mundo pode vender uma garantia vitalícia dessa tecnologia na sua cabeça. Você teve escolhas e jogou tudo fora!

– Não foi uma escolha! Obviamente você não consegue enxergar isso, mas esse foi o único caminho que eu poderia ter seguido.

– Único caminho? Você desistiu da sua mente, desistiu de si mesmo! – ele recuperou o fôlego com um vislumbre feroz nos olhos. – Mas eu não vou desistir de você.

– Como assim?

Neil correu na direção da câmera de vigilância mais próxima, demonstrando determinação em cada traço de seu corpo. Ele apontou diretamente para as lentes.

– Vamos lá, Frayne! Você quer que eu fique calado? Eu fico. Vou assinar um contrato de confidencialidade ou qualquer formulário que você desejar. Não vou expressar uma só palavra outra vez sobre o que vocês fazem, mutilando o cérebro dessas pobres crianças, mas quero meu menino de volta!

Tom olhou fixamente para as costas magras dele, percebendo o que seu pai queria fazer.

– Não.

– Eu não consigo tirar esse computador da sua cabeça – Neil disse ferozmente –, mas posso tirar você desse maldito programa.

Tom pôs-se de pé, olhando fixamente para ele com o coração batendo tão alto que conseguia ouvi-lo em seus ouvidos.

– Você não pode fazer isso. Eles não vão permitir.

– Não posso, o diabo! Eu sou seu pai – Neil gritou de volta. – Você não tem nem dezoito anos ainda. Tive que dar permissão a eles para segurá-lo, então agora estou rescindindo. Eles querem me impedir, mas, em nome de Deus, vou espalhar isso em todos os lugares. Vou criar uma tempestade que eles não conseguirão conter.

– Não posso abandonar o programa se eu tiver um processador neural e o processador neural não pode ser retirado. Meu cérebro é dependente dele. Pai, você não entende? Se arrumar encrenca com eles, vão me tirar do programa e ainda vão trancafiar você!

– Eles que tentem!

Tom então percebeu: Neil estava obstinado. Sua vida havia sido uma guerra grandiosa contra o mundo e agora ele tinha seu maior motivo até então para ir às trincheiras. Não havia possibilidade de vencer, mas isso nunca importou. Neil iria se destruir orgulhosamente antes de desistir de lutar por seu filho, mesmo diante de adversidades intransponíveis.

Tom não o deixaria fazer isso.

– Há neurologistas aí fora – Neil estava murmurando agitadamente. – Existem outras pessoas que conhecem o cérebro humano. Não tem como tirar isso? Veremos. Aguarde e veremos. Mas eles não vão segurar você. Eu não vou deixar.

Tom olhou para cima, na direção da câmera de vigilância, e ergueu um dedo, pedindo a Frayne um pouco mais de tempo antes de concluir que era impossível persuadir Neil. Ele se sentiu muito calmo por dentro, percebendo isto: poderia impedir seu pai de jogar sua vida fora. Tom era o único que poderia fazer isso.

Ele só precisava apagar qualquer motivo que seu pai tinha para travar essa guerra.

O mundo parecia muito parado ao redor de Tom, e ele quase não ouvia as próprias palavras acima do som do sangue pulsando em seus ouvidos.

– Pai, se você contar às pessoas sobre o processador neural ou tentar me tirar da Agulha, vou ao conselho tutelar e contarei a eles tudo sobre meu pai agir como um bêbado nojento que não consegue se manter em um emprego e serei emancipado.

As palavras fizeram Neil virar-se bruscamente, com uma expressão de pavor no rosto como se Tom tivesse inesperadamente enfiado uma faca em seu intestino.

– E depois – Tom disse com a voz distante – vou contar a eles tudo sobre como

meu pai não conseguiu arranjar um abrigo para dormirmos ou garantir que eu frequentasse a escola mais do que alguns poucos dias seguidos. Isso é negligência, o que provavelmente serve de fundamento para algum tipo de penalidade legal – ele revelou. E era tudo verdade. Seu pai estava cercado por todos os lados, então ele torceu a faca ainda mais. – E se não fosse o bastante, talvez eu até incluísse algumas outras coisas sobre... ah, não sei. Talvez sobre *espancamento*. Que tal?

O pavor amoleceu o rosto de Neil.

– Eu jamais te machucaria, Tommy. Você sabe que nunca levantei um dedo...

– Eu sei disso – Tom concordou, com uma terrível e mortal calma em seu interior –, mas vamos ser realistas, todo o resto é verdade, então você acha que realmente vai parecer uma grande forçação de barra se eu exagerar um pouco? Mamãe fugiu às pressas de nós, com tanta rapidez, isso não vai soar bem, e lembre-se de todas aquelas vezes em que você foi preso por brigar com outras pessoas. Está tudo na sua lista negra, pai. No papel, você parece um psicopata. Então te dou uma escolha: se você tentar criar algum problema para mim, vou criar um problema muito pior para você, eu juro. Você não vai conseguir ganhar. Só terá a perder tudo o que lhe sobrou.

– Estou tentando fazer o que é melhor para você – Neil disse de forma vazia. – Por que não consegue enxergar isso?

– Por que começar *agora*?

Neil olhou fixamente para ele como se não o conhecesse. Tom conteve o olhar, com o coração batendo loucamente em seu peito, palpitando em seus ouvidos.

– Talvez você tenha razão – Neil finalmente disse. – Você não é mais o meu menino. Esse computador fez algo terrível em seu cérebro, pois sei que meu filho jamais me ameaçaria dessa forma.

Tom não conseguiu falar por um segundo. Então, se lembrou de que isso era bom. Era o que ele precisava que Neil dissesse. Essa era a razão pela qual Neil não travaria a guerra que decretaria seu próprio fim.

– Acho que entramos num acordo então: eu não sou mais o seu filho – Tom caminhou em direção à porta, sentindo-se como um robô estranho simulando caminhada, com as pernas de borracha sem sensibilidade.

– Está acontecendo outra vez – as palavras de Neil foram um sussurro incompleto no ar. – Está realmente acontecendo outra vez.

Tom sentiu um aperto na barriga. Ele estava deixando o pai novamente. Mas, desta vez, sabia que duraria muito mais tempo. Não havia como voltar atrás.

Ele passou pela porta.

TOM FICOU EM UMA espécie de névoa. Sentia como se tivesse acabado de sobreviver a uma terrível batalha e emergido vitorioso sobre um campo de cinzas. Ele estava apenas vagamente ciente das horas que passavam se arrastando enquanto permanecia

sentado em sua própria cela, com os braços cruzados sobre o peito e olhando fixamente para o teto.

Era para seu próprio bem, Tom disse a si mesmo várias vezes, mas seu cérebro se corroía com a devastação vista no rosto do pai. Quando ele tentou recorrer ao seu antigo recurso de pensar em outra coisa, não adiantou nada. Em vez disso, viu o rosto de Medusa no momento em que lançou um vírus de computador nela. Ele fizera isso por um bom motivo. Vengerov tinha suspeitado de que ela fosse o fantasma da máquina, então Tom provou que não era ela ao usar o vírus de Vengerov para incapacitá-la e, em seguida, explodir os drones.

Mas isso não apagou de sua memória a mágoa no rosto de Medusa naquele momento de traição. Ele imaginou quanto teria que prejudicar as pessoas com as quais se importava antes de elas estarem finalmente em segurança.

Em seguida, Tom ouviu a porta deslizar e observou a loira esbelta que voltou caminhando rapidamente até a sala.

– Bem, devo dizer que você me surpreendeu, senhor Raines.

– Surpreendi?

Frayne repousou a mão na parte de trás da cadeira, mas não deu sinal de que sentaria.

– Vou permitir que seu pai circule com liberdade seguindo-o. As conversas dele serão monitoradas. Ele será observado. Às vezes, ele terá um detetive em seu encalço. Seu pai será informado dessas condições para estimulá-lo a se manter na linha... embora suspeito de que você tenha feito o suficiente para garantir isso.

Tom riu brevemente, sentindo certa tristeza. Era uma forma tortuosa de dizer que ele tinha acabado de indispor tanto seu próprio pai, que o homem jamais iria querê-lo de volta, muito menos se dar o trabalho de enfrentar o exército por ele.

Frayne apertou algo na orelha, inclinando a cabeça para o lado. Tom sabia que ela estava ouvindo instruções de algum lugar. Seus olhos congelantes acompanharam os dele.

– Parece que um oficial chegou para escoltá-lo de volta à Agulha Pentagonal. Você está livre para ir.

Tom se pôs de pé, sentindo-se extremamente cansado.

– Ouça – ele disse –, você tem realmente que seguir os passos do meu pai? Ele é um zé-ninguém. Não vai fazer nada. Confie em mim, você já teria alguma informação se ele estivesse tentando sair e causar problemas.

– Se o seu pai não tem nada a esconder – Frayne disse –, então não tem motivo para se preocupar por estar sob vigilância. Simples assim.

Tom suspirou e sentiu uma última ponta de esperança desaparecer. Não havia palavra alguma que pudesse dizer para argumentar com alguém que pensava como Irene Frayne.

A JORNADA DE VOLTA à Agulha Pentagonal parecia interminável, embora o Interstício pudesse movê-los pelo país a oito mil quilômetros por hora. Tom tinha ficado surpreso ao encontrar o tenente James Blackburn ali, esperando no trem a vácuo, com os braços cruzados sobre o peito largo, com o rosto cicatrizado tenso sob o cabelo escuro de corte curto.

Eles não ficavam cara a cara desde que Tom destruía todos os drones no hemisfério ocidental em nome do fantasma da máquina. Bastava um olhar de relance na expressão ameaçadora de Blackburn para saber que ele já tinha seguido o passado de Tom.

Era provavelmente a razão de ele ter vindo pessoalmente.

Tom não estava ansioso por ser preso em um minúsculo trem a vácuo com ele por vários minutos. O ar parecia elétrico de tensão quando Tom se acomodou à frente dele e o vagão metálico disparou pelo túnel escuro. Blackburn o observou de uma maneira inquietante como se tentasse deixá-lo paralisado pelo próprio pensamento. Tom olhou de volta desafiadoramente, com a mandíbula latejando pela pressão.

No final, Blackburn falou, embora seu tom fosse cuidadosamente controlado.

– Devo me incomodar e perguntar o motivo?

– O motivo do quê?

– Você sabe de que motivo estou falando. O motivo do gesto monumentalmente estúpido e surpreendentemente público pouco antes das férias. Você deve ter acenado também uma bandeira vermelha para que Joseph Vengerov, por gentileza, o encontrasse. Você expôs o que é capaz de fazer para o *mundo inteiro*. Isso. Por quê, Raines?

Tom suspirou.

– Certo, a princípio, Vengerov já sabia que havia alguém como eu lá fora. Eu descobri isso na Obsidian Corp.

Blackburn olhou fixamente para ele.

– Então você escolheu pintar um alvo virtual em você mesmo para facilitar o rastreamento dele?

– Olhe, me desculpe. Eu sei que você está empacado limpando a sujeira que fiz – Tom analisou Blackburn cautelosamente, ciente de que ele tinha outro motivo para estar chateado com o escrutínio em crescimento da Agulha Pentagonal. Ele tinha visto Blackburn assassinar Heather Akron, embora Blackburn não soubesse que ele estava lá. Blackburn tinha suas próprias coisas para esconder. – Acho que estamos, de certa forma, juntos nisso.

– É verdade – Blackburn disse – que estamos unidos por esse segredo. E tomei uma decisão: não posso deixar as coisas continuarem do jeito que estão. Muitas vezes você estragou tudo. Tomou decisões erradas. Não consigo confiar em você. Simples assim.

Esse foi o alerta que Tom recebeu.

Palavras piscaram num *flash* diante de sua visão: *Sessão expirada. Sequência de imobilidade iniciada.*

– Ei! – Tom urrou ao perder toda a sensação sob seu peito e despencar de seu assento no chão. Blackburn caminhou calmamente a passos largos em direção a ele, digitando no teclado de seu antebraço.

Tom sabia de uma coisa: ele tinha que se defender. Arregaçou as mangas, com a cabeça freneticamente à mil em meio aos programas ainda armazenados em seu processador após os jogos de guerra, mas o pesado pé de Blackburn atacou seu braço, esmagando-o no chão. Ele desligou o teclado de Tom e o arremessou para longe.

– Você se tornou minha maior responsabilidade. Já chega. Não vamos mais jogar esse jogo em que você faz a bagunça, eu conserto, você faz outra bagunça, eu conserto de novo.

Tom tentou ativar uma interface de pensamento e enviar um vírus a Blackburn, mas em seu centro de visão apareceram as palavras *Função indisponível*. Ele queria gritar de frustração.

– Venho pensando sobre isso desde que descobri sobre sua destreza – Blackburn retirou um fio neural do bolso da frente de seu uniforme. – Aquela proeza com os drones me fez chegar a uma decisão. Considere isso a gota d'água.

– O que você está fazendo? – Tom exigiu uma resposta.

Blackburn balançou a cabeça e sacou um chip neural, prendendo-o a uma ponta do fio.

– Confiar que você será cuidadoso seria absolutamente estúpido. Há muita articulação no que estou tentando fazer.

Ele se inclinou na direção do chão, e Tom logo notou que tinha que correr dali.

– Não! – ele segurou Blackburn pelos pulsos, tentando afastar os braços dele, o desespero lhe dando forças. Mas Blackburn tinha domínio completo de seu corpo, coisa que Tom não tinha, e ele prendeu os pulsos de Tom juntos e forçou sua cabeça para baixo.

Ele manteve Tom naquela desconfortável posição enquanto manejava o fio na porta de acesso neural de seu cérebro.

– ME LARGA! SAIA DAQUI! – Tom gritou, com a visão escurecendo e uma corrente de código escorrendo até o seu processador.

– É tarde demais. Apenas relaxe – Blackburn acomodou-se no assento ao lado de Tom, que, se não tivesse perdido a força nos membros, teria lhe dado um soco. – Eu teria inserido isso em seu curso de download na Agulha Pentagonal, mas as circunstâncias mudaram ali. E agora tenho que fazer isso desta forma.

Tom não podia acreditar no que estava acontecendo. Alguém o estava

reprogramando.

– Vou fazer você se lamentar por isso – Tom o ameaçou, ainda que não conseguisse imaginar como. A voz dele tremulou. – Você não pode controlar minha mente...

– Não estou tentando controlar a sua mente, Raines.

Tom forçou as pálpebras para mantê-las abertas.

– Estou criando um elo entre nossos processadores – Blackburn afirmou. Ele apontou para sua têmpora, e em seguida para a de Tom. – Com um pensamento, serei capaz de acessar os seus receptores sensoriais e enxergar exatamente o que você está fazendo a qualquer hora que eu desejar.

– É isso?

– É isso. Vou agir como a ASN, só que vou olhar de dentro para fora e não de fora para dentro.

– Ótimo, então toda vez que eu for ao banheiro, você vai ver?

– Não – Blackburn respondeu. – Não vou observá-lo vinte e quatro horas por dia. Apenas quando eu achar que devo sintonizar. É como ligar um televisor e assistir a um canal específico. Eu terei essa possibilidade o tempo todo, mas isso não significa que vou observar o tempo todo.

Tom assistiu à transmissão do código atrás de suas pálpebras. Blackburn o tinha em total desvantagem agora; ele não precisava da aprovação de Tom. Não havia motivo para enganá-lo. Tom não conseguiria mudar o resultado, mesmo se Blackburn tivesse dito sem rodeios que estava se apoderando de sua mente como Dalton havia feito. Tom acreditou no que ele disse.

Mas isso não fez com que se sentisse sequer um pouco melhor a respeito.

– Esse elo neural – Blackburn explicou – permitirá que eu enxergue através dos seus olhos sempre que estiver imaginando o que você está fazendo e que ouça através de seus ouvidos quando quiser escutar às escondidas o que você diz. Não sou fã de vigilância de rotina, Tom, mas você tornou isso absolutamente necessário com suas ações. Dessa forma, você nunca mais voltará a me surpreender. Na próxima vez que planejar alcançar uma proeza como a dos drones, estarei em uma posição em que poderei observá-lo e intervir. Francamente, você tem sorte por eu estar fazendo apenas isso depois de todo o transtorno que me causou.

Tom sentiu um repentino calafrio, lembrando-se do rosto de Heather no momento antes da câmara de transição para o túnel de vácuo despressurizar. Blackburn tinha feito coisa pior com as pessoas. Muito pior.

Ele se levantou ofegante, tentando se acalmar.

– Você não vai me matar.

Blackburn lançou um olhar perplexo para ele.

– É claro que não vou.

O olhar contemplativo de Tom fixou a atenção no teclado do antebraço de Blackburn, e cada um de seus músculos ficou saliente de ansiedade.

– E agora? O que você está fazendo?

– Agora estou removendo esse segmento de tempo de sua memória e voltando aos primeiros minutos de nosso passeio pelo trem de vácuo, assim você pode viver em plena ignorância.

– Não. Não! Espere. Não, espere, por favor. Eu não vou contar a ninguém, está bem? Podemos pensar em algo. Talvez esse elo seja algo bom. Não vou tentar desfazê-lo – ele lançou cada mentira que podia. Diria qualquer coisa para impedir que Blackburn apagasse isso de sua memória.

– Você tem razão, não vai tentar desfazê-lo porque você não vai se lembrar dele.

Tom sentiu uma fúria subir por seu corpo. A sensação era de que sua intensa fúria pudesse cauterizar uma mensagem bem em seu coração, onde Blackburn jamais poderia ter esperanças de apagá-la, um aviso para prestar atenção, para contê-lo. Certamente se ele estivesse enfurecido assim, na próxima vez que olhasse para Blackburn, saberia que algo estava errado.

De alguma forma. Ele se lembraria. Ele se lembraria... ele não se esqueceria disso, não se esqueceria disso...

TOM SE VIU SENTADO ali no trem de vácuo, sentindo-se estranho por um instante, como se tivesse perdido algo, e, quando olhou na direção de Blackburn, encontrou-o o observando atentamente do assento à sua frente.

– O que foi? – Tom disse.

Blackburn balançou a cabeça, analisando seu rosto.

– Nada. Há algo de errado?

– Não – Tom sentiu-se incomodado. Ele desviou o olhar, ligeiramente confuso por sua própria reação, pelo modo como sentiu a adrenalina chamejar em suas veias, o coração batendo forte.

Talvez estivesse nervoso pelo modo como Blackburn o vinha olhando ameaçadoramente durante todo o passeio. Estranho que Blackburn não tenha sequer dito algo para ele – nem mesmo sobre os drones. Ele olhou para baixo e notou que o teclado de seu antebraço tinha escorregado e caído no chão. Hum. Tom não deve tê-lo apertado direito. Ele o recolheu do chão e o amarrou de volta em seu braço.

– Você não me perguntou sobre os drones – Tom finalmente deixou escapar, sentindo como se estivesse prestes a explodir. – Por que você não me perguntou?

Blackburn esfregou a parte superior do nariz. Após um momento, ele abriu os olhos.

– Então, Raines, por que o gesto monumentalmente estúpido e surpreendentemente público pouco antes das férias?

Pode ter sido a imaginação de Tom, mas não soava para ele que Blackburn se

importava tanto assim com a resposta.

Foi desconcertante retornar do intervalo no meio da tarde. Tom tinha perdido a primeira semana crucial na Companhia Superior devido ao incidente durante as férias.

A Agulha Pentagonal para a qual ele voltou não era aquela da qual havia partido.

Começou assim que ele trilhou um caminho diferente do de Blackburn e chegou aos elevadores. Walton Covner estava ali em pé, sozinho. Ele estalou os dedos com força para chamar a atenção.

Tom acenou com a cabeça para ele.

– Ei, Walt.

– Apresente-se para o serviço, Raines.

Tom parou, olhando fixamente para ele.

– O quê?

Os olhos escuros de Walton piscaram na direção dos olhos dele. Ele disse com a voz baixa:

– Você tem que bater continência, me chamar de senhor e se apresentar para o serviço.

– Você não me excede em hierarquia. Somos ambos superiores.

– Fui promovido antes de você, então me desculpe, cara, mas você tem que se apresentar para o serviço e bater continência para mim.

– Não devemos bater continência. Somos civis – Tom olhou desconfiado. Walton devia estar tentando confundir a cabeça dele. – Você está brincando comigo?

– Infelizmente não – Walton suspirou. – Às vezes o humor não pode se adequar a algumas circunstâncias, Raines. Pelo menos de acordo com Antony J. Mezilo.

O processador neural de Tom o identificou como um general quatro estrelas.

– O que tem o general Mezilo?

– Marsh está fora. Mezilo é quem controla a Agulha agora. Temos todas as categorias regulares e, entre elas, marchas, instruções para recrutas e exercícios.

– Não. Por quê? – Tom lamentou. Isso soou terrível para ele.

– Porque Akron e Ramirez ficaram ausentes sem permissão. Aparentemente temos um problema disciplinar nos torturando que precisa ser corrigido.

A campainha do elevador soou.

– Rápido, vamos – Walton apressou, batendo continência. – Apresente-se para o serviço.

Confuso, Tom derrubou sua bolsa de pano grosso, pôs-se atento e bateu continência, e Walton retribuiu a continência.

– Recruta Raines se apresenta para o Recruta Covner conforme solicitado.
– Na verdade, somos cadetes agora – Walton sussurrou.
– O quê?
– General Mezilo quer que sejamos chamados de cadetes. Ele pensa que isso nos dará um estado de espírito mais militar. Apenas adote-o.

– Cadete Raines se apresenta para o cadete Covner conforme solicitado – Tom disse quando um soldado saiu do elevador. Seu processador neural o identificou como o segundo tenente Miles Ellis dos fuzileiros navais.

Seguindo a sugestão de Walton, Tom bateu continência novamente quando o soldado parou diante dele. Toda a situação era desconcertante para ele, pois os oficiais que equipavam a instalação geralmente ignoravam os recrutas. Os recrutas eram civis, apesar de tudo, na custódia do exército, mas não tinham participação alguma nisso além das poucas formalidades. Mas o tenente Ellis abordou Walton e exigiu:

– O alfabeto fonético. Já!
– Senhor, sim, senhor – Walton berrou, e a intranquilidade foi surgindo em seus olhos quando o soldado se aproximou e os dois ficaram quase nariz a nariz. Ele gritou: – Alfa, Bravo, Charlie, Delta, Echo...

Tom observou toda a cena, atento, e uma sensação de irreabilidade caiu sobre ele como se tivesse se metido em alguma nova e estranha terra onde desconhecia o idioma. E durante toda a sabatina de Walton, o soldado o repreendeu por desviar o olhar dele, por se inclinar e pelo mais ligeiro sinal de que Walton tinha vacilado.

– Por que você está olhando para a parede? Há algo interessante na parede, recruta? Por que você não está olhando para mim?

– X-Ray, Yankee, Zulu, senhor – Walton terminou.

Quando Ellis se deu por satisfeito, dirigiu-se furioso para Tom e vociferou:

– Você não está usando o uniforme!

– Acabei de voltar... – Tom começou.

– Eu não lhe fiz uma pergunta. Você não tem permissão de falar! – Ellis soou genuinamente indignado.

– Eu estava explicando onde estava.

– De agora em diante, você só fala quando lhe fizerem uma pergunta.

Tom lançou um olhar incrédulo para Walton.

– É sério isso?

Ellis ficou cara a cara com Tom, com o hálito de alho.

– Não se dirija a ele. Você tem que se reportar a mim. Qual é o seu nome, cadete?

– Tom Raines.

– Nome completo, cadete!

– Thomas Andrew Raines, senhor.

O rosto de Ellis estava tão próximo que Tom conseguia enxergar os poros de seu nariz e a contração muscular de suas narinas. Com o rosto de um homem adulto roçando em seu rosto, sentir o cheiro de alho flutuando como uma fumaça de sua boca enquanto ele exigia cada vez mais níveis absurdos de respeito era tão... tão...

Tom pressionou os lábios com força quando eles começaram a se contorcer, tentando conter a risada que subia com dificuldade por sua garganta.

Os olhos de Ellis estavam tão próximos dos dele.

– Os seus lábios estão se contorcendo, cadete? Você está tentando segurar uma risada?

– Não, senhor.

Mas então Tom *jurou*, ele jurou, que os lábios de Ellis se contorceram por apenas um segundo. E isso foi o bastante. O autocontrole de Tom se desfez e a risada começou a surgir nos lábios dele. Os olhos de Walton ficaram arregalados, e Tom sabia que tinha cometido um grande erro. Ele começou a rir com mais ímpeto até todo seu corpo começar a chacoalhar, e cada grito de Ellis deixava a situação ainda mais engraçada.

Os braços e o peito de Tom estavam doloridos antes mesmo das atividades físicas começarem. Ellis prosseguiu e exigiu que Tom recitasse algo chamado “O Homem na Área”, o que Tom não sabia de cabeça o que era, então teve que executar flexões, várias horas de penalidade e foi forçado a subir e descer correndo os degraus até a situação parar de parecer engraçada.

Mas as atividades físicas estavam mais complicadas agora também, principalmente porque não havia inimigos simulados e nada para distrair ou tornar o exercício interessante – somente pessoas correndo em meio a fileiras de pneus, rastejando sob trechos de arame farpado, escalando paredes, sendo repreendidas aos gritos por vários sargentos instrutores enquanto eles freneticamente completavam vários exercícios.

Tom alcançou os outros superiores e foi imediatamente abordado pelo Sargento Dana Erskine do exército. Três quilômetros e duzentas flexões e exercícios abdominais mais tarde, ele finalmente se viu de pé e sem fôlego ao lado de Vik, esperando na fila por sua chance em um teste de resistência perto de algumas barras de flexões de braço.

– Está sendo assim a semana toda? – Tom perguntou a ele, ofegante em busca de ar.

Ei, Tom. As palavras foram enviadas por Vik através da rede, usando uma interface de pensamento. *Não devemos conversar. Erskine obrigará você a fazer mais flexões.*

Tom odiava interfaces de pensamento, então ele falou olhando fixamente na direção de Vik, com os lábios praticamente fechados.

– Então o Marsh foi embora de vez?

Vik suspirou. *Ele ainda está atuando em uma função “consultiva”, mas quem manda agora é Mezilo. Ele é conservador. Acha que temos um problema disciplinar, e por isso impôs um regime intensivo de marchas, exercícios para recrutas e normas. Você teve sorte de perder a primeira semana. A propósito, você está bem?* As sobrancelhas de Vik tremularam brevemente na última pergunta, e isso infelizmente chamou a atenção do Sargento Erskine e rendeu aos dois mais cinquenta exercícios abdominais.

– Ótimo. A gente conversa no jantar – Tom resmungou para Vik enquanto faziam os exercícios lado a lado.

Não. Não dá para conversar no jantar.

– O quê? – Tom deixou escapar, voltando a chamar a atenção do Sargento Erskine. Ele disse apressadamente, enquanto o sargento instrutor se aproximava. – Como não podemos conversar no jantar?

TOM LOGO DESCOBRIU.

Depois das atividades físicas, Jay Blum, lance corporal dos fuzileiros navais, ordenou que todos fossem para os chuveiros e depois os supervisionou enquanto se lavavam, gritando para qualquer um que ousasse conversar ou não conseguisse esfregar o corpo rápido o bastante.

O jantar começou com uma formação de cadetes à porta, exatamente como sempre ocorria no café da manhã, só que desta vez um soldado sentou-se com os cadetes em cada mesa. O oficial na mesa de Tom, o segundo tenente Lew Hass da força aérea, disparou perguntas a eles:

– Quantas luzes há na Agulha Pentagonal?

– Qual é a capacidade de memória do servidor da Agulha Pentagonal?

– Quantas vezes os cadetes têm permissão de mastigar sua comida?

A resposta era seis mastigadas por pedaço, e todos tiveram que fazer isso ao mesmo tempo. Tom recebeu mais horas de penalidade por engolir depressa demais, e depois por mastigar apenas quatro vezes. Ao final da refeição, ele já tinha acumulado sessenta horas de penalidade e o dia havia assumido uma qualidade surreal como se ele tivesse assumido a vida de outra pessoa.

Tom ainda não sabia bem o que eram as tais horas de penalidade, e aparentemente os cadetes não tinham permissão de conversar diretamente ou até digitar mensagens um ao outro enquanto ficavam na linha de visão dos oficiais. A punição habitual para transgressões na Agulha Pentagonal era restrição nas folgas – confinamento na Agulha durante os fins de semana –, restrição de comunicação e de privilégios na internet. A outra punição, mais severa, era o tedioso trabalho de limpar a Agulha.

Tom logo descobriu por que ambas as punições tinham sido eliminadas.

Após o jantar, suas tarefas noturnas novinhas em folha tiveram início e o

processador neural de Tom piscou com uma ordem para que ele se reportasse à lavanderia no porão. Pelo que se viu, agora *todo mundo* tinha trabalho tedioso noite após noite.

Quando Tom entrou na lavanderia, encontrou Giuseppe Nichols e Wyatt Enslow já trabalhando diligentemente. Ele ignorou Giuseppe e se deslocou em meio a sacolas de uniformes espalhadas até Wyatt, percebendo que esse era o primeiro momento livre de supervisão que ele tinha desde seu retorno à Agulha.

– Tom! – Wyatt dirigiu-se a ele, demonstrando alegria ao vê-lo assim como ele demonstrou ao vê-la. Ele a puxou em um abraço que ela retribuiu friamente, batendo em suas costas de uma forma que pretendia ser amigável, e não levemente dolorosa como foi.

Tom recuou vendo o olhar frenético e estressado em seu rosto.

– Como você está?

– Mal. Eu tenho cinco horas de penalidade – Wyatt disse tristemente. – Não consigo acreditar que já tenho cinco.

– Eu queria perguntar a alguém o que são essas horas – Tom disse. – Eu tenho sessenta.

Os olhos dela ficaram arregalados.

– Você acabou de voltar das férias. Como você já tem sessenta?

Tom ergueu as sobrancelhas.

– Você está realmente surpresa com isso?

Ela refletiu um pouco.

– Agora que parei para pensar, até que não.

– Pois é, pensei que não estivesse. Por que você pegou essas horas? – ele estava perplexo, já que ela quase nunca se metia em encrenca.

Ela ticou cada uma delas em seus dedos.

– Primeiro, Yuri e eu pegamos uma hora por andarmos de mãos dadas quando voltávamos do intervalo.

– Você está falando sério? Você foi penalizada por andar de mãos dadas?

– General Mezilo tem uma nova política contra a socialização.

– Espere – Tom falou às pressas. – Espere, não podemos nos reelecionar mais?

Ela balançou a cabeça.

– Não, não enquanto estivermos dentro da Agulha. O único problema é que Mezilo nos proibiu de deixarmos a Agulha indefinitivamente e até de fazermos ligações externas sem supervisão. Ele nos quer confinados até que demonstremos disciplina adequada.

– E a internet?

– Não.

Tom ficou horrorizado. Sem internet? Não entendia direito como as pessoas eram

capazes de existir sem a internet.

– Yuri e eu pegamos a primeira hora por ficarmos de mãos dadas mesmo sem termos conhecimentos das novas regras – ela continuou –, depois eu peguei uma hora porque alguns poucos fios de cabelo meus estavam tocando a gola do meu uniforme em uma inspeção semanal de corte de cabelo...

– *Inspeção semanal de corte de cabelo?*

– Inspeção de corte de cabelo e da bota – ela esclareceu, como se isso tornasse o ato menos ridículo. – Depois gastei uma hora para colocar todas as informações sobre a Agulha Pentagonal no mecanismo de lição de casa das aulas civis. O general Mezilo quer que todo mundo memorize quantas luzes há na Agulha, quantas janelas, a área do local, esse tipo de coisa – o modo antiquado. Não faz mal, temos memória fotográfica mesmo assim e só precisamos ler o diagrama uma vez. Ele até perguntou aos técnicos se eles conseguiriam bloquear nossa memória fotográfica para sermos obrigados a confiar mais em nosso cérebro. Ele parece não entender que o processador neural atrofia partes do cérebro. Se você desativar a função da memória em algumas das pessoas que estão aqui há anos, elas não possuem mais um hipocampo para compensar.

– Espere, espere... que técnicos?

Blackburn era um obcecado pelo controle do software em que ficava escrevendo ao redor da Agulha Pentagonal; Tom sabia disso. Ele nunca contratou técnicos por muito tempo. Preferia dormir duas horas por noite do que confiar em outras pessoas com suas criptografias.

Bem, outras pessoas que não fossem Wyatt.

– Alguns contratados novos da Obsidian Corp. O general Mezilo os contratou para produzirem o software de recruta. Ele quer que o tenente Blackburn limite-se a manter o firewall da Agulha. Ele não vai mais deixá-lo sequer ensinar programação. Em vez disso, vamos ter atividades físicas.

Tom pensou na expressão sombria de Blackburn no trem de vácuo e notou que ele talvez não fosse a única causa da fúria do homem.

– Blackburn deve ter odiado isso.

– O estranho é que ele não demonstra isso. Está agindo como todos os outros soldados. Ele me deu uma hora de penalidade por descer até o porão para perguntar se havia algo que eu pudesse fazer por aqui. Ele foi incumbido de uma base militar ali e não devemos mais andar livremente na instalação.

Tom não estava surpreso. Mesmo se Wyatt tivesse sido a recruta braço-direito de Blackburn, ele não estava na mesma posição de um novo general que controla o lugar. O general Marsh não podia se dar ao luxo de se livrar de Blackburn porque ele tinha arriscado sua carreira ao trazer Blackburn de volta para a Agulha. Esse general Mezilo não tinha motivo para mantê-lo, Blackburn tinha que andar pisando

em ovos se quisesse permanecer.

– Os novos técnicos não têm ideia do que estão fazendo – Wyatt sussurrou –, mas eles não me deixam ajudar e impediram a entrada de Blackburn. Têm acontecido tantos erros com esses fluxos de download e o general Mezilo interrompeu as simulações completamente até que os novos técnicos entendessem o suficiente do sistema para controlá-las. Oh, e foi assim que peguei outra hora de penalidade. Ofereci ajuda aos novos subtenentes quando estavam tentando compreender o funcionamento do sistema. Falei sem ter sido dirigida a mim uma pergunta direta.

– Que saco.

– Vik diz que eles estão tentando nos integrar com o resto do exército – Wyatt contou a Tom, erguendo-se para se sentar em uma das lava-roupas industrial. Sob a luz fluorescente da sala, dava para ver sombras sob seus olhos. – A princípio, ele pensou ser uma ótima ideia, depois mudou de opinião. Agora todo mundo manda em quem está abaixo na hierarquia. Algumas pessoas estão apenas ostentando poder. Grover Stapleton gritou comigo por cinco minutos hoje.

Tom pensou em Grover Stapleton. Era um superior na Divisão Alexandre, de Andover, Massachusetts. Como havia morado no Texas por três meses na infância, ele falava com um falso sotaque arrastado e pedia a todo mundo que o chamasse de Clint. Tom o tinha matado várias vezes no ano anterior em exercícios aplicados, o que era sempre uma boa diversão para ele, mas nem tanto para Clint. Como muitas pessoas, Clint não gostava nem um pouco de Tom.

– Você foi promovido para a Companhia Superior ao mesmo tempo que Clint – Tom disse a ela. – Ele não tem que gritar com você. Ele não excede você em hierarquia.

Wyatt suspirou.

– Ele é líder do esquadrão.

– Ahn? Líder do esquadrão? Como assim?

– Cada nível em cada divisão tem um líder para as moças e um para os rapazes. Ele é o seu, é responsável pelos meninos superiores na Divisão Alexandre. Então, tecnicamente, ele nos excede em hierarquia. Os líderes dos esquadrões devem garantir que estejamos fazendo nosso tedioso trabalho.

– Que maravilha – Tom comentou, lembrando-se do que ela tinha acabado de dizer. – Espere. Ele realmente gritou com você? Por quê?

– Meu sapato estava desamarrado – ela disse pesarosamente, olhando para baixo na direção de seus coturnos.

– Ela quase chorou – Giuseppe aproveitou o ensejo para comentar. – Eu vi.

– Eu *não* quase chorei – Wyatt rebateu. – Tinha algo no meu olho.

O ódio ficou evidente no rosto de Tom.

– Você deu um soco nele quando ele ficou cara a cara com você? Espero que

tenha feito isso.

Ela cruzou os braços esbeltos sobre o peito.

– Isso não adiantaria nada.

– E o *Yuri*, ele deu um soco nele? – Tom não conseguia imaginar Yuri deixando Clint gritar com Wyatt e saindo ileso disso.

– Não, porque acabou de acontecer, e o Yuri não sabe disso. E ele *não vai* saber. Você não pode contar a ele. Tudo que fazemos agora nos deixa em uma situação difícil. Não quero que o Yuri pegue mais horas de penalidade.

– Então eu vou dar um soco em Clint – Tom declarou.

– Tom, não faça isso. Também não quero que você se meta em mais problemas. Deixe isso pra lá.

– Certo. Certo – Tom disse, e então começaram a separar com Giuseppe as peças entre as vastas pilhas de roupas para lavar.

Poucos minutos depois, a porta se abriu e duas botas entraram pisando com tudo.

– O que vocês estão fazendo? – uma voz falou de modo arrastado. – Trabalhando de forma lenta? Vocês não estão na casa da mãe Joana! Mexam-se!

Clint.

Tom viu a ansiedade dominar o rosto de Wyatt e inclinou a cabeça para trás para ver a criança de sorriso forçado, cabelo castanho penteado com escovão e sobranceiras arqueadas. Então ele era o supervisor do trabalho tedioso deles?

Tom abriu um perigoso sorriso, abaixou-se e desamarrou os sapatos.

– Ah, não – ele exclamou para chamar a atenção de Clint.

– O que você está fazendo, Raines? – Clint quis saber.

– Caramba, minhas botas estão desamarradas – Tom disse, sacudindo a ponta do cadarço desatentamente para o lado, assim Clint saberia que ele havia feito isso de propósito.

– Amarre-as – Clint ordenou.

– Não, não posso, Clint. Não consigo me lembrar como faço para amarrá-las.

Clint começou a ficar com o rosto roxo.

– Isso é uma ordem direta!

– Ordem direta? – Tom estendeu deliberadamente as pernas, para que Clint visse como suas botas permaneciam desamarradas, e coçou a cabeça. – Isso é engraçado, porque a autoridade meio que exige a capacidade de executar seu poder, e eu honestamente não vejo o que você pode fazer para que eu lhe dê ouvidos, *Grover* – ele chamou por seu nome verdadeiro, e não por seu apelido preferido. E isso fez Clint ficar vermelho.

– Me chame de Clint! – ele o repreendeu. – Eu posso reportá-lo para o general Mezilo.

– Uau, Grover, você vai mesmo me dedurar? Vai mesmo? Isso é patético.

O rosto de Clint se contorceu.

– Não preciso dedurar você. Vou fazer você contar, seu... – ele agarrou Tom pelo colarinho e tentou erguê-lo no alto. Foi quando Tom olhou diretamente para ele pela primeira vez, arremessando-o de volta ao chão e derrubando vários sacos de roupa suja.

– Desculpe – Tom disse despreocupadamente ao rapaz no chão. – Foi um completo acidente. Oh, falha minha... Foi um total acidente, “senhor” – ele se pôs de pé e inclinou-se sobre Clint para ficar cara a cara com ele, e sua voz ficou mais lenta e ameaçadora. – E prometo que é um acidente que vai acontecer de novo e de novo, talvez por várias vezes em uma rápida sucessão, seguido por uma bota em sua cara se você um dia voltar a gritar com Wyatt. Estamos entendidos, Grover?

Como a maioria dos valentões, no fundo Clint era um covarde. Ele acenou com a cabeça para que Tom recuasse e depois saiu correndo da sala, resmungando ameaças de vingança. Tom virou-se para Wyatt e a viu balançando a cabeça.

– Você não deveria ter feito isso – mas havia um ligeiro rubor em suas bochechas, e ela parecia estar segurando um sorriso. – Foi contraproducente para a situação.

Tom abriu um sorriso, ciente de que ela aprovava mesmo que não admitisse.

– Talvez – ele disse –, mas, se Clint não entender a mensagem, garanto a você que vou ser contraproducente mais uma vez com ele.

Wyatt atirou os braços ao redor dele. Surpreso, Tom riu baixinho e a abraçou de volta. Apesar de todas as mudanças na Agulha Pentagonal, ele sentia como se tivesse voltado para casa.

- **T** HOMAS RAINES. – o general Antony J. Mezilo pronunciou seu nome com algum desgosto enquanto ficava em posição de sentido diante dele no escritório que costumava pertencer ao general Marsh. O relato do incidente com Clint estava exposto na mesa diante dele.

– Fui avisado sobre você. Parece que está com má fama depois de agir como um tratante desrespeitoso e imprudente. Se não fosse por esse computador na sua cabeça e pelas boas palavras de Joseph Vengerov em sua ficha, eu te colocaria para fora imediatamente. Demitiria imediatamente qualquer soldado com a sua atitude.

– Não sou um soldado, senhor – Tom pensou em lembrá-lo. – Nenhum de nós é.

– Silêncio! – Mezilo berrou. – Você não tem permissão para falar.

– Desculpe, senhor.

– Você ouviu o que acabei de dizer?

Desta vez, Tom permaneceu em silêncio.

– Essa foi uma pergunta direta, Raines. De agora em diante, você responde perguntas diretas de seus superiores.

Tom o analisou cuidadosamente, pois *isso* não era uma pergunta direta.

Mezilo inclinou-se para trás na cadeira, inspecionando Tom com olhos pequenos, furiosos. O general tinha um nariz largo com narinas que tremulavam e escasso cabelo castanho penteado sobre a careca. Tom ficou imaginando em vão quem tinha avisado Mezilo sobre ele. Havia muitíssimas possibilidades.

– Meu antecessor – Mezilo disse – acreditava que devia tratar todos vocês com luvas de pelica. Vocês têm computadores na cabeça. Ele argumentava que vocês não eram soldados em um período de serviço militar e que depois nos abandonavam, mas são civis ligados a nós por toda a vida, e por esse motivo deveríamos tornar isso o mais tolerável possível para vocês. Ele acreditava que todos vocês não deveriam sentir que estão fazendo um sacrifício por estar aqui. Eu discordo dele. Não acho que vocês deveriam ser civis, e, se não posso oficialmente mudar isso, posso pelo menos fazê-los agirem como soldados. Esse é um mundo perigoso e existe um novo terrorista aí fora, esse fantasma da máquina...

Não reaja, Tom pensou. *Não reaja, não reaja...*

– Não podemos arcar com o caos que reinou sobre este lugar. Deserções, um desaparecimento... Isso não vai acontecer em minha gestão. Eles dizem que o combate espacial é feito com lutadores individuais, agindo por iniciativa própria. Isso não passa de conversa fiada para mim.

Tom nunca tinha ouvido alguém usar a expressão “conversa fiada”. *Fique sério. Não ria.*

– Pretendo criar uma milícia para lutar contra esses combatentes. Individualismo... ha, ha. Cada academia militar no mundo destaca o coletivo maior sobre o indivíduo, e este local não deveria ser exceção – com um último olhar furioso para Tom, Mezilo voltou sua atenção para o relato do incidente sobre a mesa. – Vi aqui em seu registro. Parece que você tem uma tendência de se perder em suas próprias simulações de batalha. Meu antecessor gostava disso, mas eu não gosto.

Tom sentiu seu orgulho e sua indignação subirem ardentemente por dentro.

– Eu tive o mais alto índice de assassinato entre todos os Intermediários, senhor.

– Eu fiz uma pergunta a você, Raines?

Tom fechou a boca.

– Você não aprende as lições. Isso é outra coisa que já sei sobre você. Claro, não está explicitamente escrito em sua ficha, mas é óbvio. Você fez contato com um inimigo e arrumou um cargo no dispositivo de censo. Você se desviou na Antártida e perdeu os dedos. Você parece ter uma capacidade infinita de ser punido merecidamente, e isso me diz que melhorá-lo será perda de tempo. Então o que vou fazer com você, cadete?

Tom o observou demonstrando incerteza.

– Senhor, essa é uma pergunta direta ou retórica?

– Olhe a atitude! Eu vou dizer o que farei com você. Vou lhe dar novatos.

Novatos?

– Veja só, vou fazer a coisa mais terrível que estiver ao meu alcance para uma criança que pensa que é rebelde. Vou colocar você em uma posição de autoridade – as sobrancelhas ásperas de Mezilo repuxaram em uma linha ameaçadora. – Você vai liderar um grupo de novatos e vai se certificar de que eles se adaptem ao novo esquema das coisas. Será responsável pela disciplina e pelo desenvolvimento deles.

Tom ficou boquiaberto. Ele tinha que disciplinar novatos? Ele nem sequer sabia as regras dali ainda, o que dirá cumpri-las.

– Eles vão ser transportados de trem deste local sob sua vigilância, Raines – Mezilo acrescentou, demonstrando certa satisfação com o espanto de Tom –, e então será o *seu* fardo. A sua responsabilidade. Tudo que acontecer com eles será diretamente ligado a você. E terá que conviver com o fato de ter arruinado as perspectivas dessas crianças pelo resto de sua vida. Que tal?

Tom olhou fixamente para o general Mezilo, ainda sem saber se tinha ouvido direito.

– Fiz uma pergunta direta a você.

– Parece que vai ser difícil, senhor.

– Com certeza será. Você vai saber de mais detalhes neste fim de semana –

Mezilo deu as costas como se Tom não merecesse outro olhar. – Dispensado.

DEPOIS DISSO, o processador neural de Tom o direcionou para a Arena de Exercícios, onde ele finalmente descobriu o que eram horas de penalidade: ele teve que participar de algo chamado Formação de Responsabilidade, em que um bando de outros cadetes que também tinham acumulado horas de penalidade se alinhou e marchou para a frente e para trás, no ritmo mínimo de cento e vinte passos por minuto.

A velha turma está de volta, Vik enviou uma mensagem todo animado pela rede para Tom, movendo rapidamente os olhos para os dois lados, onde Yuri e Wyatt estavam de pé em posição de sentido ao lado dele.

Tom conteve um sorriso e tomou posição ao lado deles. No momento exato, às 1900, todos começaram a caminhar para trás e para a frente. Para trás e para a frente. E isso se deu ininterruptamente. Eles tentaram trocar mensagens pela rede para passar o tempo. Toda a prática como intermediário tinha ajudado Tom a aprimorar sua precisão com o envio de mensagens – ele não deixava mais vaziar cada pensamento constrangedor –, mas ainda deixava vaziar alguns. Como quando Iman Attar passou marchando por ele, e ele pensou à toa *Eu gosto de peitos*.

Vik forçou um sorriso para ele rapidamente. *Pensamentos verdadeiros e profundos como sempre, doutor*.

Houve uma constrangedora lacuna de pensamento por um breve instante, e, em seguida, Wyatt piorou. *A Medusa tinha seios de tamanho considerável?*

Tom e Vik tropeçaram, e Cadence Grey, o ComCam de aparência entediada que era agora chamado de comandante regimental, deu aos dois mais uma hora por arruinarem a formação.

Ela perguntou isso mesmo?, pensaram Tom, Vik e Yuri ao mesmo tempo.

É que você parece muito compenetrado neles e também está fixado em Medusa. Eu percebo que a correlação não se iguala à causa, mas geralmente isso implica alguma relação entre os dois grupos de dados, Wyatt pensou.

Somente Wyatt poderia pensar tão analiticamente sobre seios. Tom sentiu o cérebro inerte. Precisava conter a vontade repentina de rir, pois ele tinha certeza de que isso lhe renderia mais horas de penalidade.

Eu gosto de pernas, Yuri pensou. E logo foi ficando vermelho.

É um pensamento impuro do Androide? Vik abriu um rápido sorriso para ele, que não foi visto por Cadence.

Eu sei que estou chocado, Tom pensou.

Quanto às pernas... Vik pensou, tentando fazer com que Yuri tivesse mais pensamentos impuros.

É estranho eles pensarem em Medusa como se ela e Thomas tivessem recentemente entrado em contato, Yuri pensou de repente, sem fisgar a isca de Vik.

Abruptamente, os pensamentos de Yuri desapareceram do centro de visão de Tom

quando Wyatt o cortou da conexão com uma flexão de seus pensamentos.

Eu o cortei porque acho que essa conversa está prestes a degradingolar rapidamente... Obrigada por isso, Vik. Wyatt desviou o olhar de Vik brevemente.

Ei, foi o Tom quem começou esse negócio de pensamentos impuros, Vik protestou.

Tom não pôde fazer nada. Afinal, é o Tom.

Ei, Tom pensou indignadamente, pois eles o fizeram parecer um imbecil tapado.

Além do mais, Wyatt pensou, não podemos pensar em Medusa e outras coisas perto de Yuri. Vou trocar mensagens particulares com ele por um instante para que não suspeite de nada.

Yuri não sabia nada sobre o que havia ocorrido após Vengerov tê-lo destruído. Yuri não estivera ali para ouvir a confissão de Tom, de que ele ainda mantinha contato com Medusa. Ele não sabia que eles tinham ido para a Antártida e muito menos que Medusa fora quem os resgatara quando Vengerov os prendeu.

Às vezes, era melhor não saber.

Antes que eu vá, ela acrescentou, *Vik, talvez você devesse falar, bem, contar a Tom sobre...*

Agora não, Vik pensou.

Contar a Tom sobre o quê?, Tom pensou.

Mas eles não responderam. Tom movimentou os olhos rapidamente para o lado para captar o rápido olhar que Vik e Wyatt lançaram um para o outro. Ele estava por fora de algo.

Yuri alcançou a parede primeiro e fez uma meia-volta, começando a marchar de volta na direção de Tom. De repente, Tom arrependeu-se de seu acordo precipitado com Vik e Wyatt de que era melhor Yuri não saber de algumas coisas. Os dois tinham se aproveitado e feito o mesmo com ele... e a última coisa que Tom queria era ser deixado de fora.

ÀS 2100, TOM RETORNOU exaustivo ao seu novo beliche na Divisão Alexandre, ticando arduamente duas horas em seu registro mental e ficando horrorizado ao perceber que tinha pelo menos mais trinta dias de Formação de Responsabilidade se quisesse se livrar de suas outras cinquenta e oito horas.

E isso se ele não acumulasse mais horas.

O que era espantosamente improvável.

O seu novo colega de quarto não estava no beliche, então Tom vestiu uma camiseta e seguiu até o banheiro para lavar as mãos e o rosto, com o cérebro num turbilhão. Ele deveria receber o novo livro de regras para a Agulha Pentagonal em algum momento da noite; estaria no download de sua lição de casa. Embora isso o provocasse a entrar na linha do regime insano de Mezilo, ele não conseguia suportar o absoluto tédio da Formação de Responsabilidade – e seus amigos terminariam

suas horas de penalidade bem antes do que ele.

Outro pensamento lhe ocorreu enquanto escovava os dentes, e seus olhos se arregalaram no espelho. Novatos. Ele teria que ser o responsável por alguns novatos.

Quando teria tempo de lidar com novatos?

O novo toque de recolher era às 2145, e um oficial viria checar em uma lista presa a uma prancheta se eles estavam em seus beliches, em suas camas, com fios neurais ligando suas portas de acesso neural às da parede. Tom sabia que o estrito toque de recolher o deixaria louco, mas essa noite, voltou para seu beliche, pronto para...

Para passar pela porta e encontrar Clint ajoelhado ao lado da cama de Tom, espiando furiosamente em sua gaveta.

– Isso não vai dar certo, parceiro.

Tom parou. Então, começou a rir. Seu colega de quarto. É claro.

– Você não pode encher a sua gaveta com tanto equipamento de forma tão desordenada que nem fecha direito – Clint olhou fixamente para ele através de um olho normal e outro machucado. – Não vou lhe dar horas por isso. Arrume-os.

– Vamos esclarecer algo – Tom perambulou pelo quarto devagar. – Você pode tecnicamente, neste momento, ter alguma pretensão de ter mais hierarquia do que eu lá fora, mas aqui você não vai me dar ordem nenhuma.

Clint endireitou o corpo. Era um garoto troncudo, alguns centímetros mais alto que Tom e provavelmente bem mais musculoso. Examinou Tom superficialmente como se estivesse pensando a respeito. Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto.

– Você, seu bobão, me bateu antes. Foi só por isso que me pegou.

– Sim – Tom concordou animadamente. – Bati em você do nada. Não foi justo com você. E agora que estamos dormindo no mesmo espaço, imagine que outras atitudes injustas eu posso ter com você sem avisar. E sei no que você está pensando: você também poderia me pegar. Aqui está o seu dilema, *Grover*: você é o líder do esquadrão com uma reputação impecável que impressionou todos os CEOs da Coalizão nas reuniões. Se alguém for candidato pela ComCam mais à frente, provavelmente será você. Eu, por outro lado, já fui acusado de traição uma vez, estou eternamente me encrencando por outros motivos e a maioria daqueles CEOs da Coalizão odeia a minha coragem.

– Aonde você quer chegar com isso?

Tom deu de ombros.

– No meu ponto de vista, posso ser tão malvado quanto quiser, e as pessoas não vão mudar de opinião. Elas não esperam algo melhor de mim. Seria difícil chocá-las se eu fizesse algo incrivelmente cruel e desleal com um colega de quarto. Você, por outro lado... tem muito mais a perder do que eu. Você tem uma boa reputação a zelar. Pense muito bem sobre isso antes de mexer comigo.

Clint não conseguia contemplar os olhos de Tom. Ele desviou o olhar.

Tom concluiu que havia alguns pontos positivos em sua má reputação. Ele se jogou em cima da cama, pois havia algo que tinha que fazer, e não queria se conectar à sua porta de acesso neural e arriscar a consequente paralisia de músculos e o enfraquecimento dos sentidos até se certificar de que Clint andaria na linha. Agora era a hora. Tom conectou seu fio neural à porta de acesso na parede, provavelmente para dormir.

Mas não era esse o seu plano.

Assim que o sistema conectou ao seu processador, e antes que a sequência de sono pudesse ser ajustada, Tom elevou-se de si até o processador da Agulha. Ele sempre seguiu a mesma rota do servidor da Agulha Pentagonal até a Fortaleza Sun Tzu: do processador da Agulha até os satélites, passando pelos satélites russo-chineses ao redor de Mercúrio e suas minas de paládio e de volta aos sistemas da Fortaleza na China.

Desde que começou a usar o vírus de computador em Medusa – em Yaolan –, Tom vinha se informando sobre ela. Ela passou a primeira semana após o vírus no que era equivalente à enfermaria deles, sem poder se mexer em uma cama de hospital. Então Tom a encontrou se movendo novamente, mas isolada em uma sala particular, sem conexão entre seu processador neural e o servidor da Fortaleza.

Sempre que ele espiava pelas câmeras no canto da sala, ele a encontrava sozinha. Às vezes, ela estava fazendo flexões, às vezes, ficava apenas sentada na beira da cama, olhando fixamente para a parede, ou deitada de costas, olhando para o teto.

Já fazia várias semanas desde que Tom conseguira se informar sobre ela, graças ao seu inesperado incidente de segurança durante as férias. Quando ele espiou na sala de isolamento desta vez, ela estava vazia, com a cama feita. Tom sentiu uma pontada de ansiedade e desviou o olhar de uma câmera de vigilância para outra, na esperança de encontrá-la...

E ele a encontrou. Medusa estava escovando os cabelos pretos em um rabo de cavalo alto e vestindo seu uniforme. Sua cama era uma das seis no quarto, as outras meninas estavam se aglomerando em volta dela, e Tom percebeu que ela estava de volta ao serviço. Ela estava melhor. Estava bem.

Ele se retirou diante das câmeras, sentindo-se mais tranquilo.

Se ele tivesse realmente a machucado, jamais se perdoaria.

– **O** QUE SÃO essas criaturas minúsculas e amedrontadas? – Vik se espantou.

– Os olhos delas são tão grandes – Wyatt parecia arrepiada. – Mas elas são muito pequenas.

– São bem jovens – Yuri concordou, perplexo. – Certamente ninguém era tão jovem antes do meu coma – ele coçou o queixo pensativo. – Talvez eu ainda esteja em coma e não tenha percebido.

Eles estavam de pé em frente aos três novatos de Tom. Tinham cabelos cortados bem curtos e pareciam totalmente assustados com os estranhos cadetes mais velhos que comentavam sobre eles como se não estivessem ali.

– Pessoal, parem de mexer com meus novatos – Tom ordenou. – Eles ainda não receberam suas doses de HGH, é isso. Agora vão! – ele apontou o dedão na direção do elevador.

Wyatt acenou com a cabeça firmemente, e Vik resmungou sobre cretinos idiotas antes de sair. Yuri lançou aos novatos um olhar solidário e ao mesmo tempo reconfortante, e seu sorriso parecia dizer “Eu acredito em vocês”, antes de partir. Tom pensou repentinamente que Yuri deveria ter sido o escolhido para isso. Ele seria melhor para aconselhar garotinhos assustados de treze anos.

Tom tentou imitar o olhar reconfortante de Yuri, piscando para seus novatos aquilo que ele esperou ter sido um olhar de “Eu acredito em vocês”, ainda que, até agora, ele nunca tivesse tentado fazer isso.

– Me desculpem por isso. Meus amigos acham meio hilário *eu* estar encarregado de liderar vocês. Meu colega Vik disse que queria conhecer vocês antes e depois do meu treinamento, assim poderia avaliar o prejuízo – em seguida, vendo seus rostos carrancudos, ele acrescentou apressadamente: – Ele estava brincando.

Os três novatos não sorriram. Sentaram-se amontoados no sofá na sala, olhando fixamente para Tom. Dois deles, a menina Lanny e o menino Reed, tinham catorze anos. O menor, Zane, tinha treze. Os três estavam com o olhar paralisado, traumatizado. Tom lamentou profundamente por eles. A Agulha Pentagonal que eles tinham visto um mês antes em seus passeios deve ter parecido um lugar radicalmente diferente do que aquele em que eles acordaram após terem o cérebro adaptado ao processador neural.

O general Marsh costumava espaçar a admissão de novatos, em parte porque o estoque de processadores neurais era limitado – havia um número fixo deixado pelos soldados que tinham morrido no primeiro grupo de teste –, mas também porque o

processo de triagem para se tornar um recruta Intrassolar era muito rigoroso. Tom estranhou ter três principiantes em suas mãos de uma só vez.

Mezilo tinha ordenado que Tom os chicoteasse e os adaptasse ao esquema das coisas. Mas nem mesmo Tom havia se adaptado ao esquema. Ele não sabia bem como fazer isso, então se conformou em enganar os novatos, fazendo-os pensar que ele era mais seguro de si do que realmente era.

– Então – ele disse, esfregando as palmas –, você é Reed Geithman, certo?

O menino mais velho, de queixo recuado e nariz grande, franziu a testa para ele.

– Obviamente. Você tem um processador neural. Logo sabe meu nome.

– Sim, estou apenas sendo educado. Dá um tempo, Reed – ele olhou para a menina, Lanny O’Dell, com cabelo ruivo curto e sardas espalhadas por toda sua pálida pele. – Oi para você também, Lanny. E para você, Zane.

Zane Blunt tinha olhos verdes salientes e um nariz grosso. Ele era o único que não reagiu ao sorriso de Tom com um olhar carrancudo, amedrontado.

– Alguma pergunta? – Tom experimentou.

– Quanto tempo leva para o meu cabelo crescer? – Lanny perguntou de repente. – Nenhum dos soldados quis me responder.

– Eles não saberiam dizer. É rápido – Tom garantiu a ela. – O processador controla a taxa de crescimento agora, então você pode adaptá-lo. Você não vai ficar parecendo um monge careca por muito tempo.

O rosto de Lanny enrugou-se.

– Eu não quis dizer *você* em específico, Lanny. Só quis dizer... – Tom hesitou.

– Todos nós? – Zane disse tristemente. – Todos nós parecemos como monges carecas?

Agora Reed parecia cabisbaixo também, tocando melancolicamente seu cabelo grosso.

Tom sentiu repentinamente que sua liderança não estava inspirando confiança.

– Ei – ele tentou –, eu tenho dedos falsos. Os verdadeiros congelaram na Antártida. Querem ver?

Os novatos mostraram interesse. Tom estendeu as mãos para que eles pudessem ver.

– Posso tocar? – Lanny perguntou em voz alta.

Tom ainda sentia-se mal por tê-la chamado de monge careca, então acenou com a cabeça.

– Sim, pode.

Lanny e Zane começaram a apalpar os dedos mecanizados de Tom. Reed os observou e fez cara feia. Ele não os tocou de jeito nenhum.

– Parecem borracha, só que mais sedosos – Lanny reparou.

– Ahn, sério? – Tom esfregou um dos dedos contra o pulso, pensando nisso. Ele

não tinha pensado em contemplar sua textura, principalmente porque não tinha mais dedos com os quais pudesse sentir. – Vocês sabiam que eles são destacáveis? Uma vez prendi um dedo no estojo da escova de dentes do meu colega Vik. Dava para ouvir o grito dele do final do corredor – ele abriu um sorriso ao se lembrar e desenroscou um dedo, mostrando a eles como dobrá-lo para a frente e para trás no ar, com apenas uma flexão de seus pensamentos. – Estão vendo? Eles não têm nem que estar presos a mim para se mexerem. A distância é de aproximadamente trinta metros.

Até Reed endireitou-se e olhou fixamente fascinado. Tom sentiu uma onda de gratificação, notando que ele havia os impressionado imensamente. Essa coisa de nova liderança estava sendo ótima. Tom, Vik, Wyatt e Yuri não haviam sido os recrutas mais perfeitos e que seguiam as regras à risca mesmo sob as ordens de Marsh. Todos os dias, com exceção do domingo, eram proibidos de ficarem juntos e conversarem no refeitório como costumavam fazer, então eles tramaram novas maneiras de fazer isso. Como Tom e Wyatt tinham que distribuir as roupas recém-lavadas em vários beliches, Vik tinha que limpar o chão com aspirador de pó e Yuri tinha que esfregar as paredes, eles davam um jeito de se encontrar nas mesmas adjacências todas as noites.

Quando Mezilo pegou os cadetes se organizando via mensagens pela rede, ele ordenou que seus técnicos monitorassem a troca de mensagens, o que fez com que Tom e seus amigos piscassem em código Morse um para o outro no refeitório. Fizeram isso por alguns dias até decidirem não se preocupar mais.

Os técnicos, no final das contas, ainda estavam tendo problemas ao ler os downloads dos cadetes para as aulas civis e manter os processadores funcionando. Eles ainda não compreendiam o sistema de simulação e muito menos tinham tido tempo de inspecionar as conversas fúteis dos cadetes, principalmente depois de todos eles reagirem à vigilância aumentando as conversas fúteis e amarrando-as livremente com palavras-chave destinadas ao escrutínio, de modo a sobrecarregar os técnicos com mensagens questionáveis.

Estou tão entediado agora que preferiria que uma bomba explodisse aqui a ter que participar até o fim disso, Vik transmitiu o pensamento para os amigos durante as aulas civis.

Tom respondeu: *Sim, eu daria qualquer coisa para que algo interessante acontecesse. Até preferiria uma rebelião, uma revolução, uma revolta, um movimento civil ou só um protesto.*

Antraz, Wyatt pensou. *Gás sarin.*

Quero assassinar essa prova de astrofísica, Vik pensou.

Estou promovendo uma guerra santa contra o terceiro problema agora, Tom respondeu.

Ricina, Wyatt pensou. *Variola usada como arma*. Ela ainda não tinha dominado como trabalhar as palavras-chave provocativas em uma conversa artificial.

Em outra sala com os intermediários – onde haviam se esquecido de informar Yuri sobre o negócio do teclado ou de cortá-lo da conexão neural após a Formação da Responsabilidade –, Yuri pensou: *Essa conversa está intensamente confusa*.

Como consequência, os cadetes desarmavam os técnicos com mensagens pela rede que precisavam ser urgentemente examinadas e, assim, eles perdiam todo verdadeiro bate-papo. Era uma lei de consequências não premeditadas. Assim como era um novo desdobramento de uma das outras políticas de Mezilo: a socialização era apenas aos domingos.

Como os cadetes só podiam se encontrar e falar livremente naquele dia, a confraternização aumentou bastante entre eles, como se tudo que estava reprimido nos outros seis dias tivesse que ser freneticamente expressado durante as horas livres. No segundo e no terceiro domingo, as pessoas ficavam amontoadas nas salas comuns, nos corredores, no refeitório, a ponto de Wyatt nem querer se aventurar fora de seu beliche, e Tom gostou muito mais assim do que como era antes. Os soldados chegavam até a se recolher de sua constante supervisão aos domingos, talvez para protegerem os olhos.

Outro resultado de a rotina totalmente rígida se afrouxar um único dia da semana foi que a liberdade no domingo parecia quase vertiginosa, embora eles ainda não tivessem autorização de sair da Agulha ou navegar na internet. Tom dormia no local de trabalho sem motivo específico, só porque ele podia. Depois caminhava lentamente até o refeitório com o cabelo bagunçado, uma camisa velha caindo aos pedaços – também porque ele podia.

– Doutor, o que você está fazendo? – Vik quis saber quando Tom se estatelou em uma mesa com ele.

– O quê?

– Você parece um sem-teto.

– Eu sou um sem-teto.

– Levar uma vida em cassinos não conta como sem-teto.

Tom deu de ombros.

– E daí que me pareço com um vagabundo? Não posso pegar horas de penalidade aos domingos – ele observou à toa um casal de intermediários na mesa ao lado trocando carinhos com as mãos.

Vik estalou os dedos para chamar sua atenção de volta.

– Tomei uma decisão. Está na hora de você arrumar uma namorada.

– Você tomou essa decisão por mim?

– Tomei. Quero que você olhe ao redor para todos os cadetes que estão aproveitando a fraternização de domingo e se inspire para participar. Chame alguém

para conversar.

Tom ergueu as sobrancelhas. Olhou ao redor da sala, pensando em Medusa. Yaolan. Medusa... Ele ainda não sabia bem como deveria pensar nela. Tirou uma moeda de vinte e cinco centavos do bolso e começou a atirá-la de um dedo mecanizado para o outro.

– Está bem, será engraçado ser rejeitado.

– Vai por mim, carisma e autoconfiança são tudo o que importa, e não a aparência. Tenho bastante sorte de possuir essas três qualidades, é claro, mas, mesmo sem uma ou duas delas, ainda assim eu teria conquistado Lyla. Sabe por quê? É um segredo, mas vou contar pra você.

Embora não quisesse saber, Tom demonstrou curiosidade.

– Por quê?

Vik diminuiu o tom de voz para um sussurro.

– Eu a chamei para sair.

Tom socou o braço dele de leve, pois estava esperando algum segredo realmente impressionante. Lançou um rápido olhar ao redor para se certificar de que ninguém podia escutá-los, e então falou baixo para que Vik soubesse de sua outra objeção.

– Você se lembra de *quem* salvou nossa vida quando estávamos em um lugar muito frio, não lembra? – ele encarou Vik de forma significativa, já que Vik saberia que ele estava se referindo à Medusa. – Nós não terminamos de verdade. Não seria certo.

Os escuros olhos de Vik cintilaram de perturbação.

– Não me leve a mal. Sou grato a ela. Sou mesmo. Mas você não está sendo realista. Pense em toda essa nova vigilância. Todos esses novos oficiais. As coisas mudaram. Você tem que admitir isso.

– Eu sei, mas...

– Mas nada, Tom – Vik ficou com uma expressão excepcionalmente séria. – Conversei com Wyatt. Sim, a Bruxa Maligna e eu tivemos uma discussão séria sobre algumas coisas. Estávamos tentando descobrir a hora certa de dizer isso a você, e agora é a melhor de todas. Nós dois achamos que é só uma questão de tempo até que alguém descubra que você está novamente em contato com essa menina, e então nós três vamos ter que arcar com as consequências.

– Eu não envolveria você nisso – Tom voltou a atirar a moeda de vinte e cinco centavos, evitando os olhos de Vik. – Não consigo acreditar que você acha que eu faria isso. E você não está nem mesmo considerando a possibilidade de que ninguém descobrirá.

Seus amigos não sabiam do que Tom era capaz de fazer com as máquinas, do que Medusa era capaz de fazer... de como eles podiam interagir com qualquer máquina à vontade, de como a consciência deles era capaz de entrar virtualmente nelas. Eles

não seriam rastreados pelos métodos convencionais. A única vez que Tom havia sido detectado foi quando ele mergulhou nos sistemas da Obsidian Corp., e isso só foi possível porque Joseph Vengerov estava informado de que deveria procurar alguém como ele.

– Entendo que você tem essa fixação por ela, compreendo isso, mas não podemos nos dar o luxo de atrair atenção – a voz de Vik estava perturbada. – Nos divertimos juntos naquele lugar gelado e causamos muitos danos à propriedade. Isso não vai render apenas expulsão da Agulha, e sim um bom tempo na prisão.

Tom pegou a moeda em sua palma e olhou para ele.

– Olhe, se isso te tranquiliza, a menina em questão e eu não temos conversado ultimamente – seu único contato com Medusa havia sido através das câmeras de segurança, quando ele se informou sobre ela.

Os ombros de Vik afundaram de alívio.

– Que ótimo. É um começo. Agora está na hora de explorar novas perspectivas. Ou você está com medo? Aposto que está. Aposto vinte dólares que você não tem coragem de chamar uma dessas meninas para conversar.

– Sei o que você está querendo fazer, Picante. Não vai funcionar.

Vik gesticulou como se estivesse enxugando uma lágrima.

– Tommy é uma flor frágil. Ele não pode ser rejeitado.

Tom passou a mão no cabelo.

– Certo, está bem. Vou chamar uma menina para conversar, mas, independentemente do que acontecer, você para de me encher quanto a isso. E vou levar esses vinte dólares de você.

Ele avistou a menina mais próxima que conhecia e caminhou a passos largos na direção dela. Ela estava em uma mesa rodeada por amigos, então Tom imaginou que seria rejeitado em frente a um monte de gente. Era melhor acabar logo com isso, como quando arrancamos um curativo.

– Ei, Iman – ele disse, apoiando o braço na mesa ao lado dela.

Iman Attar, uma intermediária na Divisão Maquiavel, olhou para cima demonstrando surpresa, com seus olhos verde-azulados modelados por uma cabeleira castanho-claro. Ela era linda, e Tom sempre tivera essa opinião, mas já tinha bancado o completo idiota em uma simulação na qual encenaram os homens das cavernas e ele tentou convencê-la de que seria uma boa companheira. Ela batera na cabeça dele com um pedaço de pau e o chamara de feio. Não foi a resposta mais agradável que recebeu para sua proposta.

– Saia comigo – Tom falou sem pensar.

Iman arregalou os olhos.

– Está me propondo um encontro?

– Essa é a ideia – Tom estava ciente do silêncio absoluto de todos os amigos dela

na mesa, incluindo uma das intermediárias, Jennifer Nguyen.

Tom a conhecia bem. Certa vez, por acaso, ele a tinha ouvido zombando da tentativa de Vik de conquistá-la – e foi então que surgiu o “Indiano Picante”. Ele esperava que isso não acarretasse em algum apelido mais tarde.

Então Iman disse:

– Está bem.

– Está bem? – Tom repetiu.

Ela acenou com a cabeça.

– Sim – ela confirmou.

Tom também acenou com a cabeça, atordoado.

– Ótimo. Fico feliz por resolvermos isso.

Então ele se afastou. E foi assim.

TOM HONESTAMENTE NÃO ESPERAVA que ela dissesse sim. Ele olhou para Medusa pelas câmeras de segurança naquela noite, imaginando como sair dessa. Não que Iman não fosse deslumbrante, e o fato de ela não estar a meio mundo de distância e lutando pelo inimigo facilitava as coisas...

Mas o cérebro de Tom, sua mente, seus pensamentos estavam todos ligados a uma pessoa, e ele estava assim desde que vira pela primeira vez o Aquiles do mundo moderno elevar-se através das extensões do espaço, destruindo as naves indo-americanas.

Hoje, Medusa fez algo que fazia bastante: o pegou desprevenido.

– Você sabe – ela disse para o ar –, é muito pervertido assistir a meninas seminuas logo depois de acordar.

Tom congelou, percebendo que ela estava se dirigindo a ele. Os olhos escuros de Medusa viraram para a câmera.

– Sim – ela disse –, eu sei que você está aí. Pensei por um tempo sobre o que quero dizer a você, mas agora estou pronta. Volte ao seu próprio sistema e eu o encontrarei em um segundo.

Tom se retirou dos sistemas da Fortaleza. Ele permaneceu conectado à sua porta de acesso neural em seu beliche, com os dados zumbindo em seu cérebro, e, um instante depois, a mente de Medusa tocou a dele no sistema. Um dos jogos do sistema de recrutas foi ativado ao redor deles, e Tom viu-se encarando Adolf Hitler.

– Medusa? – ele arriscou.

– Sou eu.

Ela não estava tão atraente na pele de Hitler. Eles estavam em pé sobre um trem em movimento, e, quando Tom olhou para baixo para se ver, a informação piscou em seu centro de visão. Estava jogando como Joseph Stalin, o líder da União Soviética nos anos 1950 e um assassino em massa que tinha matado dez milhões de pessoas. O nome do jogo era Ditadores Trocando Socos Sobre Trens.

Era um programa grosseiro, com paisagem atarracada e que parecia ter sido criado de brincadeira por algum recruta. Por alguma razão, os pensamentos de Tom imediatamente foram direcionados para Walton Covner. De qualquer forma, Yaolan não poderia ter escolhido dois avatares mais desagradáveis, o que era um sinal muito ruim.

Ela cruzou os braços.

– Sei que você esteve visitando meu sistema. E que esteve me observando.

– É sério, nunca faço isso quando você está, ahn... bem, eu não olho quando você não está vestida ou algo do tipo – um pensamento otimista surgiu em sua mente. – A menos que você queira que eu olhe.

– Não!

– Eu estava sendo hipotético – ele disse rapidamente, desapontado. – Não quero ser petrificado.

Ela olhou fixamente para ele.

– Eu não queria fazer essa piada – Tom acrescentou, sentindo-se muito incapaz.

– Ficar envergonhado não combina com Stalin – ela reparou.

– Eu não fico envergonhado nem Stalin. Aliás, por que sou Stalin?

– Você preferiria ser Hitler?

– Por que você é Hitler?

– Porque a maioria das simulações em seu sistema não está funcionando por algum motivo.

– Nós andamos com dificuldades técnicas ultimamente – Tom admitiu.

– E porque vamos selar um pacto de não agressão.

– Um... o quê?

– Um juramento de não agressão um para com o outro.

– Ouça, ouça, Yaolan. Sei que usei esse vírus contra você, mas não foi um ato de agressão. Fiquei afastado porque você não podia se conectar ainda, e eu não podia explicar, e, depois de esperar um tempo, eu não sabia bem como faria isso.

– Eu sei por que você usou o vírus.

Tom piscou.

– Você... sabe?

– Depois que descobri sobre o fantasma da máquina, estava muito óbvio que foi uma tentativa equivocada de me proteger.

– Espere, Yaolan. Você sabe que fiz isso por você? – Tom disse, sem compreender. – E está brava mesmo assim?

Ela andou um passo à frente e deu um soco nele. Bem forte. Os receptores de dor estavam funcionando em sua capacidade máxima, então o impacto explodiu em sua bochecha, sacudindo-o para trás. As pernas de Stalin recuperaram o equilíbrio desajeitadamente de alguma forma.

– É claro – ela lamentou. – E pare de me chamar pelo meu nome. Eu nunca o revelei para você, você descobriu por acaso.

Ele ergueu as mãos.

– Está bem, Medusa.

– Melhor assim – ela rosnou e se arrastou na direção dele.

Tom a socou desta vez, observando Hitler cair do teto do trem.

– Não compreendo. Sei que você ficaria zangada por causa do vírus. Mas, se você sabe por que eu fiz isso, então está zangada... com o quê, exatamente?

Ela se levantou, e o sangue escorria de seu pequeno bigode, avançou e desferiu um chute nas costelas de Tom. Ele quase despencou de cima do trem.

– Você usou um vírus em mim sem minha permissão. Eu nunca teria pedido para você assumir a minha culpa dessa maneira.

Tom debateu-se contra o impetuoso vento enquanto eles trepidavam sobre o trilho, com as pernas penduradas na direção das rodas que giravam abaixo deles.

– Você nos salvou na Antártida. Eu te devia essa.

Ela estendeu a mão para baixo, na direção dele. Depois de um instante, Tom a pegou, e ela o ergueu de volta ao topo do trem. O chão trepidou sob eles, e o vento fez seus cabelos esvoaçarem. Eles olharam fixamente um para o outro, e Tom sentiu como se um terrível nó tivesse sido desemaranhado de seu peito. Tom não queria que ela pensasse que era porque ele estava tentando ser promovido ou porque queria se aproximar de Vengerov.

Ele havia feito isso por ela.

E ela tinha percebido isso.

Mas obviamente não estava tudo bem.

– Você deveria ter me *pedido* antes.

Tom a apertou ainda mais quando ela começou a se afastar.

– Você não deixaria que eu fizesse isso.

Ela puxou a mão.

– É claro que não. Eu não quero um salvador, Tom. Nunca quis. Esse é o problema – ela cambaleou um passo para trás, balançando quando o trem chacoalhava sob eles. – Você quer algo de mim que eu não posso lhe dar.

– Medusa...

– Você quer ser o herói de alguém. Quer ser forte para alguém. Eu não preciso da sua força e certamente não preciso da sua pena.

– Não é pena – Tom disse, estarrecido.

– Passei toda minha vida lidando com isso por causa da minha aparência – ela apontou para o rosto, que não revelava o Hitler, mas onde ele sabia que ela tinha sido horrendamente cicatrizada na infância. – As pessoas que não ficam horrorizadas parecem sempre sentir essa terrível pena. É irritante. Eu não estou quebrada, não

preciso ser consertada e não preciso ser salva.

– Meu Deus, Medusa, não é pena. Você não entende.

– O que eu não entendo? – ela olhou furiosa para ele.

– Não sinto pena de você. Você é a pessoa mais forte que já conheci. Desde sempre. Sei que não preciso te proteger. Eu faria o que fiz por qualquer um com quem me importasse. Eu preferiria que Vengerov tivesse encontrado eu a você.

Ela o analisou com os olhos brilhando.

– Então você tem um grave distúrbio psicológico, Mordred, porque carinho não significa se autodestruir por alguém. Eu não quero que ninguém faça isso por mim.

– Vengerov talvez nunca me encontre.

– Não foi esse o único motivo de você estar na Obsidian Corp., em primeiro lugar? Lá você arriscou a vida para salvar um amigo.

– Todos os meus amigos fizeram isso.

– Mas esse é o seu jeito. É como você funciona – os olhos dela estreitaram um pouco. – Você tem a necessidade de ser útil.

Tom estava perdido.

– Não sei realmente o que você quer que eu diga.

Ela ficou em silêncio por um instante.

– Então não diga nada – ela respondeu, enfim, a ele. – Apenas ouça: eu não preciso de você. E nunca vou precisar.

Magoado, Tom não conseguiu arranjar uma palavra.

– Quanto a hoje – Medusa disse –, vamos voltar ao antigo acordo. Você não entra mais no meu servidor e eu não entro no seu, emergências à parte – ela ergueu a mão para dar fim ao programa, mas hesitou. – Ah, me esqueci de uma coisa.

– Do quê? – Tom disse desoladamente.

Ela lançou um sorriso radiante e cruel.

– Obrigada pelo vírus do computador.

E então o texto piscou diante de seu centro de visão: *Fluxo de dados recebido: programa Boa Sorte Para Explicar Aos Seus Técnicos Onde Você Pegou Isso iniciado.*

Tom arrancou seu fio neural. Por um instante, nada aconteceu.

E então o vírus Boa Sorte Para Explicar Aos Seus Técnicos Onde Você Pegou Isso o deixou com uma terrível sensação, como se alguém tivesse acabado de lhe acertar com uma bota no meio das pernas. Tom gritou, virando-se e caindo com tudo da cama no chão, sem conseguir falar.

Ele ficou ali, lutando contra a necessidade de estar doente, e a terrível dor foi passando com uma lentidão nauseante. Quando finalmente se pôs em pé de novo, Tom balançou a cabeça com relutante distração, percebendo que ela poderia ter feito algo muito pior. Medusa não estava feliz, mas ela não tinha tentado matá-lo.

A pior dor foi sentir que algo estava finalmente rompido entre eles para sempre. Não foi como nas últimas vezes, em que ela ficara brava com Tom porque ele achava que conseguia lidar com o ódio. Ela ficou calma. Ela falara como se houvesse alguma diferença irreconciliável entre eles e Tom não sabia como...

E então o vírus foi acionado outra vez.

A TERRÍVEL SENSACÃO DE uma bota batendo com força na virilha dele voltou exatamente a cada três minutos e sempre com a mesma intensidade. Tom estava desesperado quando chegou até a beliche de Wyatt na Divisão Aníbal e poderia ter desmaiado de alívio ao ver que ela estava ali. O único problema era que havia outra pessoa também.

– Preciso conversar com você – Tom deixou escapar. – Em particular.

– O quê? – disse Evelyn Himes, a pequena e loira colega de quarto de Wyatt.

Wyatt deu um salto.

– O que é, Tom?

– Wyatt e eu podemos conversar sozinhos? – Tom perguntou à Evelyn.

– Não. Esse beliche é meu também – Evelyn passou uma escova em seu cabelo loiro e crepitante. – Vocês podem conversar em outro lugar.

Mas não havia outro lugar aonde Tom pudesse ir. Ele viu o tempo passar em seu centro de visão, e o temor foi crescendo em seu interior. Faltava um minuto.

– Por favor, Evelyn. Eu te dou... – ele fuçou no bolso. – Vinte dólares. Só nos dê alguns minutos sozinhos.

– Eu disse não.

– Vinte agora e dez mais tarde. São trinta dólares que te dou para você sair só por um tempinho.

– Meu Deus, vocês não podem conversar em outro lugar?

O desespero tomou conta de Tom.

– Certo. Fique. Você quer ver, você vai ver. Eu não me importo com plateia – então, com um rápido olhar de desculpa por Wyatt, ele a pegou pela cintura e declarou: – Você está ótima hoje, Wyatt –, abaixando a cabeça e tascando-lhe um beijo.

O corpo de Wyatt ficou rígido contra o dele, e Tom pensou *Por favor, não me dê um soco muito forte por ter feito isso...* enquanto esperava Evelyn entender o recado e sair. Por um instante, a estranheza da situação foi entendida quando ele sentiu os lábios de Wyatt firmemente comprimidos contra os seus e a frieza de sua bochecha. O cabelo dela cheirava a lavanda e seus olhos castanhos estavam tão enormes nessa proximidade que pareciam preencher o mundo.

E então algo pareceu mudar, o corpo dela se amolecendo contra o dele, os lábios dela se abrindo contra os deles. Contra a vontade dele, uma estranha excitação formigante tomou conta de seu corpo ao sentir as mãos dela tentadoramente

deslizarem em seu peito e o corpo esbelto dela atrair-se ao seu como um ímã, como se puxasse as mãos dele. Ele esticou o braço para segurar na grade da cama e evitar que pusesse suas mãos em qualquer outro lugar. Ele cerrou os punhos com tanta força ao redor do frio metal que eles começaram a latejar.

– Eca, está bem! – Evelyn exclamou, e seus passos foram ouvidos fora do cômodo. – Fiquem com o quarto para vocês! – a porta deslizou, fechando após ela passar.

Tom recuou, soltando a grade da cama, e suas mãos pairaram vagamente no ar enquanto ele se esforçava em busca das palavras certas para explicar o ocorrido a Wyatt. Era como se o cérebro dele estivesse derretendo e a eletricidade fizesse os seus membros chiar, e os olhos dela estavam arregalados como os de uma cabra assustada sobre os dele.

Em seu centro de visão, o tempo foi se esgotando. 0:05... 0:04... 0:03...

Ah, não.

E aconteceu. A bota invisível atingiu sua virilha, e Tom gemeu de dor e caiu como se fosse uma pilha de membros no chão. Abruptamente, ele estava livre do encanto, e a realidade brutal o triturou, fazendo com que a loucura temporária levasse a uma terrível dor.

Ele tinha merecido essa também.

– Tom?

A voz de Wyatt soou alta e sufocada. Ela se ajoelhou ao lado dele, com as mãos suspensas no ar como se não soubesse se deveria lhe oferecer a mão e ajudá-lo. Ele acenou para ela dolorosamente, tentando lhe mostrar que estava bem.

– Vikram Picante – Wyatt gritou ao ar.

– Vikram Picante? – Tom repetiu.

– Eu defini isso como senha para desativar a vigilância no meu beliche por dez minutos. Caso a gente tivesse que conversar sobre algo urgente – ela explicou.

É claro que ela havia feito isso. Wyatt pensava em tudo. A náusea era tremenda, e Tom conseguiu encará-la de uma forma tensa.

– Estou bem. Mais ou menos. É um vírus de computador. Preciso da sua ajuda. É por isso que eu precisava que sua colega de quarto saísse.

Wyatt ficou paralisada.

– Isso dói. Dói muito – Tom ofegou. – Está acontecendo a cada três minutos desde que Medusa o colocou em mim. Não posso contar aos técnicos como eu o contraí e não poderia contar a você na frente de Evelyn. Você consegue consertar isso? Por favor?

– *Medusa* enviou a você?

– Eu posso explicar, só que mais tarde. Isso vai me matar. Não literalmente, mas você sabe o que eu quero dizer!

Wyatt ficou em silêncio absoluto. Em seguida, foi até a gaveta sob a cama e pegou o escâner diagnóstico que às vezes usava nos processadores neurais. Tom olhou para os ombros dela tensos e rígidos, observando os movimentos de solavancos de seus braços.

– Me desculpe por atacá-la daquele jeito – ele disse. – Você me entende, certo? Tive que fazer com que ela saísse daqui. Não posso contar a ninguém, já que isso veio da Medusa e... eu deveria ter te avisado, ou...

– Bom recurso. Funcionou – a voz de Wyatt foi curta e grossa. Ela tirou o fio neural, o levou rapidamente de volta a Tom e espetou uma de suas pontas na porta de acesso da nuca dele com força suficiente para que as articulações de seus dedos machucassem seu pescoço.

Em seguida, ela se sentou pesadamente no chão ao lado de sua cama, flexionando suas pernas exaustas na altura do peito enquanto passava o escâner

Tom conseguiu se erguer, tentando não pensar nos lábios dela abrindo-se sob os seus, na curva do quadril dela em suas palmas. Essa era Wyatt. Wyatt, Wyatt. Seria extremamente errado começar a pensar nela dessa maneira.

– Yuri vai me bater por causa disso – Tom murmurou.

– Provavelmente – Wyatt digitou no teclado do antebraço enquanto Tom observava no seu o tempo se esgotar no cronômetro interno, sentindo o coração apertado. Enquanto ele se preparava para a dor nos quinze segundos restantes, o código piscou em sua visão.

– Pronto. O vírus sumiu – Wyatt disse categoricamente.

– Muito obrigado. Obrigado mesmo. Te devo uma. Eu... – ele paralisou com o olhar inflexível que ela lhe enviou.

– Você falou com a Medusa hoje?

Tom soltou um suspiro. Ele já havia revelado isso para ela, não?

– Sim, mas...

– Como você pôde fazer isso, Tom? O que acontecerá se alguém descobrir que você ainda mantém contato com ela?

– Vik já conversou comigo sobre isso. Sei que vocês tiveram uma conversa...

– Vik conversou com você, e você se esqueceu de tudo que ele disse logo depois? Ou você apenas não se importa com o que poderia acontecer com a gente?

– Não – Tom protestou. – Olhe, não posso explicar, mas confie em mim, eu posso contatar Medusa de uma forma que não pode ser detectada. Por ninguém.

Wyatt olhou fixamente para ele.

– Você não consegue nem depurar o seu próprio processador. Como seria possível você entrar em contato com ela sem ninguém descobrir?

– Já fiz isso antes.

– E já foi pego antes também!

O que estava acontecendo hoje? Tom sentiu como se estivesse deixando todo mundo louco de raiva.

– Eu não posso explicar, mas você tem que confiar em mim. Não vou ser pego. E... e, sem essa, Medusa salvou a nossa vida.

– Você se lembra *onde* ela salvou nossa vida? Você se lembra *do que* estávamos fazendo? Como alguém pode não sofrer as consequências se você for pego conversando com ela? A situação não envolve apenas você.

– Eu sei disso, mas também sei que não vou ser pego porque... Bem, Medusa e eu, nós estamos... – não podia explicar para Wyatt que eles eram idênticos, à sua maneira. – Nós estamos conectados de uma forma que eu realmente não posso explicar. Sei que você não compreende.

As bochechas de Wyatt empalideceram, e o rosto dela parecia uma aparição amedrontadora.

Tom se deu conta do que tinha dito.

– Ah. Olhe, isso soou meio...

– Condescendente? – Wyatt repreendeu, cruzando os braços sobre o peito como se estivesse abraçando a si própria. – Você pensa que, porque eu tenho dificuldade em fazer amigos e conversar com as pessoas, não sei de coisas como... como amor ou carinho ou pessoas que se relacionam...

– Não foi isso que eu quis dizer de jeito nenhum. Você está redondamente enganada.

Wyatt puxou o fio neural com um duro solavanco que o arrancou de sua porta, envolvendo-o de um modo grosseiro ao redor da mão.

– Você não pensa muito em mim. Sou apenas uma aberração estranha e esquisita para você.

A declaração foi tão inesperada para Tom que olhou fixamente para ela por um instante antes de dizer estupidamente:

– Ahn?

A voz dela hesitou.

– Sou apenas alguém para ajudá-lo com os programas. Sou apenas útil para você. Você não se importa com os meus sentimentos.

– Eu me importo sim. Por que você está tão perturbada com isso? Lamento por conversar com ela novamente, mas fiz isso de um modo que não pode ser rastreado, caso contrário eu não faria. Jamais arriscaria a sua vida ou a de Vik. Eu nunca correria esse risco *porque* realmente me importo com você. Eu só... eu tinha que me informar sobre ela para... para uma causa válida que honestamente não posso falar a respeito. Eu tinha que fazer.

– Você é tão... – ela estava respirando pesado e aparentava procurar desajeitadamente cada palavra para descrevê-lo. – Você é tão *imbecil*!

– Certo, tudo bem – ele disse num tom confortador. – Certo, sou um imbecil. Uma pessoa asquerosa. Deixe-me consertar isso. Eu não sei o que dizer. Não entendo por que você está tão chateada. Olhe, estou perdendo de dois a zero hoje com meninas zangadas comigo. Só me dê uma pista sobre o que posso fazer para consertar isso.

Wyatt cruzou os braços e desviou o olhar dele, inflando o peito.

– Ei, olhe, o negócio da Medusa não vai mais acontecer – Tom lembrou-se da frieza na voz de Medusa. – Acho que ela quer que eu fique longe de agora em diante. Terminamos. Para sempre. Então você não tem que se preocupar com isso nunca mais.

E assim que ele disse isso, soube que era verdade. Uma sensação de vazio se espalhou em seu peito.

A voz dela saiu num resmungo.

– Está realmente tudo acabado com ela?

– Sim – Tom deu de ombros. – Digo, você viu esse vírus. Não foi uma mensagem amigável.

Wyatt o analisou atentamente, como se estivesse buscando algo em seu rosto. Os braços dela ainda estavam firmemente cruzados sobre o corpo. Ela era a segunda menina naquele dia que ele havia magoado, e Tom estava se sentindo uma pessoa terrível.

E eis que a inspiração surgiu. Ele sabia tranquilizá-la.

– Na verdade, o momento é até engraçado. Eu chamei Iman Attar para sair. Ela disse que iria sair comigo, está vendo? É outra menina que não é a Medusa. Boas notícias, não?

As palavras não tiveram o efeito que Tom esperava. Ele achou que Wyatt ficaria satisfeita, aliviada em ouvir isso. Mas ela se pôs de pé rapidamente e gritou:

– Saia do meu beliche!

– O quê? – Tom ficou perplexo. Não era isso que ela queria ouvir? – Não estou entendendo. Eu realmente chamei Iman para sair.

– Vá embora! Saia daqui, Tom! Saia! – ela pegou o travesseiro de sua cama e o atirou na direção dele. Ele ricocheteou inofensivamente em seu braço, mas Tom entendeu a mensagem e desceu do beliche.

Tinha a sensação de que, se permanecesse e continuasse a discutir com ela, levaria de verdade o que o vírus de Medusa havia lhe dado virtualmente.

NA MANHÃ SEGUINTE, ENQUANTO Tom estava sozinho no elevador, pronto para descer até o refeitório para a formação do café da manhã, Yuri entrou pelo andar dos Intermediários.

Pela expressão séria dos lábios de Yuri, Tom sabia que ele descobrira o que tinha acontecido com Wyatt.

– Vamos conversar no seu beliche – Tom sugeriu.

– Ótima ideia.

Assim que eles se fecharam dentro do beliche de Yuri, Tom virou-se para encará-lo, preparado para isso.

– Ouça, cara, eu posso explicar.

– Wyatt me contou – Yuri disse, cruzando os braços e exibindo os bíceps que tinham engrossado desde que ele saíra do coma –, e compreendo os motivos pelos quais você fez aquilo. Eu me solidarizo até certo ponto, pois sou capaz de imaginar a dor de tal aflição...

Tom acenou com a cabeça. Yuri devia imaginar qual era aquela sensação.

– Mas, mesmo assim, o que você fez não é aceitável. Wyatt está muito chateada, assim como eu estou. Você não pode beijar a minha namorada. Eu deveria te dar um soco na cara.

Tom suspirou.

– Sim, eu imaginava que você iria me bater.

Yuri era um rapaz muito atencioso pelo menos.

– De que lado você prefere?

– Me surpreenda.

– Minhas sinceras desculpas, Thomas – então, o punho dele bateu na mandíbula de Tom. Não foi tão forte como poderia ter sido, mas ainda assim derrubou Tom no chão, fazendo seu cérebro chacoalhar dentro do crânio. Ele se viu com as costas contra uma das camas, então sentou-se com as costas apoiadas e balançou a cabeça.

Yuri se ajoelhou ao lado dele.

– Você está bem?

– Sim. Estamos quites?

– Nunca beije Wyatt outra vez – Yuri o alertou, chacoalhando um dedo na direção dele. – Caso não estejamos mais juntos, você poderá beijá-la, mas é provável que ainda assim eu fique bem chateado a respeito.

– Não vou beijá-la, cara. Eu juro – Tom não conseguiu, resistiu e acrescentou: –

mas e se, hipoteticamente, Wyatt e eu estivermos sendo perseguidos um dia por assassinos tentando nos matar e a única forma de esconder nossos rostos seja namorando... daí tudo bem?

Yuri refletiu sobre isso.

– Nessa condição talvez, mas somente se você não conseguir fugir de seus perseguidores por outros meios e somente se eles forem muito grandes – ele se pôs de pé outra vez, com a grande mão estendida. Tom a segurou e deixou Yuri levantá-lo. – Devemos nos apressar se quisermos chegar à formação a tempo.

– Então estamos *de bem*? – Tom arriscou-se quando eles começaram a correr lentamente pelo corredor.

– Wyatt ainda está muito chateada com você. Devo persistir com minha desaprovação até que ela deixe de se sentir assim. Depois disso, Thomas, ficaremos de bem.

– Como eu faço para consertar as coisas com ela? – Tom teve uma ótima ideia. – Ei, você acha que ela vai se sentir melhor se me bater também?

Yuri empurrou a porta que dava acesso à escadaria para abri-la.

– Eu sugeriria que mantivesse distância dela.

TREINAR SIMULAÇÕES NA COMPANHIA Superior envolvia grupos rivais se enfrentando em simulações espaciais, em que cada cadete no grupo se revezava na função de líder. O sistema de simulação tinha sido finalmente preparado. Hoje era esperado que algo incomum acontecesse: todos os cadetes receberam ordens para participar de uma simulação por toda a Agulha.

Sob o comando de Marsh, os diferentes níveis de cadetes eram segregados. Novatos treinavam com novatos, intermediários com intermediários, e assim por diante, todos sob a orientação da ComCam. Seja lá qual fosse o motivo para a exceção de hoje, Tom estava animado. Ele esperava que fosse algo impressionante.

Seus novatos nunca tinham participado de qualquer situação de treinamento imersivo, então Tom foi ver como eles estavam antes do início da simulação.

Reed Geithman disse a ele:

– Provavelmente vai ser uma droga.

Ele não era dos mais otimistas. Zane Blunt, no entanto, estava saltitando empolgadamente na beira de sua cama, e logo abriu um enorme sorriso de ansiedade para Tom, que voltou a perceber como todos os novatos eram minúsculos. O HGH deles ainda não tinha entrado em ação. E isso o deixava perplexo.

Quando os novatos estavam todos juntos por qualquer motivo, eles ficavam em pé, devido à baixa estatura, no meio de um mar de cadetes, que, em sua maior parte, eram bem maiores do que eles. Muitos cadetes mais velhos como Vik e Walton tinham passado a chamá-los de Brigada Munchkin, o que Tom achou hilário até Yuri começar a enviar olhares repreensivos para ele e lembrá-lo de como o termo era

ofensivo. Então, Tom sentiu-se culpado e tratou de ameaçar os outros cadetes, pedindo que dessem um tempo com o apelido. Eles pararam... pelo menos quando Tom estava por perto.

Ele só conseguia pensar que os novos técnicos deviam ser terríveis em suas funções. Se aquelas pobres crianças não recebessem seus aumentos de crescimento agora, elas *já* iriam recebê-los; o processador substituíra muitas das funções hormonais envolvidas no crescimento, e essas áreas do cérebro atrofiavam. Elas não tinham quatro anos para crescer naturalmente. Ele precisava conversar com alguém sobre isso por eles, e logo.

Tom encontrou a câmara para onde Yuri, Vik, Wyatt e Lyla haviam migrado.

Vik já estava imerso em uma discussão com Lyla.

– Não, eu não estava insultando o seu corte de cabelo...

– Você disse que eu pareço a mesma de sempre, e depois me disse que pareço um chihuahua.

– Isso é algo bom – Vik tentou.

– Você disse a mesma *de sempre*. Geralmente eu me pareço com um chihuahua então?

Vik começou a rir. O rosto de Lyla ficou vermelho de raiva crescente enquanto Vik continuou rindo, mesmo quando ele protestou:

– Eu não quis insinuar isso. Estou rindo para me solidarizar, e não para caçar... Ai! – ele esfregou o braço onde ela havia batido. – Isso é violência doméstica, você sabe. Além do mais, mesmo que os seus temíveis punhos façam parte de seu charme, não há inteligência nisso, então me bater não constitui uma réplica válida.

– Cale a boca, Vik.

– E nem isso.

– Eu disse cale a boca, Vik!

– E isso também não... Ai!

Tom parou de prestar atenção à discussão deles e espiou na direção de Wyatt, que estava sentada rigidamente em sua cama, sem olhar para ele e com Yuri do seu outro lado. Yuri o tinha aconselhado a se manter distante dela, mas Tom não conseguiria não dizer nada, mesmo se ela estivesse tentando ignorá-lo.

– Yuri me bateu hoje – ele comentou. – Pergunte a ele.

Ela fez um ruído evasivo. Tom moveu-se desajeitadamente, imaginando o que dizer a seguir e observando mais cadetes perambularem pelo quarto e ocuparem suas camas.

– Ei – ele tentou na sequência –, você quer me bater também?

Wyatt apenas olhou para ele.

– Por mim não tem nenhum problema se você quiser. Não me importo.

Ela inclinou o queixo sobre os joelhos dobrados.

– Não vou bater em você.

Tom ficou decepcionado. Ele realmente preferiria que ela seguisse o exemplo de Lyla e batesse nele em vez de evitá-lo.

A porta se abriu com um deslize e Karl Marsters entrou. Karl viu Tom e o ódio subiu por seu corpo, deixando-o com o rosto vermelho.

Lembrando-se de como tinha resolvido abordar Karl de agora em diante, Tom acenou de um modo amigável.

– Olá, Karl. Você tá no comando? Que fantástico.

– Cale a boca, Benji!

Havia um tom de histeria na voz de Karl. Por alguma razão, o fato de Tom agir com benevolência e simpatia com ele parecia deixá-lo apavorado, o que divertia Tom imensamente.

Karl lançou um olhar ao redor do quarto e berrou:

– Ouçam! Recebi ordens de que todos os cadetes devem se conectar às simulações hoje. Eu não sei que tipo de simulação e não tenho mais detalhes. Na verdade, estou aqui, me conectando como vocês, para ser avaliado como um novato. Então ninguém me faça perguntas, pois não sei mais do que vocês – ele subiu na cama extra e aprontou o seu próprio fio neural.

Tom sentou-se pesadamente em sua cama, apanhou o fio neural de baixo e esperou a hora, com os olhos no cronômetro de seu processador neural. E eis que o momento chegou. Ele conectou o fio em sua porta de acesso e seus sentidos ficaram pouco visíveis, sendo drenados de seu corpo.

Antes que a simulação pudesse separá-lo da vida ao seu redor, a conexão entrou em curto-circuito. Os olhos de Tom abriram com um estalo, e em seu centro de visão surgiu uma mensagem:

Erro: conexão com o servidor foi reinicializada. Simulação encerrada.

Tom sentou-se e arrancou seu fio neural, olhando ao redor para as outras pessoas na sala de treinamento, que também estavam sentadas e piscando desorientadas.

Karl estava ali sentado cheio de incertezas, enfiando e tirando o fio neural de sua porta de acesso do cérebro com a espessa sobancelha franzida como a de um homem das cavernas.

Abruptamente, as luzes da sala ficaram mais escuras e brilharam novamente. Tom olhou ao redor e se levantou, pois ele não conseguia se lembrar de a energia ter oscilado na Agulha Pentagonal algum dia. Afinal de contas, eles estavam bem em cima de um reator nuclear fissão-fusão.

Karl também se levantou, olhando para o teto.

– Enslow, envie uma mensagem para o suporte técnico. Descubra o que está acontecendo.

– Com certeza eles saberão dizer – Wyatt resmungou para si mesma

sarcasticamente, digitando em seu teclado do antebraço. Então ela olhou para cima, perplexa. – Há uma interferência na conexão.

– Interferência? – Karl repetiu.

As luzes voltaram a piscar. Tom sentiu um desconforto percorrer a espinha.

Karl apontou o dedo grosso na direção deles.

– Todos vocês, fiquem aqui. Eu vou descer até lá para ver o que está acontecendo.

Ao observá-lo sair, Tom pensou ter ouvido algo tão baixinho como o habitual zunido do ar na Agulha Pentagonal tivesse formado um distinto grupo de palavras.

– Isso é uma simulação.

Perplexo, Tom olhou ao redor, mas ninguém estava perto o bastante para ter dito isso. Será que ele estava imaginando coisas? Ele ouviu atentamente, mas não escutou mais nada.

Silêncio...

Uma sensação de ilusão lhe causou arrepios, como se todos os rostos próximos a ele fossem, de alguma forma, de plástico. Incapaz de se livrar da sensação, Tom desceu deslizando de sua cama.

– Como estamos esperando mesmo, eu vou ao banheiro – ele disse para ninguém em particular, antes de se lançar sob as luzes mais claras do corredor.

Ele viu Karl no corredor e observou o menino maior seguir diretamente até a escadaria. A maioria das salas de treinamento estavam cheias, mas Tom pensou nas portas de acessos neurais do décimo segundo andar. Ele iria descer os degraus, se conectar, olhar através das câmeras de vigilância e se certificar de que não havia nenhuma emergência sobre a qual não tinha sido alertado.

De repente, a porta para a escadaria abriu com tudo. Soldados gritando e empunhando armas surgiram aos montes e cercaram Karl.

Em uma fração de segundo, Tom viu seus rostos familiares registrados em seu cérebro. Dana Erskine, John Paul Rapert, Wolfgang Ruppertsberger, Miles Ellis e outros. Os soldados da Agulha. Os soldados *deles*. Ellis girou a coronha de seu rifle, acertando Karl no rosto e levando-o ao chão.

Tom agiu sem pensar, surgindo pela passagem mais próxima, um cubículo de segurança com uma porta de batente antiquada. Ele a fechou com cuidado, espiando através de uma fenda para inspecionar os soldados, tentando descobrir o que eles queriam fazer. Ele tinha se escondido bem a tempo. Os soldados apontaram suas armas para os outros cadetes isolados que tinham saído de suas salas de treinamento e os forçaram a ficarem de costas para a parede e com as mãos na cabeça.

Tom não conseguia acreditar no que estava vendo. Os cadetes estavam acostumados a obedecer aos soldados. Eles poderiam ter ordenado aos cadetes que descessem, e isso bastaria. Não havia necessidade de usar a força.

Algo muito estranho estava acontecendo aqui.

Tom deu um passo para trás, sentindo a adrenalina, quando os soldados armados se aglomeraram em cada sala de treinamento, uma por uma, rendendo grupos de cadetes com as mãos na cabeça. A mente dele ficou a mil quando reconheceu mais rostos familiares entre os homens armados. Todos eles eram soldados da base militar. Os agressores estavam se aproximando perigosamente da posição atual de Tom, então ele fechou a porta com cuidado, lançando um último olhar na direção da sala de treinamento que havia deixado, a sala que seus amigos ainda ocupavam sem saber o que estava acontecendo. Ele não podia correr até lá. Mesmo que ele conseguisse avisar a todos sobre o que estava acontecendo no corredor, de que adiantaria? Aqueles soldados iriam entrar com tudo e cercá-los de qualquer forma.

Foi a coisa mais difícil que Tom já havia feito, mas ele fechou completamente a porta e se abaixou no cubículo, escondendo-se com tudo que tinha à mão: roupas velhas, cortinas e um traje rasgado de camuflagem óptica.

Ele esperaria ali. Eles não estavam atirando nos cadetes, só estavam os cercando por enquanto. Então, quando a área estivesse livre, ele descobriria exatamente o que estava acontecendo – e exatamente o que ele deveria fazer a seguir.

Tom mal ousava respirar no canto onde se agachou. A certa altura, depois de vários minutos de suspense, a porta foi aberta e uma pesada bota pisou próximo a ele, a alguns metros de distância. Alguém estava olhando ali dentro. Tom fechou os olhos. Não havia mais nada que pudesse fazer.

A inspeção deve ter sido muito superficial, pois a porta foi rapidamente fechada com tudo.

Ele esperou até que o silêncio pairasse no ar, e então finalmente se atreveu a abrir a porta, espiando do lado de fora. O guarda-marinha Rapert estava baseado no corredor, realizando outra varredura ligeira nas salas de treinamento, verificando claramente se havia ficado algum retardatário. Tom prendeu a respiração e esperou até que Rapert sumisse dentro de uma sala, e então correu a toda velocidade até o corredor e se atirou em uma sala que já havia sido inspecionada, repleta de camas vazias e fios neurais desconectados.

Com o coração batendo acelerado, ele se encostou à parede mais próxima da porta e se conectou à primeira porta de acesso neural que encontrou. Ele acessaria o sistema de vigilância e tentaria ver o que estava acontecendo e para onde eles haviam levado os outros cadetes. Foi difícil se concentrar no zunido do processador neural em seu cérebro com toda a adrenalina que percorria por seu corpo, com cada instinto primitivo, pronto para assimilar qualquer sinal de soldado se aproximando de sua sala, mas logo Tom saiu de si através do sistema de simulação e foi direto para o processador principal da Agulha Pentagonal. Ele se jogou no sistema de vigilância e checkou câmera por câmera.

Tom sentiu-se completamente confuso ao reconhecer as imagens do andar dos soldados. Por que eles estavam sentados em círculo na sala de descanso comendo e conversando? Ele reconheceu seus rostos. Como eles *chegaram lá* tão rápido? Eles não tinham acabado de fazer os cadetes reféns?

Mais imagens inundaram seu cérebro quando olhou para as câmeras e viu outros funcionários e soldados à toa, no seguimento de suas atividades diárias. Incrédulo, Tom viu mais rostos dos soldados que fizeram reféns entre eles. Uma câmera mostrava Olívia Ossare em seu escritório, examinando arquivos em seu computador. A próxima câmera focava o refeitório. Nada fora do comum.

E Tom não viu uma grande quantidade de cadetes em lugar algum. Eles não estavam sendo reunidos nas escadas ou até mesmo encurralados no refeitório. Não poderiam ter simplesmente desaparecido.

Então, uma repentina suspeita lhe ocorreu. Ele quase riu, pois não haveria a menor chance de eles terem feito isso, a menor chance...

Mas, assim que acessou as câmeras dentro das câmaras de simulação, Tom localizou todos os cadetes. Eles estavam deitados em suas camas, conectados à simulação, e os eletrocardiogramas registravam as linhas elétricas de suas batidas cardíacas.

Tom enxergou o seu próprio corpo – o verdadeiro, e não o simulado – deitado espreguiçado na cama, frio e distante, e voltou a mirar seu avatar na simulação. Ele tirou o fio neural da parede, não precisava se conectar a uma porta na simulação para interagir com o sistema. Ele *já* estava conectado a uma porta no mundo real. Foi assim que ele deve ter interagido – através daquele fio que conectava seu corpo real à cama na sala de simulação do mundo real.

Eles tinham enganado todos os cadetes com aquela mensagem falsa: *Erro: conexão com o servidor foi reinicializada. Simulação encerrada.*

Tom permaneceu ali, contendo-se ao máximo para não rir e olhando ao redor da câmera de simulação. *Boa sacada.* No final das contas, os novos técnicos de Mezilo eram bons em alguma coisa.

Todos tinham sido levados a pensar que a simulação era real. Obviamente, havia algum objetivo naquilo, algo sendo testado, e suas reações eram da mais alta importância. Tom não sabia bem se deveria descer e ser feito refém com os outros recrutas ou se deveria fazer o que era preciso.

Ele descobriria. Provavelmente havia um fluxo da simulação sendo avaliado naquele exato momento e talvez ele descobrisse algo se soubesse quem estava os observando. Ele fechou os olhos de seu avatar e interagiu com o sistema outra vez, elevando-se de seu corpo até encontrar o fluxo de dados fluindo da simulação. Tom voltou a se conectar ao computador no escritório do general Mezilo. Ele localizou o escritório no sistema de vigilância por vídeo para que pudesse enxergar com os

próprios olhos o que estava acontecendo ali.

Quando a imagem se ajustou em seu centro de visão, ficou em choque.

Mezilo estava ali... com Irene Frayne.

O que ela estava fazendo ali? Tom pensou.

A agente da ASN estava sentada de frente para o general Mezilo no escritório dele, serena, loira e toda formal, monitorando uma tela que ficava intercalando entre os sinais de vídeo de vários recrutas em ordem alfabética. Tom viu que quem estava na imagem era Walton Covner e percebeu que tinha que voltar logo a si antes que chegassem à letra R.

Mas ele não conseguiu resistir e ouviu Frayne dizer a Mezilo: "...aprecio a sua cooperação nisso. Sei que você teve alguns problemas técnicos por aqui com as mudanças de funcionários".

– Estou contente por esta oportunidade, senhorita Frayne. Não quero um cenário em que tenha que vigiar Ramirez ou Akron – Mezilo disse ríspidamente. – Antes que eu me apresse e deixe algum desses membros da ComCam em evidência outra vez, quero ter certeza de sua lealdade.

– E você terá certeza quanto a isso – Frayne garantiu a ele. – Nós planejamos o atual cenário com muita cautela. Nossos melhores funcionários atuaram nesse projeto. Ele foi desenvolvido especificamente para descobrir tendências subversivas entre os recrutas e os combatentes. Vamos obter mais dados assim que o cenário evoluir – ela bateu com os dedos na mesa e os olhos na tela. – Devo admitir que fiquei muito satisfeita quando você respondeu às nossas propostas. O seu antecessor...

– Marsh – Mezilo disse rudemente.

– Sim, o general Marsh nunca cooperou particularmente conosco quando propusemos a ideia a ele. Ele chamou de caça às bruxas nossos esforços para garantir a integridade e lealdade daqueles em posições delicadas.

– Eu nunca gostei de Marsh administrando as coisas aqui – Mezilo disse asperamente. – Ele tratava todos como crianças. Espólios da segurança nacional, e ele queria que este lugar fosse administrado como uma escola – ele estava olhando fixamente para a tela, que agora mostrava os dados de Olli Dougan da Divisão Napoleão. – Aqui vai minha pergunta a você. Vamos supor que algum desses jovens fracasse. Sei que da minha parte não vou promovê-lo. E da sua parte, o que acontece?

– Isso dependerá do grau e da natureza do fracasso. No mínimo, saberemos exatamente quais precisarão de uma inspeção mais cuidadosa. Esses recrutas são todos bem jovens. Se eles têm sentimentos questionáveis, estou certa de que consigo remontá-los às suas famílias.

– Então você os analisará também.

– Naturalmente.

Tom voltou com um movimento brusco ao seu avatar no cenário. Isso era uma espécie de prova de lealdade. O que significava que ele tinha que passar. De alguma forma.

Algumas de suas respostas logo surgiram. A voz de um dos novos soldados da Agulha, o mestre sargento Marvin Wurt, elevou-se sobre o interfone. Tom endireitou-se, animado por obter um pouco mais de informações.

– Peço a atenção de todos que servem à Agulha Pentagonal: como vocês devem ter percebido, assumimos o controle da base militar. Protegemos cada saída e confinamos os cadetes intrassolares no refeitório. O prédio está cercado.

Tom acenou impacientemente com o braço no ar, à espera de algo substancial que lhe diria como ser “ético” na simulação.

– Queremos garantir a vocês – Wurt prosseguiu – que não somos inimigos. A força que estamos empregando é uma mera necessidade para garantir que não vamos sofrer violência da parte de vocês. Não é nosso desejo machucá-los. Somos um serviço militar que fez um juramento de apoiar e defender a Constituição norte-americana contra todos os inimigos, estrangeiros ou domésticos. Não fizemos juramento à Coalizão de Multinacionais. Por muito tempo, entidades corporativas não eleitas usaram nossas habilidades para transgredir os direitos naturais dos norte-americanos. Nossos concidadãos foram desarmados e detidos sem o devido processo legal sob as disposições da Lei de Autorização de Defesa Nacional...

Tom sentiu um tremor de mal-estar, lembrando-se de Frayne citando aquela lei para justificar o aprisionamento de Neil. Os dentes dele rangeram com tanta força que sua mandíbula palpitou. De repente, ele compreendeu o que Frayne queria deles.

– As pessoas deste país foram sujeitas a buscas e apreensões sem autorização com tanta frequência que passaram a aceitar isso como o *status quo*. A propriedade privada foi confiscada usando domínio eminente para o benefício dos influentes e politicamente relacionados sob o falso pretexto de servir ao bem público. A liberdade de expressão foi restringida e o direito a pacificamente convocar e buscar a reparação do governo foi erradicado, tudo em nome da segurança nacional. Não aceitamos que nosso governo trate este país como um território inimigo ocupado e estamos dando um fim a essa guerra contra os norte-americanos. A Agulha Pentagonal será uma plataforma para que nossa voz seja ouvida.

Enquanto Tom ouvia, o ódio que sentia por dentro abrandou. Tudo que disseram fez sentido para ele. Tudo. Se ele não soubesse que isso era uma simulação, não teria se juntado imediatamente a eles, mas poderia ter dito algo imprudente que lhe teria condenado.

Outros recrutas talvez também pudessem fazer isso. E eles não sentiriam as

consequências sozinhos, caso acreditassem em Frayne. Suas famílias também sofreriam.

Os punhos dele contraíram, imaginando o rosto de Frayne e percebendo como ela fora inteligente ao elaborar essa armadilha para identificar tendências subversivas. Ao usar avatares de soldados com os quais já tinham familiaridade como rebeldes, ela tinha acrescentado ainda outro elemento para atraí-los a uma calamidade.

– Vocês não são reféns – Wurt disse. – Nós pretendemos ocupar a Agulha Pentagonal até que o governo reconheça que violou seu pacto com os estados e se submeta à vontade das pessoas. Não estamos pedindo que vocês se entreguem e não estamos ameaçando vocês. Pedimos apenas para que não interfiram.

É claro que isso era tudo o que eles pediram. Frayne queria que todos os recrutas tivessem mais razões para pensar que esses caras não eram inimigos e se traírem ao expressar o sentimento errado ou até mesmo se traírem através da inércia. E então vieram as palavras finais, a última tentativa de identificar os traidores entre os recrutas:

– Mas, se vocês concordam conosco, se acreditam na liberdade e em um governo representado pelas pessoas e para as pessoas, então convidamos vocês a se juntarem a nós. Ascendam conosco. Defendam nossa república. Defendam nossa Constituição. Deus abençoe vocês e os Estados Unidos da América.

A voz foi interrompida.

– Inacreditável – Tom resmungou ao ar.

Uma chama de determinação acalorada preencheu suas veias. Ele pensou nos recrutas desinformados na mira de armas, alguns dos quais poderiam ceder e cooperar porque estavam com medo, e não porque eram subversivos. Ele pensou em seus amigos, nas vítimas do sádico teste de lealdade. Com o passar do tempo na simulação, os recrutas teriam mais oportunidades de tomar a atitude errada e entrar no radar de Frayne.

Era uma cilada. A imagem do sereno sorriso de Frayne devastou seu cérebro, e Tom se decidiu: ele arruinaria a simulação de Frayne mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

A PRIMEIRA TAREFA DE Tom em sua missão de simulação final foi chegar no térreo para o arsenal.

Ele tinha os fios neurais, mas queria voltar ao armário da limpeza para ver se havia algo ali que pudesse usar. Ele espiou para ver o guarda-marinha Rapert outra vez, agora no final do saguão, e saiu correndo pelo corredor.

Assim que fechou a porta do cubículo com cuidado, ele ouviu algo se mexer na escuridão e um grito breve e abafado. Tom moveu-se rapidamente para a frente e agarrou a outra pessoa que estava tentando se manter escondida. Ele pôs a mão sobre a boca da criança antes que ela pudesse gritar de medo.

– Sou eu, Tom Raines! – ele sussurrou, retirando a mão. – Quem é você?

– T-T-Tom?

– Zane?

– Sim.

– Há quanto tempo você está aqui? – Tom quis saber, imaginando freneticamente se Zane já tinha cooperado com os soldados e se condenando como um traidor. – Você estava com os outros? Eles te soltaram ou...

Mas o menor e mais novo de seus novatos sacudiu a cabeça.

– Eu me escondi atrás de uma das camas. O soldado estava reconferindo todas as salas, então corri até aqui. Só sobramos nós dois?

– Acho que sim – Tom respondeu.

– O que... que devemos fazer? – a voz de Zane tremeu. Ele estava apavorado.

Tom sentiu outro surto de ódio de Mezilo e Frayne, pois uma coisa era levar recrutas que estavam ali há algum tempo, que tinham se tornado amplamente insensíveis à violência após intermináveis simulações, e mantê-los nessa situação em que armas eram apontadas para sua cabeça; e outra coisa era fazer isso com os novatos, principalmente com os recém-chegados que nunca estiveram em uma simulação de verdade antes.

Tom não conseguia nem mesmo dizer a ele que não havia perigo real.

– Primeiro, preciso que você se acalme. Você consegue fazer isso?

– S-sim.

– Respire por um minuto. Vamos.

Zane sentou-se no chão e fez o que Tom pediu. Aparentemente isso o fez parar de tremer quando Tom assumiu o controle.

– Vamos precisar chegar à... – Tom parou ao perceber que os novatos não tinham

o arsenal destravado em seus processadores. Eles não sabiam nada a respeito disso.

- À Arena de Exercícios.
- P-por quê?
- Zane, sou superior a você e estou no comando. Eu tenho um motivo. Isso basta.
- Sim, senhor.
- Aqueles soldados não vão nos machucar, então trate de tirar isso da sua cabeça.
- Sim, senhor.
- Mas não queremos que eles nos peguem. Vamos ter que derrubar aquele cara no corredor e não podemos nos arriscar no elevador. Vamos pelas escadas – ele examinou Zane superficialmente, perguntando-se se deveria usá-lo ou não. Ele tinha esse instinto protetor, já que o menino era seu novato e realmente muito pequeno... mas Tom sabia que isso não era real. Não era como se ele pudesse correr o risco de deixar o menino morrer.

- Ouça – Tom sussurrou para ele –, você é muito pequeno.
- Mesmo assim eu posso ajudá-lo!
- Não estou dizendo que você é tão pequeno que não deve participar. Estou dizendo que você é pequeno, e podemos usar isso em benefício próprio. Eu era um anão antes de entrar na Agulha e existem muitas vantagens, certo? As pessoas olham para você e veem um alvo fácil. Elas não se sentem ameaçadas, você está me entendendo? Então ninguém vai se colocar de guarda se você aparecer para alguém. Está começando a compreender aonde quero chegar?

O TENENTE RAPERT IMEDIATAMENTE ergueu sua arma ao avistar Zane. O menino levantou as mãos e disse com uma voz trêmula:

- Não atire! Por favor, não atire! Eu não sei o que está acontecendo. Estou tão assustado! Para onde foi todo mundo?

Rapert o examinou, e Tom, de onde estava escondido, na curva do corredor, pôde praticamente sentir o momento em que Rapert decidiu que a pequena criança não constituía uma ameaça.

- Tem mais alguém com você? – ele quis saber.
- No final do corredor – Zane resmungou.

Rapert parecia perplexo.

- Tudo bem, vá na frente.

Tom pressionou as costas contra a parede enquanto Zane conduzia o soldado até ele e, em seguida, o atacou e o capturou, envolvendo o pescoço do rapaz com seu fio neural. Rapert deu um grito de choque e ergueu a arma, mas Tom bateu com força a lateral da cabeça de Rapert contra a parede, e Zane arrancou a arma da mão dele.

Rapert aguentava uma briga, mas Tom deu um coice na parte de trás do joelho do homem, fazendo-o dobrar a perna. Tom jogou todo seu peso sobre ele, derrubando-o

de bruços. Ele arriscou dar um golpe na nuca do homem, e, para sua satisfação, isso atordoou Rapert com tanto efeito quanto Tom havia ficado atordoado no dia em que Blackburn usou o movimento nele. Ele plantou os joelhos nas costas do rapaz e fez força, ao mesmo tempo que apertava o fio, puxando-o com toda a força até seu bíceps arder, tentando fazer com que todo seu peso ficasse pendurado no fio.

Logo a luta se acabou, e Rapert caiu desmaiado.

Tom cambaleou em pé e começou a tirar o uniforme do homem. Mesmo que isso não burlasse os conspiradores simulados, isso lhe daria alguns segundos antes que comessem a atirar, e ele poderia se aproveitar disso. Ele analisou a arma que Zane havia pego. Este costumava ser o ponto em uma simulação em que ele atirava na cabeça do rapaz só para garantir que ele estava mesmo morto, e que não voltaria para incomodá-los ainda mais...

Mas Zane não percebeu que esta era uma simulação e Tom não podia contar a ele caso os dados de Mezilo estivessem fluindo de um deles. Atirar no soldado inconsciente só convenceria Zane de que ele estava sozinho com um maníaco sanguinário.

– Vamos – Tom disse com um suspiro. – Vamos amarrá-lo.

Eles o amarraram a uma cama na sala de treinamento com seus fios neurais, fecharam a porta e correram em direção aos degraus.

Zane era como um campo minado humano. Tom o mantinha um lance e meio de degraus à sua frente o tempo todo. Ele notou quando alguém estava vindo ao ouvi-lo gritar para Zane levantar as mãos para o alto. Zane seguiu as instruções e sua voz emitiu um som estridente.

– Não atire! Eu não entendo o que está acontecendo. Por favor, estou assustado.

Então surgiu a voz do suboficial Dinesh Perkins.

– Tem alguém com você?

Zane conduziu Perkins pelo corredor na mira de Tom, que estava esperando por ele. Ele bateu a coronha de sua arma sobre a cabeça do soldado, foi até o chão com ele e o golpeou repetidas vezes. Tom roubou a arma dele e a guardou em sua cinta.

O terceiro militar, soldado Brady Kuik, não caiu na trama e ordenou Zane a descer os degraus à sua frente, com a arma ainda na mira dele. Tom teve que ser criativo.

Ele os seguiu o mais diligentemente possível, pisando apenas quando eles pisavam, com os olhos no corrimão da escadaria, sabendo que ele teria que escolher a hora certa com perfeição. Ele abaixou as armas nos degraus, pois ele ainda estava rejeitando a possibilidade de atirar em alguém na frente de Zane e também não queria que o soldado pusesse as mãos neles.

– ...encontrei uma criança na escadaria. Estou descendo com ela até onde estão as outras – Kuik disse em seu comutador. – Ele disse que tem outro no terceiro andar.

Os ouvidos de Tom perceberam o arrasto de botas nos degraus, um par mais leve

e outro mais pesado. Então quando o par pesado estava nos degraus bem debaixo dele, Tom desceu sobre o corrimão contorcendo-se no ar, com as mãos segurando nos degraus e girando-se na direção do perplexo soldado, e uma investida de suas botas tiraram a arma das mãos do soldado Kuik.

Tom soltou o corrimão e aterrissou em um ângulo desajeitado sobre os degraus. Uma fração de segundo de pavor o informou que ele estava prestes a cair da escada, então agarrou o soldado e se certificou de que cairia com ele. Eles se moveram rápida e violentamente, degrau a degrau, enquanto Tom acelerava a percepção do tempo de seu processador neural para lhe dar espaço de processar os cálculos. Girar quarenta graus à esquerda para garantir que Kuik suportasse o impacto do próximo golpe... trinta graus à direita para rachar a cabeça dele contra o próximo degrau de concreto...

Eles aterrissaram no pé da escadaria e Tom reinicializou sua percepção do tempo para o padrão. Ele se levantou mais rápido do que Kuik e bateu fortemente com a palma no rosto do homem, deslocando a cartilagem do nariz dele até o cérebro com um ruído brutal. Escorreu sangue das narinas dele.

Tom ouviu os rápidos passos de Zane descendo os degraus atrás deles e apressadamente virou a cabeça do rapaz de frente para a parede, assim a criança não perceberia que ele estava morto.

– Deu certo – ele estava ofegante enquanto apontava para os degraus. – Vá. Pegue as armas.

Zane foi buscar as armas dele. Tom retirou as balas da terceira arma, colocou-as no bolso e jogou a arma de lado. Ele guardou uma de volta em sua cinta e continuou com outra na mão.

Por sorte ele continuou com uma na mão, pois uma voz vinda de baixo o assustou.

– Vocês dois, parados! – uma mulher gritou.

Tom notou de canto de olho o brilho de uma arma e agiu com reflexo, erguendo sua arma com mais rapidez e puxando o gatilho. O tiro ecoou pela escadaria, esparramando a cabeça da segunda-tenente Mary Jo Hildebrand pela parede. Zane começou a gritar. Tom o agarrou e o chacoalhou.

– Acalme-se! Cale a boca e se acalme!

– Você a matou! – a voz de Zane saiu muito alta, quase como um grito. – Você acabou de matá-la!

– Ela tinha uma arma. E iria usá-la.

– Ela não iria atirar em nós. Ela não poderia! E não iria! Ela se sentou na nossa mesa com a gente. Ela era legal – ele foi às lágrimas de forma histérica.

Tom xingou mentalmente Mezilo e seus planejadores por programarem um cenário onde todos os soldados que eles já conheciam eram os inimigos. Isso teria sido mais fácil se eles fossem desconhecidos. Ele prendeu a respiração e a soltou.

– Às vezes existem algumas coisas que temos que fazer, Zane. Me desculpe, mas você me entenderá mais tarde. Olhe, nós vamos até o arsenal, pegamos algumas camuflagens ópticas e nada disso importará.

Zane fungou, enxugando o nariz que escorria com a manga da camisa.

– O q-que você v-vai f-fazer depois?

– Vou ajudar os outros cadetes. É tudo o que quero fazer.

E era. Tom queria matar todos os soldados simulados e parar esse teste o quanto antes. Era assim que ele os ajudaria.

Zane ficou traumatizado depois disso, então Tom o pegou pela nuca enquanto caminhavam pela escadaria, de cabeça baixa para que ninguém notasse imediatamente seu rosto, e usou Zane para enganar o primeiro soldado amotinado que ele viu, o soldado Calik Edelman.

– Encontrei este na escadaria.

Os soldados voltaram sua atenção para Zane, então Tom passou rapidamente pelo grupo principal antes que alguém olhasse duas vezes para seu rosto. Quando os soldados perceberam quem ele era, Tom correu num ritmo rápido em direção à Arena de Exercícios. Depois ele pegou o soldado mais próximo, o sargento Taylor Freiss, e apontou sua arma para a cabeça dele.

– Fiquem onde estão – ele ordenou aos soldados que avançavam.

Tom nunca tinha feito alguém refém antes, só tinha visto isso nos filmes, então estava um pouco desajeitado nos primeiros passos arrastando um adulto atrás dele, mas logo pegou o jeito e quase conseguiu arrastá-lo até o outro lado da Arena de Exercícios.

Quando chegou perto o suficiente de se lançar com rapidez ao arsenal, ele prosseguiu e atirou na cabeça de Taylor, lançando-o até o soldado mais próximo antes que algum tiro pudesse acertá-lo na sequência. Uma chuva de balas faiscou ao seu redor quando ele bateu a porta após entrar no arsenal.

– Não tem nada aí, Raines! – gritou do outro lado da porta uma voz que Tom reconheceu imediatamente. Era a voz do tenente Blackburn. – Essas armas não estão carregadas!

Tom quase caiu na risada. O verdadeiro Blackburn já teria percebido que ele tinha acesso a algo mais poderoso do que qualquer arma: ele tinha exotrajês.

Tom subiu até a plataforma que guardava os exotrajês e se conectou diretamente em um dos exoesqueletos de aço e alumínio. A armadura contraiu-se ao redor de seus membros, aumentando sua força em quarenta e duas vezes a média da força de um ser humano, e Tom já sabia que tinha vencido. Ele vestiu correndo um colete de armadura, um traje de camuflagem óptica e apanhou um par de grampos centrífugos e esmurrou o teto do arsenal para fugir. Antes que os soldados assustados pudessem atirar no ar efêmero onde ele surgiu, Tom tomou outro enorme impulso e se agarrou

ao teto com os grampos centrífugos.

Tom sabia que a camuflagem óptica era fácil de localizar somente quando ele estava em deslocamento e quase impossível de ser detectada quando ele ficava completamente parado. No teto, as luzes brilharam para baixo, fazendo os soldados piscarem, incapazes de distinguir o vislumbre revelador da camuflagem óptica sobre eles. Tom deslocou-se com muito cuidado, movendo-se levemente pelo teto, e eles não tiveram a oportunidade de avistá-lo até que ele tirasse a arma escondida por sua camuflagem – e naquela altura ele estava atirando com a precisão computadorizada, uma bala por alvo, direto na cabeça. Primeiro derrubou o falso Blackburn, pensando na possibilidade de o programa ter um soldado equipado com processador neural na Agulha para se adaptar ao cenário e se conectar a um exotraje. Tom não queria uma luta justa.

Todos os soldados desceram para dar cobertura, e suas rajadas de retribuição arrancaram pedaços do teto onde Tom estava, mas ele já tinha se impulsionado com uma investida dos poderosos braços do exotraje e se agarrado à parede mais próxima, e o estrondo do tiroteio se sobrepôs ao tinido de seus grampos sendo fincados. Os soldados não o viram mais até ele atirar em outro deles, e, quando eles começaram a explodir o local onde Tom estivera, ele estava outra vez no teto.

Tom acelerou sua percepção de tempo para que pudesse pensar mais rápido do que eles. Com o exotraje, seu corpo poderia, na verdade, reagir também com mais rapidez do que qualquer um deles.

E então, um por um, ele os matou e se deslocou, depois matou mais e se deslocou, tão paciente quanto qualquer atirador, sempre usando o brilho de suas luzes suspensas contra os soldados, ou às vezes até atirando no chão para levantar poeira no ar e prejudicar a visão deles. Não havia local na arena para os soldados procurarem abrigo e eles não conseguiam atingir a velocidade de Tom. Com a percepção do tempo destorcida, os soldados pareciam tão lentos para ele que era como se estivessem andando em areia movediça.

Às vezes, ele impulsionava para baixo até o chão, bem no meio deles, e matava o soldado mais próximo com um giro de braço que esmagava o crânio, fazendo com que os soldados ao redor entrassem em uma atividade frenética e tentassem atirar no espaço onde estavam suas impressões digitais sem acertarem um ao outro. Naquela altura, Tom estava sempre longe. A camuflagem óptica não era infalível, mas era um disfarce suficiente para que o atraso no disparo, todas as vezes que eles precisavam localizá-lo, se transformasse na condenação deles. Somente uma bala perdida atingiu Tom e afundou em sua armadura.

Como uma aranha em sua própria teia, Tom se movia entre o ataque letal e a tranquilidade mortal, sem nunca atacar até ter certeza de que mataria. Quando ficava sem balas, ele se movia pelo chão e roubava uma nova arma. Os soldados eram

fisicamente incapazes de se mover com tanta rapidez a ponto de contê-lo.

Um número cada vez maior de soldados se aglomerava na arena, evitando os corpos caídos de seus colegas. Eles se abrigavam atrás de obstáculos na arena. Mas não adiantava. Tom conseguia alcançar qualquer ponto da arena com alguns saltos e era capaz de pular entre os três andares sem esforço. Três deles se abrigaram atrás de uma enorme parede de escalada, então Tom teve que se lançar e utilizar suas pernas com exotrijes, derrubando a placa de duas toneladas em cima deles.

Na sequência, os soldados atiraram para cima, estourando a maioria das luzes para que pudessem enxergar sem o brilho. Tom reagiu destruindo as luzes remanescentes. Com uma repentina escuridão, seu processador neural reagiu instantaneamente dilatando suas pupilas o máximo possível. Os soldados precisavam de tempo para se adaptarem e não tinham óculos de visão noturna. Os únicos *flashes* de luzes vieram dos tiros, e apenas Tom conseguia enxergar onde estava atirando.

Desesperados, eles tentaram usar Zane, seu comprovado auxiliar de conspiração.

– Desista ou mataremos ele!

Tom atirou-se no chão ao lado do soldado que agarrava o novato e quebrou seu pescoço com uma leve pancada da mão com o exotrije. Ele ergueu Zane e lançou-se para a frente com um grande salto até o abrigo do arsenal, e as balas tiniram impotentemente no espaço que ele havia acabado de ocupar.

Assim que os dois estavam na parte de dentro em segurança, Tom arrancou a cabeça de seu traje de camuflagem óptica para que Zane pudesse vê-lo.

– Fique bem aqui no arsenal e não saia.

Zane olhou ao redor com os olhos arregalados e em pânico.

– Eu não posso ficar aqui!

– Está tudo bem. Apenas espere.

– Isso é uma violação à regra. Os novatos não podem vir aqui.

– Como você sabe sobre o arsenal? – Tom quis saber.

– Não sei. Eu não sabia até agora, mas meu processador está me dizendo que é proibido. Ele diz que os novatos não podem vir aqui. Eu não posso ficar aqui! Estou violando as regras!

– Esse é o tipo de situação de emergência, não acha? – Tom insistiu, ouvindo movimentação do lado de fora. – Não é hora de se preocupar com regras.

– Eu tenho que ir. Tenho que sair daqui – ele se lançou na direção da porta.

Tom agarrou a túnica dele pela parte de trás e o puxou de volta.

– Você não pode! Eles vão atirar em você. Fique aqui, seu idiotinha!

Zane olhou para ele com uma expressão tensa e desesperada como se fosse um animal aprisionado. Ele torceu o agarrão de Tom, balançando a cabeça, e Tom sentiu uma sensação estranha, rastejante sobre sua pele por alguma razão. Havia algo errado, algo anormal na histeria da criança.

Finalmente, ele começou a rir com o absurdo da situação.

– Zane, se você sair, vai levar um tiro. Você quer morrer? A escolha é sua – e com isso, o soltou.

Ele pensou que atingiria seu objetivo, mas, evidentemente, não atingiu, porque Zane saiu em disparada pela porta antes que Tom pudesse agarrá-lo novamente. Tiros foram ouvidos, uma rajada de balas acabando com a vida dele.

Completamente perplexo, Tom ergueu o capuz de sua camuflagem óptica e saltou na mesma hora do teto do arsenal para matar o resto.

O NÚMERO DECRESCENTE DE soldados protegendo os cadetes no refeitório os tinha convencido de que algo mais importante estava acontecendo, algo imprevisível, e que era hora de agir. Quando os soldados tentaram trancar a arena, enchendo o local com gás lacrimogênio, Tom já tinha saído furtivamente com eles, e uma nova carnificina teve início no refeitório.

Ele não percebeu que outros cadetes tinham conquistado sua liberdade até que vários deles brotaram da escadaria com as armas em punho e o enfrentaram. Tom apressadamente arrancou o capuz de sua camuflagem óptica. Suas articulações estavam doendo de tanto saltar com o exotraje. Ele se sentia animado, energizado. Então, viu Vik, Wyatt e Yuri entre eles e abriu um sorriso.

– Ei, pessoal! Todos já estão mortos aqui. Vamos, vistam seus exotrajés e vamos varrer os andares superiores em busca do resto deles!

Mas todos eles apenas olharam fixamente para ele. Os olhos de Wyatt estavam arregalados, e Vik continuou balançando a cabeça, como se tentasse esclarecer. Yuri, perplexo, piscou entre os corpos e Tom.

– O quê? – Tom disse, lançando um olhar ao redor do massacre e percebendo. – Ah. Os mortos. Certo. Isso parece... ahn...

Todos pareciam ter ficado sem palavras. Ocorreu a Tom de repente que *eles* pensavam que tudo era real, que, até onde dizia respeito a eles, *ele* pensava que isso era real. Mesmo depois que a simulação estava encerrada, eles tinham ido embora pensando que ele era capaz de sistematicamente matar... Seu processador calculou o número de mortos rapidamente. Sessenta e três pessoas.

– U-uau – Tom balbuciou. – Eu só pensei em como isso deveria terminar, mas, confiem em mim, não sou nenhum psicopata.

Ninguém disse nada.

– Certo, certo – Tom pensou em uma desculpa melhor, gesticulando para os corpos empilhados perto dele. – Legítima defesa?

A SIMULAÇÃO TERMINOU MINUTOS depois, antes mesmo de o último soldado inimigo ter sido neutralizado. Os olhos de Tom abriram na sala de treinamento e ele ouviu os gritos de choque e surpresa quando todos acordaram. Ele se sentou com certa fragilidade, observando as pessoas ao seu redor analisarem freneticamente umas às outras,

olhando em volta para verificar em que sala estavam, e até Karl obviamente não estivera na mesma simulação falsa, pois ele estava apenas ali sentado, com a mandíbula relaxada.

– Isso foi uma simulação – Vik respirou.

– A mensagem de erro era falsa. É claro – Wyatt exclamou, levando a mão até a testa. – Por que não *pensei* nisso? O cenário não fazia sentido!

Em seguida a sargento Dana Erskine entrou na sala, fazendo muitos deles pularem, confusos, tanto por verem um dos sargentos instrutores que tinha passado semanas gritando com eles na Arena de Exercícios quanto um dos rebeldes mortos de volta à vida.

– Como todos vocês provavelmente descobriram – ela disse –, as experiências que acabaram de ter foram parte de uma simulação. Um teste de ética.

Tom viu os outros cadetes trocando olhares confusos, e os murmúrios de “Teste?” ecoaram de pessoa para pessoa.

Wyatt parecia pálida e rígida onde estava sentada, com os olhos escuros e arregalados.

– O que deveríamos ter feito para passar, senhora?

– Não estou familiarizada com a simulação, então não posso dizer, cadete – Erskine respondeu. – Na verdade, todos vocês estão proibidos, sob ordens do general Mezilo, de discutir sobre a simulação a menos que sejam questionados diretamente por funcionários de testes autorizados.

Tom a analisou clinicamente, imaginando se Frayne e Mezilo não queriam que os soldados baseados na Agulha percebessem que a matança deles era uma parte de se provarem “éticos”.

– Alguns de vocês serão chamados diante do general Mezilo para responder perguntas a respeito de sua conduta durante o teste. Se os funcionários que supervisionaram o teste tiverem outras perguntas, vocês poderão ser solicitados a passar pelo dispositivo de varredura, assim suas memórias completas do exercício podem ser examinadas.

Tom não tinha nem mesmo considerado isso. Se eles olhassem para todas as suas memórias, teriam-no visto interagindo com o sistema. Ele olhou para Wyatt instintivamente, já imaginando como poderia fazer com que ela alterasse suas memórias sem, de fato, explicar a razão disso, e a encontrou já olhando em sua direção, com as sobrancelhas juntas e um franzir de testa por algo que a incomodava.

Pela primeira vez desde que ela tivera o ataque de raiva com Tom, Wyatt falou com ele de iniciativa própria. Ela se inclinou na direção dele e perguntou baixinho:

– Como você sabia que era uma simulação, Tom?

A pergunta o pegou desprevenido. Ele levou um instante até responder.

– Eu não sabia.

– Você tinha que saber – Vik sussurrou de seu outro lado. – É por isso que você matou todas aquelas pessoas.

– Eu realmente não sabia – Tom protestou.

– Você não precisa mentir. Somos nós – Wyatt disse com a voz baixa.

– Não estou mentindo – Tom mentiu.

Vik conteve uma risada.

– Sim, você está. Você jamais teria massacrado todas aquelas pessoas.

– Elas não estavam ameaçando você diretamente – Wyatt disse a Tom. – Nós não tínhamos nem começado a formar um plano ainda e você já estava matando pessoas em todas as direções.

– Wyatt, deixa disso – Tom falou, olhando ao redor bastante ciente das outras pessoas que estavam ali na sala. – Você pode parar de perguntar sobre isso? Talvez você não me conheça tão bem quanto pensa.

Isso a silenciou. Seus amigos olharam espantados.

– Talvez eu não conheça – Wyatt disse abruptamente, desviando o olhar dele.

Por alguma razão que Tom não conseguiu detectar, aquilo doeu.

QUANDO TODOS DISPERSARAM, TOM parou na sala de simulação de Zane e encontrou a criança sentada sozinha em sua cama. Ele se viu recordando-se de seu amigo, Stephen Beamer, após uma incursão durante a simulação da Guerra de Troia. Ele havia ficado traumatizado ao morrer naquela simulação pela forma tão real que tinha parecido.

A inquietação o afetou. Tom subiu na cama ao lado da dele.

– Tive um amigo que estava em uma simulação que deu errado uma vez – Tom contou a ele. – Éramos novatos e os receptores de dor estavam em sua carga máxima, e ele foi estripado, e depois eu o decapitei, para o próprio bem dele, sabe. Mas a sensação era de que tinha sido real. Isso realmente o angustiou. E me angustiou também. Então, você está bem?

– Estou bem.

– Zane, por que você correu do arsenal daquele jeito? Eu te disse que eles iriam atirar em você. Você basicamente cometeu suicídio.

– Não sei por que fiz isso. Eu não queria.

Tom olhou para o teto. Ele não queria constrangê-lo muito quando fizesse esta pergunta:

– Ouça, você estava assustado?

Zane não respondeu.

– Se você estava assustado, tudo bem, pode dizer. Eu ficaria mais preocupado se achasse que você é suicida. Todos ficamos assustados e você não tinha feito nenhuma simulação ainda, então não estava acostumado com tiroteio ou violência. Eu já fiz milhares de simulações e essa me desconcertou também, já que não sabíamos que era falsa. Só preciso que você seja sincero.

– Não sei por que fiz isso – Zane disse curto e grosso. – Eu só... eu tinha que fazer. Eu estava violando uma regra e me senti... – ele ergueu as mãos e as manteve próximas da cabeça vagamente. – É isso que acontece quando eu faço algo contra as regras agora. Ou mesmo quando penso nisso. Começa a doer. Como se algo estivesse esmagando meu crânio.

Tom olhou categoricamente para ele, com o sangue gelando. *Não.*

– Eu tive que fazer isso – Zane insistiu. – Não tive escolha. Eu sabia que era um erro.

Não, não, não, Tom pensou, pois sabia do que se tratava. Dalton Prestwick tinha o reprogramado quando Tom era um novato e ele também não fora capaz de

desobedecê-lo. Toda vez que tentava, sentia como se sua cabeça estivesse sendo esmagada. E ele não tinha notado isso na segunda vez que ocorreu, quando Yuri estava sendo utilizado por Vengerov, obrigado por Joseph Vengerov a permanecer na Agulha e espionar para ele. Tom não tinha ligado os pontos, mas desta vez ele entendeu. Era um clássico algoritmo condicionador operante do estilo da Obsidian Corp.

Tom rangeu os dentes.

– Você se lembra se alguém fez algo com o seu processador? Por exemplo, você saiu da Agulha e se encontrou com alguma pessoa que não trabalha aqui e que talvez tenha enviado um programa a você?

– Não. Eu não saí nenhuma vez da Agulha.

– Certo. Talvez você nem se lembre – Tom remexeu o cabelo dele com uma mão, refletindo a respeito. – Tenho uma ideia. Deixe-me tentar uma coisa. Zane: você tem que obedecer as minhas ordens, você sabe disso, certo?

Zane piscou.

– Sim.

– Você violaria as regras se eu lhe desse uma ordem e você me desobedecesse. Compreendido?

– Eu sei disso, senhor.

Tom acenou com a cabeça, observando-o atentamente.

– Ordeno que você vá até o andar do comandante.

O andar do comandante era restrito. Seu acesso era proibido para cadetes. Havia regras quanto a isso. Os olhos de Zane arregalaram-se.

– Eu não posso. Não posso. Fazer isso é...

– Violar as regras? – Tom disse, observando-o. – Sim. Ou você viola as regras me desobedecendo ou você viola as regras indo até o andar do comandante.

Os olhos de Zane ficaram arregalados e chocados. Ele levou as mãos à cabeça.

Tom o agarrou pelo braço, apertando seu bíceps pele e osso.

– Você sente isso? – a voz dele soou cruel para seus próprios ouvidos. – Machuca?

– Sim!

– Certo, cancele essa ordem. Não vá ao andar do comandante.

O rosto de Zane foi puro alívio, e sua mão caiu de volta ao lado do corpo. A ira de Tom se transformou em fúria. Então esse era o tratamento dos novatos sob o comando de Mezilo. Aparentemente, o controle absoluto sendo exercido nos cadetes na vida diária seria estendido durante todo o tempo até os computadores dentro de seu crânio.

NAQUELA NOITE, TOM ARMOU um grande show ao fingir que havia se surpreendido com a presença de Frayne na Agulha após ela chamá-lo ao escritório do general Mezilo. A

agente da ASN aparentou indiferença por sua demonstração de choque ao vê-la ali.

– General Mezilo, posso tomar a rédea? – Frayne perguntou a ele.

Mezilo sentou-se em sua poltrona e acenou com a cabeça para que ela questionasse Tom. Ela o atacou.

– Estou na Agulha Pentagonal por um motivo, senhor Raines. Como você sabe, me envolvi em várias investigações relacionadas à Agulha Pentagonal – a situação do seu pai, o desaparecimento de Heather Akron, a deserção de Elliot Ramirez –, então eu estava ansiosa pela oportunidade de ver o local pessoalmente. Enquanto estive aqui, decidi supervisionar a aplicação do teste de ética de hoje.

– Ah, então era *você*? – Tom disse, fingindo estar surpreso. – Ótimo. Espero que perceba, se algum dia houver uma emergência de verdade no meio de uma simulação, que ninguém vai levar isso a sério novamente.

Frayne trocou um olhar com Mezilo.

– Eu tenho consciência desse risco. É por isso que só conseguimos aplicar esse teste de ética uma vez. Infelizmente, a simulação terminou de forma muito rápida para avaliarmos qualquer um dos recrutas; qualquer um além de você.

– Caramba, me desculpem mesmo por aquilo – Tom disse com uma sinceridade falsa. – Não foi minha intenção de jeito nenhum.

– Pelo menos temos esta oportunidade para discutir o seu desempenho.

Sua voz expressou um toque de aspereza que deixou Tom pouco à vontade. O olhar dele ficou mudando entre Frayne e Mezilo.

– O quê, não me diga que fracassei. Eu sei que matei sessenta e três pessoas, mas... – ele parou. Isso não foi particularmente ético, ele sabia, mas estava muito certo de que a definição de ética deles não combinava com a sua. – Eu fui ético quanto a isso, não fui?

Frayne olhou fixamente para ele.

– Você passou, senhor Raines. Esse é o problema. Não apenas você passou como passou com perfeição.

– Não estou enxergando qual o problema nisso.

– O problema é que a sua reação ao cenário não se encaixou em nenhum dos perfis psicológicos que construímos para você. Acho muito improvável que possa reagir de forma tão imediata e agressiva a uma ameaça daquela natureza.

– Lamento que a senhora pense assim.

– O que eu mais quero é me assegurar, senhor Raines, de que ninguém o avisou de antemão que enfrentaria um teste ético – ela tirou um dispositivo metálico familiar de seu bolso: um detector de mentiras. – Coloque isso.

Tom olhou fixamente para o objeto por um instante, sentindo um frio na barriga.

– Coloque-o, Raines – Mezilo ordenou.

Ao perceber que não tinha escolha, Tom o conectou em sua porta de acesso

neural. Ele observou Frayne abrir a tela de seu tablet; cada movimento era preciso e exato.

Eles passaram pelas mesmas etapas de antes, em que Tom disse seu nome, respondeu uma verdade e respondeu uma pergunta planejada para que ele mentisse. Desta vez, Frayne perguntou a ele sobre vários sites de seu histórico da internet, alguns constrangedores que ele não queria admitir ter visitado na frente de uma mulher e com o general Mezilo observando. Seu rosto parecia estar pegando fogo de tão quente.

Frayne flexionou seus magros dedos à sua frente.

– Alguém lhe contou, antes do teste de ética, que você estaria em uma simulação?

– Não – respondeu Tom.

– Alguém lhe informou durante a simulação que você estava sendo testado?

– Não – Ninguém tinha lhe informado, pelo menos não diretamente. Ele descobriu isso sozinho ao bisbilhotar Frayne.

Bem, isso depois de ouvir aquele sussurro. Alguém na simulação tinha dito isso? Tom ficou quebrando a cabeça, mas ainda assim não conseguiu entender. Talvez ele *tivesse* imaginado isso.

Ela se inclinou mais próximo dele.

– Você acessou ilegalmente os computadores antes do teste e descobriu que estaria naquela simulação?

Tom olhou para ela no fundo de seus olhos.

– Não acessei.

Frayne buscou uma mentira na tela que não estava sendo materializada. Suas próximas perguntas, do mesmo modo, deram negativo. Não, Tom não tinha sido avisado da possibilidade de um teste de ética por nenhum dos soldados. Sim, Tom havia matado os soldados rebeldes na simulação simplesmente por obrigação para com seu país – e com isso foi fácil concordar, pois Tom considerava salvar os outros recrutas de investigação desnecessária como um verdadeiro serviço ao seu país. Em cada uma das perguntas Frayne focou nas condições externas, na possibilidade de que outra pessoa tivesse alertado Tom sobre o cenário. Ela nunca chegou a se questionar se ele tinha descoberto tudo sozinho.

Enfim, Frayne teve que aceitar.

– Estou satisfeita com as respostas dele, general.

– Muito bom, Raines – Mezilo disse com um aceno de cabeça. – Vejo que o elogio de Joseph Vengerov a seu respeito não era infundado.

– Obrigado, senhor, senhora – Tom disse, com as mãos fechadas em punho ao lado do corpo. Ele arrancou o detector de mentiras e o devolveu a Frayne.

Ela o analisou.

– Eu ainda preciso de uma confirmação com o dispositivo de varredura. Sobre as

memórias dele do cenário.

Tom sentiu outro frio na barriga.

– Você terá sua confirmação – Mezilo garantiu a ela.

Tom sentou-se em sua cadeira, a cabeça a mil com tantas possibilidades, enquanto Mezilo acompanhou Frayne para fora da sala. Após ela sair, ele voltou à outra poltrona e refletiu sobre Tom.

– Eu não acho que você tenha trapaceado. Você lidou com aquele cenário exatamente da maneira que eu esperava que meus recrutas lidassem. O mundo está mudando, Raines, e preciso saber com quem posso contar por aqui.

Tom foi de encontro ao olhar dele. Ele o desprezava.

– Pode contar comigo, senhor.

– Você também me impressionou com o tratamento que teve em relação aos novatos.

Tom sentiu uma centelha de uma ideia. Mezilo estava obviamente sendo muito cortês com ele. Esta era sua grande oportunidade.

– O senhor me concede permissão de falar francamente? – ele colocou muita ênfase na forma de se dirigir ao general, sabendo que tinha que bancar o respeitoso para conseguir o que queria. Mezilo reagiria severamente a qualquer indício de insolência por parte de Tom.

Mezilo deu um firme aceno de cabeça.

– Permissão concedida.

– Senhor, os novatos são boas crianças. Mas eu tenho uma dúvida quanto a programação deles. São todos muito minúsculos. Eles ainda não tiveram seus aumentos de crescimento. Isso sempre acontece nas primeiras semanas na Agulha. Eu tinha um metro e cinquenta e sete quando cheguei aqui e, uma semana depois, eu estava dezoito centímetros mais alto, certo? Mas, por alguma razão, isso não está acontecendo com eles. Ah, e outra coisa – ele se inclinou para a frente. – General, acho que há um algoritmo condicionante operando em pelo menos um dos novatos. Algo a ver com obediência às regras. Isso vai ser um problema. Um dos meus recrutas simplesmente não conseguiu funcionar ao reagir às demandas da simulação, e acho que esses algoritmos são as razões para tal comportamento.

– Compreendo – disse Mezilo.

Ele estava sendo provocativamente evasivo.

– Senhor, entendo a importância das regras, mas acho que eles podem ser ensinados a segui-las sem ter que obedecê-las a todo custo. O senhor obterá um desempenho melhor por parte dos novatos se eles tiverem mais liberdade de ação, principalmente se houver uma situação de emergência como aquela na vida real.

Mezilo balançou a cabeça.

– Eu não posso simplesmente gesticular e pedir aos técnicos que sobrescrevam

aqueles algoritmos, Raines. Eles estão gravados nos novos processadores neurais.

Tom ficou de queixo caído.

– Novos processadores neurais?

Mezilo olhou para ele com severidade.

– Senhor – Tom acrescentou tardiamente.

– Não estamos anunciando isso, senhor Raines. Quero que você mantenha em sigilo, mas, sim, os novatos dos quais você está cuidando possuem uma nova tecnologia na cabeça: os processadores da série Austera da Obsidian Corp. Eles nos pouparam uma grande quantia de dinheiro, pois a Obsidian Corp. ofereceu o *hardware* e a manutenção de graça se participássemos de um teste beta do produto. Os seus novatos são as primeiras cobaias. Após a Obsidian Corp. completar um estudo de caso com eles, expandirá o grupo de testes aos soldados adultos.

Tom estava atônito.

– Mas os adultos não conseguem...

– Eles não conseguem lidar com o *seu* processador, senhor Raines. Você possui o modelo antigo, da série Vigilante. Eles forçam o cérebro a se adaptar a eles, e o cérebro adulto não consegue se adaptar. Os processadores da série Austera, como aqueles dos novatos, não possuem todas as funções dos processadores neurais como o de vocês, mas, assim que estiverem preparados para a população em geral, isso não será um problema.

– A população em geral? – Tom deixou escapar. Sob o olhar de Mezilo, ele disse: – Senhor?

– Para onde você pensava que esta tecnologia estava caminhando? – Mezilo virou-se em sua poltrona e olhou na direção da porta, com satisfação brilhando no olhar. – Veja bem aqueles novatos. Eles são pioneiros de um audaz novo capítulo na história humana. Assim que a Obsidian Corp. tiver testado os processadores da série Austera e aperfeiçoado um vetor de transferência menos invasivo do que a cirurgia cerebral, bem... então entraremos em uma nova era da história humana. O crime, a desobediência e a desordem serão erradicados para sempre. Imagine o que alcançaremos assim que todos na Terra tiverem que viver sob as mesmas regras.

– As leis.

– As leis, Raines. Todos seguirão as leis. Todos terão que seguir.

Com exceção das pessoas que as programarem.

Tom não conseguiu expressar uma só palavra. Ele estava pensando em Joseph Vengerov. Aqueles eram os processadores *dele*. Se eles chegassem até a população em geral...

A propósito, aquelas eram as leis *dele*. Vengerov e os outros líderes da Coalizão pagaram um bom dinheiro para controlar os legisladores. Se ele tivesse algum dia meios de forçar as pessoas a obedecerem automaticamente qualquer coisa

codificada em uma lei, ele teria meios de controlar totalmente cada pessoa.

Mezilo interpretou erroneamente o olhar no rosto de Tom.

– É uma ideia impressionante, não acha? Como eu disse, o mundo está mudando. Algumas pessoas não vão gostar de saber para onde estamos rumando. Felizmente, existem pessoas com quem podemos contar para fazer isso acontecer – ele deu um tapinha ríspido no ombro de Tom. – E estou contente em saber que você está entre elas.

Tom pensou que teria chance de montar uma estratégia sobre a situação do dispositivo de varredura. Ele imaginou que conseguiria pensar em algo antes que Frayne fizesse uma breve visita para recolher suas memórias da simulação.

Mas não.

No dia seguinte, Tom estava no meio das aulas civis quando um toque surgiu em seu processador neural.

Dirija-se ao escritório de Olívia Ossare imediatamente.

Foi estranho ser convocado para sair da aula assim, mas ele se levantou e seguiu até o escritório de Olívia Ossare conforme ordenado.

Mas não era a assistente social da Agulha Pentagonal que o esperava do lado de fora. Era Irene Frayne. E dois fuzileiros navais armados.

– Senhor Raines – ela disse. – Obrigado por ter vindo. Podemos começar com a extração da sua memória. Vou conduzir o procedimento pessoalmente.

Tom lançou um olhar de incerteza através da porta de vidro do escritório de Olívia.

– A senhorita Ossare não está aqui – Frayne o informou. Os olhos dela detiveram os dele, e Tom sabia que Frayne deveria ter lido sobre a última vez que ele fora arrastado até o dispositivo de varredura contra sua vontade, sobre como havia corrido até Olívia Ossare em busca de ajuda. Frayne já estava deixando claro que ele não conseguiria se opor a isso nem detê-la.

Tom tentou se revestir de um olhar de indiferença impassível, com o pulso palpitando freneticamente.

– Você vai cooperar ou será à força, senhor Raines? Se for, vamos dar uma passada na enfermaria.

Tom riu baixinho e mexeu-se rapidamente.

– Não. Estou contente em cooperar. Vamos acabar logo com isso – sua cabeça estava a mil com as opções que tinha, e ele ainda não sabia bem o que fazer assim que entrassem no elevador. Não havia como fugir dessa. Ela veria a memória de Tom da simulação e então ele teria que lhe dar sérias explicações. Ele não tinha ilusões de que Frayne se manteria em silêncio sobre isso. Todos sabiam que um considerável número de pessoas na ASN atuavam paralelamente como empreiteiros para a Obsidian Corp.

E Tom sabia que não conseguiria combater o dispositivo de varredura. Ele sabia que isso não faria nada senão destruí-lo.

E lá estava ele.

Lá estava ele.

Todos os esforços em sigilo não serviram de nada. Ele imaginou que tipo de pesquisa fariam nele. Se ele se rendesse, então ainda poderia proteger Medusa. Se o pegassem, ele nunca mais seria capaz de mantê-la longe deles.

Eles passaram pela porta e entraram na escura Câmara de varredura.

Então, Tom viu alguém que jamais imaginou que ficaria tão emocionado em ver.

– Se você nos dá licença, soldado, este cadete e eu... – a voz de Frayne foi desaparecendo quando ela passou por Tom e também viu o homem. – Tenente Blackburn.

O grande homem olhou para cima de onde estava debruçado sobre um computador, com as cicatrizes lívidas contra a pele sob a luz tremeluzente.

– Senhorita Frayne, você está planejando usar o dispositivo de varredura? Vou te dar uma mão.

– Obrigada, tenente, mas não será necessário. Você está dispensado – ela deu um passo para o lado para que ele se retirasse.

Ele não se mexeu.

– Que besteira. Ficarei feliz em operá-lo para você.

Frayne piscou.

– Sou bastante proficiente nas operações desta tecnologia, sua assistência não será necessária.

Blackburn sorriu preguiçosamente, com os olhos tão sólidos quanto diamantes.

– Está tudo muito bem, mas eu insisto. Você pode não compreender, mas o dispositivo de varredura é um mecanismo muito destrutivo. Eu o uso nos recrutas – desculpe-me, nos cadetes –, ou ninguém o usa.

Enquanto ele falava, surgiu um texto no centro de visão de Tom, enviado a ele pela rede através da interface. *Tem algo a esconder?*

Tom enviou de volta: *SIM!*

Quais os segmentos de tempo?

Tom isolou o segmento de tempo de sua memória que precisava ser escondido de Frayne ao mesmo tempo que ela disse:

– A Lei de Comunidades de Segurança para o Futuro da América me dá autoridade legal sobre esses procedimentos, tenente. Estou autorizada a ordenar que se retire e você tem que me dar passagem e ceder o controle desta operação para mim.

Blackburn olhou quase entretido.

– Sério? Você está se referindo à cláusula quatro ponto cinco ponto um da Lei de Comunidades de Segurança?

Frayne piscou.

– É isso? Porque, se for, eu consultaria a cláusula dois ponto dois ponto três que diretamente contradiz e infelizmente suplanta essa daí.

Os lábios de Frayne ficaram pálidos.

– Não tenho conhecimento dessa cláusula.

Blackburn piscou várias vezes.

– Ora, você não *leu* a lei?

– Fui brifada por um colega.

Ele acenou com a cabeça.

– Ah, e esse membro dessa Agência Sem Noção *leu* a lei?

– É claro que não!

– É claro que não – Blackburn prolongou as palavras com certo prazer. – Como alguém poderia? São mais de três mil páginas e está tudo em legalês, em que uma única palavra muda a definição de tudo que a precedeu. Eu suspeito que as únicas pessoas que realmente leram essa lei mesmo que parcialmente sejam os empreiteiros da Obsidian Corp. que a redigiram para o senador Bertolini antes de ele ter patrocinado a legislação que poderia colocar seus constituintes na prisão perpétua por causa de uma minúcia. Seria necessário literalmente um esforço sobre-humano para se familiarizar de fato com essa lei, e também com as milhares de outras leis de defesa nacional que se relacionam a essa, então, não, eu não estou surpreso por seu total desconhecimento dela.

– Independentemente de eu tê-la lido ou não, a lei é a lei.

– Não, a lei é um emaranhado contraditório de regras criadas exclusivamente para que alguém possa ser ludibriado à vontade se não conseguir arcar com as despesas de uma equipe jurídica de alto nível. Garanto a você que consigo encontrar centenas de modos que você tenha utilizado para violar a lei, e até contradições para a maioria das cláusulas sobre as quais quiser tentar me testar. E isso me faz lembrar de aonde eu queria chegar: ao contrário de você, eu realmente *li* a lei – Blackburn bateu com os dedos na testa. – Tenho um cérebro sobre-humano, senhorita Frayne. Posso baixar e englobar em detalhe profundo todas as leis dos livros. Nunca tente usar o código legal como um martelo contra mim. Você vai perder e *eu vou* humilhá-la no processo, assim como fiz hoje.

Os lábios de Frayne pareciam reduzidos a uma linha fina e seus olhos lembravam adagas.

– Eu posso trazer uma ordem diretamente do presidente Milgram em até um dia.

– Talvez. Mas até essa feliz ordem vir de nosso comandante supremo, você não possui autoridade alguma aqui. Eu vou usar o dispositivo de varredura em Raines – Blackburn disse –, e cabe inteiramente a mim autorizar ou não a sua permanência na sala durante o processo, mas estou me sentindo generoso hoje. Você gostaria de observar a extração da memória, senhorita Frayne?

Frayne estava dura, com as bochechas pálidas. Ela acenou firmemente com a cabeça. Tom teve que desviar o olhar rapidamente para que ela não o visse segurando uma risada. Ela esperou enquanto Blackburn manipulava os controles, com seus finos ombros tensos de fúria.

Tom nunca pensou que isso seria possível, mas assim que ele caiu pesadamente na cadeira sob a garra metálica invertida do dispositivo de varredura, preparando-se para que Blackburn o usasse nele, ele não sentiu mais ansiedade. Sua apreensão tinha se dissipado. No lugar de ansiedade, ele sentiu um incrível alívio e espanto, admirando o golpe de sorte de Blackburn ter aparecido exatamente na hora certa de salvá-lo.

A remoção da memória começou e a luz projetada revestiu a tela com a memória de Tom se surpreendendo com a primeira simulação durante um tempo e depois a falsa, seguida de soldados surgindo aos montes e atacando Karl.

Quando chegou o momento do segmento de tempo que Tom tinha enviado pela rede para Blackburn, a memória perigosa de sua conexão ao sistema, Blackburn fez a tela ficar totalmente escura.

– Os seus olhos estavam fechados? – Blackburn perguntou, dando a deixa para ele.

Tom acenou com a cabeça.

– Sim.

– Os olhos dele estavam *fechados*? – Frayne perguntou incredulamente.

– Fechados – Tom confirmou. E a escuridão continuou por quase cinco minutos ininterruptos. Então Tom “abriu” os olhos outra vez, saiu da sala de simulação falsa e matou todos os soldados.

– Você estava cochilando? – ela perguntou acidamente.

– Não – Tom tentou soar inocente. – Nunca estive tão assustado na minha vida toda. Pensei que fosse real. Eu me escondi e fechei os olhos porque estava muito assustado, mas então percebi que ninguém viria me salvar. Eu tinha que salvar a mim mesmo. Foi quando saí e... você sabe, matei todas aquelas pessoas.

– E que belo trabalho você fez, meu jovem – Blackburn comentou, com a voz afável.

– Obrigado, senhor – foi uma das poucas vezes na vida de Tom em que ele não teve que se esforçar para dizer “senhor”.

FRAYNE DEVE TER FICADO MUITO irritada, pois não continuou para ver o resto. Ela se virou abruptamente e saiu da sala. Tom ficou sentado sob os raios de luz do dispositivo de varredura por mais alguns instantes, e Blackburn disse:

– Acho que é o suficiente – desligando a máquina.

Tom esgueirou um olhar de volta na direção dele.

– Posso conversar com você?

– Você já está conversando comigo.

– *Conversar com você* sério – Tom não sabia quando teria a chance de falar com Blackburn novamente.

Blackburn bateu no teclado de seu antebraço.

– Está seguro.

Tom pôs-se em pé com um pulo.

– General Mezilo me contou algo ontem. Tem um bando de novatos aqui que...

– Antes que você prossiga, eu sei.

– Você não sabe! – depois, Tom refletiu. – Você *sabe*?

– Acredite em mim, não há nada que você possa me contar agora que eu já não saiba – havia algo quase sinistro em seu rosto. – A Obsidian Corp. tem tentado introduzir os processadores da série Austera na Agulha Pentagonal há anos. Parece que eles finalmente foram bem-sucedidos. E em grande parte graças a você.

– Porque fiz Marsh ser despedido – Tom disse seriamente.

– Não, porque a destruição dos drones afugentou algumas pessoas muito importantes.

As implicações tenebrosas das palavras pairaram no ar entre eles. Tom olhou para a imagem congelada na tela do tenente Ricci Mankiw, cuja cabeça estava a caminho de ser explodida pela bala de Tom. Um grande gesto público de provocação direcionada à Coalizão, ao estado de segurança, e agora repentinamente seus governantes estavam demonstrando uma tecnologia neural que poderia controlar o livre-arbítrio de todos.

Um formigamento agourento foi descendo pela espinha de Tom. Ele compreendeu repentinamente por que Frayne e Mezilo tinham aplicado o teste de lealdade. Eles estavam instruindo os cadetes intrassolares, suas atuais armas humanas programáveis, para acabar com a resistência se alguém no exército se revoltasse contra a ideia de difusão dos processadores da série Austera.

– As pessoas mundo afora não vão simplesmente aceitar máquinas na cabeça delas – Tom disse, meio que para si mesmo. – Algumas vão, mas a maioria não. A maioria vai se recusar. E algumas vão resistir.

Blackburn escorou os cotovelos na mesa do computador diante dele e a meia-luz da câmara iluminava a sua bochecha cicatrizada, destacando seus traços semelhantes aos de um falcão.

– Tom, o público em geral só vai saber que está recebendo os processadores neurais quando for tarde demais. Há centenas de frascos de nanomáquinas trancados na enfermaria, prontos para serem dados aos novatos.

– Como assim, frascos de nanomáquinas?

– Os processadores da série Austera não são inseridos cirurgicamente através do crânio como os nossos – Blackburn disse, gesticulando para a própria cabeça. – A

única razão pela qual os novatos daqui ainda passam pela cirurgia cerebral é a instalação dos componentes básicos que lhes proporcionam acesso ao sistema da Agulha. O público não vai precisar disso. Essas pessoas só vão precisar de alguns bilhões de nanomáquinas se aglomerando em seu sistema, colonizando seu córtex cerebral, e estarão sob o controle da Coalizão. Dar essas nanomáquinas a eles é fácil. Da última vez que obtive informações, a Obsidian Corp. estava projetando para que elas fossem absorvidas através do trato digestivo diretamente na corrente sanguínea. Assim que elas penetrassem na barreira hematoencefálica, estaria por toda parte.

Tom sentiu um calafrio. Ele se recordou de quando Dalton o reprogramou. Era tão fácil manipular um processador neural. Assim que todos os tivessem, a Obsidian Corp. estaria no controle de todo o mundo. Algum operador central poderia alterar sociedades inteiras a seu gosto, passando por cima de seu livre-arbítrio e forçando sua obediência.

– Não posso deixar isso acontecer! – Tom explodiu.

– Como você planeja impedir isso, então? – Blackburn disse, soando aborrecido.

– Você planeja fazer algo dramático e público *outra vez* e trazer mais agentes da ASN para a Agulha?

– Isso não era só minha culpa.

Tom sabia que a morte de Heather tinha colaborado para interesse de Frayne na Agulha. Heather deveria ter se juntado à ASN e, em vez disso, ela desapareceu. Mas ele não poderia contar a Blackburn que sabia que ele tinha a matado.

– Foi... foi... deixa pra lá. Olhe, eu posso fazer outra coisa, algo diferente.

– Colocar mensagens em drones e causar alguns danos à propriedade não ajuda em nada. Não mesmo. Palavras e atitudes não têm poder se não forem apoiadas com pelo menos a *ameaça* da violência. Você planeja sair e matar alguns executivos da Coalizão? Assim você causará um impacto. Porque, se não, é melhor esquecer.

– Existem outras maneiras – Tom insistiu. – Por exemplo, se todo mundo descobrisse que a Coalizão está planejando isso. Daí eles iriam para a cadeia.

Blackburn riu.

– Esse “todo mundo” nebuloso não é dono do sistema legal, Raines. A Coalizão é. Eles nunca irão para a cadeia. Eles redigem as leis. Seus subordinados decidem a quem se aplica ou não a lei.

– Um vazamento então – Tom sugeriu, pensando em todas as aulas de história que tinha baixado desde sua vinda à Agulha. – Espalhe todas as informações on-line. Faça as pessoas protestarem nas ruas. Sem violência. Isso funcionará.

– Ah, ação pacífica efetiva – Blackburn comentou em tom zombador. – Ao lado do direito divino dos reis, é o meu mito favorito. Veja só Gandhi: ele queria o Império britânico fora da Índia, mas sabe o que aconteceu? Muitas pessoas *violentas*

também queriam, e elas tiveram atitudes *violentas* enquanto Gandhi estava ocupado não reagindo aos insultos. Bhagat Singh fez tanto quanto Gandhi, se não mais, para expulsar os britânicos da Índia, mas ele não combina com a narrativa pública, tanto que tenho certeza absoluta de que você nunca ouviu falar dele.

Tom nunca tinha ouvido mesmo, mas ele não estava pronto a admitir.

– Certo, então existiam pessoas violentas também, mas isso não muda o que Gandhi fez.

– Isso muda tudo – Blackburn exclamou. – Os britânicos tinham acabado de combater na Segunda Guerra Mundial. Eles estavam exaustos. Não queriam lutar com mais pessoas *violentas* para ter o controle da Índia, por isso deixaram o país. *É claro* que eles preferiram lidar com Gandhi, o homem da paz, a dialogar com aquelas pessoas amedrontadoras que continuaram tentando matá-los, e por isso Gandhi recebeu o crédito público. Sejam realistas, Gandhi serve como a perfeita autoridade simbólica para essa ideia mítica de que você deve aceitar passivamente a violência de seus líderes para que seu sacrifício inspire outros a mudarem suas maneiras. É incrivelmente conveniente para os governantes de qualquer lugar quando as pessoas compram essa ideia. Isso assegura que as pessoas nunca reagirão quando forem atingidas. Para cada personalidade pacífica bem-sucedida como Martin Luther King, existe também um Malcolm X dando a ele o poder de que necessita para transmitir sua ideia.

– Então você está certo e todo mundo está errado – Tom disse. – Deveríamos matar uns aos outros o tempo todo. Talvez as eleições presidenciais podem ser um duelo até a morte também. Melhor deixar a votação para lá.

– Raines, a não violência como uma força independente tem lugar em certas circunstâncias. Eu não estou dizendo que não tem. Quando os Estados Unidos eram uma república de verdade, quando as pessoas comuns tinham o poder de mudar as políticas do governo através do voto, sim, a não violência era importante para conquistar a simpatia do público.

– Nós ainda somos uma república.

– Não, nós vivemos em uma oligarquia centralizada em que votamos entre candidatos pré-selecionados pela Coalizão, em máquinas de votação programadas pela Obsidian Corp. Dizer que os eleitores têm uma escolha agora é como eu me oferecer a atirar em você ou destruí-lo: você morre de uma forma ou de outra, e eu não posso dar uma opção de escolha para tal. Posso dizer que você está tomando uma decisão quando escolhe tomar um tiro, mas não é uma decisão verdadeira. Você não decide se vai morrer. Os eleitores não têm mais uma escolha sobre quem os governa. De um jeito ou de outro, será um candidato financiado e controlado pela Coalizão.

Com um sobressalto, Tom percebeu que Blackburn estava desenvolvendo o

mesmo argumento que Neil pensara um dia quando Tom era criança... só que de uma maneira levemente menos grosseira, menos embriagada.

– É por isso que conquistar a simpatia do público com a não violência é absolutamente inexpressivo. O público não tem poder.

O coração de Tom recuperou o ritmo. Ele sabia que Blackburn tinha obstruído a vigilância da sala em que estavam, mas ele não conseguia deixar o nervosismo enquanto sussurrava a coisa mais perigosa de todas.

– Então tem que ser uma revolução violenta. É isso que você está dizendo. Você acha que essa é a única forma de parar os processadores da série Austera.

Blackburn bufou.

– Isso é ridículo. Claro que não.

– Mas você disse que...

– Mesmo que uma revolução difundida pudesse acontecer no estado de vigilância e segurança atual, e eu não estou convencido de que poderia, as revoluções matam civis, policiais, soldados inocentes e pessoas como Frayne. Essas pessoas apenas cumprem seu papel e sustentam a família.

Tom ergueu as mãos.

– Então onde está a lógica disso tudo? Você acha que nada funcionaria!

Blackburn inclinou-se para trás com o olhar distante.

– Pelo contrário, existe apenas um pequeno número de pessoas com poder real neste mundo, Raines. Esqueça Irene Frayne, ela é uma empregada que segue ordens e está muito longe do topo da cadeia. Não, os verdadeiros tomadores de decisões somam alguns milhares no máximo, e, se você investigar o dinheiro de alguma grande injustiça, descobrirá exatamente quem são eles. Se houvesse uma revolução como você está sugerindo, os indivíduos que disputam o poder, as pessoas que são o verdadeiro problema, simplesmente viajariam para longe até a violência cessar. É por isso que a única forma de agir efetivamente contra eles é sutil e silenciosamente, envolvendo o *menor* número de pessoas possível ou até mesmo agindo sozinho.

– Certo, então é isso que eu farei... de alguma forma. Estou pronto para tentar *algo* – Tom declarou.

A irritação ficou nítida no rosto de Blackburn. Ele parecia incomodado consigo mesmo só por ter discutido sobre isso por tanto tempo.

– Pelo amor de Deus, Raines. Eu disse “sutil e silenciosamente”. Você acabou de matar sessenta e três soldados em um teste de lealdade. Você tem feito inimigos neste lugar desde os seus catorze anos. Você é quase tão sutil e silencioso quanto uma explosão termonuclear. Qualquer atitude que *você* tomar provavelmente vai tornar as coisas ainda piores.

– Como eu poderia tornar esta situação ainda pior? – Tom exclamou. – Já estamos nos rebaixando a uma escravidão mundial.

– Se há uma coisa que aprendi ao longo dos últimos anos é que até uma situação aparentemente tranquila pode rapidamente explodir quando *você* é incluído nela – Blackburn pegou Tom pela nuca e o conduziu até a porta. – Pare de interferir nisso, pare de fazer perguntas e saia da minha frente. Você só tem uma coisa a fazer: aproveitar seus dezesseis anos.

TODOS OS INTERMEDIÁRIOS FORAM convidados a conhecer os executivos da Coalizão, mas só os superiores participaram de cerimônias não abertas a todos. Eles foram levados para as assembleias particulares que os executivos realizaram para renovar seus laços empresariais uns com os outros.

No ano passado, ninguém teria esperado que Tom recebesse um convite para a assembleia de Milton Manor. Afinal de contas, ele foi o novato que tinha inundado o Beringer Club e depois o intermediário que tinha se indisposto com todas as cinco empresas que patrocinavam os combatentes no mesmo dia das apresentações dos membros.

Mas usar o vírus em Medusa para Joseph Vengerov tinha o colocado nas boas graças daquela oligarquia em particular, e aparentemente a notícia sobre o desempenho de Tom no teste de ética tinha se espalhado. Não havia muitos cadetes em quem se podia confiar para arrojadamente matar extremistas antigovernistas. Em uma era que mudava para um modelo exército-de-um-homem-só-contra-grande-número-de-civis, a sociopatia aparente de Tom era um grande ponto a seu favor.

Todos estavam bem vestidos e receberam pontos múltiplos de acesso remoto caso precisassem de conserto. A conduta deles era muito importante; a pior coisa que poderia acontecer seria ter problemas de software ou hardware enquanto visitavam os executivos.

– Isso é tão incrível – Wyatt exclamou, deitando de bruços com o nariz pressionado no chão de vidro com vista para a efusiva corrente de água branca que espirrava sobre o precipício a menos de três metros abaixo dela.

Era meio da manhã em Yosemite Valley. Havia um aguaceiro disseminado nas nuvens da semana anterior para garantir um fluxo decente de rio abaixo da mansão para a festa, mas Tom estava com problemas para se concentrar nas Vernal Falls. Ele se viu contemplando as pernas de Wyatt. A saia dela estava puxada, expondo sua comprida extensão enquanto ela chutava o ar à toa, com os saltos altos pendurados pelos dedos do pé e o nariz pressionado contra o chão de vidro.

Esta é Wyatt, Tom lembrou a si mesmo. *Esta é Wyatt, esta é Wyatt...*

– A vista é impressionante – Yuri disse agradavelmente, acomodando-se ao lado dela. Ele não tinha sido convidado, viera como seu acompanhante. Tom teve sorte de Yuri estar admirado com a cachoeira e não ter percebido que ele estava cobiçando Wyatt.

Nas duas vezes em que Tom estivera em Yosemite antes, ele ficara furioso com a

grandiosa distância da montanha rochosa e das árvores imponentes, pois era tão grandiosa, e tinha sido escondida do público. Tudo isso um dia fora um parque. Agora era o quintal dos fundos de Sigurdur Vitol.

– Você sabe como esta vista poderia ser melhor? – Tom perguntou. – Se esta casa não estivesse aqui e nós pudéssemos ver apenas a cachoeira como era antes de Sigurdur se apoderar dela...

Wyatt franziu a testa para ele.

– Você vai ser banido outra vez se falar desse jeito.

– Vou calar a boca – Tom enfiou as mãos nos bolsos do terno e lançou um olhar indolente na direção de onde estava a maioria das pessoas na festa. Seu olhar encontrou o insensível e odioso olhar do investidor bancário careca Hank Bloombury, que estava de pé debaixo de um quadro com a foto de Sigurdur Vitol cumprimentando o presidente Milgram. Hank era um executivo da Matchett-Reddy e no ano anterior Tom o tinha perseguido com um drone e o colocado na cadeia. Ele também tinha merecido. Tom abriu um sorriso para ele e sentiu certo prazer ao ver o ódio que fazia Hank contrair o rosto.

Tom tinha aprendido a ser mais cuidadoso. Mas, às vezes, não valia a pena o esforço.

Ele viu os vários executivos acenando com a cabeça como magistrados imperiais enquanto os ávidos aspirantes a ComCams puxavam o saco deles, tentando fazer com que se recordassem de seu rosto, de seu nome. Vik estava entre eles. Assim como a futura namorada de Tom, Iman Attar.

A certa altura da festa, sentaram-se juntos no Interstício. Iman estava animada com a festa e ficou perguntando coisas do tipo:

– Como era seu antigo colégio?

– Sei lá. Eu não ia muito.

– Oh.

– Sem crise. Era só um negócio de reformatório on-line.

– Você tem uma banda favorita? – ela tentou.

– Não.

O silêncio se fez entre eles.

– Você praticava algum esporte?

– Esportes de RV?

– Não, esportes de verdade – ela indicou com os dedos. – Eu joguei lacrosse e hóquei no gelo e gostava de praticar caiaque, mas não consegui treinar muito.

Tom olhou fixamente para ela notando pela primeira vez como ele e seus amigos eram anormais se comparados à maioria dos adolescentes.

– Eu só pratico esportes de RV mesmo.

– Então videogames são realmente o seu único *hobby*.

– Praticamente.

– Você só faz isso?

– Bem, eu fazia. Mas depois perdi meus dedos e parei de fazer isso também.

O silêncio não se desfez desta vez.

Ele a deixou se afastar e tagarelar em outro lugar. Ela aparentava estar se divertindo, rindo e conversando com Alana Lawrence, da Epicenter Manufacturing. A esperança de Tom era que elas não entrassem no assunto de com quem ela tinha vindo e como ele havia sugerido que alguém deveria destruir os executivos aproveitadores de prisão da Epicenter no ano anterior.

Tom levou um susto quando um dos mordomos surgiu da multidão e bateu em seu ombro.

– Senhor Raines, estão o esperando na recepção inferior. Queira por gentileza descer até lá.

Tom seguiu as instruções dele. Ele passou por uma fila de pretores no caminho. As máquinas que o haviam ameaçado na Obsidian Corp. ainda faziam algo dentro dele se contorcer de ansiedade, mas agora elas eram, de alguma forma, menos temerárias do que haviam sido na Antártida, quando tinham quase o matado, principalmente porque hoje elas estavam operando em sua função secundária: como esplêndidos cabideiros.

No pé da escadaria, Tom se viu dentro de uma ampla sala de jogos e descobriu qual CEO o tinha convocado. Em pé ao lado de uma mesa de sinuca, pensativamente observando a dispersão, estava Joseph Vengerov.

– Ah, senhor Raines. Que bom vê-lo.

Tom não via o oligarca russo desde sua promoção, quando ele tinha lhe mostrado a prova do vírus que usou em Medusa em um dos restaurantes de Vengerov. O homem virou-se na direção dele, com os traços lisos e polidos como uma pedra, o cabelo loiro claro e os olhos com um intenso e opaco tom de azul. Tudo nele demonstrava um perfeito autocontrole. Ninguém, além de Tom, Blackburn e Medusa, sabia que havia um processador neural em seu crânio.

– Não estamos felizes em ver o senhor Raines? – Vengerov perguntou.

Outro homem surgiu de um bar próximo, e Tom sentiu uma onda de repugnância quando Dalton Prestwick deu um sorriso maroto e perambulou com uma bebida, o cabelo com gel e vestindo um terno jovial.

– Que bom vê-lo, camarada – Dalton disse. – Eu estava pensando em levar a sua mãe para Aruba para passar a véspera de Ano-Novo. Vou dizer a ela que você está se saindo bem.

Os dentes de Tom rangeram.

– Maravilha – não havia nada tão enfurecedor quanto uma pessoa que ele odiava ter sempre o trunfo supremo de dormir com a sua mãe.

– Você deve estar se perguntando por que eu o chamei aqui embaixo – Vengerov disse.

– Não foi só para dizer olá? – Tom disse. Ele observou Vengerov se inclinar e empurrar três bolas listradas nas caçapas, o que teria sido muito mais impressionante se ele não soubesse que o homem tinha um computador fazendo isso para ele.

Após lançar um longo e lento olhar na direção de Dalton, Vengerov descuidadamente fez sua próxima tentativa – e errou de propósito. Ele endireitou o corpo quando Dalton se deslocou até a mesa, dando-lhe uma chance de se dirigir novamente a Tom.

– A Obsidian Corp. está planejando entrar na arena pública. Vamos finalmente começar uma produção em massa de um produto de consumo.

– Que produto? – Tom quis saber, bancando o inocente.

– Uma nova marca de processador neural. Uma para o homem comum. Você próprio já deparou com esse novo processador. Você tem orientado meu grupo de teste beta na Agulha Pentagonal.

Ele tentou aparentar surpresa.

– Meus novatos têm novos processadores?

– Sim. Eles têm – Vengerov virou a cabeça na direção de Tom como um predador alerta. – Que estranho você fingir estar *surpreso* ao ouvir isso sendo que eu sei muito bem que você já tem ciência dos processadores pelo general Mezilo.

Pego desprevenido, Tom ficou em silêncio por um instante. Ele estava tão acostumado a mentir que fazia isso automaticamente.

– Eu estava apenas protegendo o general – ele disse rapidamente. – Eu imaginei... imaginei... eu pensei que ele não deveria ter me contado sobre isso e odiaria deixá-lo encrencado.

Vengerov pareceu aceitar sua resposta.

– É muito atencioso da sua parte. Mas nunca mais volte a mentir para mim.

– Juro que não voltarei – Tom mentiu.

– Aprecio muito a sua lealdade. De verdade – ele olhou para Dalton, agora de pé com uma expressão amarga, o taco de bilhar na mão. – Eu gostaria de ter isso ao meu lado.

Tom ficou confuso.

– Não compreendo...

– Thomas Raines – Vengerov disse. – Eu gostaria de formalmente me oferecer para patrociná-lo como um combatente. Você voará em nome da Obsidian Corporation?

A oferta pegou Tom totalmente desprevenido. A Obsidian Corp. nunca patrocinou combatentes. Pelo menos nunca tinham patrocinado no passado. E ninguém recebeu uma oferta de patrocínio tão cedo na Companhia Superior. Tom mal havia sido

treinado.

– Naturalmente – Vengerov disse –, você precisaria realizar outros serviços para a empresa, assim como todos os combatentes. Em nosso caso, não envolveria publicidade ou comerciais.

Tom recuperou sua capacidade de discursar.

– O que você quer que eu faça?

– Algo muito similar ao que foi testado em sua simulação de lealdade – ele bateu com os dedos em seu taco de bilhar. – Sabe, nós esperamos resistência de alguns grupos assim que os processadores da série Austera se tornarem públicos. Indivíduos úteis como você poderiam ser um trunfo maior. Eu espero conhecê-lo melhor.

Tom sentiu um aperto no coração. Útil. Vengerov ficaria dolorosamente desiludido se ele algum dia testasse Tom.

– Sinto que já temos um relacionamento em andamento – Vengerov disse. – Isso deveria ser um passo à frente pela trilha que já estamos seguindo.

Tom sabia que tinha que ser cuidadoso aqui. Tentou pensar em como recusar sem ser de imediato.

– Eu tenho que... Eu preciso...

– Pensar a respeito? – Dalton disse com uma risada. – Você tem sorte de alguém estar pensando em você!

Os olhos de Vengerov moveram-se na direção dele calmamente.

– Dalton, espere do lado de fora.

Dalton obedeceu, fechando a porta ao sair.

Vengerov pesou o taco em sua mão.

– Perdoe a interrupção, senhor Raines. Eu sei que vocês dois não têm uma relação muito amistosa.

– Essa é uma das formas de se referir à nossa relação.

– Dalton Prestwick me enxerga como a escada que ele subirá para atingir a notoriedade, e talvez eu seja mesmo. O ponto fraco dele é a incapacidade de encobrir seu ardente desejo de usar qualquer um que possa ser útil a ele.

Tom teria nomeado muitas outras coisas como ponto fraco de Dalton Prestwick.

– No entanto, talvez isso seja para o bem dele a longo prazo. Defeitos e vícios são exatamente o que você precisará cultivar se quiser acrescentar algo a este mundo, senhor Raines – os olhos pálidos de Vengerov estavam fixos nos de Tom. – Se você busca grandeza, então vai necessitar da proteção de alguém como eu, e eu só apoio homens e mulheres extremamente imperfeitos. Eles sempre se lembram do que devem aos seus protetores, e, se não se recordarem, podem ser lembrados prontamente.

Ele não fez esforço para esconder de Tom a facilidade com que derrubou as bolas

remanescentes nas caçapas laterais. Tom se viu pensando em todos os políticos que tinha ouvido falar ao longo dos anos presos por serem depravados ou pedófilos, ladrões ou criminosos. Pessoas imperfeitas. Ele supôs que esses vícios que o faziam tão imperfeito também facilitavam as coisas para homens como Vengerov controlarem, destruírem se preciso fosse.

Afinal de contas, um verdadeiro e irrepreensível líder seria muito forte para destruir.

– Então se você está sugerindo me patrocinar, qual é o meu ponto fraco? – Tom ficou imaginando.

Vengerov se levantou.

– Você mira mais alto do que pode alcançar, embora não pareça compreender isso. Você não mira mais alto do que *eu* posso alcançar. E você também não parece compreender isso.

– Sou bem mais alto do que aparento – Tom disse, interpretando-o mal intencionalmente.

O olhar de Vengerov deslizou até o dele como o de um réptil que não pisca.

– Mas não mais brilhante, ou você já teria aceitado. Você pode se retirar agora e refletir a respeito dessa oferta.

A sensação foi a de ser dispensado por um imperador... um que tinha acabado de chamá-lo de estúpido. Tom irritou-se interiormente, mas ele manteve o rosto cuidadosamente neutro enquanto saía pela porta. Ele era brilhante o suficiente para não demonstrar como estava se sentindo naquele momento.

ELE ENCONTROU VIK E Wyatt descansando ao lado do grande piano em um canto, perto do espaço do chão de vidro. Yuri estava tocando uma melodia que o processador neural de Tom identificou como *Sonata ao Luar*. Tom poderia tê-la tocado também. A música tinha sido implantada em todos os processadores neurais na primeira instalação; às vezes quando os processadores funcionavam mal, eles eram instruídos a cantar com os lábios fechados ou a bater com os dedos nas teclas da canção para testar se tudo estava em ordem novamente.

Tom puxou a gola de sua camisa, sentindo como se estivesse quase sendo estrangulado, e girou para analisar a massa de executivos em seus melhores trajes. Se Vengerov estava querendo oferecer um patrocínio a ele, Tom ainda tinha um jeito de sair disso sem insultar: ele poderia receber contraofertas.

E isso significava fofocar.

Isso seria desagradável.

Naquele momento, Tom ouviu um sussurro vago.

Olhe ao redor da sala.

Ele pulou e rodopiou, imaginando quem tinha dito aquilo. Ele não viu ninguém por perto e seus olhos divagaram pela multidão de executivos. Uma comichão de

intranquilidade subiu por sua espinha. Ele não tinha imaginado isso desta vez. Estava certo de que tinha ouvido alguém! Um instante depois, um lampejo de luz sobre o metal brilhou do lado de fora da janela.

O olhar de Tom se fixou no que parecia ser uma máquina deslizando silenciosamente sob a ofuscante luz solar – uma geringonça triangular fina que o processador neural de Tom identificou como um dos drones de ataque Corday-93 do DSN. Eles eram menores do que pastas, inócuos à primeira vista, mas absolutamente mortais.

– Olhe – Tom disse para Vik, agarrando-o pelo braço e apontando para o drone.

Vik seguiu o olhar dele quando o Corday-93 planou silenciosamente do lado de fora da janela, circulando ao redor na direção da outra ponta da sala de recepção onde o grande volume dos festeiros estava.

Outro *flash* de metal brilhou com a luz solar, depois outro, e Tom sentiu uma onda de apreensão quando os três Corday-93 convergiram. Ele seguiu na direção da sala, olhando para fora, observando-os se deslocarem para a formação.

Ele estava com um mau pressentimento a respeito disso.

Então o primeiro Corday-93 abriu fogo.

Os cadetes entraram em ação antes de qualquer um dos executivos, com anos de simulações de treinamento os tendo preparado para reagir em uma fração de segundo a uma nova ameaça. Tom mergulhou no chão, Wyatt, Vik e Yuri se atiraram atrás do grande piano, quando a enorme parede de janelas da sala de recepção estilhaçou.

Os Corday-93 se elevaram em meio a chuva de vidro estilhaçado e Tom ergueu a cabeça, lançou um olhar imediato na direção dos pretores – sensores enterrados embaixo dos pesados casacos. Os drones de ataque explodiram os três guardas mecanizados em pedaços antes que algum pudesse ser ativado.

Gritos cortaram o ar e Tom atentou mais para a vista surreal de homens e mulheres vestidos elegantemente que se aglomeravam como animais frenéticos em qualquer direção que pudessem escapar enquanto a tríade de drones se mobilizava em posição no alto.

– Ah, não – Tom ouviu Vik murmurar.

E então a luz se estendeu dos três Cordays-93 – lasers de grande precisão tão cegamente brilhantes que Tom teve que erguer a mão para proteger os olhos. Ele perdeu o momento em que Hank Bloombury foi triturado, mas olhou para cima a tempo de ver Gordon Rivkin, um executivo da Nobridis, cortado ao meio. Mais luzes brancas surgiram de repente, com *flashes* ofuscantes, e Tom reconheceu Alana Lawrence, da Epicenter, caindo morta no chão. Em seguida, o próprio Sigurdur Vitol estava gritando aterrorizado, saindo correndo do meio da multidão e entrando na área com chão de vidro onde Tom e seus amigos estavam.

Tom sabia que tinha que acabar com isso antes de matarem alguém importante

para ele. Ele bateu o bolso em busca de seu ponto de acesso remoto e o conectou em sua nuca, com a intenção de interagir, descobrindo um caminho até os drones e tomando controle deles – mas Vik o agarrou de repente, levando-o até um canto.

Sigurdur Vitol passou apressado por eles sobre o chão de vidro com dois Cordays-93 o atacando, e seus pés deslizaram sobre a vidraça que dava vista para as efusivas correntes de água abaixo.

Por um instante, Tom encontrou os olhos azuis tomados de pânico de um dos magnatas mais poderosos da mídia no mundo – o filho do CEO que tinha comprado as cinco principais empresas de mídia, cujos jornais e sites da família tinham propagado ao público muito antes de a Coalizão assumir total controle do mundo.

Os Cordays-93 atiraram na direção do chão, estilhaçando o vidro sob seus pés.

Uma chuva de vidro estilhaçou, fazendo Sigurdur Vitol cair na tempestuosa água sob eles. A efusiva corrente d'água varreu os destroços de Milton Manor na direção da beira do penhasco. Tom viu de relance o cabelo loiro do homem e seus braços sacudindo antes de ele ser levado até a beira da cachoeira e mergulhar até a morte nas pedras a dezenas de metros abaixo.

Tom atentou para Yuri chutando um dos braços que disparavam no pretor mais próximo. Ele entendeu o plano e segurou o braço enquanto Yuri arrancava a arma. Wyatt estava mexendo freneticamente na fiação, tentando ela própria acionar e usar o objeto como uma arma. Ela disparou, enviando um *flash* de luz convergindo no mais próximo drone de ataque. O Corday-93 seguinte atirou diretamente das mãos dela. Eles recuaram, temerosos de que seriam os próximos, mas os drones os ignoraram. Eles ignoraram todos os cadetes. Mais armas surgiram de repente, sempre tendo os executivos como alvos.

Naquele momento, Joseph Vengerov surgiu da escadaria abaixo deles. Os dois drones de ataque remanescentes mudaram de trajeto. Tom sentiu o sangue ferver em sua cabeça, certo de que estava prestes a ver Vengerov ser morto.

Porém os Cordays-93 apenas o rodearam, sem atirar, e Vengerov os inspecionou friamente, com a cabeça levemente erguida.

– Você não consegue me matar – ele desafiou baixinho o operador dos drones.

Ele devia saber o que estava falando, pois os dois Cordays-93 remanescentes fugiram na direção da luz solar, deixando para trás uma chuva de vidro, os corpos de nove executivos da Coalizão e os restos mortais quentes e soltando faíscas dos pretores.

Como todos na sala estavam em completo estado de choque – os cadetes por terem ficado totalmente intactos com o ataque e os executivos por verem os mais importantes de seu grupo serem assassinados diante de seus olhos –, Joseph Vengerov foi à frente, contemplando com uma estranha fascinação as sobras do drone, que continuaram se debatendo e rodopiando no chão.

Como uma cobra surpreendente, a mão dele se lançou e agarrou o Corday-93 caído. O gesto traiu os reflexos de um cérebro assistido por computador, mas Vengerov parecia ter se esquecido de si próprio. Ele observou enquanto a máquina sacudiu em seus braços e então, com rápida eficiência, ele puxou alguns fios e a matou de vez.

De canto de olho, Tom viu Dalton Prestwick espiando de uma porta que dava acesso à escadaria, sem ousar se aventurar por ali. Lyla Martin o avistou e gritou:

– Eles foram embora. Você pode sair, Capitão Coragem.

Dalton arrastou-se avidamente até o lado de Vengerov.

– Você foi extraordinário. Não teve medo delas.

Vengerov lançou um olhar hostil e impaciente para ele.

– Elas são as minhas máquinas. É claro que não as temo. Elas jamais seriam uma ameaça para mim – ele olhou para Tom com uma estranha expressão no rosto. Tom percebeu de repente que ainda estava com o ponto de acesso remoto em sua interface. Ele esticou o braço e o arrancou, tentando pensar em uma explicação para o que tinha planejado fazer – mas o olhar de Vengerov se perdeu como se ele não pensasse nada a respeito disso.

De repente, Dalton gritou, chamando a atenção de todos para ele. Ele apontou um dedo trêmulo para a parede no corredor, onde um dos drones tinha gravado uma mensagem diretamente no gesso.

O FANTASMA DA MÁQUINA

ESTÁ VIGIANDO

OS VIGIAS.

Um silêncio repugnante recaiu sobre Milton Manor, com seu chão de vidro estilhaçado, os executivos mortos e o sangue escorrendo das paredes atrás deles.

Tom sentiu as mãos frias e uma prolongada dor perfurou os seus olhos.

Enquanto Tom e seus amigos esperavam na turva luz da tarde sob o teto estilhaçado, uma multidão silenciosa se reuniu próximo ao chão de vidro despedaçado onde Sigurdur Vitol tinha mergulhado para a morte.

Todos ali concordaram que era uma maneira bem apropriada para Sigurdur partir. Ele amava o parque o suficiente para se apoderar dele e admirou as Vernal Falls o bastante para construir sua própria mansão que se estendia sobre elas. Parecia quase conveniente ele ter morrido ali.

A FESTA DE SIGURDUR Vitol não foi o único terreno da Coalizão atacado por drones perigosos. Na Índia, a torre do Epicenter Manufacturing foi atacada por um enxame de microdrones que se esconderam em suas paredes e depois na pele de executivos na parte interna, matando a CEO Pandita Rumpfa e vários outros.

Na cidade de Londres, os principais acionistas do Dominion Agra, a família Roache, experimentaram seu próprio ataque violento com drones. Outra importante vítima foi Boone Brabeck, o CEO da Harbinger Incorporated, controladora do fornecimento de água potável do mundo.

O fantasma da máquina tinha matado todos eles em questão de dez minutos.

Ao anoitecer, os drones Corday-93 envolvidos nos ataques foram aterrados e trazidos de volta ao fabricante, a Obsidian Corp. Depois de estudar o software, veio o assombroso anúncio: eles tinham sido comprometidos por um hacker desconhecido com um programa malicioso que os permitia serem controlados remotamente. Ninguém sabia quando o código poderia ter sido implantado nas máquinas. Era quase impossível sabotar tantos drones sem ser detectado, a menos que fosse feito de dentro de um servidor do governo – ou mesmo de dentro da Obsidian Corp. na época da produção.

Vários cadetes ignoraram o toque de recolher e se aglomeraram na cabana de Tom e Clint, uma vez que ambos eram testemunhas. As histórias de Clint sobre seu próprio heroísmo alcançaram proporções absurdas à medida que mais meninas enchiam as salas. Iman Attar veio e sentou-se ao lado de Tom, com o braço pressionado sobre o dele. Ela parecia ter se esquecido completamente da desagradável conversa que tiveram no caminho e continuou a questioná-lo sobre o drone que seus amigos tinham derrubado.

Tom tentou responder os questionamentos dela, mas ele continuava a pensar no outro fantasma, sentindo o choque permeá-lo. Ele só queria ter enviado uma mensagem com o fantasma da máquina. Queria ter desafiado Vengerov, desafiado o estado de vigilância, desafiado a Coalizão.

Alguém estava usando a imagem que ele tinha criado para enviar uma mensagem bem diferente agora.

E MAIS EXECUTIVOS MORRERAM.

O príncipe Hanreid Abhalleman, CEO da Nobridis, e seu CFO, Lee Welch, estavam em um avião suborbital quando a escotilha foi aberta, arrancando os dois para fora na direção do vácuo do espaço. No Oceano Pacífico, mísseis Fawkes

autoguiados foram espontaneamente lançados de uma transportadora norte-americana. Ninguém os tinha disparado; eles tinham se lançado sozinhos e o exército não foi capaz de rastreá-los. Ninguém sabia para onde eles estavam indo, isso até eles colidirem com o carro de Cote Carney, CEO da Lexicon Mobile, e com a casa de Ina Illarionova, CEO da Stronghold Energy.

Um deles chegou até a atingir o solitário iate de Reuben Lloyd. A ironia foi que o homem tinha levado seu iate para longe para ficar fora do alcance do radar até que o fantasma da máquina fosse apreendido. Sua morte realmente assustou os executivos, pois o fantasma tinha localizado o iate dele no meio do oceano. Todos possuíam iates próprios nos quais haviam planejado se refugiar se a situação com o fantasma ficasse extremamente perigosa. Agora eles tinham que mudar os planos.

E novamente aquela mensagem sinistra apareceu por toda a internet:

*O FANTASMA DA MÁQUINA
ESTÁ VIGIANDO
OS VIGIAS.*

A Obsidian Corp. foi forçada a fazer o *recall* de todos os mísseis Fawkes que tinham vendido ao longo dos últimos anos, mas no noticiário, mesmo nos corredores da Agulha, Tom começou a ouvir os questionamentos.

– O que há de errado com o hardware da Obsidian Corp.? Por que esse fantasma o está sabotando com tanta facilidade?

TOM FOI FICANDO MAIS paranoico com o aumento do número de mortes, com CEOs e executivos da alta classe morrendo em um ritmo rápido. Algumas vítimas do fantasma provaram ser altos figurões que tinham cuidadosamente mantido seu anonimato para todos, com exceção de seus políticos preferidos – até serem mortos.

Toda vez que as pessoas falavam sobre o fantasma da máquina, Tom sentia que estava sendo vigiado. Era difícil conseguir se concentrar em algo. Ele foi reprovado nas provas das aulas civis, o currículo padrão do segundo ano do Ensino Médio, pois ele estivera muito impaciente para se concentrar no material que tinha baixado na noite anterior.

Em desespero, tentou seguir o conselho de Blackburn para “fazer dezesseis anos”. Contribuiu também Mezilo ter afrouxado as restrições sobre os cadetes após o teste de lealdade. Tom finalmente saiu com Iman de verdade. E o que constatou mais tarde, o Museu do Holocausto não era um ótimo local para um primeiro encontro.

– Eu continuo pensando em todas aquelas crianças assassinadas – Iman Attar disse tristemente enquanto eles caminhavam do lado de fora, em uma rua exposta ao vento. – Aqueles sapatos das crianças do campo de concentração estão me assombrando. Elas eram tão pequeninas.

– Quer comer um hambúrguer ou alguma outra coisa? – Tom perguntou a ela.

– Não estou com muita fome depois do que vi, Tom.

Tom percebeu como tinha soado insensível. Dada sua reputação nova em folha como psicopata após a simulação de ética, ele sabia que precisava voltar atrás.

– Não me leve a mal – Tom comentou. – Não é como se eu tivesse visto o que aconteceu em Auschwitz e de repente tivesse ficado com fome. Eu já estava pensando nos hambúrgueres mais cedo, bem antes de termos vindo para cá.

Iman olhou fixamente para ele.

– Mas eu não estava, tipo, pensando em hambúrgueres o tempo todo que estávamos lá, é claro – Tom acrescentou rapidamente. – Eu estava pensando principalmente nas crianças assassinadas, assim como você estava. E nos adultos também. E em todos que morreram. Digo, acho que incluí todo mundo quando eu disse adultos e crianças, mas ainda assim... é horrível – ele tentou pensar em algo articulado para dizer e se decidiu por: – Eu acho o genocídio errado. Muito errado.

Iman franziu a testa.

– Ah, sim.

– Acabei de dizer uma coisa óbvia, né?

– Sim – ela disse dubiamente. – Só um pouquinho.

Tom parou de falar. Ele olhou diretamente para a frente, percebendo que aquilo não estava indo muito bem. Mais cedo naquele dia, ele estivera sentado à mesa com Wyatt, Vik e Yuri, divertindo-se em seu tempo livre ao ficarem juntos no refeitório mais uma vez, agora que Mezilo estava satisfeito com a disciplina dos cadetes e afrouxando algumas restrições.

Yuri sugeriu a Tom que passasse algum tempo com Iman no Pentagon City Mall, o que trouxe imagens terríveis à sua mente, como esperar enquanto Iman experimentava sapatos. Vik sugeriu usar o que ele chamava de “o fascinante artifício da sobancelha”, mexendo suas sobancelhas para ela uma de cada vez e então propondo uma noite no beliche de Iman. Tom não conseguia erguer uma sobancelha por vez, e além disso não queria tomar um soco, então isso estava fora de cogitação.

– Que tal o Museu do Holocausto? – Wyatt sugeriu. – Você deveria visitá-lo pelo menos uma vez.

Tom não tinha ido até lá ainda, então pensou que poderia ser uma ótima ideia. Além do mais, se ele levasse Iman para um museu, ela o acharia intelectualmente curioso.

Agora ele sabia que tinha avaliado mal. Se tivesse havido alguma chance de um clima romântico antes do Museu, ele estava definitivamente acabado.

Preocupados e quietos, eles caminharam do lado de fora por algum tempo, com o vento agitando os cabelos. Seus passos os levaram até o espelho d’água, o que foi bastante agradável a ponto de Tom ter tido esperança de que ela poderia se animar – e então eles chegaram até o final da piscina e subiram os degraus até o Lincoln Memorial. Ali, eles se viram contemplando a estátua de Abraham Lincoln em sua

cadeira.

Um Abraham Lincoln de aparência muito carrancuda, solene.

– Ele parece triste – Iman notou, sentindo muita tristeza.

– Ele tinha que ser presidente – Tom arriscou. – Ele venceu a guerra. E tinha que usar cartolas e tudo mais. É meio que legal.

– Ele foi assassinado, Tom.

– Sim, acho que essa parte não foi tão boa – Tom admitiu. Ele se contorceu por dentro, pensando nas outras pessoas que tinham sido assassinadas, sentindo-se impaciente outra vez, distraído. Isso não estava funcionando. Ele não conseguia parar de pensar no outro fantasma da máquina, de se preocupar com isso.

Desesperado, Tom acessou a coisa que Vik tinha enviado pela rede para ele. Um programa. Vik tinha lhe dado um sorriso astucioso antes de sair para a noite, dizendo-lhe:

– É para ser usado apenas em emergências, se você estiver nervoso ou constrangido, certo, doutor? Use-o uma vez e veja se ajuda. Se não ajudar, você pode usá-lo mais duas vezes contanto que seja com um intervalo de pelo menos vinte minutos, e é isso. Sucesso e boa sorte, meu amigo!

Tom estudou o enigmático programa colocado em seu processador, pronto para ser descompactado. Ele estava ardendo de curiosidade, mas muito hesitante. As sugestões de Vik eram, em geral, extremamente úteis ou desastrosas, nunca um meio-termo.

Dava a impressão de que esse encontro não poderia ficar pior do que já estava.

– Você conhece o meu amigo Vik? – Tom perguntou de repente a ela.

Quando ela acenou com a cabeça, ele inventou:

– Ele sabia que iríamos sair juntos pela primeira vez e por isso me enviou este programa. Ele não quis dizer sobre o que se trata, mas disse para usá-lo se algo estivesse dando errado ou sendo um fiasco.

As sobrancelhas dela se contraíram.

– Se você odeia tanto estar comigo, sinta-se livre para...

– Não! Não foi isso que eu quis dizer. Eu só... não lido bem ao conversar com meninas. Só falo coisas erradas. Eu sei disso. Hum, mas não quero dar a noite por encerrada. Poderia ser interessante.

As sobrancelhas dela arquearam.

– Que programa?

– Não sei – Tom respondeu. – Francamente, deve ser algo terrível e constrangedor.

– Me envie uma cópia. Vejamos.

Tom ativou sua rede de mensagens com um pensamento e encaminhou o programa para ela. Eles se acomodaram ao lado do espelho d'água, examinando o código

juntos.

– Sou péssima com programação – Iman confessou a ele. – Não faço ideia do que estou vendo aqui.

– Sim, eu também. É sério, eu escrevo o código e, de repente, me deparo com um *looping* contínuo.

– Oh, e você não odeia escrever o código inteiro e, de repente, ver a mensagem de inválido por causa de um ponto minúsculo perdido em algum lugar?

– Sim, e depois o Blackburn diz “Você conseguiria se tivesse tentado de verdade, Raines. Você não estuda”. Não, eu conseguiria isso se tivesse o cérebro de Wyatt Enslow, *daí* eu conseguiria.

– Você estuda? – ela perguntou.

Tom riu.

– Não. Nunca. E você?

– Para falar a verdade não. Mas descobri como fazer uma coisa. Derrubar o seu firewall.

Tom também descobriu, intrigado.

Havia um brilho brincalhão nos olhos dela. Ela deve ter ativado uma interface de pensamento, pois, de repente, as palavras piscaram diante de seu centro de visão: *Fluxo de dados recebido: programa Surpreendentemente Charmoso iniciado.*

– Ei, não é o programa de Vik! – Tom disse enquanto ela ria. Ele tentou ativar a sua própria interface de pensamento para devolver o vírus a ela, mas Iman fez cócegas nele, o que piorou a situação. Finalmente, ele conseguiu retaliar e pôr em ação o Surpreendentemente Charmoso nela, e então eles esperaram para ver o que o programa faria, rindo nervosamente.

E esperaram.

– Então, não acho que eu esteja sendo surpreendentemente charmoso ainda – disse Tom. – Estou?

Iman deu risadinhas e balançou a cabeça.

– E eu?

– Sim – Tom disse com um sorriso, mexendo no cabelo para tirá-lo da bochecha.

Iman bateu no braço dele.

– Mentiroso. Acho que você vai ter que contar para Vik que o programa dele é um fracasso – ela se pôs de pé com um salto e o puxou pelas mãos. Surpreso, Tom deixou que ela o conduzisse enquanto o vento fazia o cabelo dela dançar. – Ainda com fome? Vamos comer em algum lugar.

– Pensei que você não estivesse muito a fim de comer.

– Posso jantar em algum lugar por sua causa. É você quem está pagando, não é?

Ele riu.

– Isso é nobre e um ato de abnegação da sua parte. Obrigado, Iman.

Ela abriu um sorriso para ele, o que agradou Tom muito como se ele tivesse de fato dito algo surpreendentemente charmoso. Foi só quando eles estavam sentados um de frente para o outro em um restaurante de fast-food que ele percebeu que Iman estava achando divertido quase tudo o que ele dizia.

Talvez ele *tivesse* se tornado surpreendentemente charmoso de alguma forma. Ele não soava nada diferente para si mesmo, mas, de repente, ela aparentava estar muito mais confortável. Iman disse a ele que o programa a fazia dar risadinhas incontroláveis e fez beicinho porque ele não estava sentindo o mesmo que ela.

– Eu sou homem. Homens não dão risadinhas – Tom informou. – Nós rimos. E rimos alto.

– Experimente o programa outra vez.

– Certo, mas, se eu acabar dando risadinhas ou seja lá o que for, é melhor você não contar a ninguém – Tom usou o programa em si mesmo novamente. Eles esperaram os hambúrgueres virem e ele ainda não estava notando nada. Então, usou-o pela terceira vez. Na quarta vez, funcionou.

Uma estranha tontura tomou conta dele também. O momento pareceu ficar mais intenso quando a comida chegou, e Tom assistiu, fascinado, enquanto ela bebericava seu refrigerante. Ele não sentiu vontade de dar risadinhas. Em vez disso, sentiu-se impregnado de uma forma jamais sentida. E Iman parecia tão... muito... *fascinante* para ele. Ele não conseguia desviar o olhar dela.

– Você tem olhos incríveis – Tom disse a ela. – Você parece a Cleópatra.

– Eu realmente exagerei na maquiagem, então.

Ela deu uma enorme e voraz mordida em seu hambúrguer. Tom gostou disso.

Eles devoraram a comida, e em seguida ele descuidadamente jogou suas notas na mesa para pagar a comida que era caríssima, envolvendo-a com o braço na altura da cintura. Ela não se afastou quando seguiram em direção à rua. A indiferente facilidade o deixou todo cheio de si, enxergando o mundo de uma forma diferente. Era como se uma paixão entusiasmada emprestasse um sentido a tudo, um sentido de intensidade, e tudo parecia tão certo. Tom olhou para cima na direção das árvores, das luzes da rua, para baixo na direção da menina em seus braços, desejando que pudesse capturar esse sentimento e aprender como reproduzi-lo sempre que quisesse – pois era assim que o restante do mundo deveria se sentir. Ele queria se sentir assim o tempo todo.

Tom não estava preocupado com nada agora, nada mesmo. Ele não se importava com o outro fantasma da máquina ou com Vengerov ou com os executivos da Coalizão mortos ou algo do tipo.

Para se certificar de que a sensação nunca acabasse, Tom usou o programa nele mesmo mais duas vezes. Iman o usou pela segunda vez. Tom teve uma ideia quando eles viram novamente o espelho d'água.

– Nós deveríamos entrar na água. Você e eu.

– E se formos presos?

Ele riu.

– Finja que eu estava te perseguindo e você pulou na água para se salvar porque eu não sei nadar.

– Mas a água não é nada profunda.

– Eu sei. Diga ao policial que foi aí que surgiu a falha no seu plano de fuga.

– Ah, e você seria preso e eu não? Você é tão nobre.

– Eu tento dizer isso às pessoas, mas ninguém acredita em mim – Tom concordou. Eles tiraram os sapatos e entraram na piscina, e seus reflexos dançaram pela superfície junto com as brilhantes luzes da rua. Encorajado, ele pôs as mãos na pele quente da nuca dela e puxou os lábios dela até os dele, o reflexo das colunas de mármore do Lincoln Memorial brilhavam na água próxima a seus pés. Então, um guarda gritou para eles, que saíram apressados da piscina, apanharam os calçados e fugiram descalços e rindo.

Quando eles chegaram juntos ao metrô, as bochechas dela estavam cor-de-rosa e os olhos brilhando, e Tom estava com essa estranha e protetora sensação de confiança como se ele tivesse realmente se tornado surpreendentemente charmoso. Ele a puxou para seu lado, com a curva do quadril dela encostada ao dele, e manteve o braço envolvendo-a, com uma sensação de posse ardente tomando conta de seu corpo.

Tudo havia sido tão complicado com Medusa. Mas agora não. Foi simples, fácil e Iman não estava do outro lado do mundo – ela estava bem ali. Bem ali. Ele a beijou novamente, e nenhum deles se importou por estarem no meio de um vagão de trem lotado.

V_{IK NÃO ESTAVA EM} seu beliche, então Tom acabou entrando mais tarde no de Wyatt e caindo no pé da cama dela enquanto ela o olhava por cima de seu livro, confusa.

– O fascinante artifício da sobancelha? – Tom engoliu as palavras. – Funciona – ele ergueu os dedos fazendo dois sinais de vitória. – Eu fiz isso e fui parar no beliche de Iman. Foi lá que estive nas duas últimas horas.

– O que há de errado com você? – Wyatt perguntou.

– Estou surpreendentemente charmoso.

– Você não está não. E parece que teve um derrame.

Confuso, Tom tocou o próprio rosto. Ambos os lados estavam se movendo. Talvez ela tenha apenas dito isso porque ainda estava zangada com ele. Falando nisso....

– Por que você está tão zangada comigo?

– Não estou – ela disse.

Os olhos dela se duplicaram, virando quatro. Tom se perguntou por que estava deixando seus olhos ficarem turvos assim. Ele forçou a enxergá-la com dois olhos.

– Você disse que só a uso para programas – Tom enfatizou. – Isso não é verdade. Sabe que não é verdade. Você não falou comigo por três meses e certamente não estava escrevendo nenhum programa para mim, mas eu permaneci por perto porque somos amigos. Amigos fazem isso. Portanto, eu? Eu sou amigo.

– Só entendi metade do que disse. Por que você está engolindo as palavras de tudo o que diz?

– Programa. O melhor de todos os tempos.

– Que programa?

Tom tateou seu teclado no antebraço e se lembrou de que estava sem ele. Ele não conseguia se lembrar naquele instante como usar a interface de pensamento para envio de mensagem, então jogou os braços para o alto incontrolavelmente.

– O de Vik.

– Ah, não – Wyatt sacou algo rapidamente da gaveta debaixo de sua cama. – Vou escanear o seu processador para ver o que está acontecendo.

– Estou tentando conversar – Tom disse a ela, gesticulando para que ela se sentasse também.

Ela empurrou as mãos dele.

– Fale enquanto eu escaneio – ela agarrou o cabelo dele e puxou sua cabeça para a frente, enfiando um fio neural em sua porta de acesso.

– Uau – Tom disse, registrando tardiamente que ela tinha puxado seu cabelo. Ele não conseguia se lembrar do que queria dizer naquele momento. Olhou para ela, e seus olhos tinham se transformado em quatro outra vez, e viu o intenso olhar de concentração franzindo o rosto dela. Isso fez com que algo dentro dele afundasse em um buraco escuro. Ele não gostava de quando Wyatt ficava zangada. Isso o fazia se sentir muito solitário e triste.

Ela leu algo em uma tela que tinha conectado a outra ponta do fio neural, e seus dedos se moviam sobre o teclado de seu antebraço.

– “Surpreendentemente Charmoso”... É este o nome do programa?

– Sinto muito mesmo por tê-la beijado – Tom disse. Ele percebeu como deveria expressar isso. – Eu a assediei sexualmente.

– É claro que Surpreendentemente Charmoso é o nome do programa. É um nome tão *Vik*. É melhor ele vir até aqui e levar você de volta para seu beliche – ela o encarou solenemente sobre o teclado de seu antebraço, com a sobrancelha unida. – Tom, você não pode operar maquinaria pesada neste estado.

Ele deu uma risada piegas.

– Sim, vou deixar de lado a minha maquinaria pesada então. Todos os meus tratores e polias.

Wyatt o contemplou.

– Provavelmente você não vai nem se lembrar de nada disso amanhã.

– Eu não sei do que...

E então Wyatt o pegou pelos ombros e levou os lábios de encontro aos dele. O cérebro de Tom estava lento para processar o fato de que ela estava o beijando, e, quando ele ergueu os desajeitados braços para segurá-la, ela já tinha se afastado, com os olhos movendo-se sobre seu rosto.

– Não é a mesma coisa – ela sussurrou. – Eu não sinto desta vez.

– O que acabou de acontecer aqui? – Tom se perguntou, sentindo como se tivesse perdido algo.

– Perdoe-me, Tom – Wyatt olhou para baixo na direção do carpete. – Eu me aproveitei de você. Foi errado o que fiz e não voltarei a fazer.

– Estou confuso – Tom admitiu.

– É que... – ela respirou fundo, como se estivesse se preparando para alguma tarefa difícil, e então olhou atentamente nos olhos dele. – Eu costumava pensar bastante em você, Tom. Principalmente quando éramos novatos. E algumas vezes no último ano. Mas eu sabia que você não me enxergava assim. Você nunca me enxergou assim. E eu já sabia na primeira vez que ouvi sobre Medusa que não havia nenhuma chance.

Tom esfregou a palma sobre o rosto.

– Wyatt? O quê?

– Cheguei a um ponto com Yuri no qual sei como são ótimas as coisas – ela disse.
– Estou finalmente à vontade e despreocupada com qualquer coisa agora. Nunca senti que era boa o suficiente para ele. De certa forma, era muito mais fácil estar por perto de você porque nós dois somos... nós dois somos tão imperfeitos. Você me enxerga do jeito que sou, mas isso não importa a você. Eu sentia que o Yuri me enxergava como alguém melhor do que sou, e eu nunca correspondi a essa expectativa. E um dia ele enxergaria o meu verdadeiro ser e ficaria decepcionado.

Tom estava muito perplexo. Ela estava falando rápido demais para ele conseguir seguir seu raciocínio.

– Ahn?

– Mesmo depois de todo esse tempo – Wyatt disse –, havia essa parte de mim que se perguntava às vezes se teria sido melhor se eu tivesse dito algo para você, só uma vez... como no dia do lado de fora do Smithsonian. Eu sempre tive esse cenário “e se” no fundo da mente, mas parei de me perguntar depois de um tempo. Eu não tinha pensado nisso até você me beijar e então foi como se todas aquelas dúvidas tivessem voltado – ela desviou o olhar dele, com a voz cheia de admiração. – Mas já superei isso agora. Eu sei o que quero. Eu quero o Yuri.

Tom estava muito confuso.

– E isso é bom?

– É tão, mas tão bom. É ótimo – ela jogou os braços de repente ao redor de Tom.
– Obrigada, Tom. Muito obrigada.

Ele olhou fixamente, pensativo, a bochecha dela pressionada contra seu peito, sentindo que tinha feito algo bem ali, mesmo que não entendesse direito o que era. Ele alisou as costas dela.

– Ótimo, Wyatt. Ótimo.

Wyatt recuou e tocou a bochecha dele.

– Oh, você está tão embriagado, Tom. O programa de Vik o deixou assim. Vou chamá-lo até aqui para ajudar você. Vamos fazer o seu cérebro voltar à homeostase num piscar de olhos.

– Home... o quê? – completamente desnortado, Tom sentou-se ali, aos pés da cama dela, enquanto Wyatt começou a reverter o programa. Ele não estava em plena capacidade para entender o que tinha acontecido, mas estava com uma sensação de que tinham acabado de se reconciliar. – Amigos novamente?

Ela abriu um sorriso para ele.

– Somos melhores amigos.

Perplexo, mas feliz, ele fez sinal de positivo para ela. E então desmaiou.

TOM ESTAVA APENAS VAGAMENTE ciente das vozes aumentando quando Vik entrou na cabana, e Wyatt veio com ele dizendo: – ...o seu estúpido programa!

– Certo, certo. Vou levá-lo de volta para nossa divisão – emitia a voz de Vik.

Botas estrondearam perto da cabeça de Tom. – Cara, você não estava brincando. Ele está fora.

– Não posso acordá-lo agora.

– Vou virá-lo de lado caso ele vomite. Ah, você acha que ele se sentiria melhor se eu provocasse o vômito nele? Ou talvez se eu desse água a ele?

– Ele não bebeu nada. Ele não vai conseguir simplesmente vomitar e expelir isso do sistema. Ele não vai se desidratar, então água também não é o que ele necessita. Estou revertendo o programa, mas vai demorar um tempo até que o cérebro dele volte aos níveis normais de GABA¹ e dopamina. Ótimo trabalho.

– Ei, eu disse a ele para usar uma vez, no máximo duas. Não *isto*.

Uma mão cutucou o rosto de Tom. Insistente o suficiente para ser irritante. Tom bateu nela para afastá-la.

– Certo, então ele está meio acordado – Vik disse com a voz estremecida. – Ah, não me olhe assim. Dá um tempo, Bruxa Maligna! Eu não o imobilizei no chão e nem usei isso nele sem parar. Tom obviamente se superestimou. Caso você não tenha percebido, ele faz isso. E muito.

As palavras piscaram atrás das pálpebras fechadas de Tom. Ele resmungou as palavras que não escaparam por seus lábios fechados, irritado com o *flash* de código que penetrava em seu confuso cérebro.

Vik suspirou.

– Bem, olhando pelo lado positivo, Tom deve ter gostado bastante do meu programa.

O sarcasmo gotejou da voz de Wyatt.

– Você é um amigo tão bom com ele.

– Eu sou. Sou um *ótimo* amigo. A palavra-chave aqui é “amigo”, e não “pai”. Tom é um garoto crescido que sabe tomar as próprias decisões. E ele também faz bastante isso. Um bom exemplo: acabar com a simulação de ética sozinho.

Silêncio. Então:

– Vikram Picante.

– Isso é desnecessário, Bruxa Maligna!

– Eu estava desativando a vigilância. Ouça, você não acha que foi meio estranho o modo como ele agiu durante o teste?

– Como, sendo radical daquele jeito? Tom sempre faz isso nas simulações.

– Não, eu digo... – a voz dela diminuiu até um sussurro. – Ele atirou em todas aquelas pessoas. Tom não faria isso. Ele não mataria as pessoas simplesmente daquele jeito. Ele tinha que saber que era uma simulação.

– É estranho, mas já o interrogamos. Ele afirma que não sabia. Ele nos contaria se soubesse.

– Não, ele não contaria.

Vik riu.

– Este é o Tom. Ele teria esfregado isso na minha cara se descobrisse e eu não. Assim como eu teria esfregado na cara dele.

– Você está agindo como se ele nunca tivesse guardado segredos de nós antes. Está lembrado da Medusa?

– Certo, Tom guardou um segredinho com ela. Duas vezes. Mas isso não quer dizer que...

– Três vezes. Ele estava conversando com ela outra vez. Recentemente.

– O quê? Eu disse a ele para...

– Ficar longe dela?

Pôde-se perceber a ira na voz de Vik.

– Ele disse que iria.

– Ele mentiu, Vik. Ele mente muito. É óbvio que você não notou isso. Você sabe, sempre que perguntamos sobre aqueles cassinos e tal, ele fala sobre como era ótimo quando ele era criança e como... – ela interrompeu. – Acabei de perceber algo. Eu conheço ele melhor do que você.

Vik vociferou uma risada.

– Não, você não conhece. Está de brincadeira comigo?

– Eu conheço. Conheço-o melhor do que você.

– Eu sei tudo sobre Tom. Qual é, o lance do cassino não é invenção. Ele me ensinou como contar as cartas. Ele sabe tudo sobre todas as variações de pôquer que existem. Além do mais, eu o chamei durante o intervalo no...

– Não estou falando da parte do cassino. Isso é real. Eu quero dizer... Ah, você não entenderia. Eu vi algumas das memórias dele quando assisti à filmagem do dispositivo de varredura, e foi... Ele parece ter duas personalidades. Tem o modo como ele age e tem o modo como ele realmente é. Se você soubesse das coisas que eu sei, não teria dado a ele aquele programa.

Ouviu-se um baque quando Vik se acomodou no chão. Em seguida, ele suspirou:

– Certo, não faço ideia do que você está falando, mas vou lhe dizer algumas coisas. Existem coisas que não fazem sentido, e eu percebi isso. Não sou cego. Por exemplo, como o Tom foi promovido? Ele estava na lista negra das empresas da Coalizão. Todos sabíamos disso. Ele não tinha nenhuma chance de fazer parte da Companhia Superior. Mas aqui está ele, na Companhia Superior. De repente, ele foi promovido. Como acontece uma coisa dessas? Ele nunca explicou isso. Não faz sentido.

– Tem algo que também já me perguntei sobre ele – Wyatt interrompeu com repentino impulso. – Como Tom bloqueou o telefone celular de todas as pessoas no Beringer Club? Sei que fez há muito tempo, mas isso sempre me incomodou.

– Os celulares?

– Tom os bloqueou internamente e eles ficaram travados a noite toda. Nada deveria tê-los impedido de buscar ajuda a menos que ele tivesse bloqueado os celulares, mas como ele fez isso? A única forma que posso imaginar é bloquear os satélites, mas isso é impossível.

– Tom disse algo uma vez sobre satélites... – Vik diminuiu o tom de voz. – Não, deixa pra lá. Não sei realmente o que ele estava dizendo. Mas você sabe, por falar em Tom contando mentira, ele não nos disse a verdade sobre ficar preso do lado de fora na Antártida por um *longo* tempo. Achei a atitude dele estranha. Por que mentiu para nós por tanto tempo? E com essa história estúpida sobre ir ao banheiro e sair pela porta errada também. Ele não nos contou que Vengerov tinha o expulsado de lá. Por que esconder isso de nós?

A voz de Wyatt diminuiu para um sussurro insistente.

– Lembra-se de como ele sabia que os alarmes estavam prestes a disparar na Obsidian Corp.? Ele sabia que Joseph Vengerov tinha detectado a nossa presença. Ele nos alertou. E disse especificamente que era Joseph Vengerov que sabia, e, alguns minutos mais tarde, o próprio Joseph Vengerov começou a falar com a gente pelo interfone. Tom sabia que Vengerov estava lidando com a situação pessoalmente. Como isso é possível?

Vik estalou os dedos.

– Aliás, lembra-se de quando o navio da Medusa bateu contra o depósito? Tom não estava lá com a gente. Ele estava do lado de fora. Lembra?

Wyatt respirou fundo com dificuldade.

– Você tem razão. Ele foi para o lado de fora mesmo. Quando o depósito começou a pegar fogo e você me agarrou e nós não conseguíamos encontrá-lo, mas depois ele veio correndo e nos ajudou... ele *veio correndo de fora*.

– Eu vi o rosto dele. Ele estava tão surpreso quanto estávamos quando Medusa apareceu, então ele não estava lá fora esperando que ela nos resgatasse... O que ele estava fazendo lá fora se não estava esperando por ela?

– Não sei. Ele sabia que congelaria até morrer do lado de fora. Por que iria até lá?

Vik começou a rir.

– Enslow, você não conhece esse rapaz também. Nenhum de nós o conhece. Nem um pouco. Ele tem realmente uma vida secreta – ele chacoalhou o ombro de Tom. – Você está na CIA, Tom?

– Deveríamos conversar com Yuri. Ele deve ter notado algo também.

– Por que não havíamos perguntado um ao outro sobre essas coisas antes?

– Você me chama de Mãos de Homem e coloca máscaras estranhas na minha cabana. Isso não ajuda na hora do diálogo.

– Primeiramente, essa coisa Mãos de Homem já acabou há muito tempo. Desafio você a se lembrar de alguma ocasião em que te chamei assim desde os nossos

quinze anos... além do mais, você não consegue me levar a sério. Eu tenho três irmãs. Na vida doméstica de Ashwan, você aprende desde cedo: a caçar e ser caçado. Eu sou caçador, mas faço isso por amor. Tom entende isso. Você deveria também.

– Você não caça do Yuri.

– O Androide é um caso complicado. Do que eu poderia fazer piada? A aparência dos traços bem definidos dele ou os músculos abdominais ou talvez o fato de ele ter escalado Annapurna quando tinha onze anos? Não, não vai dar certo. O seu namorado é o máximo que uma pessoa pode chegar de ser o Super-Homem. Não há muito o que caçar.

– Então... o que você acha que deveríamos fazer com esse lance do Tom?

– A parte em que ele fica inconsciente ou a parte em que ele tem uma vida secreta?

– A segunda. Se perguntarmos a ele, ele mentirá.

– Tem que haver alguma explicação, Enslow. Iremos investigar.

– Investigar o Tom?

– Por que não? – ouviu-se um sussurro quando Vik se pôs de pé. – Não sei bem por onde começar, mas...

– Eu sei por onde. Ele me contou recentemente que tinha um jeito de conversar com Medusa de modo que ninguém pudesse detectar, mas ele não conseguiu me explicar. Achei que ele estivesse enganando a si mesmo. Mas depois eu pensei a respeito disso e ele realmente vinha evitando conversar com ela sem que alguém percebesse por um tempo. Ele tinha *certeza* de que não poderia ser pego. Por alguma razão.

– Talvez haja algo aí.

– Talvez.

Após um momento de silêncio, Vik comentou:

– Sabe, os ouvidos dele provavelmente devem estar nos ouvindo agora. Mesmo que o hipocampo não esteja fazendo sua função neste momento, o processador neural está. Ele vai saber de tudo o que conversamos aqui quando acordar. Não é isso, idiota? – uma mão empurrou Tom.

– Então vou remover o segmento de tempo do processador dele – os dedos digitaram em um teclado.

– Espere, Bruxa Maligna. Você não está pensando em realmente...

[1](#) Ácido gama-aminobutírico. (N.T.)

– SORRIA, DOUTOR DO CRETINISMO idiota.

Tom abriu os olhos e se viu de volta em seu beliche, com Vik olhando na direção dele. O cronômetro dele marcava 0645. Vik continuava chacoalhando-o levemente.

– Sim, imaginei que você não acordaria a tempo. É melhor se mexer se não quiser levar mais horas de penalidade.

Tom sentou-se com o olhar turvo. Ele se sentiu terrível.

– Vik?

Vik balançou a cabeça.

– Você não me ouviu ontem à noite, ouviu? Eu disse para usar o programa *uma vez*, talvez duas ou três com um *intervalo de tempo* entre elas – com ênfase nisso – se não funcionasse na primeira vez. Eu não disse para usá-lo nove vezes e definitivamente não disse dez e certamente não disse *onze*. Onze vezes, Tom! Esse foi o número de vezes que Wyatt afirma que você usou o programa. Você é louco?

– Só um idiota – Tom disse, com a cabeça palpitando vagarosamente e a boca áspera como uma lixa. Ele ficou incomodado ao descobrir que não conseguia se lembrar de nada depois de sua caminhada desajeitada até o beliche de Wyatt. Nem mesmo o processador conseguia recuperar sua memória.

– Como cheguei aqui? – Tom olhou ao redor. – O que aconteceu?

– Você desmaiou no chão de Wyatt. Tive que trazê-lo aqui escondido e pagar vinte dólares para Clint ficar de boca fechada. Aliás, você me deve vinte dólares.

Tom movimentou a barra de rolagem para ver as outras memórias – a risada eufórica com Iman, os dois entrando no espelho d'água, os beijos, o jeito como tudo desapareceu ao redor deles com exceção do momento ardente. Ele se concentrou nisso. Estranho como aquela noite tinha sido incrível depois de usar o programa.

Tudo tinha vindo tão facilmente. Toda a falta de jeito entre eles tinha desaparecido, sendo substituída por essa espécie de química atraente, e ele realmente tinha sentido como se estivesse sendo surpreendentemente charmoso.

– Esse programa foi incrível, Vik – Tom murmurou, tentando ignorar quanto suas articulações doíam. Sentia como se tivesse encontrado algo verdadeiramente útil, a resposta para algumas perguntas que ele jamais tinha pensado em fazer. Ele queria se sentir daquele jeito o tempo todo. – É sério, cara, obrigado. Isso me facilitou muito as coisas. Tivemos ótimos momentos depois disso.

Vik o analisou.

– Sim, bem, não se acostume com isso. Da próxima vez, você vai ter que usar o

seu próprio charme surpreendente ou nunca descobrirá como agir quando ela estiver por perto.

– Eu não tenho charme surpreendente, cara. Tenho que usar o seu. Tive que usá-lo umas cinco vezes até sentir isso, prometo que não vou usar mais do que isso na próxima vez.

– Não, doutor! Sem abusar de emuladores de álcool.

O sorriso de Tom se desfez de seus lábios. Ele sentiu um buraco frio crescer em seu estômago.

– Foi isso que usei?

– O que você pensou que fosse?

Tom sentiu enjoo de repente. Um baita enjoo.

– Você está com uma cara terrível – Vik disse animadamente, batendo nas costas dele. – Tenho boas e más notícias. A má é que essa sensação provavelmente vai durar pela maior parte do dia.

– E qual a boa notícia?

– A boa notícia é que, enquanto você sofre dolorosamente durante o dia, eu o ridicularizo por ignorar o meu conselho – ele se gabou, deixando Tom sentado em sua cama em um silêncio repentino.

O mundo parecia vazio naquele dia, as cores menos vívidas. Mesmo quando Clint veio de seu banho e zombou algo sobre Tom desmaiando e precisando ser “carregado por seu namorado”, Tom o ameaçou apaticamente com lesão corporal.

Alguma parte dele sempre se ressentira por seu pai, pelo modo como Neil nunca parara de beber, pelo modo como ele nunca conseguira se controlar. Enquanto Tom ficou embaixo da constante corrente d’água do chuveiro, ele pensou em Neil se deslocando por um mundo cujas portas estavam fechadas para ele, onde alguém como ele não podia contar com nada e a deslealdade era recompensada. Alguém obrigando a tomar conta de uma criança pequena que ele provavelmente nunca quis e nunca soube como criar, uma criança que ele provavelmente pensou que acabaria no mesmo beco sem saída.

Pela primeira vez na vida, Tom compreendeu a fascinação de algo que possa apagar todas as dúvidas, todas as inseguranças, algo que desse uma sensação de poder artificial onde não havia nenhum, e confiança onde se sentia falta dela. De repente, ele conseguiu enxergar por que Neil passou a usar isso com certa frequência, e depois diariamente.

E na última vez em que viu Neil, Tom tinha estampado em seu rosto toda a força de seu desprezo e ressentimento. Não importava o motivo de ter feito isso, mesmo se tivesse feito por Neil – essa parte tinha sido verdadeira. Independentemente do que aconteceria nos anos por vir, Tom tinha a certeza de que as coisas entre os dois nunca voltariam a ser como antes.

OS EFEITOS POSITIVOS DO programa foram temporários. Tom tinha despertado totalmente apaixonado por Iman Attar, mas, assim que seus olhares se cruzaram na manhã seguinte, ele percebeu que, sem o programa de Vik, haviam perdido todo aquele magnetismo que tinha unido os dois.

Mesmo a inebriante sensação que Tom teve naquele instante – de que assim era muito mais fácil do que com Medusa – tinha, de alguma forma, desaparecido também. Muito sem jeito de abordar Iman de repente, Tom sentou-se com seus amigos e ela se sentou com os dela, embora agora eles tivessem novamente lugares livres para se sentar no almoço e pudessem facilmente ter escolhido assentos juntos.

Ele viu Iman tocar o teclado de seu antebraço e então um texto surgiu diante do centro de visão de Tom. *Estou preocupada com você ter tido uma ideia errada a meu respeito.*

Tom ergueu as sobrancelhas interrogativamente e olhou na direção dela em meio à multidão.

– Por quê? – ele balbuciou.

Acho que fomos muito rápido.

Confuso, ele digitou de volta: *Podemos ir mais devagar. Do jeito que você quiser.*

Ela franziu a testa. *Não sei se é uma boa ideia. Talvez não sejamos as pessoas certas um para o outro.*

Tom estava um pouco surpreso. Ela estava acabando com ele? Já? De onde tinha vindo essa ideia? Mas ele procurou não reagir. *Certo. Vamos nos esquecer disso tudo.*

Um olhar de mágoa flutuou no rosto dela, então Iman se virou e disse algo para Jennifer Nguyen. Jenny começou a alisar as costas dela e lançar olhares irados na direção de Tom, como se tivesse sido ele quem acabara com Iman, e não o contrário.

Tom deixou para lá. Ele não entendia as meninas. Então, tentou se concentrar em seus amigos, já que Wyatt estava ocupada contando a Yuri sobre seu trabalho com Irene Frayne durante as últimas semanas. A agente da ASN estivera quase todos os dias na Agulha Pentagonal ultimamente. Ela tinha contado com a ajuda de Wyatt para rastrear o fantasma da máquina.

– Ela acha que o fantasma possui treinamento militar. A Agulha é um dos servidores mais poderosos do país, então ela está operando daqui para rastreá-lo – Wyatt contou a eles. – E precisa da minha ajuda para conhecer o servidor – ela abriu um sorriso, satisfeita por ser útil a alguém mais uma vez. – A senhorita Frayne disse ontem para mim: “Você é muito inteligente, Wyatt”.

Yuri piscou, sorrindo animadamente em seguida.

– Você é muito inteligente, Wyatt.

Tom e Vik trocaram um olhar.

– O quê? – disse Wyatt, notando a troca de olhar.

Vik suspirou e apoiou os cotovelos na mesa.

– Preciso contar algo para você também, Enslow: o céu é azul.

– Wyatt, você precisa saber de uma coisa – Tom disse, gesticulando para a mesa.
– Isto é uma mesa.

Vik ergueu o garfo para ela ver.

– Eu tenho um garfo na minha mão.

– Vik usa garfos para levar a comida até a boca – Tom explicou a ela enquanto Vik fazia mímica usando seu garfo para colocar comida na boca. Tom fingiu estar impressionado ao assistir alguém usando um garfo para comer.

– Isso não é legal – Yuri os repreendeu.

– Tudo bem, Yuri. Eu entendo – disse Wyatt, com o rosto num tom de rosa desbotado. Mas ela tinha entendido aonde eles queriam chegar: Frayne estava apenas afirmando o óbvio ao chamá-la de “muito inteligente”. – Foi bom ouvir. Só isso. Principalmente porque... – ela rodopiou um saleiro entre os dedos. – Sei que o tenente Blackburn não cuida mais da parte de criação de software, então não poderíamos trabalhar juntos mesmo. Começo a pensar também que ele nunca mais vai confiar em mim depois do que aconteceu.

Um silêncio sinistro se fez entre eles, pois Wyatt não precisava explicar o motivo. Ela tinha decodificado Yuri e depois mentido para Blackburn sobre isso. Não foi a primeira vez que a confiança entre eles, tão tênue, tinha sido quebrada.

– Mas eu não me importo – Wyatt disse depois de um momento, firmando a mandíbula. – Ele me ensinou tudo o que podia e agora posso ajudar a senhorita Frayne.

– Por que eu nunca vi essa mulher? – Vik se perguntou.

Tom olhou para ele incrédulo.

– Você é cego? Ela está aqui todo dia, cara.

– É porque ela está no modo invisível – explicou Wyatt.

– Ahn?! – Tom e Vik exclamaram.

– Modo invisível – respondeu Wyatt. – Lembra quando existiam áreas da Agulha que não víamos até nos tornarmos intermediários?

– Eu vejo todas agora – Yuri relatou felizmente. Depois, interrogativamente. – Não vejo?

Tom deu de ombros. Até onde ele sabia, eles viam tudo agora.

– O que quero dizer é – Wyatt falou – que o general Marsh afirmou que funcionários de identidade confidencial estão bloqueados de nossos processadores também. Estão lembrados?

– Mas eu vejo a Frayne – Tom frisou.

– É claro. Ela já conhece você. Vocês dois têm interagido. Ela autorizou que você a visse e provavelmente nunca teve tempo de desautorizá-lo.

– Tem outras pessoas que não somos capazes de ver? – Yuri sussurrou no ouvido dela.

– Não. Não que eu saiba. Só ela – respondeu Wyatt. – Eu acho.

Tom resolveu se conectar à câmera de vigilância para checar naquela noite, só para ter certeza absoluta.

– Tem uma mulher invisível andando por aqui – Vik disse lentamente, como se tentasse introduzir a ideia em seu cérebro. – Por que ela faria isso? É arrepiante.

– Ela não quer ser importunada por cadetes – disse Wyatt.

Vik bateu o garfo na mesa decididamente.

– Não é isso. Você sabe por que ela anda por aí invisível? Aposto que é porque ela quer nos ver nus.

– Você acha mesmo? – Tom perguntou intrigado.

– Não! – Wyatt gritou. – Ela não quer.

– Ela não está fazendo isso para uma operação – Vik ressaltou – e não está arrumando alguns trajes de camuflagem óptica que poderiam ser detectados. Não, ela quer mesmo é ficar totalmente invisível, e quer saber, totalmente invisível para *nós*. Sabe por quê? Porque ela quer ver alguns cadetes nus. Bem, observem. Vou dar a ela o que ela quer. Ela vai ver todo mundo pelado, quero ver se ela aguenta isso.

– Por favor, não faça isso – Wyatt pediu. – Ela é só uma pessoa comum tentando fazer seu trabalho e sustentar sua família. Não merece isso.

Vik refletiu.

– Estou me sentindo ligeiramente insultado.

– Só porque você usaria o modo invisível para ver pessoas nuas não quer dizer que outras pessoas o fariam – Wyatt o informou.

– Eu usaria – Tom disse com a boca cheia.

Wyatt franziu a testa.

– Só porque você e Tom usariam isso para esse fim não quer dizer que outras pessoas usariam.

Os três olharam ao mesmo tempo para Yuri.

– Prefiro ficar neutro – Yuri declarou para a decepção de todos.

– Quanto às pernas... – Vik disse, e Yuri franziu a testa e o chutou debaixo da mesa.

Tom viu seu olhar percorrendo o refeitório com Frayne na mente, usando o servidor da Agulha para caçar o fantasma. Essa pessoa que atuava em nome do fantasma iria trazer cada vez mais dor de cabeça... a menos que a matança daqueles executivos tivesse acabado.

NO DIA SEGUINTE, ELE descobriu que não tinha. Xi Quinghong, o CEO da Preeminent Communications, havia sido assassinado pelos pretores de sua própria empresa em seu escritório em Pequim. Ingvar Harde, principal acionista da Lexicon Mobile, teve

o mesmo destino com seus pretores pessoais. No total, dez executivos da Coalizão sucumbiram dessa vez.

As especulações ficaram mais intensas. Para todos os lados que Tom se virava, ele ouvia pessoas se perguntando por que nenhum executivo da Obsidian Corp. ou da LM Lymer Fleet havia sido morto. As pessoas frisavam que as máquinas dessas duas empresas estavam envolvidas em todas as ocasiões.

E então ocorreu o grande vazamento de informação: alguém postou em toda a internet a prova de que a LM Lymer Fleet e a Obsidian Corp. eram controladas por Joseph Vengerov.

Tom virou-se para contemplar Blackburn do outro lado do refeitório no dia em que as inacreditáveis notícias surgiram. Ele tinha roubado essa informação dos servidores da Obsidian Corp. no ano anterior, durante as recepções. Blackburn tinha se apegado àquele nocivo exemplo de influência desde aquela visita. Agora fora divulgado.

Tom viu a fria satisfação no rosto cicatrizado do homem quando ele estava em pé com os outros soldados, assistindo nas telas às imagens dos furiosos debates na tribuna do Senado. Políticos financiados pela Obsidian Corporation estavam na guerra com os financiados pelas demais empresas da Coalizão, pois outros executivos da Coalizão estavam começando a discordar de Joseph Vengerov, o homem cujos executivos principais estavam imunes aos ataques, o homem cujas máquinas estavam por trás dos ataques e agora o homem que os tinha enganado quanto aos laços financeiros com uma empresa inimiga.

Os assassinatos direcionados tinham prejudicado a reputação da Obsidian Corp. e pareciam alcançar com eficiência rápida e brutal o que ninguém mais conseguiu: o cancelamento do teste beta. A remoção em massa dos novatos com os processadores da série Austera havia começado.

Tom se aproximou de Zane enquanto estava sendo escoltado para fora da Agulha. A pequena criança estava vestindo roupas de civis e tinha a expressão perplexa, perdida.

– Zane!

Zane olhou para ele confuso. Tom sabia que ocorrera uma pressão externa, provavelmente por outras empresas, forçando a suspensão do lançamento dos processadores da série Austera. Joseph Vengerov tinha pesadamente retirado sua oferta de patrocínio, pois a Obsidian Corp. já possuía uma batalha jurídica e tanto nas mãos para cortejar o público agora.

Tom sentiu um grande alívio no coração, sabendo que este era o final das nanomáquinas. A reputação decadente da Obsidian Corp. significava que as outras empresas tinham parado de confiar a Joseph Vengerov o controle sobre bilhões de pessoas. Ele estava satisfeito com isso.

Mas se sentiu horrível por seus novatos.

– Ouça – Tom disse, deslizando até o lado de Zane e ignorando o soldado irritado que escoltava a criança. – Não pense que isso é por sua causa, certo? Você vai se dar bem em qualquer lugar. Acredito nisso.

Zane piscou para ele.

– Quem é você?

– O quê?

– Não sei bem quem você é. Eu te conheço?

– Você não sabe quem eu sou?

– Você é um combatente?

– Sou o... – Tom parou. Ele suspirou, percebendo que seria inútil explicar a Zane que fora ele quem o ajudara em seu treinamento. Zane obviamente tinha perdido cada memória da Agulha. Tom balançou a cabeça. – Ninguém.

E então recuou e assistiu ao seu último novato deixar a Agulha Pentagonal.

SOB O COMANDO DO general Marsh, os intermediários treinavam nas simulações para os exercícios aplicados e apenas raramente capturavam aeronaves de verdade no espaço. O general Mezilo estava determinado a criar soldados melhores do que o general Marsh e levou para o lado pessoal o fato de seu antecessor ainda não ter conseguido mudar sozinho o curso da guerra. Os superiores começaram a treinar com aeronaves de verdade.

Tom adorava controlar drones no espaço. Às vezes, ele se esquecia de que estava meramente interagindo com sistemas eletrônicos a milhões de quilômetros de distância e sentia como se estivesse realmente na aeronave, cujos sensores silvavam em seu cérebro. Eles praticavam formações em cascata e circulavam a gloriosa órbita azul de Netuno e depois tentavam usar a gravidade do Sol na Zona Infernal para acelerar, esquivando-se das piores chamas solares. Depois, faziam ótimas manobras, navegando através de um campo de Matrizes Prometeicas – painéis solares na órbita fechada ao redor do sol que lançam energia solar às aeronaves nos Confins, distante da Terra.

Um dia, através do vendaval ofuscante de luz solar brilhante que sempre pareceu cercá-los quando suas aeronaves estavam na zona entre Mercúrio e o Sol, eles se depararam com Matrizes Prometeicas que não pertenciam ao seu lado. Elas eram peças genuínas de equipamento inimigo, esperando em estagnação para serem ativadas.

Wyatt tentou sabotar alguns dos painéis e reprogramá-los remotamente para responderem aos comandos enviados apenas pelo lado indo-americano, mas logo uma ordem veio para eles diretamente do Pentágono: não os re programe, apenas destrua todos.

Os cadetes se divertiram bastante explodindo os painéis. Era raro quando as práticas de voo lhes proporcionavam impor um prejuízo real de batalha ao inimigo.

As simulações não podiam ser comparadas à realidade de uma aeronave sob o comando de alguém. Tom adorava se esquivar de asteroides durante as manobras de destreza. Havia um bom número de asteroides troianos na mesma órbita da Terra, compreendidos por sua gravidade, e eles eram fáceis de alcançar. Os superiores brincavam de capturar o asteroide às vezes, quando formavam equipes e usavam seus mísseis para impelir uma pedra muito pequena de ir para a frente e para trás. A equipe perdedora era a que deixava a pedra passar por ela.

Eles só tinham permissão de atirar três mísseis cada, às vezes menos, dependendo

dos recursos financeiros para aquele dia de treinamento. Tom inventou um método de mover o asteroide sem usar mísseis ao manobrar bem próximo dele e usar o escapamento de seu motor para cutucá-lo. Outras poucas pessoas também tentavam, mas a prática foi banida quando Lyla Martin acidentalmente destruiu a própria aeronave. As aeronaves eram simplesmente muito caras para correr esse risco.

Um dia em novembro, os superiores praticaram formações em cascata novamente, alinhando-se para acelerar juntos na direção de um alvo fixo – nesse caso, o 3753 Cruithne, um asteroide chamado “segunda lua da Terra”. Foi à beira da Zone Neutra, o ponto de lançamento comum para ogivas através da intensa linha de tiro livre logo além da Terra, chamada corredor polonês. Os Estados Unidos tinham-na reivindicado no começo da guerra, quando ficou claro que os chineses não iriam se render à enorme vantagem tática que era a verdadeira lua.

Eles seguiram a habitual formação em cascata, alinhando-se e usando a energia um do outro para aumentar exponencialmente a dinâmica da aeronave na frente. Ainda naquele dia, algo estranho aconteceu. Eles alcançaram as coordenadas da base, mas Cruithne não estava lá.

Tom verificou seus sensores várias vezes. Depois fez o que sempre fazia quando algo matemático ou científico o confundia: usou sua interface de pensamento para pedir ajuda a Wyatt. *Recebemos as coordenadas erradas?*

Não.

Ela fazia os cálculos para o grupo, já que todos tinham aprendido a confiar em seu julgamento.

Mais pensamentos percorreram a cabeça de Tom, enviados pela rede por outros cadetes para o grupo do canal IRC ao qual todos eles estavam conectados durante seus exercícios de treinamento.

Enslow confundiu os cálculos, Clint pensou.

A Bruxa Maligna confundiu?, Vik pensou.

Eu não confundi nada!, Wyatt pensou furiosamente.

Vocês veem o Cruithne em algum lugar? Clint pensou.

Não, não o vejo, mas EU NÃO CONFUNDI NADA.

Certo, acalme-se, acalme-se, Walton Covner pensou para ela. *Talvez nossos instrumentos estejam com defeito.*

Isso não está certo, Wyatt pensou para todos. *Há algo errado aqui. Passamos pelas verificações de instrumentos e estas são as coordenadas certas. Asteroides de cinco quilômetros de extensão e com órbitas estáveis simplesmente não desaparecem. Não mesmo.*

Tom achou a situação bizarra. Ele deu *loopings* com sua aeronave em amplos círculos tentando conservar a dinâmica e buscando em vão pelo enorme asteroide que deveria estar em sua localização. Os outros cadetes adotaram a mesma

manobra, voando em *loopings* amplos.

Cruithne viu Lyla Martin vindo e fugiu aterrorizado, pensou Shipley Kamanski, um superior na Divisão Gêngis.

Vou te dar uma surra mais tarde, Kamanski, Lyla pensou.

Kamanski, eu também vou te dar uma surra mais tarde, Vik pensou.

Ah, na verdade eu gosto de você agora, Vik, Lyla pensou.

Ooh, quer dizer que você vai finalmente...

NÃO PENSE NISSO DURANTE UMA INTERFACE DE PENSAMENTO.

Certo. Me desculpe.

E, Lyla pensou, *não*.

Droga, Vik pensou. *Derrotados outra vez!*

E o tempo todo, no segundo plano do IRC, os pensamentos de Wyatt martelavam sem parar, *Isso não está certo. Há algo errado. Há algo errado. Algo muito errado... Estou desconectando. Preciso contar a alguém.*

O nome dela desapareceu do grupo IRC. E seu sumiço teve um estranho efeito em Tom. De repente, ele ficou sóbrio. De repente, começou a sentir uma arrepiante sensação de medo percorrer o espaço vazio à sua volta. Os outros pensamentos no IRC arrefeceram, pois os demais cadetes também tiveram a mesma sensação.

Estavam excessivamente perto da Terra para um asteroide de cinco quilômetros de extensão desaparecer.

Eles demoraram tempo demais parados, sem comandos de uma forma ou de outra da Terra. Geralmente, ficavam em constante deslocamento para evitar serem detectados por sensores ou satélites. Hoje, não ficaram.

E as consequências logo surgiram.

Os sensores de Tom detectaram e ele sentiu um aperto no coração.

Invasor! Tom pensou no IRC bem na hora que outros superiores fizeram o mesmo.

As aeronaves russo-chinesas desceram sobre eles com um ímpeto furioso, lançando lasers pelo vazio do espaço à velocidade da luz e já disparando com os canhões móveis da artilharia. Os superiores ainda estavam em treinamento para o combate completo; não estavam preparados para um ataque de combatentes de verdade. As aeronaves foram destruídas uma após a outra instantaneamente.

Tom evitou a pior parte dos disparos, examinando as aeronaves em busca do voo familiar que ele reconheceria em algum lugar. Ele avistou a aeronave de Medusa, que logo explodiu alegremente três aeronaves com três disparos...

E então os disparos começaram a diminuir e sua aeronave começou a inclinar, pois Tom sabia que ela também estava prestando atenção na ausência do asteroide de cinco quilômetros que deveria estar ali. Uma por uma, as armas russo-chinesas se silenciaram e apenas alguns poucos cadetes estúpidos tentaram tirar vantagem da situação e foram destruídos por isso. Tom sabia que provavelmente eles também

estavam esperando por instruções do lado deles.

Embora Tom não estivesse na mesma sala que os cadetes inimigos, e eles estavam fisicamente do outro lado do mundo, mentalmente até mais distantes – havia uma lenta e fria compreensão que parecia alertar a todos de que algo muito sinistro estava acontecendo ali. Todos eram seres humanos, vivendo juntos em um planeta – e bem agora um asteroide enorme estava perdido perigosamente próximo à soleira de sua porta em comum.

Abruptamente, o pensamento de Wyatt voltou ao IRC.

Eles avistaram o asteroide. Encerrando a conexão.

Tom arrancou seu fio neural e sentou-se em sua cama do lado de fora da Hélice. Todos logo despertaram e Tom sentiu o coração acelerado no peito enquanto caçou Wyatt entre os cadetes ao redor deles. Ele a encontrou em pé ao lado de sua cama e com o rosto pálido.

– Onde eles avistaram? – Vik quis saber, mas eles só precisaram olhar para o rosto de Wyatt para saber.

– Na Zona Neutra. Nossos satélites finalmente o detectaram. Está se aproximando rapidamente. Algo deve tê-lo tirado da órbita. Está vindo em nossa direção.

As palavras caíram como uma pedra na silenciosa câmara.

Um asteroide de cinco quilômetros de extensão.

E estava a caminho de atingir a Terra.

Tom tentou incutir a ideia em sua cabeça. Um asteroide daquele tamanho causaria um evento em nível de extinção. Nenhum de seus técnicos antiasteroide foi designado para conter um meteoro que se deslocava tão próximo da Terra. Esperava-se que eles avistassem essas coisas com dez, vinte anos de antecedência, tempo mais do que suficiente para desviar sua trajetória gradualmente. Matrizes Prometeicas estavam acostumadas a fazer isso, e, nos casos mais graves, os ComCams eram mobilizados a detonar armas nucleares contra a superfície para redirecionar a trajetória – mas sempre, sempre distante da Terra, muito antes de chegar próximo a ela.

– O que isso significa? – Clint perguntou. – O que fazemos agora?

– Morremos, Clint – Lynda disse abruptamente. – Não vamos sobreviver ao impacto.

– O que podemos fazer? – Tom perguntou a Wyatt. – Quais são as nossas ordens?

– Não temos ordem nenhuma – ela balançou a cabeça. – Eles enviaram os ComCams para apoiar as aeronaves orbitantes, mas não temos muitos equipamentos nas proximidades. Os russo-chineses estão tentando mobilizar uma defesa. A defesa aérea russa está aumentando a velocidade para atacar e os chineses estão fortalecendo suas Matrizes Prometeicas na Lua. Estão planejando bombardeá-lo assim que a Lua iluminar o planeta. É tudo o que sei.

– Quanto tempo temos? – Vik perguntou sentindo um vazio.

Wyatt fez uma careta.

– Está programado para atingir o Pacífico em trinta e sete minutos.

Trinta e sete minutos! As palavras ricochetearam na mente de Tom. Ele tentou incutir a ideia em sua mente. Em menos de uma hora, um asteroide de cinco quilômetros de extensão iria atingir a Terra.

E mataria todo mundo.

– Então esperamos? – Vik perguntou.

Wyatt estava respirando com dificuldade. Tom poderia apenas ficar sentado ali em um silêncio atordoado. Ele a observou rasgar a manga da blusa para acessar seu teclado do antebraço.

– O que você está fazendo? – Tom perguntou a ela, pensando que, por se tratar de Wyatt, ela poderia ter uma ideia, algum salvamento milagroso.

– Estou contando ao Yuri. Ele precisa saber também – ela disse. Lágrimas deixaram seus olhos rasos d’água. – Quero que o Yuri venha até aqui. Ele tem que saber.

Tom sentiu-se muito estranho. Ele engoliu em seco, tentando livrar de sua garganta a sensação de que havia um punho fechado dentro dela. Não podia acreditar que algo do tipo fosse realmente acontecer, que um dia comum poderia ser transformado de forma tão rápida.

Ele olhou ao redor da sala, que ainda estava muito silenciosa, com uma estranha calma no ar. Era surreal.

Não.

O pensamento rompeu sua dormência.

Não, Wyatt devia estar enganada. Ela tinha que estar. Não podia ser. O mundo não poderia acabar assim, sem aviso, nem alarde – os trinta e sete minutos finais da humanidade após milhões de anos de evolução e milhares de anos de progresso tecnológico. Havia pessoas más como Vengerov para destruir e pessoas boas com suas próprias batalhas, e Tom não conseguia se ater à ideia de que todos os conflitos e preocupações da humanidade iriam simplesmente ser erradicados dentro de alguns poucos minutos. A vida tinha que significar mais do que isso. O mundo tinha que significar mais do que isso. Qual era a vantagem daquilo tudo se eles seriam exterminados?

Não. Ele se deitou em sua cama e se conectou em seu fio neural.

Ninguém lhe perguntou o que ele estava fazendo. Vik e Lyla estavam se abraçando, Wyatt estava aconchegada em sua cama com os braços cruzados sobre o corpo trêmulo, à espera de Yuri. Os outros discutiam atordoados.

Tom interagiu com o sistema da Agulha e se projetou de si próprio. Cada câmera de segurança com a qual ele interagia mostrava uma estranha dicotomia – as pessoas

que sabiam sobre a situação estavam se movendo de um lado para o outro, frenéticos, tentando resolver, e aquelas que não tinham poder para mudar o resultado se aglomeravam nos telefones das conferências.

Ele viu generais discutindo a probabilidade de um ataque nuclear ao asteroide.

– O presidente precisa entender – o general Mezilo falou irritado ao telefone – que as armas nucleares não têm o mesmo poder no vácuo. É preciso atmosfera. E quando o Cruithne atingir nossa atmosfera, será tarde demais. Você sabe quantos controles de segurança temos em nossos arsenais nucleares? E isso supondo que eles estejam em ordem quando o Cruithne colidir.

Dentro do sistema, com um enxame de 0 e 1 zunindo, Tom ouviu Mezilo explicar aos outros que o controle do tempo não funcionaria: quando poder de fogo suficiente fosse lançado, eles estariam todos mortos em meia hora.

Mas isso não se tornou real, verdadeiramente real, até ele mudar rapidamente para uma câmera de vigilância no Pentágono e sentir um choque ao ver o general Marsh pela primeira vez em um ano.

E então Blackburn apareceu à porta.

– James – Marsh disse, abandonando as formalidades e soando tão cansado e velho quanto aparentava. Ele sorriu ironicamente. – Parece que estávamos preocupados com o apocalipse errado.

Blackburn também ignorou as formalidades. Ele apoiou as mãos sobre a mesa.

– Todo o equipamento que temos para detectar aquele asteroide e não houve nenhum aviso de antemão de que ele havia sido tirado da órbita? Você sabe que não é acidente. Isso não acontece.

Marsh coçou a ponta do nariz.

– Agora não importa.

– Ele deve estar aconchegado em algum beliche e...

Marsh levantou-se de sua cadeira.

– Temos dez minutos. Só isso. Minutos. Vou pegar aquele telefone, tentar ligar para a minha filha e dizer ao meu neto que eu o amo.

– Mas ele...

– Já chega! Eu sei o que você esteve fazendo, tenente.

Foi o bastante para interromper Blackburn.

– Você sabe?

– Tinha um palpite, e agora você o confirmou para mim. Eu poderia ter compartilhado minhas teorias, mas deixei você fazer isso. Agora está tudo acabado. O seu tempo acabou. O tempo de todos nós. Estes são os últimos momentos de sua vida. Faça as pazes com Deus. Olhe para algumas das fotos de suas crianças. Ligue para sua mãe. Faça *algo* além de se concentrar nessa sua baleia branca.

Blackburn não parecia saber como responder a ele por um longo instante. Ele

tocou a cicatriz de sua bochecha inconscientemente.

– Não há nada mais, general.

– Então lamento por você, James. Lamento mesmo. Isso não foi uma boa forma de viver e certamente não é uma boa forma de morrer.

Algo naquela calma resignação estampada no rosto de Marsh tirou Tom de sua letargia dormente. Ele estava profundamente incomodado em ver tanto Marsh quanto Blackburn tratando essa situação como se fosse o fim, porque, não, esse *não* era o fim. Tom mostraria a eles! Ele disparou das câmeras de vigilância através dos canais eletrônicos com um ímpeto de determinação.

Ele não iria deixar isso acontecer. Devia haver algo que pudesse fazer. Ele tinha a coisa mais próxima do superpoder verdadeiro que existia. Tinha que usá-la.

Nada estava acabado.

CRUITHNE ERA UMA PEDRA GRANDE, irregular. De vez em quando, a luz refletia sobre sua superfície, onde equipamentos velhos e desativados eram guardados, deixados após várias utilizações do asteroide como uma estação intermediária.

Tom olhou para ela, através dos olhos eletrônicos de um satélite pelo qual estava passando e percebeu de forma estranha e alheia que poderia estar olhando para o instrumento de sua morte – da morte de toda a humanidade.

Ele disparou um propulsor para girar o satélite sobre seu eixo enquanto o asteroide se deslocava além dele e depois viu a Terra.

A visão foi como uma explosão em seu cérebro.

A Terra, tão perfeita e brilhante, tão cheia de vida em contraste com a escuridão, e aquele asteroide navegando em direção a ela. Ele nunca tinha percebido antes como aquela fina camada de atmosfera que rodeava o planeta era frágil. Assim que o asteroide atingisse a Terra, todos aqueles oceanos virariam vapor, a atmosfera queimaria e todos que ele amava...

Todos que ele amava...

Tom começou a pular freneticamente de uma máquina em órbita para outra, em busca de algo, de qualquer coisa. Cruithne havia sido tirado da órbita uma vez. Ele tinha alguns minutos. Atiraria tudo que tivesse em órbita contra ele.

Ele ativou os propulsores dos satélites e os propeliu para a lateral. Eles eram muito pequenos, mas eram tudo o que ele tinha. Eles explodiram contra a superfície do asteroide, mas foi inútil. O exército russo-chinês obviamente teve a mesma ideia, pois assim que a Lua surgiu detrás da curvatura da Terra, cada uma das Matrizes Prometeicas em sua superfície se iluminou imediatamente, com raios brilhantes na direção do Cruithne. Tom olhou fixamente através dos olhos de outro satélite, assistindo com esperança frenética enquanto o asteroide era atingido, só um pouquinho. E então os mísseis nucleares o atingiram. Eles não foram capazes de criar uma onda de propulsão no espaço, mas, detonados contra a superfície do

asteroide, conseguiram atingi-lo. As explosões foram brilhantes o bastante para enfraquecer todos os satélites nos arredores. Tom levou algum tempo para encontrar outro, mas ficou de coração partido quando encontrou, vendo que o asteroide ainda estava na trajetória de atingir a Terra.

Armas nucleares teriam sido mais efetivas se o asteroide estivesse na atmosfera.

O sangue dele fluíu de ansiedade só de pensar, pois, até lá, eles poderiam estar condenados de qualquer jeito.

Logo, viu aeronaves, tanto indo-americanas quanto russo-chinesas, circularem a curvatura da Terra, subindo verticalmente em um rápido impulso e atirando ainda mais no asteroide. O ataque prolongado causou grandes estragos, arrancando pedaços do asteroide e lançando-os no espaço, mas ainda não foi o suficiente.

As aeronaves esgotaram seus armamentos e se lançaram na direção do asteroide. Tom conseguia enxergar sua órbita mais rasa agora; não estava mais despencando com uma queda de morte fatal na direção do planeta, mas, quando seu processador fez os cálculos, ele soube que ainda assim a pedra atingiria o planeta. A atmosfera a queimaria o suficiente.

E quando Tom pulou para outro satélite, sua mente encontrou a dela.

Medusa!

Por meio de um nevoeiro de sinais eletrônicos, ele sentiu a presença dela ali, bem ali, com ele. Por um instante, ele teve a visão encoberta por uma mistura de ansiedade e esperança, pois todos iriam morrer, eles iriam morrer, e ele não sabia como resolver isso, mas, se alguém poderia, era ela – e algo em Medusa parecia responder àquele pensamento.

Obrigada pelo voto de confiança. De verdade. Tom, não é o fim.

O que podemos fazer?, Tom perguntou.

Existem milhares de mísseis nucleares na superfície do planeta. Eu tenho acesso aos sistemas de defesa de míssil de cada país. Nenhum firewall ou controle de segurança pode me deter. Posso explodir o asteroide em pedacinhos assim que ele penetrar a atmosfera.

Não vai funcionar, Tom pensou. *Eu ouvi nossos generais conversando sobre isso. Medusa, eles não conseguem mobilizá-los com a rapidez necessária.*

Eles não conseguem, mas eu consigo. Sei onde eles estão e posso acessá-los, mirá-los e lançá-los quase simultaneamente por todas as direções do mundo. Vou ser rápida o suficiente. Vou quebrá-lo em fragmentos pequenos o bastante para queimarem na atmosfera.

Deixe-me ajudar!

Levaria muito tempo para mostrar a você onde eles estão ou para mostrar como utilizá-los. Você tem que confiar em mim. Também estou em uma situação de vida ou morte.

Tom percebeu que ela estivera interagindo há anos antes dele, ela tinha explorado exaustivamente locais os quais ele não havia se dado o trabalho. Ela poderia fazer isso. Acreditava que poderia fazer isso, e, se ela pensava assim, então ele também pensava.

A mente dele estava a mil com as complicações. Uma série de explosões nucleares na alta atmosfera ainda mataria milhões de pessoas. Talvez bilhões. Os fragmentos ainda atingiriam a Terra e matariam os mais próximos das zonas de impacto – mas não todos. *Não todos*. Se Medusa o fragmentasse o suficiente e a atmosfera fizesse seu trabalho de queimar os fragmentos menores, havia uma chance de eles não voltarem à época dos dinossauros.

Os dois ainda poderiam morrer. Um dos dois poderia, dependendo de onde o asteroide entrasse na órbita. Tom pensou rapidamente, *Yaolan, eu...*

Tom, se houver impacto onde você está, ou onde eu estou, quero que saiba que não te odeio pelo que você fez. Você é uma das únicas pessoas que já tentou fazer algo como aquilo por mim. Obrigada.

Um repentino sentimentalismo e saudade o dominou. *Como eu gostaria de ter tido mais tempo com você. Queria que você estivesse por perto. Queria abraçá-la só uma vez pessoalmente, sem avatares...*

Pare, Tom.

Não há tempo, eu sei. Eu sei.

Não, você está ficando muito sentimentalista. Vamos conhecer o apocalipse com alguma dignidade. Foi ótimo conhecer você.

Foi excelente conhecer você também. O terror dele sumiu quando o divertimento o dominou, e foi assim. Medusa saiu do satélite, e ele soube que não havia mais o que fazer. Ele puxou seu fio neural e ficou de pé na sala, ciente de que os próximos minutos determinariam tudo e a situação estava totalmente fora de controle.

Ele notou os próprios pés, caminhando como se estivesse em transe. Yuri estava ali agora, segurando Wyatt. Vik e Lyla tinham desaparecido.

– Thomas – Yuri o cumprimentou. – Vamos ficar juntos, nós três.

– Sim – Tom disse entorpecidamente.

Caminharam juntos até o décimo quarto andar para que pudessem contemplar o céu através das enormes paredes com janelas no andar da ComCam e assistir ao mundo chegar ao fim.

Vik logo se juntou a eles, um pouco sem fôlego.

– Cadê a Lyla? – Tom perguntou a ele.

– Está ligando para os pais dela. Eu imaginei que deveria estar aqui. Lembra-se daquela aposta que fizemos uma vez?

Tom sabia da aposta.

– Vocês dois...

Vik abriu um sorriso e cantou jocosamente.

– Ganhei de você.

Que sortudo filho da mãe!

– Um ataque iminente do asteroide tem que ser considerado trapaça.

– Lyla que começou, não eu.

Fazia sentido as pessoas que enfrentavam o apocalipse fazerem coisas que elas normalmente não fariam.

– Vou dar o troco daqui algumas horas – Tom resmungou.

– Estaremos mortos daqui algumas horas – Vik reclamou.

– Por isso mesmo.

– Vocês dois são pessoas más – Wyatt disse. Então se lembrou. – Meus pais! – ela lançou um olhar imediato para Yuri. Ele esfregou o ombro dela. – Eu me esqueci de ligar para eles.

– “Pessoas más” fizeram você se lembrar dos seus pais? – Vik perguntou.

– Eu não consegui entrar em contato com os meus – Yuri disse a ela.

– Tentei ligar para os meus também. As linhas estão congestionadas – Vik comentou. – Todos aqui estão tentando ligar para a família. Os soldados também. Lyla vai tentar outra vez, mas não estou esperançoso.

Tom pensou em Neil com uma sensação de enjoo. Ele não iria ligar para o pai, mesmo que pudesse. Ele o amava, e queria lhe dizer isso, mas não queria que Neil visse o medo em seu rosto. Seria melhor para seu pai não ver o fim se aproximando.

E Tom sentia-se muito mal por ter brigado com o pai na última vez que se viram.

– Se todos estamos prestes a morrer – Yuri disse a eles –, eu quero saber uma coisa.

Eles olharam para ele.

Seus fervorosos olhos azuis pairaram sobre os amigos.

– Foram vocês três que queimaram a Obsidian Corp. e destruíram o transmissor? Vocês fizeram isso por mim?

Tom, Vik e Wyatt olharam um para o outro. Não havia por que mentir.

– Sim, fomos nós – Vik respondeu.

Yuri ficou com os olhos marejados.

– Vocês arriscaram a vida por mim – ele puxou Wyatt para bem perto. – Jamais teria pedido isso a vocês, mas sou mais grato por isso do que vocês imaginam. Eu queria ter mais tempo com vocês para agradecê-los eternamente.

– Na próxima vida, cara – Vik disse. Todos olharam para ele, e ele deu de ombros. – Tudo bem, confesso: eu acredito na reencarnação. Sempre acreditei. Faz sentido para mim; matéria e energia nunca são destruídas, apenas convertidas, certo? Só não sei bem onde reencarnaremos sem existir vida na Terra.

– Alienígenas? – Wyatt sugeriu.

Vik riu baixinho.

– Você não acredita em alienígenas.

– É claro que existem alienígenas. Este não é o final da vida no universo. Seria ridículo sequer sugerir que a vida não evoluiu em nenhum outro lugar no universo – ela acenou com a cabeça como se convencesse a si própria. – E mesmo depois que não estivermos mais aqui, nossas ondas de rádio chegarão até alguém, talvez daqui a décadas. Talvez daqui alguns séculos, alguém encontrará as sondas do Voyager e perceberá que existimos – em seguida, ela se curvou. – Pelo menos eu espero. Não posso acreditar que existam oito bilhões de estrelas aí fora e que provavelmente haja, planetas como a Terra, e nós nunca sequer tentamos chegar a um deles. Por que não trabalhamos com mais afinco para descobrir a tecnologia mais rápida do que a luz? Foi tão limitado de nossa parte permanecermos no mesmo planeta. Agora toda a humanidade pode se extinguir junta.

Vik esticou as pernas.

– Vendo pelo lado positivo...

– Tem um lado positivo? – Wyatt exclamou.

– Posso lhe dizer isso sem ser muito zoadado no futuro: eu tive uma paixõzinha estúpida por você quando cheguei aqui pela primeira vez.

A distração funcionou instantaneamente. Os olhos de Wyatt viraram na direção dos dele.

– O quê?

– O quê? – repetiu Yuri.

– Você sempre caçoou de mim. Você me chamava de Mãos de Homem – Wyatt frisou.

– Sem essa! Você não sabe como eu funciono? – Vik abriu um sorriso. – Você era uma irritante nerd de matemática que levava tudo a sério. Você ficava chateada e me fazia lembrar um... um esquilincho hiperativo. Ah, e Yuri, não se preocupe, cara, juro que não vou passar os últimos minutos da minha vida seduzindo a sua namorada.

– Então eu não vou passar esses minutos socando você como fiz com Thomas.

Tom riu.

– O quê? – Vik exclamou. – Por que você bateu no Tom?

– Eu beijei a Wyatt – Tom comentou.

– Foi tão constrangedor – Wyatt disse com uma risada.

– O quê? Por quê? Como? – Vik falou ansiosamente.

– Longa história – Tom respondeu. Eles não tinham tempo para longas histórias.

Vik começou a rir e deu um tapinha nas costas dele.

– Traidores! Ninguém me contou. E pensar em todas as maneiras que eu poderia ter caçoado de vocês dois, só descubro isso apenas alguns minutos antes de morrer! Por quê, Deus, por quê? Essa é a maior injustiça de todas.

Ele engasgou quando Tom e Wyatt o acotovelaram.

– Não acredito em vida após a morte – Yuri disse de repente, contemplando pensativamente na direção da janela. – Eu acredito que isto é tudo o que temos. Estes minutos, bem aqui.

Eles ficaram em silêncio, quietos. Tom não conseguia se concentrar, refletir ou até mesmo pensar no que acreditava quanto a vida e a morte e outras coisas profundas como essa. Ele não estava resignado a morrer ali.

– E não tenho nenhum arrependimento – o braço de Yuri apertou Wyatt com mais força. Ele olhou para ela, alisando seu cabelo com a mão. – Estou feliz por ter feito tanta coisa nesse tempo. Isso significa mais do que estes últimos momentos que temos. E tive uma chance de me apaixonar.

Os olhos de Wyatt se arregalaram. Yuri retribuiu o olhar dela, pegando em sua bochecha com a mão em forma de concha. – Você sabe que eu te amo, não sabe?

Ela acenou com a cabeça trôpega.

– E Yuri, eu... – as palavras sumiram. Ela parecia não conseguir se controlar. Então, apertou os braços envolvendo-o, como se estivesse tentando grudá-los juntos.

– E amigos assim – Yuri disse, movendo o olhar para Tom e Vik agora. – Sinto um grande privilégio de ter conhecido vocês. Vocês são os melhores amigos que já tive.

– Também te amo, cara – Vik jurou. Ele estendeu o braço ao redor de Tom. – Todos vocês, pessoal.

Foi a vez de Tom. Ele sentiu o sangue subir até suas bochechas porque nunca ficava confortável ao falar essas coisas.

– Eu também, pessoal. Digo, eu, ahn, vocês sabem – os olhos deles pareciam o encarar duramente. – Vocês são a minha família, certo? – e então ele começou a rir. Não conseguiu se conter. – Vamos rir disso mais tarde se sobrevivermos.

Yuri e Wyatt trocaram olhares.

– Thomas, você sabe que não vamos sobreviver – Yuri disse baixinho, com os olhos cheios de compaixão.

– Não tem jeito, cara – Vik completou, apertando o braço ao redor do ombro dele. – É fim de jogo. Nenhuma de nossas defesas planetárias é capaz de repelir um asteroide daquele tamanho. Talvez consigamos arrancar uns pedaços, mas só. Esse tipo de coisa exterminou os dinossauros. Quero dizer, claro, talvez algumas pessoas importantes estejam protegidas em seus beliches, mas o resto de nós...

Tom olhou de um rosto desnaturadamente tranquilo para outro, pessoas resignadas para a morte, já que nada podiam fazer para detê-la. Ele não tinha contado a eles o que sabia. A morte não era uma certeza de jeito algum. Ele sabia que havia uma pequena chance, apenas uma pequena chance, de que Medusa aparecesse, e ele estava se apegando a isso com toda força. De repente, ele não conseguiu mais guardar esse segredo.

– Eu vi o que eles estavam fazendo no espaço – Tom disse firmemente. – Confie em mim, eles já fizeram muito estrago, quebraram o asteroide em um fragmento muito menor. Tem muito gelo nele, não é feito de ferro, e seja lá o que o tenha tirado da órbita o atingiu de uma forma que não colocou muita dinâmica atrás dele. E assim que ele entrar em nossa atmosfera, alguns outros fragmentos serão consumidos pelo fogo...

– Não o suficiente – Wyatt disse.

– Sim, mas a Medusa também vai atingi-lo com tudo que temos. Cada arma nuclear que ela puder disparar. Vai espalhar algumas partículas radiativas, mas ela pode conseguir explodir o asteroide antes que ele atinja o solo. Ela pode fazer isso com mais rapidez do que qualquer um.

– Espere, o quê? – Vik disse, balançando a cabeça.

– Tom, o que você... – Wyatt começou.

De repente, Tom resolveu esquecer a descrição. Ele não tinha nada a perder.

– Sei que vocês pensam que estou inventando isso, mas não estou. Eu tenho esta capacidade, pessoal. Não é... não é como um superpoder. Acho que é algo no meu processador, mas eu consigo entrar nas máquinas. Posso controlá-las como se fossem projetadas para os processadores neurais. Basicamente qualquer máquina que tenha conexão à internet e banda larga.

Os três olharam fixamente para ele, e, pela primeira vez desde que descobriram sobre sua iminente destruição, não havia medo em seus rostos. Tom teve uma sensação estranha e eufórica de libertação, aliviando-se, mesmo que isso não pudesse significar nada.

– Medusa pode fazer isso também. Foi assim que consegui conversar com ela. Nós dois conseguimos entrar no sistema um do outro sem que alguém nos detecte. Tipo, entrar diretamente, passar pelos firewalls. É por isso que eu posso dizer a vocês que sei do que estou falando quando digo que existe uma chance de alguém parar o Cruithne: eu estava dentro dos satélites, vi o que estava acontecendo e conversei com Medusa. Ela tem um plano.

Eles olharam fixamente para ele.

Tom soltou uma risada meio histérica.

– E agora que estou sendo honesto, também devo dizer a vocês que explodi os drones também. Eu sou o fantasma da máquina. Eu.

Os três ficaram boquiabertos. Nenhum deles estava olhando pela janela quando um bloco do asteroide riscou o céu e o enorme estrondo de sua explosão antes de atingir a Terra fez com que eles se jogassem no chão, agarrando-se uns aos outros, apavorados, com os olhos espremidos.

E então o estrondo sob eles se desfez, e tudo o que sobrou foi o som de suas respirações ásperas, a sensação de seus braços uns sobre os outros – e do lado de

fora a luz solar ainda penetrando a nítida atmosfera azul.

Não era o fim do mundo.

O céu não silenciou com cinzas. E nenhuma onda de oceano fervente dominou a Terra.

O Armagedom havia sido evitado.

Mas não sem um custo.

Naquela noite, enquanto todos os cadetes traumatizados pela guerra se deslocaram aos poucos até o refeitório, onde soldados atordoados também andavam sem rumo, as telas de emergência nas paredes estavam ligadas, e cada estação de notícias se concentrava nas várias crateras dos impactos. Repetidamente, a imagem reprisou o heroico resgate do planeta feito por Medusa, as explosões nucleares da alta atmosfera que iluminaram o céu, uma após a outra e após a outra.

A maioria dos blocos de escombros foi consumida pelo fogo na atmosfera. Muitos ainda caíam. Muitos explodiram bem acima do chão e ainda devastavam a paisagem. As partículas radiativas espalharam-se sobre a Terra, contaminando países inteiros.

Mas eles estavam vivos.

E então Joseph Vengerov apareceu no noticiário e reivindicou crédito pelos impactos nucleares.

Não havia ódio suficiente no coração de Tom para conter o quanto ele abominava o homem nas telas do refeitório, mesmo enquanto todos os outros inflamavam de orgulho e aplaudiam o oligarca que tinha, supostamente, salvado a Terra.

Tom poderia ter socado cada tela que mostrava o sorridente rosto de Vengerov. O bastardo sabia que conseguiria sair dessa com os créditos, pois a alternativa era que o fantasma da máquina se adiantasse e admitisse que fez isso sozinho. Então, o outrora desacreditado CEO sorriu e graciosamente respondeu às perguntas, com os olhos piscando em silêncio desafiador na tela – como se estivesse rindo por dentro para a pessoa ali do outro lado que tinha verdadeiramente salvado o mundo.

DURANTE TODO O DIA, as notícias do impacto e dos lugares onde as partículas radiativas foram liberadas surgiram.

Karl Marsters ficou pálido como uma folha de papel quando uma cena de Chicago ao vivo apareceu na tela. Lyla Martin estendeu o braço ao redor dele e afagou o seu ombro. Todos murmuraram quando viram a filmagem do fragmento se despedaçando sobre Maryland, a explosão que todos na Agulha tinham ouvido quando aconteceu e que acabou com várias comunidades costeiras. Jennifer Nguyen gritou quando a imagem do Vietnã foi exibida. Iman a puxou em um abraço e em seguida a conduziu para fora do refeitório.

Tom ouviu também, rígido de ansiedade a cada nova reportagem que surgia, embora ele sequer soubesse onde estava seu pai naquele exato momento e não tinha como saber se ele havia sido atingido ou não. Houve um impacto em Colorado, e um próximo ao Golfo do México que enviou um tsunami para a costa. Um fragmento menor explodiu sobre o Novo México e devastou tudo o que se encontrava num raio de quarenta e oito quilômetros.

E foi com esse que Tom se preocupou. Com esse. Neil ia para lá às vezes. Sempre que ele pensava nisso, sempre que pensava em sua incerteza sobre o pai, ele sentia como se fosse vomitar. Mas tentou se conter.

As detonações nucleares na atmosfera agiram como pulsos eletromagnéticos, derrubando a energia sobre faixas inteiras de países. Usinas nucleares estavam em risco de fusões catastróficas e havia intensos focos de incêndio incontrolados. Os pilotos começaram a se mobilizar em todo o mundo em busca de sobreviventes, levando ajuda humanitária para todos os locais devastados.

Os Estados Unidos finalmente sentiram o impacto de todo dinheiro que tinha sido desviado de sua infraestrutura pública, a privatização de suas estradas, de seus hospitais e de suas equipes de emergência. Estradas abandonadas não conseguiam lidar com a tensão das ambulâncias evacuando as pessoas. Incêndios incontrolados queimavam as cidades porque pouquíssimas pessoas haviam sido treinadas para combatê-los, e aqueles drones não tripulados usados para vigilância e separação de multidões turbulentas não foram projetados para esforços humanitários. Serviços públicos de água estavam em mau estado de conservação e canos explodiam sob a tensão. Empresas concessionárias de estradas tentaram impor pedágios mesmo para socorristas e anunciar suas taxas sobre a água, até que multidões iradas começaram a forçar a entrada em suas matrizes, assustando os executivos com repentinas ondas

de preocupação sobre seus semelhantes humanos – e dando passe livre em prol dos esforços de socorro.

A princípio, o enorme número de aviões e helicópteros humanitários entupiu o céu, provocando uma situação perigosa com os trinta milhões de drones não tripulados ainda dispersos sobre o país – a maioria dos quais foram designados para vigilância e poucos eram realmente úteis a um desastre natural. Após várias colisões, até mesmo os drones não tripulados tiveram que ser aterrissados. As multidões fervorosas garantiram isso também.

Parecia que até os executivos da Coalizão se acovardaram diante do espírito público unificado que surgiu depois desse desastre natural extremo. A única empresa que era intocável, os únicos que eram importantes, independentemente de suas ações, eram aqueles que trabalhavam para a Obsidian Corp., além do próprio Joseph Vengerov.

Somente Tom e seus amigos sabiam que ele estava reivindicando crédito por algo que Medusa havia feito.

Salvar o planeta lhe proporcionava perdão de todos os seus pecados. As empresas da Coalizão que tinham o atacado dias antes por causa de suas máquinas defeituosas, por causa de ataques que convenientemente pouparam os seus próprios executivos, agora o enalteciam publicamente. Eles não ousavam fazer nada além disso. Em um discurso amplamente divulgado, Vengerov ficou em pé sobre uma pilha de escombros, rodeado por socorristas, e falou da determinação de sua empresa em garantir que algo como isso nunca voltasse a acontecer. Ele concluiu o discurso segurando uma bandeira da Coalizão de Multinacionais.

Havia um grande simbolismo na versão que ele escolheu, pois não era a atual versão com apenas empresas indo-americanas associadas – era a versão antiga, a original de antes da Terceira Guerra Mundial. A bandeira era uma monstruosidade abarrotada. No centro, ficava o símbolo das Nações Unidas. Um anel interior exibia os logos da Organização Mundial do Comércio, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. O anel de fora nas beiras da bandeira mostrava todos os doze logos das empresas, unidas em seu domínio sobre a Terra.

E de repente, as pessoas podiam perdoar a farsa de Vengerov sobre a LM Lymer Fleet e a Obsidian Corp. E daí que ele tivesse vendido a mesma tecnologia para ambos os lados? E daí que ele tivesse secretamente lucrado de ambos os lados do conflito? Ele se considerava um cidadão do mundo, não de um país. Não era traição para um homem enganar pessoas que deveriam se sentir privilegiadas só por ter alguém como ele em seu meio. Ser dono de empresas em ambos os lados era simplesmente colocar dinheiro onde sua boca estava, onde seu coração estava.

Vengerov não era um aproveitador de guerra, ele era um humanitário. Ele acreditava na unidade.

CADA CADETE ACIMA DOS dezesseis anos na Agulha foi recrutado para os trabalhos de busca e resgate. Eles eram infinitamente úteis, afinal de contas, podiam baixar todas as habilidades de um paramédico em uma noite, eram capazes de pilotar, sobrevoar ou operar quase qualquer veículo após um download de uma noite. E eles não precisavam dormir para funcionar na melhor forma. Alguns se tornaram médicos da noite para o dia; outros, como Tom, serviram como pilotos. Todos os veículos velhos, não automatizados, foram trazidos de volta para o batente e posicionados, e alguém precisava pilotá-los.

Alguns dos cadetes maiores e mais fortes se juntaram às brigadas de combate a incêndio e aos esquadrões de busca e resgate. Tom ajudou a levá-los até onde eram necessários. Todas as ordens estavam em seus processadores; Tom seguiu todas elas sem pensar como se estivesse se deslocando em um sonho.

Em uma manhã, ele ainda sentia como se estivesse em um estranho transe enquanto assistia ao sol nascer sobre a devastada paisagem de Indiana, com a mão repousando no manete e os pés nos pedais do helicóptero. Todos os cadetes com idade suficiente para ajudar tinham recebido às pressas um uniforme de serviço militar, uma comissão temporária e foram ordenados a sobrevoar conforme instruções, esperar e retornar com novos bandos de sobreviventes feridos e aflitos enquanto a Cruz Vermelha os reunia e os enviava para os vários centros de triagem.

Ele não sentiu mais do que uma vaga surpresa quando viu Karl Marsters cruzar a pista de decolagem e subir ao seu lado, esfregando os olhos de sono e resmungando por ter que pegar uma carona com ele até o próximo destino para onde estava designado. Geralmente, quando Tom e Karl se encontravam por acaso, um reconhecimento mútuo de hostilidade se fazia entre eles, seguido por algo desagradável e, por vezes, violento. Ultimamente, Tom tinha variado a rotina e deixado Karl desconfortável ao ser educado com ele, mas era uma polidez muito limitada e não inteiramente amistosa.

Hoje, tudo estava diferente. Era como se nada do passado importasse. O Karl que tinha forçado Tom a latir como um cachorro e o Tom que tinha prendido Karl em uma rede de esgotos pareciam ter deixado as diferenças há décadas. Nenhuma hostilidade mútua importava diante do evento apocalíptico ao qual ambos haviam sobrevivido.

– Você quer pilotar? – Tom ofereceu. Parecia uma concessão polida para ele, uma vez que preferia muito mais estar nos controles.

Karl esfregou o olho com um dedão.

– Não, a menos que você esteja cansado.

Tom não estava. Ele abriu o manete e puxou o controle coletivo, comprimindo o pedal esquerdo para erguê-los no ar. Karl encostou no assento, contemplando miseravelmente a paisagem abaixo deles.

– Ei – Tom disse após um tempo, falando alto para ser ouvido sobre o zumbido do rotor. – Lamento pelo que aconteceu em Chicago.

Karl se mexeu em seu assento, inquieto.

– Minha irmã está lá. Em Loyola.

– Sinto muito.

O menino maior olhou para ele pela primeira vez.

– E você? Teve notícia de sua família?

– Tenho só meu velho – Tom teve aquela mesma sensação de que seu estômago estava revirando. – Não tive notícia ainda, mas acho que é normal. As linhas estão congestionadas em quase todos os lugares. Não teve muitos problemas no sudoeste, mas, se alguém saiu ileso disso tudo, foi ele.

– Espero que você tenha notícias logo.

– Obrigado.

Karl olhou fixamente para os focos de incêndio como manchas contra a paisagem próxima a Gary. Ele cerrou o punho e bateu com força no painel da aeronave.

– Estamos tão próximos – ele disse, com os dentes rangendo. – Eu me entrincheiraria e iria sozinho se as estradas não estivessem congestionadas.

Tom imaginou sobre o que ele estava falando.

– Você não pode pedir que te enviem para o trabalho de socorro em Chicago?

– Isto é o mais próximo que consigo chegar. Querem que eu faça este serviço. Eles sabem que eu sumiria em um segundo lá para procurar... – a voz dele sumiu.

Tom o observou. Então ele mudou o helicóptero de direção e partiu. Karl olhou para ele.

– O que você está fazendo?

– Estou acidentalmente desviando de trajetória – ele ergueu as sobrancelhas. – Então se estou fora da trajetória e acabar aterrissando em Chicago em vez de Gary, não acredito que ninguém vai culpar você por ir atrás de alguns assuntos pessoais.

Por um instante, o rapaz só olhou para ele.

– Você vai ser repreendido por isso.

– Sim, outra repreensão. Mas vou sobreviver.

Karl se acomodou em seu assento. Logo o que sobrou dos prédios mais altos apareceram em seu campo de visão, junto com os rudimentos dos prédios em chamas e os carros abandonados entupindo a entrada ao longo do lago.

– Você sabe para onde quer ir? – Tom perguntou.

– Me deixe no centro. Vou descobrir o que tenho que fazer de lá. Já que você está se desviando da trajetória e tal...

Tom aterrissou na praia, próximo ao lago. Karl abriu a porta e virou para se ver sob a luz roxa do amanhecer.

– Raines – ele disse, apontando com um dedo grande –, você ficará bem?

Tom acenou com a cabeça para ele, e então quando Karl estava longe do helicóptero, ele se lançou ao ar outra vez.

OS DIAS VIRARAM SEMANAS. A última contagem de mortos chegou a 772 milhões. Em vez de encontrar sobreviventes feridos presos sob escombros cinzentos, nas zonas queimadas ou devastadas, as equipes de resgate começaram a encontrar corpos. Tom e os outros cadetes logo seriam designados de volta para suas tarefas padrões.

As horas de Tom eram preenchidas com atividade, e durante as noites, quando ele fechava os olhos, todas as imagens de agitação e estresse do dia percorriam sob suas pálpebras, como se até mesmo o seu processador neural estivesse se esforçando para compreender tudo que tinha acontecido desde a descoberta do asteroide perdido.

Às vezes ele via os centros de triagem com rostos ensanguentados, brancos como giz, os corpos que anuviavam diante de seus olhos por serem muitos, e o tormento o acometia só de pensar que seu pai poderia ser um deles, em algum lugar por aí, talvez na esperança de que Tom o encontrasse, na esperança de que pudesse ajudá-lo. Tom ficou acordado até tarde mesmo após dois dias direto no campo, passando os olhos pelas desorganizadas listas de sobreviventes e encarando rapidamente as câmeras de vigilância – qualquer vigilância que tivesse sobrado – até sua visão ficar dupla.

E então um dia o inesperado aconteceu.

Tom estava no horário de almoço, sentado à porta de seu helicóptero, devorando um sanduíche à espera de sua próxima tarefa quando um reluzente helicóptero híbrido planou na pista de pouso diante dele. Tom esticou o braço para segurar seu quepe, olhando de forma admiradora para suas leves linhas. Ele não tinha tido a chance de voar com um daqueles com exceção das simulações. Então a porta se abriu e uma figura solitária surgiu de suas profundezas.

A pessoa se deslocou em sua direção com um ritmo constante, uma pequena mulher vestindo um jogo completo de uniforme padrão com marcações que ele não reconheceu... obviamente alguém de outro país ajudando no trabalho de resgate.

E então ela se aproximou mais e o coração de Tom parou.

Sua sensação foi de congelamento, como se cada molécula em seu corpo tivesse ficado rígida, paralisada, tensa, só à espera de seu cérebro compreender o que seus olhos estavam vendo, pois não poderia ser...

Ela.

Era ela!

Tom se lançou à frente, saltando do helicóptero, e foi na direção dela, parando a alguns metros de distância, apenas olhando fixamente para a menina que ele nunca tinha visto pessoalmente. O cabelo preto de Medusa se agitou com a brisa e os olhos dela pareciam duas meias-luas escuras contemplando os dele, e a escoriação no lado

esquerdo do rosto dela lhe dava um olhar tenso, de desaprovação.

– Medusa – Tom não podia acreditar. A palavra saiu como um sussurro.

Ela o analisou por um longo momento.

– Então você é real. Eu não imaginei você.

– Isso estava em questão?

– Não dormi desde o Cruithne. Tudo está em questão agora – ela disse.

Ela se virou para voltar ao seu helicóptero, mas Tom ousou avançar e a agarrou pelo abraço.

– Espere!

– Não me toque – ela o alertou.

Tom deixou a mão escorregar pelo braço dela. O frio ar da manhã estava revigorante, aumentando as nuvens brancas de ar que saíam de sua boca. Ele não estava sequer tremendo. Sentia-se todo eletrificado, com o cérebro ardendo de admiração, de descrença. Ela estava ali. Estava realmente ali. Ele tinha tocado o braço dela. O braço *real* dela.

– Como você conseguiu chegar aqui?

Medusa olhou fixamente para ele. Ela apontou de volta para sua aeronave.

– Sim, isso eu sei. Mas digo, como? Por quê?

– Eu rastreei o seu sinal de GPS. Estava curiosa para ver sua aparência pessoalmente. – Ela lançou um olhar distraído ao redor. – Acho que é melhor ir embora.

– Espere. Espere.

Ela olhou para ele curiosamente enquanto Tom tentava formar palavras.

Ele, enfim, encontrou algo para dizer.

– Você ficou louca?

Medusa tinha que ter um sinal de GPS. O exército dela registraria que ela esteve nos Estados Unidos. Eles pensariam que ela havia se desprendido e desertado. Não tinha desculpa para estar ali. Então, ele avançou em sua direção, e ela não o afastou quando ele a agarrou asperamente pelos seus pequenos ombros.

– Medusa, você está louca? Voou até aqui só para dar uma olhada? Você vai ser julgada por traição. Eles vão pensar que você desertou! Você tem que voltar agora! Ponha a culpa em uma falha de instrumentos ou algo do tipo. Qualquer coisa. Mas volte voando agora mesmo!

Mas olhando para ela, para a estranha distância em seus olhos escuros, Tom percebeu que ela não tinha vindo por causa de uma fútil curiosidade. Havia algo a mais.

– O que há de errado? – ele a pressionou.

– Nada.

– Você ouviu o que eu disse? Você está correndo um enorme risco aqui.

Ela fechou os olhos pesadamente.

– Não importa – havia uma estranha vulgaridade nela que Tom nunca viu por meio das câmeras de vigilância e nem nas simulações. Não parecia ela. – Nada disso importa mais. Olhe ao redor. Eu estive na cidadela, em Sun Tzu – o olhar dela perambulou em algum lugar distante. – Parece que todo mundo perdeu alguém. Eu tive que ficar lá e fingir...

– Fingir o quê? – Tom quis saber. – Fingir que você não salvou o planeta?

Ela segurou as têmporas.

– Já passei por este cenário várias vezes e recalculei a trajetória daqueles mísseis. Eu poderia ter acertado todo o asteroide, Tom. Poderia ter feito melhor. Se eu tivesse sido dois segundos mais rápida, seriam centenas de milhões de pessoas vivas agora. Essas pessoas morreram por minha culpa.

Tom ficou boquiaberto.

– Mas você acertou o asteroide.

– Li as análises na internet. Todos pensam que foi Joseph Vengerov, mas estão dizendo que ele poderia ter feito um trabalho melhor se...

– Pare de fazer isso com você mesma. Vem cá – Tom a puxou contra seu corpo, ignorando o empurrão dela. Ele sabia que ela tinha tomado uma decisão importante aquele dia ao disparar as armas nucleares. As consequências chegaram a bilhões de vidas. Ela tinha assumido a tarefa mais assustadora e estressante possível ao evitar um apocalipse total e ele não a deixaria fazer isso consigo própria. – Você salvou o mundo. Não consegue entender isso? Por que mais você acha que Vengerov está reivindicando crédito? Se alguns idiotas estão criticando isso, não ligue para eles. São uns idiotas!

– Eu poderia ter feito melhor...

– Não adianta pensar assim. Você não pode voltar no tempo. Talvez você até pudesse teoricamente, com algum golpe da sorte ou qualquer coisa, ter salvado mais gente, mas você sabe que poderia ter salvado bem menos pessoas do que salvou. Não há dúvidas quanto a isso. E isso também poderia ter acontecido. Você poderia ter perdido o controle ou travado. Poderia ter entrado em pânico, e se tivesse entrado, quem sobraria aqui? Um punhado de pessoas ricas que tinham beliches, as máquinas e os estoques para sobreviver a um inverno nuclear. Você fez a coisa certa. Não tenha dúvida disso.

– Não é fácil assim – ela se desprendeu do abraço dele. Ele esperou que fosse embora, mas ela apenas se sentou no chão como se não tivesse a energia para andar sozinha. – Sinto como se não conseguisse pensar.

– Bem, não dormir por algumas semanas pode te deixar assim – Tom comentou. Ele percebeu de repente o quanto a cabeça dela deveria estar confusa. Medusa não fazia algo assim normalmente. Ela teria julgado melhor. Não estava pensando

claramente.

Ele coçou a cabeça. Teria que descobrir como dar cobertura a ela. Era como se um grande peso comprimissem seu peito na tentativa de pensar em como cobrir os rastros de alguém quando ele sequer sabia ainda quanto estrago havia feito.

Com um susto, ele percebeu de repente o que Blackburn deve ter sentido, ao ser obrigado a fazer isso a ele por várias e várias vezes. Então o que Blackburn faria? Por onde começaria?

– O seu sinal de GPS – Tom disse. – Você disfarçou o seu sinal de GPS?

– Acho que sim – ela disse com a voz fraca e os braços envolvendo seus joelhos flexionados.

– Isso é uma pergunta que requer resposta afirmativa ou negativa. Não precisa pensar.

Os olhos pretos dela moveram-se na direção dos dele com um lampejo de ódio que o tranquilizou.

– Sim.

Tom olhou entre as aeronaves de cada um, e seu processador neural acessou os diagramas esquemáticos para o Interstício. Ele estava tendo uma ideia do que fazer ali.

Ela tinha dito uma vez para encontrar alguém que realmente precisasse dele. Desta vez, ela precisava, e ele podia enxergar isso claramente. Ele era a única pessoa que sabia o que ela tinha feito, então ele era a única pessoa que poderia ajudar a consertar isso.

Ele seguiu para seu helicóptero e ligou o botão de autonavegação, retornando em seguida.

– Vamos. Vou levar você para um lugar.

Ela balançou a cabeça.

Tom suspirou.

– Certo. Vamos fazer o seguinte então – ele inclinou o corpo e a puxou em seus braços. Ele quis ser másculo e sereno, mas foi mais complicado carregar um ser humano que estava irritado com ele do que pensou que seria. Ele a jogou sobre seu ombro como um saco de batatas e saiu pisando firme na direção da aeronave híbrida dela.

– O que você está fazendo? – ela reclamou. – Não tem nada de errado com as minhas pernas.

– Cuidado com a cabeça – ele disse a ela ao erguê-la pela abertura da porta.

Mas, apesar de todo seu esforço, a cabeça dela bateu no batente da porta e de repente ela o xingou em cantonês. Tom, quando se deu conta, se viu sorrindo, já que essa foi a coisa mais reconfortante que ele ouvira desde a chegada dela.

Foi só quando eles estavam sentados na aeronave híbrida dela que Tom se tocou:

a menina sentada ao lado dele, tão próximo que ele podia sentir o calor radiando do corpo dela...

Ela era Medusa. Em pessoa. Era realmente Medusa.

Ordens piscaram no centro de visão de Tom. Ele respondeu que teve problemas técnicos e iria se atrasar. Em seguida, improvisou uma redireção para garantir que o sinal de GPS permanecesse no meio-oeste onde ele deveria estar. Ele poderia entrar no Interstício na viagem de volta.

Então, Tom os lançou no ar na aeronave de Medusa. Ela caiu no sono ao lado dele, todo o sono que ela não dormira desde Cruithne. Tom se viu com os olhos perdidos nela, por várias vezes, enquanto tentava enfiar na cabeça o fato de que ela era real, que ela estava ali. Ele conseguia ver o peito dela subindo e descendo, o modo como um fio de seu cabelo escuro esvoaçava sobre os olhos. A cicatriz sobre uma de suas pálpebras e a outra pálpebra com uma curva de cílios escuros. Ele refletiu sobre o que tinha acontecido, como deve ter doído.

Ela só acordou bem depois que ele aterrissou, quando a úmida brisa batia na porta do helicóptero, estendida para revelar o vívido pôr do sol do lado de fora.

– Vamos – Tom disse, movendo-a com cuidado para fora.

Medusa esfregou os olhos quando eles pisaram no chão, olhando perplexa ao redor para a extensão de paisagem irregular, as suntuosas árvores espalhadas abaixo e o oceano brilhando a distância.

– O que você acha? Lindo, né? – Tom perguntou.

– Por que você me trouxe até aqui? – Medusa se admirou. – Não vim para passear.

– Você sabe que o Cruithne deveria ter atingido o Pacífico? – Tom perguntou, exprimindo as palavras em que tinha pensado no trajeto. Sua exortação motivacional. – Se tivesse atingido, teria enviado uma enorme onda de água fervente sobre este lugar. Então olhe ao redor e pense que este local só está aqui por sua causa. E não apenas este local. De modo geral, havia bem mais pessoas do que setecentos milhões prestes a morrer antes de você explodir o Cruithne. Então, acho que o que estou tentando dizer é: supere isso.

– Supere isso? – Medusa ecoou.

– Sim. Supere isso. Você não enxerga como é ridículo se maltratar por salvar *apenas dez bilhões e meio* de pessoas? Você é um herói! Ou heroína, tanto faz. Eu adoraria ser aquele que salvou o mundo. Passaria o resto da vida me sentindo muito orgulhoso de mim mesmo por causa disso. Eu contaria a todos que quisessem ouvir que salvei o mundo inteiro e esqueceria de esconder minha capacidade. Valeria a pena correr o risco de ter Vengerov atrás de mim só para me gabar de dizer que fui eu quem salvou o mundo.

Ele jurou que por um instante ela quase sorriu.

– Você realmente pode dizer de forma legítima que salvou o mundo – Tom se maravilhou. – Ou você vai ser capaz de fazer isso mais à frente, quando o fantasma da máquina e todos os nossos segredos não importarem mais. Você fez isso, então pare de chorar e aceite o crédito por este incrível feito. Então... é isso. É isso o que eu tenho a dizer. Pensar nas coisas que você não pode mudar ou consertar é estúpido e sem sentido. Você diz que poderia ter feito melhor, mas sabe que poderia ter feito infinitamente pior. É por isso que trouxe você aqui, assim você consegue enxergar evidências visíveis de um local que você salvou.

Medusa franziu a testa.

– Você poderia ter mostrado qualquer coisa. Por que estamos no Havaí?

– Imaginei que fosse mais perto da China, assim você terá um voo mais rápido até sua casa – ele abriu um sorriso para ela. – E eu queria uma desculpa para ver este lugar.

Ele conseguiu arrancar um sorriso dos lábios dela.

– Você está começando a entender, não está? – Tom perguntou, agora com mais confiança. Talvez ela precisasse apenas dormir, talvez precisasse exprimir seus piores medos para alguém... mas Tom gostava de pensar que tinha contribuído para o sorriso surgir nos lábios dela.

O vento fez seu cabelo escuro esvoaçar.

– Não posso acreditar que você nos trouxe até o Havaí só para me dizer algo que poderia ter dito horas atrás.

– Sim, mas você precisava dormir, Medusa. Além disso, eu não teria outra oportunidade de impressioná-la com uma viagem surpresa para o Havaí.

Ela espiou na direção dele, com o véu formado por seu cabelo escondendo aquela parte de seu rosto que ela nunca gostava de mostrar.

– Você pode me chamar de Yaolan.

– Yaolan – ele murmurou.

E quando ela deu um passo na direção dele, Tom não hesitou. Ele a puxou em seus braços e mergulhou a cabeça na dela, seus lábios pressionando os dela, separando-os. Os dedos dela deslizaram sobre a lateral do corpo dele, e Tom percebeu que tudo era melhor pessoalmente. Tudo. Nenhuma realidade virtual poderia captar a sensação do corpo dela como mágica em seus braços, um turbilhão de sensações percorrendo a pele dele como se ele tivesse finalmente alcançado algo pelo qual vinha buscando há anos, sem nunca obter êxito.

Embora isso fosse contra cada um de seus instintos, cada célula, poro e molécula sua, foi ele quem se forçou a dar um passo para trás. A voz dele soou estremecida.

– Pronta para voar de volta?

Ela analisou o rosto dele.

– Eu fiz algo errado?

– Não. Nunca – Tom estendeu o braço e tirou o cabelo que cobria o rosto dela, imaginando como era possível se sentir embriagado na presença de alguém. Ele sentia como se tudo fosse possível com ela por perto, como se sua vida significasse mais, como se *ele* significasse mais. Ela não fechou os olhos. – Quero vê-la novamente. Não depois de quase todos morrermos, não depois de um apocalipse, não depois de nada como aquilo que aconteceu. Mas agora... Se eu ficar com você por mais tempo que isso, vou fazer algo errado.

Ela inclinou a testa no peito dele, e Tom alisou o sedoso cabelo preto dela. Eles não precisaram dizer mais nada. Tom sentiu pela primeira vez em um bom tempo que as coisas iam dar certo.

TUDO DENTRO DELE PARECIA estar zunindo, batendo de alegria, mais tarde quando ele retornou à Agulha Pentagonal, uma sensação tão estranha depois de semanas de completa penúria. Ele precisava se concentrar para conter seus sorrisos estúpidos, seus pensamentos repletos da presença dela, só dela.

Ela voou de volta para a China, mas Tom tinha a tocado, a segurado, a menina por quem ele era obcecado há anos, e de repente nada mais parecia impossível para ele. Ele não havia realmente se sentido assim desde que perdera os dedos – a sensação de ser totalmente livre, invencível. Mesmo com um mundo entre eles, sentia que era capaz saltar sobre os oceanos e transcender isso tudo.

E se eu sair daqui amanhã?

Tom nunca pensara nisso antes, mas isso virou sua cabeça de modo fantasioso, insano e repentinamente incrível, pois ele percebeu que havia algo mais lá fora se ele não conseguisse entrar nas Forças Intrassolares. Se ele não estivesse mais na Agulha, não haveria nenhuma restrição em sua movimentação, ou com quem ele conversava. Mesmo se ele trabalhasse para alguma empresa da Coalizão ou outra empresa, ele teria a liberdade da vida de civil. Mesmo se os países estivessem em guerra no espaço, isso não o impediria de vê-la.

As ideias revolveram em sua mente até ele chegar ao elevador, onde as portas se abriram e revelaram o tenente Blackburn.

Antes que Tom pudesse reagir, Blackburn o pegou pela gola e o puxou com tudo para dentro.

– Você é tolo? No que estava pensando?

O olhar de Tom voou na direção do dele.

– Sobre o quê?

– Você sabe o quê.

– Sei que não posso ficar aqui em pé falando sobre isso – Tom o lembrou.

– Ah, por favor, você acha que eu me esqueceria de bloquear a vigilância? – o elevador deu um solavanco e parou. – Outra vez, você perdeu a cabeça?

Como ele descobriu tão rapidamente? Tom tinha redirecionado o seu sinal de GPS; Yaolan tinha redirecionado o dela. Ele até preparara uma mentira para contar.

– Tive um problema com o combustível. Erro meu... – ele tentou se desvencilhar do agarrão de Blackburn, mas os dedos do homem apertaram ainda mais o seu braço.

– As notícias correm, Raines: você não pode simplesmente sair correndo e

encontrar a sua namorada do lado *inimigo*!

– Ela que me procurou. Apenas a levei de volta para casa!

– Depois de uma paradinha no Havaí?

– É que fica entre aqui e a China, e ela tinha que voltar para casa de qualquer forma. Olhe, ela se culpou pelo que aconteceu. Por todos que morreram. Eu não poderia deixá-la. Ela estava nos salvando.

A expressão de Blackburn ficou muito inflexível.

– Foi ela?

E por um instante, o mundo foi lentamente parando, e o sangue fugiu do rosto de Tom quando ele percebeu que tinha acabado de revelar a Blackburn quem era o outro fantasma da máquina. Pelo choque demonstrado no rosto de Blackburn, ele também tinha percebido aquilo.

Derrube-o, apague a memória dele...

Tom não chegou nem a alcançar o teclado em seu antebraço. Ele sentiu a força brutal de Blackburn, que o jogou contra a parede com uma velocidade de tirar o fôlego.

– Eu *não* vou machucá-la – Blackburn falou com um ruído estridente no ouvido de Tom.

Tom agarrou o pulso de Blackburn e o torceu, usando todo o peso de seu corpo para desequilibrá-lo e jogá-lo contra a parede, e os reflexos superiores da juventude pelo menos desta vez superavam a vantagem de tamanho de Blackburn, e, de repente, era ele que estava com o homem imobilizado.

– Você tem razão. *Não* vai machucá-la!

Blackburn provavelmente poderia ter se desvencilhado, mas ele não tentou reagir.

– Ouça. Estou tentando ajudá-lo. Ela não tem motivo para se sentir culpada. Você pode dizer isso a ela.

Por um instante, o silêncio pairou sobre os dois e o único som foi a acelerada respiração deles.

– Como assim? – Tom perguntou relutantemente.

Blackburn olhou de volta para ele.

– Na próxima vez que conversar com a sua namorada, diga que o Cruithne não foi culpa dela.

– Eu disse isso a ela, mas....

Ele olhou de volta para Tom sobre o ombro, e seus olhos pareciam duas rochas cinza de aço.

– Diga a ela que é muito fácil para alguém com o melhor beliche que o dinheiro pode comprar, duas empresas multinacionais e sem consideração pela vida humana tirar um asteroide da órbita.

Tom recuperou o fôlego. O agarrão dele em Blackburn afrouxou. – Sem chance.

Não, é muito... é demais, até mesmo para ele.

– Por que não? – Blackburn virou lentamente, os olhos cinza brilhando com uma luz perturbadora. – Quando ele tinha vinte e poucos anos, um de seus primeiros atos como CEO da LM Lymer Fleet foi promover um bombardeio com bomba de nêutron no Oriente Médio. Ele fez uma grana inesperada naquele contrato. Você francamente acha que um homem com tão pouca consideração pela vida humana em uma parte do mundo enxerga as pessoas em outras partes do mundo de forma diferente? No final das contas, independentemente da nacionalidade, da religião, do credo ou do país com o qual nos identificamos, somos todos apenas ralé para pessoas como Vengerov. Seres humanos em excesso e descartáveis.

Tom engoliu em seco. Blackburn tinha razão. Alguém que pudesse punir as pessoas do outro lado do mundo com tais atrocidades poderia facilmente fazer isso em outro local.

– O equipamento dele falhou ao nos indicar quando Cruithne foi tirado da órbita – Blackburn prosseguiu. – Ele é completamente familiarizado com os recursos militares de ambas as partes. Sabia que poderíamos causar danos ao asteroide o suficiente para assegurar que fosse um acontecimento de extinção em massa, mas não o fim de toda a vida na Terra. Ele possui acesso completo a cada máquina em seu arsenal. Um comando e as Matrizes Prometeicas da Obsidian Corp. podem disparar no alvo, redirecioná-lo. Ou talvez alguns de seus Centuriões pudessem enterrar algumas bombas de hidrogênio no lugar certo para dar uma boa pancada na direção escolhida para o asteroide.

– Meu Deus... – Tom tomou fôlego aterrorizado. Tudo fazia um terrível sentido.

– Então, de novo, – Blackburn refletiu misteriosamente –, ele poderia ter utilizado outro asteroide como um jogo de bilhar cósmico; com isso o truque também teria funcionado. Seja lá qual fosse o cenário, o resultado final é algo que pareceu ser uma ocorrência de natureza extraordinária que aconteceu logo quando o resto da Coalizão tinha o atacado, o que distraiu a todos. Foi a forma perfeita de tirar a culpa de sua empresa. E se ele expusesse o fantasma da máquina no processo, melhor ainda.

– Eu nem tentei cobrir meus rastros.

Blackburn esfregou a palma sobre a mão.

– Então talvez ele tenha conseguido.

Tom se lembrou da expressão de prazer de Vengerov na televisão enquanto reivindicava crédito por salvar o mundo, pelo que Medusa havia feito; e isso tinha um novo significado, uma nova audácia.

– Ele fez isso por causa de nós.

– Nós?

– Se eu não tivesse... – Tom interrompeu a fala.

E o silêncio se fez. Se ele não tivesse ficado quieto, se tivesse denunciado Blackburn, talvez os ataques aos executivos tivessem cessado e a empresa de Vengerov não teria sucumbido. E então ele não teria feito isso para salvá-los, sacrificando setecentos milhões de pessoas no processo.

E depois Tom percebeu o que ele estava fazendo: a reação de Blackburn a Vengerov não era o problema. Vengerov era o verdadeiro problema. Joseph Vengerov estava disposto a fazer algo assim desde o princípio. Ele precisava pagar.

Tom sentiu o ódio subir por dentro. Ele agarrou Blackburn pela gola com a voz trêmula de fúria.

– Por que você não o matou? Depois de tudo que ele fez com você, com todo mundo... Eu sei que você é capaz de fazer isso. Sei que você matou Heather.

O rosto de Blackburn se transformou com o choque. A força dele afrouxou.

– Sim, sou um pouco mais silencioso e sutil do que uma explosão termonuclear – Tom disse, empurrando-o de lado. – Eu guardei segredos. Sei por que você fez isso. Mas o que não entendo é por que Vengerov ainda está vivo.

– Porque eu não posso matá-lo – Blackburn comentou.

– Como assim? Você tem consciência quando se trata dele?

Blackburn inclinou-se sobre ele com melancolia na expressão.

– Ele merece um destino pior do que a morte, Raines, mas não, não é isso que me impede. *Nenhum* de nós pode matá-lo. Há vários pontos infalíveis: um comando impresso nos circuitos de nossos processadores, mesmo nos drones dele, proibindo qualquer uma de suas máquinas de infligirem dano físico a ele.

Tom não esperava por essa.

– Por que você não pode adulterar o seu próprio processador então? Você é tão bom com as máquinas. Não pode reprogramar esses pontos infalíveis?

– Não é tão fácil. Se eu quisesse entrar nesses setores de código, teria que descobrir uma vulnerabilidade tão arraigada no código que nem mesmo a Obsidian Corp. tivesse conhecimento sobre ela e planejado um modo de consertar antes que eu tire proveito disso. É chamado de proeza do dia zero.

– Então... que ótimo. Vamos encontrar uma dessas proezas do dia zero. Vou pedir para Wyatt procurar também.

Blackburn vociferou uma risada cética.

– Você não presta atenção mesmo nas minhas aulas, não é, Raines? Encontrar uma falha do dia zero é como ganhar na loteria. É valioso porque ninguém percebe que está ali, nem mesmo a Obsidian Corp. Você pode vender as informações do dia zero para os governos ou para as empresas de segurança por centenas de milhões de dólares porque são raras. Se cada programador competente na Agulha passasse o ano estudando nosso código em tempo integral, ainda assim duvido que encontraríamos. Não temos recursos para isso.

Desta vez, ele acionou o elevador para subir, e Tom não o deteve.

– Se ele for derrotado, não será por um golpe direto das nossas mãos – Blackburn concluiu. – Temos que esperar até que as pessoas tenham esquecido Cruithne e então talvez os outros executivos da Coalizão se lembrarão de por que eles o atacaram.

E Tom teve uma repentina suspeita – talvez o outro fantasma da máquina lhes daria razão para se recordarem novamente.

NAQUELA NOITE, TOM CONECTOU seu fio neural para pôr o sono em dia. O que parecia momentos depois, Vik puxou seu fio neural e Tom se viu olhando fixamente para os três rostos pálidos de seus amigos, amontoados sobre sua cama.

Consciência iniciada. A hora é 0145.

– Precisamos conversar – Vik o informou.

Eles se moveram silenciosamente pelo escuro salão comunitário e em seguida subiram no beliche de Wyatt.

– Vikram Picante.

– Você não consegue mudar essa senha? – Vik reclamou, caindo sobre a cama vazia de Wyatt. Sua colega de quarto, Evelyn, ainda estava dormindo em sua própria cama. Eles estavam livres para fazer barulho, uma vez que era quase impossível acordar alguém apenas com ruído enquanto os processadores estivessem conectados no sistema.

– Isto não é uma prioridade no momento, Vik – Wyatt disse.

Tom sentiu Yuri pegá-lo pelos ombros e conduzi-lo até a cama.

– Sente-se.

Foi um comando. Tom sentou-se.

Vik lançou um braço ao redor dos ombros dele.

– Então...

– Então? – Tom disse precavido.

Wyatt cruzou os braços.

– O fantasma da máquina.

– Como? – Vik disse.

– Por quê? – Yuri perguntou.

– Como? – Vik voltou a dizer.

– Não pode ser você – Wyatt insistiu.

– É sério... Como? – Vik disse novamente.

– Thomas, isso é muito estranho – Yuri comentou.

– Responda nossas perguntas – Wyatt pediu.

Tom levou as mãos ao rosto, arrependendo-se muito de sua precipitada admissão nos momentos que eles pensaram que estavam prestes a morrer.

– Essas perguntas foram muito parciais e algumas delas não foram sequer

perguntas.

– Comece com “como” – pediu Vik. – Eu perguntei isso um monte de vezes. Você me deve por todo o esforço de vocalizar essas duas sílabas várias vezes.

– Certo. Olhe, tenho essa capacidade desde que recebi meu processador neural. Desde o momento da instalação, na verdade. Eu posso atravessar firewalls. Com isso posso entrar em máquinas, sabe, interagir com elas. Como aconteceu na Obsidian Corp. Enquanto descarreguei aquele programa de busca no sistema, eu mesmo interagi com o sistema para procurar o sinal de Yuri. Na hipótese de poder encontrá-lo mais rápido.

Wyatt e Vik trocaram um olhar, como se Tom tivesse respondido alguma pergunta deles.

– Como assim, interagiu? – Wyatt perguntou. – Todos nós interagimos.

– Sim, mas todo mundo pode fazer isso com as máquinas designadas para a interface neural. As máquinas com as quais eu interajo não são assim – Tom deu de ombros. – Como no Beringer Club. Vik, a coisa sobre a qual você me contou com a fossa séptica, mas não funcionou.

– O quê? Mas você...

– Eu fiz funcionar. Interagi com a fossa séptica e dei um comando a ela da mesma forma que damos comandos aos drones. Consequentemente, obtive o mesmo resultado: rede de esgotos entupida, clube inundado, executivos ensopados. O que eu faço é diferente da interação regular. É como... é como se eu estivesse *dentro* da internet, movendo-me através dela. Não posso realmente explicar.

– E Medusa faz isso também – disse Wyatt, analisando-o dubiamente.

– Sim. Só que eu não sabia sobre isso até a cúpula do Capitólio. A primeira. Tentei trapacear ao interagir com alguns satélites próximos para ver onde ela estava, e ela já estava interagindo com eles. Nossa mente estava acessando a mesma máquina ao mesmo tempo.

Vik olhou fixamente para ele.

– Você consegue enxergar através dos satélites.

– Eles são máquinas, têm banda larga suficiente, acesso à internet, então sim, consigo. E o tenente Blackburn sabe disso. Ele sabe desde o dispositivo de varredura. Foi isso que ele apagou das câmeras de vigilância – ele olhou para Wyatt. – Foi por isso que você encontrou todas aquelas lacunas na filmagem do dispositivo. Blackburn apagou as imagens para esconder o que eu poderia fazer.

Wyatt afundou na outra cama sem se lembrar da inconsciente Evelyn, em cuja cabeça ela quase sentou.

– Por que você consegue fazer isso?

– Não faço ideia – respondeu Tom.

– Você pode nos mostrar? – Yuri perguntou. – Estou achando muito difícil

compreender.

Tom acenou com a cabeça.

– Claro. Olhe para aquela câmera de vigilância no canto – ele se conectou à porta de acesso de Wyatt e interagiu com o sistema de vigilância. Ele sacudiu a câmera muito deliberadamente para eles e depois a virou para si mesmo.

Seus amigos estavam olhando fixamente para ele agora, de olhos arregalados. Era uma coisa tão pequena, mas eles sabiam que Tom não deveria ser capaz de fazer. Foi estranho o tanto de alívio que sentiu.

Pelo menos foi isso que Tom pensou até perceber que Vik estava sentado distante dele na cama, de braços cruzados sobre o peito e olhos assombrados.

– Oh, meu Deus, vocês percebem o que isso quer dizer?

Tom o analisou desconfortavelmente.

– Significa que sou o braço direito dos fugitivos mais procurados do mundo. Significa que eu explodi um edifício com o terrorista mais perigoso do mundo! Tom, pelo amor de Deus, você percebe que todos nós vamos ser presos quando você for pego pelo que está fazendo?

– Não vou ser pego – Tom insistiu.

Wyatt se ajoelhou diante dele.

– Tom, você tem que parar de matar todos aqueles CEOs e executivos. Não tem mais graça.

– E teve graça em algum momento? – Vik refletiu.

Ela se inclinou e sussurrou:

– É claro que não, mas Tom deve ter achado isso engraçado.

Tom ouviu mesmo assim. Ele tinha bons ouvidos. E ficou ofendido.

– Eu não sou um psicopata, Wyatt!

Os amigos se entreolharam um para o outro duvidosamente, como se incitassem um ao outro para não provocar o psicopata maluco.

– Não! – Tom se queixou, frustrado. – Não sou um maníaco homicida e também não estou matando os CEOs. Não sou eu – ele não podia dizer a eles quem realmente estava fazendo isso, não deveria contar. Mas ele não queria que pensassem que era ele.

– É o fantasma da máquina – Wyatt salientou. – Você disse que é você.

– Reflita sobre isto: o fantasma é anônimo. Qualquer um pode dizer que é o fantasma da máquina. É como alguém se vestindo de Batman, certo? E dizendo que é o Batman, mas isso não faz dele o Batman.

– O quê? Você pensa que é o Batman agora? – Vik disse, e Tom lançou um olhar mal-humorado na direção dele, pois novamente estava o tratando como se ele fosse louco. – Ah, dá um tempo, Tom. Você me fez correr o sério risco de passar tempos difíceis na prisão. Eu sou muito bonito para passar por isso.

Yuri repousou uma mão confortadora no ombro dele.

– Talvez você não seja tão adorável quanto acredita ser.

Vik balançou a cabeça ressentido.

– Não, eu sou tão adorável quanto penso que sou. Pare de tentar me fazer sentir melhor com suas doces mentiras.

Wyatt franziu a testa para Tom.

– Certo, então se outra pessoa é o fantasma, isso significa que existem duas pessoas com as suas capacidades. Oh, espere. Não, três, se você contar Medusa.

– Não – Tom disse. – Eu não sei. Só sei que o outro fantasma não sou eu e também não é Medusa. É outra pessoa dizendo que é o fantasma. E ela provavelmente não consegue fazer o que eu e Medusa fazemos.

– Mas é alguém que conseguiu entrar nas máquinas do mesmo modo que consegue atravessar um firewall e introduzir um código malicioso nelas sem que ninguém percebesse. Quem mais consegue fazer isso?

– Sim – Yuri se intrometeu avidamente. – É como se alguém estivesse vestido de Batman, mas também possuísse os poderes do Batman, o que me faz pensar que ele deve ser o Batman.

Apesar do pânico na conversa dele, Tom e Vik ficaram ofegantes e chocados com as palavras.

– O Batman não possui superpoderes – Vik disse a Yuri, estarecido.

– Sim, ele é apenas muito inteligente e inventivo – Tom explicou consternado.

– E rico – Vik complementou. – Como você não sabe disso, Yuri? Qual caverna você habitou durante toda sua juventude?

Yuri encolheu os largos ombros.

– Minhas desculpas, Vikram. Suponho que eu estava muito ocupado escalando montanhas, treinando para triatlons e fazendo exercícios no supino mais do que você e Thomas são capazes de administrar os seus esforços conjuntos e de ler muitas histórias em quadrinhos.

Vik suspirou e balançou a cabeça.

– E é por isso, Bruxa Maligna, que eu não caçoo do Androide.

Um sorriso perpassou nos lábios dela.

– Agora eu entendo.

Tom olhou ao redor para seus amigos e percebeu que eles sabiam de tudo agora... de *tudo*. E eles ainda estavam ali. Ainda... eles mesmos. Claro, Vik estava perdendo o controle, Wyatt estava neurótica e Yuri estava... estava impressionante de modo sobre-humano como sempre, mas eles não tinham se zangado mais com ele, nem tinham se enfurecido ou o rejeitado.

Talvez ele não os tivesse perdido.

Talvez ele não fosse perdê-los.

E foi só quando um enorme alívio caiu sobre ele como a água de uma barragem aberta, que Tom percebeu por que havia guardado tantos segredos deles. Não era apenas para mantê-los em segurança.

Era para evitar que partissem.

Ele curvou a cabeça para que ninguém pudesse ver seu rosto, e dessa forma ele estava de repente se esforçando para não dizer algo estúpido, constrangedor e sentimental. Afinal de contas, um asteroide não estava prestes a atingir a Terra. Não era a hora para isso.

Mas ele estava tão grato e aliviado que poderia ter abraçado todos eles. Todos de uma só vez em um grande grupo.

– Você sabe, a gente estava de olho em você – Vik disse de repente.

Tom ergueu a cabeça.

– Não, vocês não estavam.

– Ah, é? Espere e veja, seu idiota – ele expôs seu teclado do antebraço e disse para Wyatt: – Podemos usar aquele programa e reverter a memória que apagamos.

– Que memória? – Tom disse rispidamente.

As bochechas de Wyatt ficaram vermelhas.

– Humm, Vik, talvez...

– Sim, sabíamos que algo estava acontecendo – Vik comentou com uma risada e enviou o programa a Tom, que o ligou imediatamente, com intensa curiosidade, e se lembrou...

Deitado no carpete, Vik e Wyatt discutindo como ele era reticente...

– Você estava na verdade... – Tom começou.

Wyatt o beijando.

O queixo dele caiu ao se lembrar da menina dizendo que gostava dele.

O olhar de Tom deslocou na direção do dela e ele sentiu as próprias bochechas ardendo de repente e Wyatt parecia tão dolorosamente constrangida que Tom não sabia se ria ou não, mas então...

Blackburn, no trem a vácuo: “Estou criando um elo entre nossos processadores. Com um pensamento, vou ser capaz de acessar os seus receptores sensoriais e ver exatamente o que você está fazendo quando eu desejar”.

Tom ficou bem quieto.

– Que negócio é esse?

ELE AINDA ESTAVA fervendo por dentro quando se dirigiu até o salão comunitário Superior antes do jantar. Até onde Tom pôde perceber, Blackburn não o estava observando vinte e quatro horas por dia... Senão já teria tentado deletar a memória dele novamente.

Não, ele tinha que sintonizar seletivamente. Tom não sabia como, ou quando, então ele manteve o silêncio e não contou aos seus amigos. Ele não poderia ficar de

olhos nele, observando cada passo que dava.

Ele ficou assustadíssimo quando se deparou com Irene Frayne na passagem da porta do lado de fora da Divisão Alexandre.

– Olá, senhor Raines – ela deu um sorriso com os lábios finos. – Acho que precisamos conversar.

Tom a analisou cuidadosamente.

– Sobre o quê?

– Estou no modo invisível, então os outros cadetes não são capazes de me ver. Vamos conversar em seu beliche

Tom acenou com a cabeça em silêncio, e, seguindo a indicação dela, mostrou o caminho até a Divisão Alexandre. Um pensamento repentino lhe acometeu: ele tinha prometido a Vik que o avisaria se a “mulher invisível” estivesse algum dia em sua divisão. Ele discretamente puxou sua manga para cima e disparou uma mensagem pela rede.

Um som de estampido ecoou pelo corredor como se alguém em um dos beliches tivesse caído no chão. Ouviu-se um grito alto de medo, e Clint saiu do banheiro repentinamente.

– Meu Deus, cara, o que você está fazendo?

E então Vik caminhou pelo corredor totalmente nu e se mostrando muito orgulhoso de si mesmo.

– Olá, Tom – Vik disse alegremente e seguiu em frente. Tom se esforçou para conter o riso.

E piorou quando Clint contornou o corredor e ficou de queixo caído.

– Ashwan, o que você está fazendo, camarada? Ninguém quer ver isso – ele perseguiu Vik pelo corredor. – Ashwan, Ashwan! Você está me ouvindo?

Frayne lançou um olhar irritado e rígido para Tom e entrou na cabana. A porta deslizou atrás dele e fechou.

Tom queria mais uma reação do que se reportar para Vik, então disse:

– Hum. Não costumamos ter pessoas nuas andando por aqui.

– Eu criei dois adolescentes – ela disse friamente. – Reconheço quando alguém está tentando me enganar. Eu não gosto que você divulgue a minha presença aqui para os outros cadetes. Você terá mais descrição no futuro, compreendido?

– Desculpe – Tom murmurou.

Frayne tirou o casaco e analisou as camas de Tom e Clint antes de resolver colocar o casaco sobre a de Clint.

– Gostaria de perguntar a você sobre o tenente Blackburn.

Blackburn. A única pessoa sobre a qual Tom não queria falar. De repente, refletiu se Blackburn estava os observando.

– Uh, por quê?

Frayne o analisou por um instante.

– Você está familiarizado com o fantasma da máquina?

O cérebro de Tom foi parando aos poucos. A boca dele ficou seca. Por que ela estava perguntando sobre isso?

– Esse terrorista – Frayne disse – vem sistematicamente matando membros da Coalizão. Agora, à luz dos eventos recentes, muitas pessoas estão ignorando esse ciberterrorista, mas estou mais convencida do que nunca de que agora é necessário rastrear esse agente do caos.

Agente do caos. Tudo o que Tom poderia pensar por um instante era que isso era um ótimo apelido.

– Eu tenho uma teoria – Frayne disse. – Acho que esse fantasma da máquina introduz seu código malicioso nos drones bem antes de usá-los. Talvez anos antes. Eu não acho que o fantasma tem mexido neles um de cada vez. Acho que o fantasma é alguém que está dentro do Pentágono ou até mesmo dentro da Obsidian Corp. e que acessa as máquinas enquanto elas estão conectadas ao servidor local. Ele os contamina com bastante antecedência e é por isso que ele simplesmente desliza através de nossos firewalls.

Então ela não pensou que fosse alguém com uma habilidade especial com máquinas. Tom quase riu. Que bom. Porque ninguém no mundo todo poderia acusá-lo de ser o fantasma se fosse alguém devastadoramente bom em programação.

– Eu também acho que tem que ser alguém com um processador neural – Frayne disse. – A habilidade com a qual o agressor manobrou aqueles drones em vários ataques simplesmente não podia ser equiparada por um operador humano comum com um conjunto de controles remotos. Tem uma mente aprimorada com máquina por trás disso. É por isso que eu trouxe a senhorita Enslow à minha pesquisa.

A consciência de Tom ficou aguçada.

– Por que Wyatt? Você não acha que ela é suspeita, acha? Porque isso é...

– É claro que não é uma adolescente – Frayne disse com desdém.

– Sim, definitivamente não. Ou mesmo um adolescente – Tom disse aliviado.

– Mas ela é da confiança da minha pessoa de interesse.

Tom congelou.

– Eu a sondei em busca de informações, mas ela só pôde me contar muito pouco sobre o tenente Blackburn.

Tom olhou fixamente para ela.

– Blackburn?

– Ele possui a capacidade, os privilégios de acesso e, acima de tudo, a motivação, dada sua história pessoal com a Obsidian Corp. e o exército.

E de repente, Tom sabia que ela tinha razão. Era Blackburn. É claro que era ele. É claro! Ele concordou com Tom que os processadores da série Austera precisavam

ser suspensos, mas ele não acreditava que a não violência funcionaria, ele não acreditava que uma revolução fosse dar certo...

O que Blackburn tinha dito? *Se houvesse uma revolução como você está sugerindo, os indivíduos que disputam o poder – as pessoas que são o verdadeiro problema – simplesmente viajariam para longe até a violência cessar. É por isso que a única forma de agir efetivamente contra eles é sutil e silenciosamente, envolvendo o menor número de pessoas possível ou até mesmo agindo sozinho.*

Este era um terceiro caminho sem revolução ou passividade: uma campanha de assassinatos direcionados usando a tecnologia na qual os executivos da Coalizão confiaram para protegê-los do público. Blackburn não tinha apenas se certificado de que os homens e as mulheres com poder real não tinham escapado da violência, como também acabou arruinando a reputação da Obsidian Corp. no processo. Foi tudo feito de forma tão deliberada, tão cuidadosa.

O outro fantasma da máquina era Blackburn. Ele sabia que era Tom, então sentiu liberdade de usar as pessoas que a Coalizão temia e apontou na direção de seu próprio interesse.

Então Tom lembrou-se de algo: o sussurro que ele tinha ouvido na festa logo antes de os drones começarem a atirar, aquele que disse para ele olhar ao redor. Blackburn podia enxergar através dos olhos dele. Ele estava no controle daqueles Corday-93.

Ele vinha usando Tom para obter alvos. E como ele tinha acesso a todos os receptores sensoriais de Tom, conseguiu fazê-lo ouvir um sussurro no ouvido... assim como na simulação de ética. Era Blackburn avisando-o que Frayne estava os observando. Era Blackburn o tempo todo.

– Ele é meu principal suspeito – Frayne disse –, mas estou confiando em meu instinto e preciso de provas se quiser desafiar um membro do exército.

– Não é como se ele fosse um civil desprezível, né? – Tom disse misteriosamente.

– Senhor Raines, você vai servir como um par de olhos e de ouvidos para mim.

Tom quase bufou, percebendo que Frayne queria a mesma coisa que Blackburn. Ele vinha bancando o bonzinho desde a última cúpula do Capitólio, quando parecia que sua única alternativa para defender rigidamente seu ponto de vista era mentir na cara das pessoas e miná-las com discrição. Ele sabia que o mais inteligente a se fazer naquele momento seria concordar em espionar para ela e depois descobrir o que ele realmente devia fazer. Mas algo o impediu de bancar o bonzinho desta vez. Apesar do fato de Blackburn tê-lo espionado, apesar de saber que Blackburn tinha assassinado Heather, além de ter matado aqueles executivos, Tom teve essa repentina e profunda convicção de que havia uma pessoa ao lado dele nesse cenário, e essa pessoa não era Irene Frayne.

Tom não conseguiu se forçar a sequer fingir o contrário.

– Não – Tom respondeu a ela.

– Como? – o rosto dela se transformou com o choque.

– Eu disse que não vou espionar para você. Não.

Ela deu um passo na direção dele com os olhos quase fechando.

– Você compreende que a liberdade continuada de seu pai depende da sua cooperação.

– Ah, sério? – Tom foi de encontro aos olhos dela, com o coração acelerando de repente. – Onde está o meu pai?

Então ele enxergou. A menor tremulação no rosto de Frayne.

– Ele está vivo? – Tom resmungou. Ele sentiu um aperto no peito. – Sabe, não tive notícias do meu pai desde que o asteroide atingiu a Terra. Nem uma vez. E isso não é normal. Meu pai não deixaria de entrar em contato comigo por tanto tempo. Então minha pergunta é, se você o esteve espionando e seguindo por aí, onde ele está? Eu não vejo muito motivo para cooperar com você, sendo que o cara que você está ameaçando pode não estar mais aqui para sofrer as consequências da minha atitude.

Ela cruzou os braços.

– Senhor Raines, nossos recursos foram muito limitados no último mês. Não podíamos gastar com funcionários seguindo uma pessoa de importância mediana...

– Oh, então agora ele não vale o esforço, né? – Tom disse rispidamente. – Antes, quando ele estava apenas querendo fazer negócios, vocês estavam contentes em segui-lo e espionar tudo o que ele fazia, mas agora, quando poderiam ser realmente úteis e encontrá-lo, vocês se mostram dispensáveis? – ele deixou uma risada amarga escapar. – É claro que vocês são inúteis. Não se importam muito em proteger pessoas como meu pai, vocês se importam em mantê-lo na linha e proteger os preciosos executivos da Coalizão. Por que eu deveria me importar se alguém está matando alguns trilionários? Eles são preocupação sua, não minha.

– Você deveria se importar porque este fantasma da máquina inspirou imitadores, senhor Raines. Eles desencadearam uma onda de violência.

– Que onda de violência? Não ouvi nada a respeito.

– Instruímos a mídia a manter isso em sigilo. A última coisa de que precisamos é outro bando de terroristas domésticos inspirados para agir. Um fornecedor encheu todas as taças de champanhe com ricina em um evento de *lobby*. Há cinquenta pessoas, dois senadores norte-americanos entre eles, morrendo nas UTIs de Washington neste momento. Um terrorista “lobo solitário” espalhou uma cultura de meningite bacteriana nos botões dos elevadores exclusivos para membros nos edifícios de escritório do Congresso. Esse fantasma da máquina ameaça desestabilizar a estrutura de poder desta sociedade...

– E daí? – Tom interrompeu.

– Como?

– Você ainda não me deu um motivo pelo qual eu devesse me importar. Sim, é uma droga as pessoas estarem morrendo, mas elas não são cordeirinhos inocentes. A estrutura de poder de uma sociedade supostamente serve às pessoas que vivem nela, mas essas pessoas são donas de nossos parques, de nossas estradas e de nossas escolas, e o que alguém como meu pai ganha em troca? Ele é preso por protestar contra elas em público e ameaçado com detenção indeterminada sempre que alguém como você decide que ele está sendo inconveniente. Devo lamentar por alguns executivos asquerosos serem vítimas de justiceiros? Talvez se eu me esfaquear nas entranhas consiga forçar uma ou duas lágrimas. Quem sabe.

Frayne se afastou dele visivelmente agitada.

– Tem muita coisa que eu mudaria nesta sociedade. *Todos* gostaríamos de viver em uma utopia na qual a vida fosse justa, mas ela não é e nunca será e este certamente não é o modo de se chegar lá. Esta é uma revolução em câmera lenta e garanto a você que as revoluções quase sempre têm fins trágicos. Quando você remove um governo, na maioria das vezes, acaba com um George Washington, mas com um Robespierre ou um Hitler. Vivemos em uma época de bombas de hidrogênio e guerra biológica. Agora temos a tecnologia que um louco no poder poderia utilizar para exterminar toda vida na Terra. Não podemos propiciar uma mudança vasta tardiamente na história.

Ela não pareceu sequer perceber que um louco já tinha ameaçado toda vida na Terra. Um daqueles mesmos homens no poder que ela estava protegendo. Para Tom, isso invalidava a teoria dela de que a total rendição para pessoas como Vengerov poderia salvar o mundo.

Ele olhou pela janela pensando nos processadores da série Austera, no futuro para o qual eles estavam caminhando. Total controle sobre a mente e o espírito da humanidade em troca de “segurança”. Para Frayne, uma bota pisando na cara da humanidade para sempre era meramente o preço a ser pago para garantir que algo pior não os oprimisse permanentemente. Ela acreditava que era impossível tornar o mundo justo, então logo desistiu da ideia. Para ela, aquilo era realismo. Já Tom classificou como desesperança. Derrota. Covardia.

Ele se recusou a acreditar que a única razão para a existência fosse a perpetuação dela a qualquer custo. Tinha que haver um motivo para tudo isso, um significado, um propósito primeiramente para viver. Um futuro melhor tinha que ser possível.

Ele sabia com certeza que a única forma de tornar impossível um futuro melhor era se entregar a Frayne e Vengerov e ao estado de segurança deles. A estrada deles levava diretamente para um buraco negro do qual o mundo jamais poderia escapar.

– Eu sabia que o teste de lealdade era uma simulação – Tom contou a Frayne. O olhar dela moveu-se na direção do dele.

Tom ergueu as sobrancelhas.

– Não me diga que você está chocada. Claro, ninguém me avisou e nem me alertou ou nada do tipo. Descobri sozinho e depois fiz o que tinha de fazer só para ganhar. É por isso que fiquei com os olhos fechados por tanto tempo, estava absorto nos meus próprios pensamentos. A verdade é que se algum dia acontecesse uma revolta de soldados como aquela, com as demandas que aqueles rapazes tinham, eu daria passagem a eles. Eles poderiam matar todos os CEOs da Coalizão ou cada membro do Congresso, pouco me importo, e eu os deixaria fazer isso mesmo assim.

A voz dela estava tensa.

– Por que confessar agora?

– Porque eu não sou quem você pensa que sou. Não sou leal às pessoas poderosas deste país. Por que deveria ser? Elas já provaram várias e várias vezes que não sentem absolutamente lealdade nenhuma a mim ou meus chegados. Elas podem enviar mil pessoas como você, mas não vão me assustar a ponto de me convencer. Se houvesse uma opção entre um futuro em que todos desistimos de nossas escolhas pela garantia de segurança ou um futuro com uma *minúscula* chance de um mundo melhor e uma enorme probabilidade de que todos destruirmos uns aos outros usando nossa infinita variedade de opções, eu escolheria a segunda alternativa *todas as vezes* antes de jogar a toalha e abaixar a cabeça como você fez. Tudo isso que você está fazendo, nos vigiando, buscando dissidência, você está no lado errado. Está ajudando as pessoas erradas. O mundo não será uma utopia, nunca será justo, pois existem pessoas como você fazendo o melhor para manter as coisas como estão.

Frayne apanhou o casaco com o rosto petrificado.

– Muito bem, senhor Raines. Acho que as coisas estão bem claras entre nós agora.

Tom virou as costas, destemido pela ameaça na voz dela. O que ela poderia fazer: descarregar a raiva no pai dele? Ela nem sequer sabia onde ele estava.

Frayne parou em frente à porta.

– Apesar de tudo, Tom, eu espero realmente que seu pai seja encontrado.

– Eu sei disso – Tom disse, olhando fixamente pela janela. Afinal de contas, nenhuma das ameaças de Frayne teria efeito sobre ele se Neil estivesse morto.

TOM CHEGOU AO JANTAR antes de seus amigos e aguardou na mesa de costume. A multidão se dispersou um pouco ao redor dele e ele se viu olhando para Blackburn, que estava sentado à mesa dos oficiais. Tom ficou cheio de dúvidas quando percebeu que tinha basicamente se aliado a ele quando se recusou a ajudar Frayne – aliado ao mesmo homem que tinha tentado uma vez enlouquecê-lo com o dispositivo da varredura.

Tom sabia que o que Blackburn estava fazendo era errado, mas ele também não conseguia ver alternativa. Blackburn estava certo sobre uma coisa: cada checagem no poder dos executivos da Coalizão tinha sido neutralizada, desmantelada, claudicada. Se não havia uma forma não violenta de contê-los, então a escolha

estava entre se render ou se opor a eles violentamente.

Tom se mexeu desconfortavelmente em seu assento, pois sabia que matar por si só era errado, mas que tal matar, digamos, Joseph Stalin ou Adolf Hitler? Os dois eram homens que impuseram um sofrimento terrível ao resto do mundo. Matá-los não era errado. Na verdade, *impedir* alguém de matá-los era, de longe, o maior mal.

E lá estava Tom, a única pessoa que sabia com certeza que Blackburn estava matando aqueles que usavam riqueza, poder e máquinas para aterrorizar o resto do mundo à submissão. Se Tom não fizesse nada, Blackburn continuaria jogando seus protetores mecanizados contra eles. Tom poderia de repente imaginar um dia no futuro em que os homens mais poderosos no mundo recuassem ao ver um drone, ao ouvir o zumbido de um pretor. Tudo mudaria assim que eles aprendessem a enxergar o seu próprio estado de segurança como seu maior inimigo. Se perdessem a confiança de que aquelas máquinas pudessem protegê-los das pessoas cuja vida eles estavam arruinando, parariam de contar com elas – e se tornariam vulneráveis novamente àqueles com menos poder e menos dinheiro. Certamente se pensassem que uma multidão pudesse atacá-los por seus crimes, eles pensariam duas vezes antes de cometê-los.

No entanto, se Tom impedisse Blackburn, aqueles executivos continuariam dispostos a não gastar o dinheiro do estado de segurança. Eles jamais parariam de devorar sozinhos o mundo, sem nunca demonstrar pena e piedade. Blackburn era a única força que podia detê-los naquela altura. Se Tom impedisse isso, ele estaria basicamente permitindo à Coalizão frustrar o mundo em seu golpe mortal – um mal muito maior do que fazer vista grossa às ações de Blackburn.

Talvez existisse algo como um mal necessário.

Ele sustentou o olhar de Blackburn, e repente teve certeza de que ele sabia que Tom sabia.

– Vamos esclarecer algo – Tom sussurrou em sua palma de modo que apenas ele conseguisse ouvir e ciente de que, se Blackburn estivesse sintonizado em seus receptores sensoriais nesse instante, ele poderia ouvir também. – Eu sei sobre o elo neural. Tenho minhas fontes. Primeiramente, você não deverá apagar a minha memória nunca mais. Você não deve sintonizar quando eu estiver com uma garota ou fazendo algo constrangedor ou particular. Se eu estiver violando uma regra, mas ela for estúpida, inofensiva, você não deve me prender porque viu algo no elo neural. Se eu não estiver em alguma situação de perigo e não estiver lhe colocando em risco, então você deve desligar na mesma hora, dentro de no máximo um ou dois segundos. Faça tudo isso e eu continuarei acobertando você. Exatamente como você tem feito comigo. Mas no segundo que tudo isso estiver terminado e ficar para trás, no exato segundo, você tem que romper esse elo. Entendido?

Por um instante, não havia nada, e Tom se perguntou se vinha imaginando o

escrutínio, e talvez Blackburn não tivesse criado o elo neural no final das contas.

– Entendido?

E então levemente, apenas levemente, Blackburn ergueu seu copo e bebeu concordando em silêncio. Os termos de Tom tinham sido aceitos.

MEDUSA O VISITOU DURANTE os exercícios aplicados e ele lhe contou tudo sobre a teoria de Blackburn a respeito do Cruithne. Ela ouviu com um amargo silêncio.

– No que você está pensando? – Tom finalmente perguntou, sentando-se ao lado dela na cabine de uma nave espacial simulada.

– Acho que é verdade – ela disse em tom baixo –, e precisamos fazer Vengerov pagar.

– Não existem provas. Só uma causa provável e uma grande coincidência. Ah, e Blackburn descobriu algo chamado “opção de venda” pela qual Vengerov apostou dinheiro contra algumas das empresas impactadas pelas partículas radiativas na semana anterior ao Cruithne. É isso aí.

O olhar de Medusa deslizou até o dele.

– Então *se* Joseph Vengerov fez isso, foi unicamente para distrair todos e tirar a culpa de suas empresas?

– Sim, exatamente.

Os olhos dela cintilaram.

– Então vamos lembrá-los de por que suspeitaram da Obsidian Corp. antes de mais nada.

Eles não mataram ninguém juntos, é claro. Vengerov ainda estava se apoiando em sua reputação como salvador da Terra, mas Medusa e Tom usaram os servidores, garantindo que a filmagem dos drones de Vengerov se espalhassem pela internet, interagindo com os computadores das pessoas da mídia e postando de seus computadores novos questionamentos sobre a segurança do hardware da Obsidian Corp. e a integridade de Vengerov.

Embora alguns poucos repórteres tenham voltado atrás e vários alegado inocência, usando as contas de pessoas públicas que tiveram êxito em recordar na mídia os questionamentos sobre o desmantelamento da Obsidian Corp., Tom viu os soldados do exército discretamente apelando para a TV e para a internet no refeitório, informando-se sobre o crescente escândalo, murmurando um para o outro sobre o magnata financiando ambos os lados.

Tudo que Tom precisava era alguma espécie de prova de que Vengerov estivera por trás do Cruithne. Era levar isso diante dos olhos do público e Vengerov estaria liquidado. Para sempre.

QUANDO O RECESSO DE Natal se aproximou, Tom enfrentou um dilema. O pai dele estava desaparecido, e permanecer na Agulha Pentagonal não interessava, pois Mezilo

estava ameaçando despachar todos os que estivessem de folga para um campo de treinamentos para recrutas. Como a indentidade dos cadetes era secreta, eles não tinham permissão de sair para ficar perto dos amigos. Os pais de Wyatt, por exemplo, não tinham autorização para saber o nome de Tom.

Tom tinha apenas uma opção. Ele abordou Olívia Ossare para saber se poderia sair sozinho.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

– Tom, você não tem dezoito anos ainda. Não posso autorizá-lo a ficar esse tempo sozinho.

Tom afundou em seu assento. Sim, tinha isso.

– Mas eu sei que você pode tomar conta de si e sei que você guardou uma pensão. Se estivesse oficialmente sob a custódia de um de seus pais, imagino que conseguiria escapar impune simplesmente permanecendo nas proximidades durante o recesso.

Ele sentiu uma ponta de esperança.

– Então se minha mãe estiver em Nova York...

– Você precisaria contatá-la para garantir que a transferência oficial de custódia do exército para sua mãe ocorreu.

Ele se inclinou para a frente.

– E se ela não se importar com meu destino?

– Então será prerrogativa dela. Como sua mãe.

– Então não posso me encrencar se eu não estiver com ela depois, digamos, dos primeiros minutos?

– Ela que estaria encrencada – Olívia ressaltou. – Ela é a adulta responsável por você. Você é menor de idade. O que acha?

Um sorriso largo brilhou entre os lábios de Tom. Ele disse algo que jamais imaginou que passaria entre seus lábios.

– Acho que vou passar o Natal na casa da minha mãe.

DELILAH MORAVA EM UM apartamento em Manhattan pago por Dalton Prestwick. Ela era uma de suas duas namoradas. Tom não a via desde os nove anos, quando Neil discutira com alguns policiais e fora levado à prisão. Tom viajou pedindo carona para ver a mãe que o abandonara quando ele era novo demais para se lembrar dela.

Ou assim ele pensava até Blackburn usar o dispositivo de censo nele, quando ele começara a se lembrar das coisas. As lembranças eram apenas fragmentos de quando ele era criança, mas o mais estranho foi que ela agia como se o amasse. Foi um contraste tão grande quando ele tinha nove anos e ela abriu a porta e olhou para Tom como se ele não fosse nada, mesmo após dizer:

– Sou o Tom. Seu filho.

– Oh – ela reagira. Depois, chamou Dalton para dar um jeito nele. Eles

contrataram uma criada para ficar com ele e não voltaram até Tom ter ido embora.

Ele costumava ficar magoado ao se lembrar disso.

Desta vez, Tom também não quis avisá-la com antecedência que estava chegando. Ele não planejava passar muito tempo ali. Tinha chegado à casa dela para dar tempo suficiente ao exército de registrar oficialmente seu sinal de GPS dentro da propriedade dela, e depois ele sairia. Para explorar Nova York. Reservar um quarto de hotel. Se a mãe fosse muito negligente para se incomodar e verificar o paradeiro dele, então não era problema de Tom ou do exército.

Quando a porta foi aberta, Tom não teve expectativa alguma. Ele só ficou com um olhar fixo, vago.

– Lembra-se de mim? Sou o Tom.

Ela olhou fixamente para ele com a mesma expressão que demonstrara na última vez, um movimento rápido de total incompreensão como se não conseguisse entender o que essa criatura asquerosa diante dela poderia ser, dizendo em seguida com total indiferença:

– Ah. Meu filho.

– Sim. Cresci – ele passou esbarrando nela e entrou no apartamento. – Então, o meu pai... hum, bem, ele não está por perto. Tenho que ficar em sua casa por algumas horas para que alguém possa verificar um sinal de GPS e ver que estou aqui de férias, mas depois eu vou embora.

Ela não o deteve, em vez disso o seguiu. Tom se perguntou se ela pensava que ele estava ali para roubá-la ou algo do tipo. Ele se sentia preparado, tenso, à espera de algum sentimento para registrar, como aquela terrível tristeza da rejeição, solidão, como na última vez. Ele não sentiu isso desta vez. Não sentiu nada.

Ele não era mais aquela criança de nove anos que tinha visto Neil sendo arrastado para fora de casa pela polícia, que tinha esperado por três noites o pai voltar na estação de trem antes de perceber que daquela vez ele não voltaria. Que tinha tido certeza de que, se tivesse tido uma mãe como as outras crianças, ele nunca mais teria que dormir fora de casa, descobrir como conseguir comida ou se perguntar o que tinha acontecido com seu pai.

Não importava mais o fato de ela não abraçá-lo nunca mais, dizer a ele que estava na hora de ir para cama, arrumar o almoço dele em uma sacola de papel para levar à escola ou algo do tipo, pois ele não se enganaria mais. Ao longo do hiato de sete anos, Tom conseguiu finalmente olhar para trás e sentir pena em vez de desgosto por sua infância ao esperar por aquilo. Ele não tinha sido estúpido para ter esperança de que ela o amasse. Ele só não sabia ainda das coisas.

Sua mãe não tinha envelhecido muito desde as lembranças que ele tinha dela. Ele supôs que fosse bem jovem para ser mãe de um menino de dezesseis anos. Mas ela tinha mudado em quase todos os aspectos. Não havia indício da moça frenética

correndo atrás dele na rua, abrindo um sorriso brilhante e vibrante em suas lembranças.

Era apenas uma mulher muito calada sem expressão no rosto. Delilah era um retrato da perfeita serenidade, da perfeita presença de espírito, de postura aprumada, os olhos azuis frios e vazios em um rosto que seria mais belo se tivesse mais animação.

– Você deveria estar aqui? – ela perguntou a ele.

– É uma ordem oficial que eu permaneça com um dos meus pais ou um guardião legal. Só tenho um dos pais disponível agora. E é você. Mas é sério, logo vou embora.

– Compreendo – ela ficou em silêncio por um instante, acrescentando em seguida: – Gostaria de algo para beber?

Tom piscou.

– Hum, sim. Pode ser.

Ela se afastou dele, pondo em ação os compridos e esguios traços de seu corpo. Tom viu o cabelo loiro dela açoitado com o movimento, seus braços tão precisos quanto os de uma marionete. Ele continuou olhando ao redor do apartamento dela. Não havia nada fora do lugar. Havia na parede os mesmos tipos de quadro que ele via nos hotéis. Coisas impessoais. Uma solitária extensão de praia. Uma ponte coberta por névoa desaparecendo entre distantes árvores. Quando ela fez o gelo retinir em um copo, ele foi andando até o banheiro para lavar as mãos. Ao voltar, espiou através da porta aberta o escritório de Dalton e avistou um pequeno frasco na mesa com um recado ao lado dele. Tom parou, lançou um olhar cuidadoso na direção de sua mãe, entrou escondido e o apanhou.

Tom ergueu o recado enviado ao lado do frasco, que era pessoalmente endereçado por Joseph Vengerov para Dalton Prestwick.

Isso é um mero protótipo, mas convém aos nossos interesses se você souber o que estará promovendo. Seguras, simples de administrar e eficientes, elas são nanomáquinas em uma suspensão líquida. Podem ser administradas oralmente em qualquer cobaia que os irmãos Roache escolherem.

Embora Blackburn tivesse contado a ele que os processadores da série Austera são nanomáquinas, ainda assim Tom sentiu um frio na espinha ao ver um de verdade. Ele ergueu o frasco e desenroscou a tampa para ver o líquido escuro dentro dele.

BEM, ERA SEGURO DIZER que os irmãos Roache não achariam nada sobre esse processador neural da série Austera; eles estavam mortos. Ele colocou de volta o frasco na mesa de Dalton e sentiu certa satisfação de saber que o esforço de Vengerov em divulgá-las tinha fracassado. Ele se dirigiu de volta até sua mãe e se jogou no sofá.

Delilah pôs a bebida diante dele. Tom escondeu o frasco no bolso e acenou com a cabeça em forma de agradecimento. Ele tomou um grande gole. De repente, sentiu a

garganta arder e tossiu, com os olhos úmidos devido ao forte gosto de álcool. Ele olhou fixa e incredulamente para a bebida misturada e se perguntou o quanto precipitadamente ela tinha a oferecido para ele.

– Você sabe que eu tenho dezesseis anos, certo? – ele perguntou com uma risada de incredulidade.

– Você quer mais alguma coisa?

– Não, não se incomode.

Do outro lado da sala, o telefone da conferência começou a piscar. Delilah deu as costas para Tom como se ele não estivesse ali e se deslocou até o aparelho, tocando a palma sobre ele.

O rosto de Dalton Prestwick preencheu a tela. Pelo menos desta vez, não havia um sorriso sórdido estampado sob seu cabelo castanho com gel.

– Delilah?

Foi possível notar um quê de pânico na voz dele. Os olhos castanho-claros estavam a buscando. Tom foi induzido a se inclinar para a frente para que Dalton pudesse vê-lo e lhe mostrou o dedo do meio. Delilah pareceu não compreender o desconforto dele. Ela abriu um sorriso.

– Dalton. Eu te amo. Estou tão feliz por você ter ligado. Você parece tão *sexy* hoje.

Então ele disse:

– Os alarmes do perímetro estavam acionados. Quem você deixou entrar aí?

Tom estava confuso. Ele estava sentado com o corpo imóvel.

– Thomas. Ele é meu filho.

– Espere... espere um pouco... logo mais estarei aí – a ligação da conferência foi interrompida, e Delilah virou-se vividamente encarando Tom outra vez.

Tom olhou fixamente para ela.

– Alarme do perímetro? Quem ele pensa que é, seu dono?

Delilah inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse processando o que ele tinha dito.

– Ele me ama e eu o amo. Ele é muito lindo, rico e carismático – o sorriso brilhante se abriu novamente em seus lábios. Mas não comoveu seus olhos. – E é inacreditavelmente inteligente. Sabe como tratar uma mulher de forma especial.

Tom ficou boquiaberto, sentindo como se alguém estivesse mexendo com ele. Ela tinha falado de forma tão meiga, tão prosaica, e o sorriso parecia o de um manequim. Ninguém falava desse jeito.

E algo começou a surgir no fundo de sua mente. Ele se viu reproduzindo os movimentos rabugentos dela em seu centro de visão. Ele se viu examinando o rosto dela.

Era engraçado do que um menino de nove anos, devastado emocionalmente,

poderia sentir falta. Tudo o que ele vira naquela época foi a indiferença dela para com ele. Tudo o que registrara foi decepção e sentimentos arrasados.

Ele não tinha visto nada. Certamente não viu o vazio total nos olhos dela.

Até mesmo a reação de Dalton pareceu diferente através dos olhos da idade. Quando era pequeno, ele tinha visto apenas desprezo por parte de Dalton. Agora, Tom notou a ansiedade na voz dele. A ansiedade que estivera presente na última vez também. A preocupação que Tom sequer tinha compreendido. Ele era apenas uma criança naqueles tempos. Uma criança tola. Mas agora estava mais velho.

Tom se pôs de pé, ainda olhando fixamente para o rosto dela.

– Por que tem um alarme de perímetro, mãe?

– Para a minha proteção.

Um piscar de olhos. Quinze segundos depois, outro.

O sangue de Tom se agitou em suas orelhas enquanto ele assistia ao próximo. E durante todo o tempo que fez isso, ela olhou de volta para ele, sem demonstrar intranquilidade pelo modo como a olhava fixamente, sem desconforto por ser observada. Sem humanidade.

Ela piscou outra vez. Exatamente quinze segundos. Cada. Vez.

A resposta para um dos mistérios da vida dele entrou nos eixos. A mente de Tom ficou vazia. Ele permaneceu ali por um tempo, muito abalado para processar a informação.

Em seguida a porta deslizante abriu e Dalton Prestwick entrou.

O ódio como Tom nunca sentira o inflamou até todo seu corpo parecer ter sido aceso com fogo. Ele reagiu rapidamente e o golpeou com força. Tom nem sequer sentiu o cotovelo de Dalton atingir sua bochecha, nem as tentativas impotentes de Dalton de contra-atacar. Tudo o que viu foi aquele rosto presunçoso, odioso, e Tom estatelou seus punhos nele por muitas vezes, ouvindo um ruído de nariz triturado, sentindo um corpo tentar resistir ao seu ataque, e mãos tentando agarrarem-se ao seu rosto, empurrando-o.

E então Tom arrastou o executivo que gaguejava para erguê-lo sobre seus vacilantes pés e puxou o rosto manchado de sangue perto do dele.

– COMO ELA CONSEGUIU UM PROCESSADOR NEURAL?

A voz de Dalton oscilou.

– Me solte ou...

– OU *O QUÊ?*

Ele arrastou Dalton contra a parede e afundou o punho no estômago dele, para em seguida revirá-lo e apertar o braço dele entre suas omoplatas, apreciando o berro de dor de Dalton.

– Caso você não tenha percebido – Tom cochichou no ouvido dele –, eu não tenho mais nove anos. Não sou nem o adolescente de catorze anos que você reprogramou.

Estou em condições de machucá-lo gravemente agora mesmo e só estou *esperando* que você me dê uma desculpa para fazer isso. Agora me responda!

De trás dele, Delilah percebeu.

– Você deveria parar de atacá-lo. É muito indelicado. E também é contra a lei.

– Delilah, me ajude... – Dalton tentou, mas Tom o laçou em volta do pescoço, sufocando suas palavras.

– Não dê ordens para que ela o ajude. Ninguém vai ajudá-lo. Ninguém vai salvá-lo de mim – ele o envolveu, prendendo o pescoço de Dalton com uma gravata e o braço dele imobilizado atrás, e Tom sentiu tanto ódio ao olhar para ela que parecia o estar rasgando em pedacinhos por dentro. – Meu Deus. Meu Deus, isso é triste. Isso é muito triste. Você a está controlando, SEU PERVERTIDO NOJENTO! É por isso que ela está aqui. É por isso que ela nos deixou! Você a tem mantido como sua escrava por todos estes anos!

– De jeito nenhum!

– Ela tem um processador neural! Você a programou para fazer tudo o que pedir...

– Não é isso! – Dalton reclamou. Ele se retorceu dolorosamente para olhar de novo na direção de Tom, e o desespero era nítido em seu olhar. – Se você quer culpar alguém por isso, culpe o seu pai!

Tom bateu a palma da mão contra a parede em que o rosto de Dalton estava encostado, sentindo prazer com o susto dele.

– Meu pai? Não o coloque no meio disto! Se meu pai soubesse disto, ele teria matado você. Ele teria acabado com a sua vida!

Dalton riu desenfreadamente.

– Se ele soubesse? Ele sabe! Sempre soube! *Foi ele quem a deu para a Obsidian Corp.!*

Não foram ouvidas palavras por um longo instante. E mesmo assim, Tom balançou a cabeça e gritou:

– Cale a boca! Você está mentindo! Eu sei que você é um mentiroso.

– Ele a vendeu. Ele estava desesperado para se livrar dela! Ele ficou tão contente por a termos tirado das mãos dele!

Dalton chocou-se contra o chão quando Tom o jogou, mas o garoto não conseguiu processar. Ele não conseguiu. E voltou a balançar a cabeça.

– Não, você está enganado – a voz dele mal saiu.

– Ele conhecia o senhor Vengerov do circuito de apostas altamente arriscadas. Ele costumava orientar pessoas que estavam dispostas a pagar e pessoas como o senhor Vengerov, que pagou um bom dinheiro na época em que estava no auge – Dalton tagarelou, enrolado no carpete em que Tom o tinha derrubado. – Seu pai sabia que a empresa dele precisava de cobaias para experimentos psiquiátricos. Ele nos *implorou* para tirá-la das mãos dele.

Tom começou a sentir uma tremedeira. A recusa tornou seu cérebro incapaz de recordar.

– Você está mentindo. Meu pai jamais faria isso. Ele odeia o Vengerov. Ele jamais se encontraria com ele antes...

Mas sua garganta fechou e ele se viu pensando em Neil e Vengerov sobre a roleta.
Vengerov, sorrindo para Neil.

– *Vocês dois se conhecem?* – Tom perguntou a eles.

– Não – Neil disse.

E, após um instante, tomando Neil como exemplo:

– Não. – Mas o sorriso de Vengerov se alargou, pois eles estavam compartilhando uma mentira e isso lhe deu prestígio.

Seu pai, apostando o dinheiro tão a contragosto na roleta, mas fazendo isso porque Vengerov tinha lhe pedido. Porque Vengerov tinha acabado de concordar com sua mentira sobre não conhecê-lo...

Seu pai, que não temia ninguém, com uma aparência de horror no rosto como se um pesadelo estivesse se tornando realidade.

O estômago de Tom se inchou como se fosse passar mal. Ele estava apenas vagamente ciente de suas unhas afundando nas palmas dele, no local onde estava cerrando os punhos.

– Isso não é verdade. Você está mentindo.

Dalton ergueu-se, ficando de joelhos e com os olhos brilhando, cheios de vingança. Sangue escorria de seu nariz.

– A sua mãe era psicótica. Ela sofria de graves alucinações. O seu pai a engravidou e tentou levar isso adiante por sua causa, mas descobriu os problemas dela em tempo. Ele não podia mais fazer isso. Não podia. Ele a queria longe. Eu era um executivo júnior na Obsidian Corp. Eu estava ali ao lado dele quando cedeu a custódia médica dela. A sua custódia médica também. Foi um conjunto de fatores, Tom.

– Não – foi tudo o que Tom conseguiu dizer.

– Seu pai queria a vida dele de volta, e o senhor Vengerov estava contente por ter duas novas cobaias. Não tínhamos conseguido operar um grupo de teste nos Estados Unidos continental desde o fracasso com os soldados norte-americanos, e, desta vez, ele teria uma variedade de faixas etárias. As pessoas da sociedade não perderiam isso. Você era bem novo, ele queria usá-lo como uma cobaia pura. Você tinha os mesmos defeitos no cérebro que ela, então ele pediu para que fosse consertado antes – ordenou que você passasse por um enxerto neural, com um tecido cerebral estimulado por computador para lhe dar um lobo frontal de massa normal.

O coração de Tom bateu tão forte que vibrou em seus ouvidos.

NÃO. Neil não o abandonaria. Não ele.

– A sua mãe não era jovem o suficiente, é claro – Dalton comentou, pondo-se de pé e passando a manga da camisa no nariz. – O cérebro dela começou a rejeitar o processador neural. Assim como todos os outros adultos, ela começou a ter convulsões generalizadas. O senhor Vengerov tinha plena custódia médica dela, então ele teve a mesma abordagem que tivemos com todas as cobaias naquele grupo de teste. Começou a remover diferentes áreas do cérebro dela para ver quanto tecido neural era necessário para cessar as convulsões e reter alguma funcionalidade básica.

Tom lançou um olhar apavorado para Delilah, cujo rosto não demonstrava expressão e tinha um vazio nos olhos.

– No caso dela, ela perdeu todo o lobo frontal, embora ainda assim conseguisse falar e atender aos comandos graças ao processador – Dalton explicou, como se isso não fosse horripilante, como se não estivesse roubando alguém de tudo que fazia dessa pessoa um ser humano. Tom não conseguia compreender. Sua sensação era de que estava em um pesadelo. – O seu pai a viu de novo e teve uma crise de consciência. Então ele o retirou do hospital antes de você receber um processador próprio e pagou alguém para apagar todos os seus registros médicos. O senhor Vengerov poderia ter impedido isso. Ele poderia ter forçado o seu pai a seguir o contrato que eles assinaram, mas ele, de forma muito generosa, o deixou quebrar a promessa. Você deveria ser grato a ele.

– A Vengerov? – Tom falou depressa. – Ele a sacrificou!

– Mas ajudou *você*. Ele é a única razão pela qual você não cresceu para ser igual a sua mãe. Se não fosse por aquele enxerto neural, o seu cérebro seria muito diferente hoje.

Tom olhou em seu íntimo, enxergando Neil naquele dia na mesa da roleta novamente. Vendo o terror no rosto de Neil quando Vengerov apareceu diante deles. O homem que sabia o segredo que ele tinha escondido de Tom durante todos esses anos. O homem que sabia que ele queria ter se livrado de Tom, que sabia que ele tinha se livrado da mãe de Tom.

Na época isso o tinha deixado perplexo. Neil nunca mais temeu. E ele ainda não tinha temido Vengerov. Ele tinha temido que Tom descobrisse a verdade.

Tom pressionou a cabeça com as mãos. *Não. Não, não, não...* Ele estava atento apenas parcialmente a Dalton se levantando, pressionando a manga de seu traje contra o nariz ensanguentado. Delilah caminhando e esfregando os ombros de Dalton de forma muito mecânica.

Dalton endireitou suas abotoaduras.

– O seu velho já estava no limite, mantendo-a fora de confusões, tentando cuidar de você. Ele perdeu tudo assim que você entrou em cena. A sorte, a mobilidade, a sobriedade e quase tudo que tinha em assistência médica para um ou outro.

Tom se viu olhando fixa e entorpecidamente para as mãos de Delilah, massageando os ombros de Dalton.

– Então agora você vê, meu camarada, que vem sendo muito ingrato comigo ao longo dos anos. Fui bem mais generoso do que o seu pai, cuidando de sua mãe mesmo após os experimentos terminarem e ela não ter mais utilidade à empresa. Eu a mantive sob minha custódia sozinha. Ela é tão feliz quanto qualquer um na mesma situação poderia ser.

– Por que você fez isso? – a voz de Tom arranhou na garganta.

Dalton piscou.

– Olhe para ela. Ela é refinada. Seria uma lástima.

Tom olhou para a mãe – uma bela mulher que tinha sido despida de toda capacidade para pensar de forma independente ou ter domínio de si e fora substituída por um computador programável.

O brinquedo perfeito para um executivo desmazelado que tinha tudo. Um cara que agora queria dar um tapinha nas costas por seu controle total sobre a estrutura vazia.

O ódio de Tom desaparecera, sumira. Substituído somente por um terrível vazio. Ele tinha destruído a vida do pai. Seu pai e Joseph Vengerov tinham destruído a vida de sua mãe. A parte com menos culpa nisso tudo era, por mais repugnante que aparentava ser, Dalton Prestwick. Ele tinha acabado de manter como seu brinquedo favorito a mulher que os outros tinham destruído.

Dalton estava olhando outra vez para Delilah, com aquele mesmo sorriso arrogante do qual Tom se recordava. Ele se viu olhando fixamente para eles, repentinamente de volta àquele terrível dia no Beringer Club quando Hayden o imobilizou e prendeu o fio neural em seu pescoço, e Dalton fumou seu charuto. Sorrindo. Sorrindo. A voz dele estava nos ouvidos de Tom.

– *Você sempre me chama de Dalton. Isso evidencia uma falta de respeito. De agora em diante, será senhor Prestwick.*

– *Ora, filho. Você realmente pensou que eu estava te dando uma chance aqui? Sério?*

– *Você será solto. Você será liberado muito em breve. E você será um menino muito melhor quando for liberado.*

E tudo o que Tom pôde pensar foi em sua mãe esperando no apartamento de Dalton naquela época, sua estimada posse com seu próprio processador neural, e não é de surpreender que Dalton pensasse que poderia levar o que quisesse sem consequências e apenas sobrescrever a vontade de alguém. Ele vinha fazendo isso para a mãe de Tom há anos.

Outras pessoas eram meramente coisas para ele. Ele não tinha respeito algum por elas. E Tom estava de repente desesperado para fazê-lo lamentar, desesperado para infligir nele o que ele tinha feito para sua mãe. O que ele tinha feito para *Tom*.

Os pensamentos de Tom se perderam no processador da série Austera na mesma hora, apenas repousando naquele frasco, pronto para ser administrado. Ele se deslocou até o frasco, atento de longe ao que Dalton lhe dissera:

- Acho que está na hora de ir embora, campeão.
- Ainda não.

A mão de Tom balançou quando retirou o frasco contendo vários bilhões de nanomáquinas, todas preparadas e prontas para uma dose oral. A voz de Dalton fluando em sua cabeça enquanto gritava para Tom sair agora ou ele chamaria os policiais para buscá-lo. Tudo em que Tom conseguia pensar era a tentativa desesperada de Dalton puxar o saco de Vengerov, seu sorriso arrogante, o cheiro de seu charuto naquele dia e como ele merecia isso de fato.

- Ei, Dalton – Tom ouviu sua voz dizer –, já imaginou como é ser reprogramado?

NÃO FOI DIFÍCIL FORÇAR Dalton a engolir. Tom apertou o nariz até ele ceder. Agora enquanto Dalton freneticamente chamava Joseph Vengerov, implorando para que ele encontrasse uma forma de se livrar de seu processador neural novo em folha da série Austera, Tom entrou no quarto de sua mãe e revirou uma sacola, tentando descobrir do que ela precisava.

Roupas, sapatos, meias... que mais?

Ele não sabia para onde a levaria. Onde a esconderia. Tinha que haver uma forma de remover os programas da cabeça dela. Ele ouviu a voz de Dalton, histérica no telefone.

– Eu tentei forçar um vômito...

– Oh, não adianta. Eles são designados para entrar na corrente sanguínea e se implantarem em seu córtex cerebral assim que entrarem em seu corpo.

Tom sentiu um ódio por dentro ao ouvir os sinais controlados de Joseph Vengerov derivados da conferência.

– Teríamos que dismantelar todo o seu cérebro para removê-los. Você confia na minha tecnologia, não confia, Dalton?

– É... é claro, mas...

– Que bom. Então você sabe que o processador não vai machucá-lo. Tente se acalmar e se concentrar nos benefícios de um processador neural. Este incidente não precisa ser obstáculo. Na verdade, acredito que agora seja a hora de eu endossar a sua ascensão a níveis mais altos. Tenho muita confiança em você. Acredito que seria uma excelente reposição para Diamond MacThane como diretor executivo da Dominion Agra.

– CEO? Eu? – Dalton grunhiu.

– Mas é claro. Sem os irmãos Roache para usar o poder e assustar as pessoas, eu não espero que ninguém conteste a influência que planejo empregar nos principais acionistas da Dominion. E se eles resistirem a mim...

– Se eles resistirem, e depois? – Dalton disse sem fôlego.

– Depois eu não ficaria surpreso se o fantasma da máquina atacasse a próxima reunião dos acionistas da empresa.

Tom ficou imobilizado ao ouvir isso.

– Ou talvez assassinasse todo o conselho executivo de uma tacada só. Após as farsas da empresa nestes dois últimos séculos, haverá um mundo de olhos secos. Duvido que muita gente coçará a cabeça se perguntando por que um terrorista

alvejou especificamente os proprietários da Dominion Agra para fazer justiça com as próprias mãos.

Fez-se um silêncio atordoado. Tom permaneceu congelado na sala ao lado, sem acreditar. Será que Vengerov estava insinuando o que ele pensou?

– Eu diria que a sua ascensão está virtualmente garantida – Vengerov disse a Dalton.

– Senhor Vengerov, eu... senhor Vengerov – Tom aproximou-se para ver Dalton acenar avidamente com a cabeça, abrindo um sorriso. Seus perdigotos de gratidão foram patéticos. – Não vou decepcioná-lo, senhor. É uma notícia excelente. É maravilhoso – ele ficou em silêncio por um instante. – Talvez possamos conversar mais sobre isso quando eu chegar e o senhor desativar esse processador da série Austera?

Uma pausa, e então se ouviu a sedosa voz de Vengerov.

– Por que eu faria isso?

– O senhor... o senhor disse que bota muita fé em mim. É por isso que quer que eu controle a Dominion, não é? O senhor confia em mim.

– Sim. Confio em você – Vengerov murmurou. – Você tem o meu processador na sua cabeça. Não tenho mais motivos para duvidar de você.

Por um instante, Tom mirou o sorriso de Dalton desaparecendo quando notou que ele tinha finalmente conquistado o poder que sempre almeajara – à custa do domínio sobre si mesmo.

– O menino ainda está aí?

Tom ficou tenso.

– Acho que sim – Dalton sussurrou.

– Estamos quase aí. Atrase a partida dele.

Tom sentiu a pele ficar arrepiada em sua espinha. Ele jogou de lado as coisas que tinha juntado para sua mãe, pois poderia comprá-las em qualquer lugar, correu até onde ela estava diante da porta e a agarrou pelo braço.

– Vamos.

– Para onde estamos indo? – ela perguntou desanimada.

– Para outro lugar.

Tom ouviu os passos de Dalton baterem no chão atrás dele e se virou para encará-lo. Ele ergueu um punho como se fosse socá-lo, e Dalton gritou e deu um passo para trás automaticamente. Tom sentiu um lampejo de certeza de que não iria detê-los.

– Não se mexa – Tom disse à mãe.

– Você não vai conseguir sair daqui – Dalton disse a ele. – Assim que violou o alarme do perímetro, ele me disse que viria vê-lo.

E não poderia haver um bom motivo para isso. Vengerov obviamente sabia que Tom tinha descoberto a verdade sobre sua mãe, e não pretendia deixá-lo fugir com

as informações. Tom não iria abandoná-la ali para eles.

– Se você vier atrás de mim, eu te mato – ele avisou Dalton. Em seguida, agarrou a mãe pelo braço e a tirou dali.

Descendo o elevador, ele tentou enviar uma mensagem pela rede para Vik, Wyatt, Yuri, Blackburn, qualquer um.

Erro: Frequência indisponível. Mensagem não enviada.

Tom não sabia direito como o elo neural de Blackburn funcionava, mas ele tentou gritar no ar:

– Tenente Blackburn, *CADÊ VOCÊ?*

Nada.

O elo neural era uma conexão unilateral, e obviamente, nesse momento, Blackburn não estava o espionando.

Vengerov tinha que estar perto o suficiente para obstruir o sinal de rede sem fio dele. Tom estava com a cabeça a mil, tentando descobrir por que Vengerov estava indo até lá e o que queria com ele. Tom não iria esperá-lo. Ele se conectaria e encontraria algumas máquinas para usar e se defender se fosse preciso. Ele estava apenas pressionando seu nó de acesso remoto em sua porta de acesso neural quando as portas abriram e um enxame de seguranças entrou.

– Você! Parado!

Tom deu um soco com força no guarda mais próximo e o chutou longe, empurrando os outros homens também para trás. Ele estava apenas vagamente atento a um leve ruído vindo do elevador quando, com um solavanco, entrou de volta nele e apertou o botão para fechar a porta, a cabeça estava a mil.

A mão de Tom correu até sua porta de acesso neural e ele percebeu com uma pontada de choque no estômago que eles tinham derrubado o nó de acesso remoto de sua mão – e que estava no saguão. Ele não conseguiria se conectar em qualquer máquina e trazê-las até ali.

À sua frente, com os olhos vazios como uma estátua, Delilah o observava. Havia algo tão perturbador com a presença dela. De repente, Tom percebeu que não fazia ideia do que se passava na cabeça dela. Até onde ele sabia, Vengerov estava a usando para espioná-lo, para manter a posição dele em seu campo de visão.

– Feche os olhos – Tom ordenou.

Ela os fechou.

Eles chegaram ao último andar. Se Vengerov estivesse se deslocando na direção deles, Tom tinha que alcançar um ponto alto o bastante, fora do alcance de seu localizador. Então ele poderia contar a alguém na Agulha o que estava acontecendo. Ou melhor ainda, ele poderia evocar um drone próprio e se defender.

Mas assim que chegou ao telhado, tentou enviar o sinal outra vez e rugiu frustrado quando a mensagem *Erro: Frequência indisponível. Mensagem não enviada* piscou

diante de seus olhos.

Tom soltou um suspiro e virou-se para a mãe, examinando o rosto dela desesperadamente.

– Abra os olhos!

Seus olhos azuis voltaram a se abrir, tão nítidos e vazios como um copo d'água.

– Ainda deve existir um pouquinho de você aí dentro. Você não se lembra de nada a meu respeito?

– Você é o Thomas – ela respondeu. – Meu filho. Você é um delinquente. Tem condutas insatisfatórias e não tem respeito algum pelos seus antepassados.

– Sim, sim, eu sei o que Dalton programou para você pensar. Mas o que *you* pensa disso?

– Eu não compreendo.

– Ora, mãe. Você tem que estar em algum lugar aí!

Ela piscou de volta para ele.

Tom afundou as mãos no cabelo, tentando resolver o que fazer. Ele não poderia deixar Dalton pegá-la de volta. Não poderia deixar isso continuar assim. Não poderia deixar aquele canalha mantê-la como uma escrava.

E se Dalton estivesse dizendo a verdade sobre terem removido a maior parte do cérebro dela? Tom abriu os olhos e olhou fixamente para Delilah, pensando no que sobrara ali sem um lobo frontal em seu cérebro. Será que ela ainda estava viva de verdade se fosse apenas o processador neural mantendo seu coração batendo, seus pulmões funcionando?

Será que ele deveria...

Seria misericórdia da parte dele apenas se conectar no processador neural dela e desativá-lo?

Tom recuou no pensamento. Era como matá-la. Ele não poderia fazer isso. Não sabia bem o que fazer.

E então a escolha foi retirada de suas mãos.

Um zumbido preencheu o ar sobre ele, e Tom ergueu uma das mãos, espremendo os olhos contra o clarão de um holofote enquanto um helicóptero sobrevoava o telhado com ele. Tom deu um passo à frente dela sem saber muito bem como faria para evitar que Vengerov e Dalton a pegassem de volta, mas determinado a fazer isso.

Para seu profundo choque, o próprio Joseph Vengerov desceu do helicóptero e caminhou calmamente pelo telhado na direção dele, com seu comprido casaco preto farfalhando na brisa.

– Olá, senhor Raines.

– O que você está fazendo aqui? – Tom quis saber, com a voz trêmula.

– A pergunta é: o que *you* está fazendo aqui? O que você esperava conseguir a

levando com você?

– Fique longe dela – uma corrente sanguínea quente subiu até seu cérebro, golpeando-o por dentro. – É melhor não avançar. Depois do que você fez a ela, do que você fez com... – com a vida toda dele, na verdade. Toda sua infância. Com o que fez a seu pai. Tudo, tudo era culpa do odioso e sôfrego oligarca diante dele, um homem que tinha o mundo todo aos seus pés e ainda assim não era suficiente. O coração de Tom estava palpitando furiosamente em seus ouvidos. Se ele o matasse, seria para fazer o melhor. O que Vengerov queria fazer com o mundo era imperdoável.

– Então me impeça – Vengerov abriu os braços. – Siga em frente. Ataque.

Tom queria atacá-lo. Estava desesperado para fazer isso. Mas ele sentiu como se um punho gelado o tivesse dominado, o mantido em seu lugar quando ele estava pronto para correr e golpeá-lo.

É claro, o programa transformou o processador neural dele e todos os seus processadores em circuitos permanentes— era a proteção de Joseph Vengerov contra o perigo nas mãos de suas próprias máquinas.

Tom rangeu os dentes, e ele nunca estivera tão furioso, nunca estivera tão pronto para passar dos limites e destruir alguém, e nunca havia existido alguém que merecesse tanto. Ele viu Dalton aparecer, saindo despercebido da escadaria, e uma onda de ódio impotente o acometeu.

– Não vou deixá-la voltar para você.

– Você não tem escolha – as luzes itinerantes do helicóptero brilharam sobre o cabelo claro de Vengerov e seus traços hostis. – O destino dela já foi decidido. O que pensou que conseguiria, roubá-la? A sua mãe não está mais aí. Ela nem é mais uma humana. Ela tem o cérebro de um réptil.

– Por sua causa! Você quem fez isso!

– Havia excentricidades para desenvolver. A sua mãe proporcionou um serviço inestimável para a humanidade.

– Como os milhares de soldados que você matou na Rússia? – Tom vociferou para ele. – Ou o tenente Blackburn e os trezentos que você matou aqui?

– Assim como os dois mil que morreram na China, os três mil na Índia e os dez mil na África. Todos eles estavam proporcionando um valioso serviço ao testarem meus processadores. A vida deles não foi sacrificada em vão. Olhe para você, para o seu próprio processador, que já foi usado dezenas de vezes em testes com cobaias antes de você, mas funciona perfeitamente, não é mesmo?

– Você é um monstro – Tom exalou.

– Não foi culpa das minhas máquinas. Eu sabia o tempo todo que era possível implantar de forma bem-sucedida um processador neural porque meu pai implantou o primeiro em mim.

Tom foi pego desprevenido por Vengerov admitindo isso.

– Eu fui a prova de que funcionou. Simplesmente precisei de tempo para entender que somente um cérebro jovem poderia aceitar um – ele ergueu a cabeça. – Mas você não parece surpreso em saber que eu tenho um... é como se você já soubesse sobre meu processador.

– Que processador? – Tom se lembrou de bancar o ignorante. – Você tem um processador neural?

– Não me insulte. Venho tentando ficar sozinho com você há muito tempo. Cara a cara, sem ninguém para protegê-lo das minhas perguntas.

Tom olhou fixamente para ele, desprevenido. De repente, ele estava totalmente ciente de estar sozinho com o oligarca que o tinha deixado do lado de fora na Antártida para congelar até a morte só para provar seu ponto de vista.

– Sugiro que tire a sua mãe da cabeça – Vengerov disse. – Aquele com quem você deveria se preocupar hoje...

– Sou eu mesmo? – Tom rosnou. – Não tenho medo de você.

– É o seu pai.

Tom congelou, e o mundo ao seu redor parou.

Vengerov arqueou as sobrancelhas.

– Você não se perguntou sobre ele? Sobre o desaparecimento dele?

Tom abriu e fechou a boca, sentindo o choque sacudi-lo.

– Ele está sob a minha custódia – Vengerov disse simplesmente. – Meus contratantes o procuraram depois do Cruithne, quando o desaparecimento dele seria improvavelmente questionado.

– Você... você... por quê?

Vengerov virou-se negligentemente para Dalton.

– Você pode resgatar a sua amante agora. E ir embora.

Tom não tentou sequer impedir Dalton de serpentear um braço ao redor da cintura de Delilah e conduzi-la de volta ao edifício com ele. Ele estava extremamente abalado.

Vengerov tinha Neil. O pai dele estava vivo, mas Vengerov o tinha sob seu poder.

Vengerov o deixou sofrer em silêncio até ficarem sozinhos novamente.

– Venho esperando pelo momento oportuno para conversar com você. Eu queria fazer isso nos termos adequados, é claro. Ter o seu pai sob minha posse de certa forma esclarece nossas respectivas posições aqui, não? Tenho perguntas, e você tem um grande incentivo para respondê-las.

– Q-que perguntas?

– Fui atormentado nos últimos tempos pelos ataques de um *hacker* anônimo de pouco valor. Acredito que você o conheça. O fantasma da máquina.

A boca de Tom ficou muito seca, e ele sentiu calafrios no peito.

– Por que eu saberia alguma coisa sobre isso?

Vengerov sorriu.

– Porque você sabe. Descobri sobre esse fantasma enquanto escutava através de Yuri, ouvindo por acaso a discussão entre James Blackburn e *você*. Eu tinha minhas suspeitas sobre a existência de *alguns* fenômenos muito antes disso, naturalmente. Notei anomalias com relação ao comportamento de certas máquinas, embora eu não fizesse ideia de que poderia haver uma pessoa por trás disso, uma única pessoa que por alguma razão é capaz de acessar máquinas além das limitações inerentes ao meu software. Eu tinha uma teoria sobre quem poderia ser o fantasma, e você me ajudou a testá-lo.

Tom sabia que era Medusa.

– Mas eu estava enganado. A destruição dos drones provou isso para mim. Estava confuso. Você e James Blackburn eram minha única pista, então me ofereci para patrociná-lo, na esperança de obter mais acesso a você e mais oportunidade para coletar mais conhecimento do fantasma. E então você encenou o ataque no Milton Manor.

O sangue de Tom congelou.

– O que você quer dizer?

– Eu vi o seu nó de acesso remoto, senhor Raines. Muito audacioso.

– Isso não é... isso não...

– Não prova nada? Não, não prova. Nem, suponho, a curiosa atividade que se originou nos servidores da Agulha Pentagonal à época do Cruithne. No entanto, você deve admitir que eu tenho uma grande quantidade de evidências circunstanciais, todas centradas no mesmo suspeito. Você. Isso me deixa bem predisposto a pensar que está muito envolvido nisso. Se eu estiver certo e você for o fantasma, parabéns por salvar o mundo.

– Eu não fiz isso!

Os olhos de Vengerov brilharam de triunfo.

– Não, foi tudo uma estranha coincidência. Foi estranho também o fantasma ter vazado informações que somente você e James Blackburn sabiam. Da conversa que ouvi por acaso, estou muito certo de que James Blackburn não é o fantasma da máquina. Os últimos acontecimentos desgastaram a minha paciência. Pretendo descobrir imediatamente quem é o fantasma. Do que você sabe, senhor Raines?

– Não sei de nada!

– Isso é lastimável então – Vengerov disse baixinho. – Se realmente não sabe de nada e você não é o próprio fantasma, então é inútil para mim. E se é inútil para mim, o seu pai também é.

Tom sentiu um frio na barriga.

– Você não pode. Você... – a voz dele sufocou na garganta.

Vengerov calmamente retirou um tablet e o lançou para Tom. Ele estava tão agitado que quase deixou de pegá-lo quando o objeto foi lançado em sua direção. Suas palmas pareciam gelo e seu coração chegou à garganta ao ver Neil na tela, aparentando magreza e em más condições e olhando furiosamente para alguém que estava apontando um sinal de vídeo para ele.

Não, não, não, Tom pensou.

– Vou perguntar novamente – Vengerov disse, observando-o de perto e deixando-o ver Neil enquanto falava –, você sabe alguma coisa sobre o fantasma da máquina?

Tom não sabia o que fazer. Suas pernas estavam fracas. Ele nunca esperou que fosse colocado nessa situação, em que seu pai seria usado contra ele. Ele não conseguia pensar.

– Minha paciência tem limites. Cinco segundos – Vengerov disse.

– Mas isso pode ser falso – Tom resmungou. – Talvez você não o pegue.

– Quatro, três...

– Pode não ser ele! Pode ser uma imagem falsa! Ora essa, pode ser falso!

Vengerov olhou rapidamente para Neil.

– Suponho que seja um pedido justo. Me diga algo que só o seu pai saberia.

Tom estava zozinho. Ele não respondeu.

Os olhos claros de Vengerov miraram furiosamente os dele.

– Senhor Raines, vamos fazer uma pergunta a ele, e ele responderá, e depois você poderá se contentar por eu não estar inventando esta história. Você tem uma pergunta para o seu pai?

A visão de Tom ficou desfocada. Ele estava todo trêmulo, tentando pensar em algo, para aquela imagem na tela responder erroneamente, assim poderia confirmar que Vengerov estava mentindo sobre ter Neil sob custódia e aquilo não era verdade.

– Hum... – Tom engasgou. – Hum... ahn... – Imagens passaram rapidamente em sua mente. Neil carregando-o pelo acostamento da estrada e mostrando a ele como atirar uma lata para verificar se uma cerca estava eletrificada. Seu pai cobrindo-o com um casaco quando ele sentia frio e caminhando por quase cinco quilômetros para lhe trazer um refrigerante quente quando ele ficou doente. Todas as formas pelas quais seu pai o tinha protegido ao longo dos anos. Suas mãos suadas revolveram em seu cabelo. – Meu aniversário. Ele me deu uma coisa quando fiz quinze anos.

Era um relógio de ouro, um que Neil tinha ganhado de Hank Bloombury da Matchett-Reddy. Neil se lembraria – eles tinham sido atacados por um policial corrupto contratado e foram roubados.

Vengerov acenou com a cabeça, apertando a orelha em seguida e repetindo a pergunta.

Tom olhou horrorizado quando alguém fora da tela repetiu a pergunta. Então era

realmente uma transmissão ao vivo. E o pai dele olhou para cima na direção da câmera, com a mandíbula rígida.

– Algo que eu dei ao meu filho quando ele fez quinze anos? Não faço ideia...

E embora ele não tivesse dado a resposta, foi pior. Pior. Muito pior, pois não havia falsidade naquela mandíbula inflexível de Neil, naquele perigoso brilho de seus olhos. Neil obviamente tinha descoberto o motivo pelo qual vinha sendo mantido preso. Sabia que o objetivo era extorquir seu filho.

Ele jamais cooperaria e ajudaria alguém a chantagear Tom. Mesmo se estivessem brigados, mesmo que não tivessem se falado em meses, mesmo se Tom tivesse mentido e sido terrível com ele, Neil ainda faria exatamente aquilo: olhar furiosamente para aquela câmera e ficar na expectativa de que Tom não fosse coagido por alguém, pois esse era seu pai. Ele sempre protegia Tom se pudesse ajudá-lo e o garoto sabia naquele momento que Vengerov tinha, de fato, Neil, e ele não estava ameaçando em vão.

– Me dê uma garantia de que você o soltará – Tom disse com a voz trêmula. – Não tenho motivo para cooperar com você se vai matá-lo de qualquer jeito. Me dê uma garantia!

– Eu poderia simplesmente matar o seu pai e extrair a identidade do fantasma de você.

– Não, você não pode!

E Tom se arrastou e subiu até a beira do telhado. Vengerov continuou atrás dele, vendo-o com a cabeça erguida como se estivesse observando um animal em um zoológico.

Tom estava dolorosamente consciente da queda atrás dele, os carros engarrafando as ruas, o pavimento que o mataria com o impacto.

– Você garante a segurança do meu pai se eu responder a você ou vou pular deste telhado? Quando você tentar me derrubar com um programa, vou estar morto e você não conseguirá nada. Não vai conseguir me examinar e eu garanto que não vai pegar o seu fantasma.

Vengerov se aproximou cautelosamente, sempre com o olhar atento em Tom.

– Eu tomei a iniciativa de solicitar a implantação do processador neural da série Austera em seu pai. Isso torna muito mais fácil controlá-lo. Se você cooperar, vou ordenar aos meus técnicos que bloqueiem qualquer memória referente a esta situação e o libertem. Ele não tem utilidade alguma para mim. Só você tem.

O coração de Tom bateu furiosamente. Neil odiaria isso. Ele odiaria, mas talvez nunca soubesse. E era melhor do que estar morto.

– Você aceita os meus termos? – Vengerov perguntou.

– Sim – Tom sussurrou.

– Agora me diga – havia uma ânsia amedrontadora nos olhos de Vengerov, na voz

dele. Parecia animar todo seu rosto. – Quem é o fantasma da máquina?

Tom não tinha opção naquele momento. Não tinha. Ele se sentiu zozzo, enjoado, temeroso. Engasgou nas palavras que não queria dizer, mas ele tinha que dizer. Ele tinha. Ele não poderia impedir isso.

– Você tem razão. Sou eu.

As palavras saíram tão suaves que ele estava certo de que Vengerov não as tinha ouvido.

– Sou eu. Eu sou o fantasma da máquina – Tom disse mais alto. – Eu fiz tudo isso.

– Fez tudo isso sozinho?

Tom sabia que o ciberterrorista que tinha cuidadosamente destruído os principais membros da Coalizão não deveria ter a aparência de um adolescente de dezesseis anos, mas Vengerov precisava acreditar nele. Ele tinha que acreditar.

– Blackburn me deu cobertura, mas foi só isso que ele fez. Eu não sei mais o que você quer. Estou lhe dizendo a verdade. Você sabe o que o meu pai pensa de vocês. Sou do mesmo jeito. Eu quis destruir a Coalizão. Eu quis fazê-los se virarem contra você porque... por causa do que você fez ao Yuri. Porque você me fez perder meus dedos.

– Você matou pessoalmente aqueles executivos?

– Ei, eu estava em uma festa. Imaginei que isso seria um ótimo alibi e, ahn, eu consigo usar aquele nó de acesso remoto e fazer isso agora mesmo. Juro que consigo fazer isso. Posso mostrar a você – a inspiração surgiu. Ele olhou para as aeronaves mais próximas, pensando com saudade em como ele poderia ter controle sobre eles, talvez até imaginar uma maneira de mudar a sorte. – Diga aos seus rapazes no saguão para me trazerem aquele nó de acesso remoto que eu derrubei e vou lhe mostrar o que posso fazer...

– Ah, não, caso você esteja contando a verdade, isso seria muito tolo, não seria? – Vengerov enfiou a mão no bolso de seu casaco e retirou um pequeno metal brilhante. – Você vai fixar isto na sua porta de acesso neural.

Vengerov o jogou para ele. Sua pontaria era a de uma máquina perfeita. E Tom o pegou com reflexos de uma máquina perfeita. Era um pedaço de metal liso, redondo, com um gancho para a porta de acesso neural do cérebro.

– É um nó restringente – comentou Vengerov.

Tom ficou todo arrepiado. Vengerov tinha vindo preparado.

– Se você for de fato o fantasma, deverá ser capaz de interagir com isso diretamente e desativar o mecanismo. Se você não for, será incapaz de removê-lo enquanto tenta controlar os seus músculos.

Tom olhou para o dispositivo com uma sensação de enjoo brotando no estômago.

– É agora ou nunca, senhor Raines.

Tom conectou o dispositivo em sua porta de acesso neural.

– Pronto. Certo? Está conectado – ele se virou cuidadosamente para mostrar a Vengerov.

– Erga os braços – Vengerov pediu.

Uma corrente elétrica pareceu sacudir os músculos de Tom. Seus braços subiram de repente sem que ele planejassem erguê-los.

– Está funcionando. Entendo. Agora tente remover o nó restringente – Vengerov disse.

Tom tentou, mas seus dedos não fechavam em volta dele. Ele supôs que esse era o objetivo: um dispositivo como este era obviamente planejado para manter alguém prisioneiro de um processador neural. Os pontos fincaram a pele de sua nuca.

Vengerov se acomodou, observando-o com as pálpebras entreabertas.

– E agora, tente removê-lo da única forma que o fantasma da máquina conseguiria.

O coração de Tom estava com uma batida insistente. Ele viu o rosto de Neil no fundo de sua mente e sabia que ele estava perturbado. Ele teve esse grande e terrível pressentimento de destruição, mas não poderia perder a chance, por mais remota que fosse, de salvar seu pai. Ele não poderia.

E então sua consciência passou pela máquina presa à sua porta de acesso neural, e, com uma faísca estimulada pelo desespero e medo, ele a sobrecarregou e enviou o nó crepitante, enfraquecido. E com a mão adormecida, Tom voltou a remover o nó restringente e o mostrou a Vengerov. E depois o derrubou no telhado.

Vengerov deu um passo à frente e o apanhou, com admiração nos olhos enquanto examinava o dispositivo em curto-circuito.

– Impressionante. É você. Foi *você* que interagiu com o meu processador na Obsidian Corp. – os olhos dele fixaram-se nos de Tom. – Senti sua mente dentro da minha... E pensar que, em todos estes meses, estivemos perseguindo um mero menino, e nem sequer um menino brilhante nesse quesito.

– Solte o meu pai – Tom pediu. – Você cumpre a sua parte e eu cumpro a minha, senão juro que vou me jogar deste prédio e você não vai obter nada do meu cérebro.

– Não vejo motivo para quebrar nosso acordo – Vengerov pressionou o dedo no fone receptor. – Solte o pai dele onde você o encontrou, mas, antes disso, peça a um codificador que bloqueie uma corrente específica de memórias.

Fez-se um momento de silêncio.

– As memórias do filho dele. Quero que sejam todas apagadas. Ele não precisa mais delas.

Tom sentiu uma pontada de desespero ao saber que estava prestes a ser apagado da mente de Neil. Mas Vengerov tinha feito a parte dele.

Agora era a vez de Tom. Se ele tentasse algo, Vengerov poderia mudar de ideia.

Apavorado, ele saltou do telhado. A última coisa que viu foi o sorriso triunfante

de Vengerov e depois o aparelho de choque que ele tirou do bolso.

TOM FICOU COM UMA enorme confusão mental quando as palavras *Consciência iniciada. A época é XXXX* piscaram em seu centro de visão. Algo não fazia sentido, mas ele não conseguia se concentrar no que era.

– Vamos estimular uma área do cérebro por vez – a voz de Vengerov flutuou até o ouvido dele. – Mantenha seus olhos no eletrocardiograma. Eu não quero que ele tenha uma convulsão.

E então a confusão continuou, pois Tom não conseguia se mexer, não conseguia falar, não conseguia compreender bem onde estava, mas sentiu um arrepio correr sua espinha. Depois teve a sensação de ter mergulhado em uma água congelante. Então uma sensação de calor se estendeu por todo seu corpo. Ele viu estrelas, viu turbilhões. Ele viu uma luz vermelha preencher a escuridão. Sentiu lágrimas afligirem os seus olhos e em seguida uma risada transbordar os seus lábios. Um estímulo ou outro manipulava o seu cérebro.

Daquela maneira, pouco a pouco, o cérebro dele foi explorado – até algo ser atingido e fazer o zumbido de seu processador neural preencher seus ouvidos, seu cérebro, e ele ficou mais ciente da máquina conectada à sua porta de acesso neural. Por um instante, Tom registrou os sinais eletrônicos do eletrocardiograma e então a sensação parou.

– Isso – Vengerov comentou.

Um instante mais tarde, o zumbido o dominou novamente e Tom sentiu como se estivesse sendo sacudido por fora, na interface da máquina. E então cessou.

A voz de Vengerov soou triunfante.

– É isso aí. Exatamente aí. O córtex orbitofrontal.

– Você ainda gostaria que extraíssemos o processador? – surgiu outra voz.

– Não teria utilidade – Vengerov disse categoricamente. – É esse setor do cérebro dele. Curioso. Bem onde ele recebeu o enxerto neural, quase como se fosse preparado para interagir com máquinas.

Ouviu-se um sussurro, e em seguida a voz de Vengerov, quase dentro de seu ouvido.

– Você tem muita sorte, senhor Raines. Parece que não consigo usar a sua habilidade sem *você*.

OS OLHOS DE TOM abriram-se devagar e ele se viu olhando fixamente para um teto, tentando classificar em que quarto de hotel estava, confuso de se ver naquele colchão elegante em vez dos duros com lençóis grosseiros dos quais se lembrava em sua

cabana na Agulha Pentagonal.

E então tudo voltou a ele.

Tom ergueu o corpo, sacudindo com o alarme. Sua visão escureceu.

– Tome cuidado. Você esteve deitado por vários dias.

A voz polida de Vengerov enviou uma sensação rastejante pela espinha de Tom. Ele se sentou com mais calma, analisando com cautela o homem que estava sentado na cama em frente a ele com uma bebida nas mãos. Havia algo em sua porta de acesso neural. Tom esticou o braço para trás para arrancar, mas não conseguiu tocá-la. Era um nó restringente. Exatamente igual ao do telhado. Ele se concentrou em tentar causar um curto-circuito, ansiando por uma chance de correr até Vengerov e golpeá-lo no rosto agora que ele não tinha mais Neil como seu prisioneiro... afinal de contas, isso não estava o *matando*.

Mas nada aconteceu.

– Você verá que é incapaz de interagir com esse – Vengerov comentou, com os olhos claros e adivinhando suas intenções. – Eu o customizei para você. De agora em diante, você será capaz de usar a sua habilidade para manipular máquinas apenas quando eu resolver que está na hora de usá-la. Gostaria muito que você pudesse ver o nó. É bem elegante.

– O que você quer de mim? – Tom quis saber, tentando resolver as memórias confusas dos últimos dias.

– A sua mente, senhor Raines – Vengerov pesou o copo na mão. – Parece que a perspicácia com máquinas tem origem em um enxerto neural que você recebeu quando criança. Neurogênese estimulada por computador... O tecido cerebral é desenvolvido com auxílio de uma máquina e depois implantado entre o tecido saudável.

Tom recuperou o fôlego. Então era essa a razão de sua habilidade. E isso explicava a habilidade de Medusa também. Ela tinha dito a ele que havia recebido um enxerto neural após o acidente que teve.

– Parece – Vengerov disse – que o processo preparou o seu cérebro e o permitiu interagir além da capacidade dos outros com os processadores neurais. É uma pena. Enxertos neurais só são aceitos em pessoas muito jovens. Minha esperança era descobrir a fonte de sua habilidade e tirar proveito dela para mim mesmo. Agora não posso fazer isso.

– Sinto muito por você – Tom disse sarcasticamente.

– Não precisa – Vengerov disse, com os olhos claros fixos nos de Tom. – Esse desenvolvimento simplesmente significa que eu preciso mantê-lo por perto. Vivo. Para ser útil a mim.

– Eu não vou ajudar você. Você pode preferir me matar, pois acho que você é apenas um ser desprezível que tem sede de poder...

– Ativar – Vengerov disse.

A palavra disparou algo que já tinha sido instalado no processador de Tom enquanto ele estava inconsciente. Abruptamente, um fluxo de códigos preencheu seu centro de visão, e Tom soube o que era, ele estava sendo reprogramado, estava se perdendo. Sentiu uma onda de ódio, medo, sabendo que não poderia impedir... mas então os sentimentos negativos giraram como se tivessem rodeado um ralo, uma sensação de calma, uma sensação de paz que o transbordou.

– Senhor Raines.

Tom encontrou o olhar dele do outro lado da sala, e a hostilidade e a desconfiança que ele sentia tinham sumido, sido enterradas, uma vertiginosa onda de compreensão eliminou a sensação de que houvesse algum perigo nisso, algo a temer. Ele tinha se preocupado sem motivo. Joseph Vengerov era uma ótima pessoa. Uma boa pessoa. Um dos bons moços.

– Você me entende agora? – Vengerov disse em tom baixo.

Tom estava impressionado, pois ele entendia. O mundo de repente parecia cheio de caos desnecessário, humanos limitados tomando decisões estúpidas. As pessoas não poderiam se autogovernar. Seria melhor ter uma pessoa mais sábia, alguém mais inteligente, tomando decisões para todos. Alguém como Joseph Vengerov.

E isso se aplicava a Tom também. Ele era um idiota. Era um tolo. Não conseguia controlar a própria vida, fazer as próprias escolhas. Ele deveria deixar Joseph Vengerov fazê-las. A situação, de repente, não era tão alarmante para ele. Na verdade, Tom estava muito contente por Vengerov tê-lo sequestrado. Ele estava muito satisfeito por estar ali.

– Eu quero ajudar você – Tom disse avidamente.

Vengerov sorriu.

– Que bom. Incline-se para a frente. Vou conectar um fio neural entre os nossos processadores.

Tom curvou a cabeça, à espera dele, e então algo se elevou de algum lugar no fundo de sua mente. Um Cavalo de Troia que estava à espreita em seu sistema foi ativado. Mais códigos fluíram diante do centro de visão de Tom, e de repente era como se ele tivesse se tornado Tom novamente, rompendo uma espessa camada de gelo. Ele tirou o fio neural da mão de Vengerov e recebeu um dolorido choque do nó restrigente por ter feito isso. Ele se arrastou para se afastar de Vengerov, e aquela ilusão enganosa de confiança e paz se dissolveu, estilhaçando-se.

O grito rompeu seus lábios.

– Saia de perto de mim! – o coração de Tom estava batendo forte e sua respiração saindo com rápidos suspiros. – O que você... você me reprogramou! Você fez isso outra vez! Eu quero... – ele estendeu a mão no ar, furioso por dentro por não poder rasgar o homem ao meio.

Vengerov olhou fixamente para ele, sem compreender, sua mão ainda no alto onde ele estivera segurando o fio neural.

– Como isso aconteceu?

Agora Tom viu as palavras diante do seu centro de visão. *Malware neutralizado. Modo somente leitura ativado.* Ele entendeu. De repente, ele entendeu tudo.

Tom riu, mas parou quando Vengerov o repreendeu:

– Sente-se! –, e se viu automaticamente sentado, o impulso muscular vindo diretamente do nó restringente.

Uma satisfação maliciosa guerreou com a frustração enquanto Tom sentava-se ali, e Vengerov começou a trabalhar com seu processador, tentando descobrir como Tom tinha se desprendido de seu programa. Ele lutou a noite toda para recuperar o controle do processador neural de Tom, mas algum programa à espreita do sistema de Tom mantinha seu processador no modo somente leitura, deixando Vengerov completamente fora do sistema.

– James Blackburn – Vengerov finalmente disse.

Tom abriu um sorriso.

– Ele derrotou você.

– Você acha que ele lhe fez um favor – Vengerov disse friamente, quando, enfim, perdeu as esperanças em seus esforços.

– Sim. Até que fez.

Vengerov agarrou Tom pelo cabelo e forçou um encontro de olhares com ele.

– Ele ajustou o seu processador para sobrecarregar caso eu o tire do modo somente leitura. Você sabe o que isso significa? Significa que ele preferiria *matar você* a me deixar reprogramá-lo.

Tom engoliu em seco.

– Eu preferiria morrer a ser reprogramado, então acho que ele está se preocupando comigo – ele não se sentia surpreso ou enganado, se foi o que Vengerov pensou.

Blackburn queria conter Vengerov. Ele queria salvar o mundo. Ele sempre deixou claro para Tom que sua prioridade era essa. Ele tinha matado Heather por esse motivo e também mataria Tom, se isso o levasse a conter Vengerov.

Então, não, Tom não estava surpreso em descobrir que ele era tão descartável para Blackburn como qualquer outro. Em algum aspecto, Tom estava grato por isso.

Mesmo que doesse um pouco.

ANTES DE DEIXÁ-LO TRANCADO no opulento quarto, Vengerov conectou um fio entre uma porta de acesso neural do nó restringente de Tom e uma porta na parede. Tom esperou até ele sair do quarto e depois tentou remover o cordão com violência, na esperança de arrancar o nó restringente junto. Não deu certo. E também não saiu da parede.

Ele tentou puxá-lo com o máximo de força possível, colocando todo seu peso sobre ele, até mordendo-o, mas nem assim conseguiu quebrar o fio. Havia códigos

confusos tremulando com muita rapidez diante de seus olhos até mesmo para seu cérebro aprimorado por computador seguir.

O que ele está fazendo comigo? O quê? – Tom pensou.

E então Blackburn apareceu.

– Tom?

Tom berrou, perplexo, e olhou urgentemente na direção de Blackburn, que estava de repente na frente dele. Ele não conseguia entender como Blackburn tinha chegado até ali, mas sentiu um grande alívio ao vê-lo ali.

– Você está aqui! Você me encontrou!

– Eu não estou aqui.

Tom olhou fixamente para ele.

– Você está aqui em pé. Bem na minha frente.

Blackburn se abaixou para sentar-se ao lado dele.

– Raines, o seu sinal de GPS desapareceu há vários dias. Estou manipulando os seus receptores sensoriais para que você consiga me ver. Eu tenho acesso a...

– Sim, sim. Você consegue fazer isso porque existe aquele elo neural entre nossos processadores. Então pode ver que estou encareado. Vengerov tem acesso a mim em algum lugar. Eu não sei onde. Ele sabe.

– Ele sabe do quê? – Blackburn tomou fôlego.

– De tudo – Tom percebeu que ele estava trêmulo. – Eu não sei onde estou. Não sei nem há quanto tempo estou aqui. O cronômetro do meu processador está desativado. Ele levou meu pai. Eu tive que dizer a ele a verdade, senão ele o teria matado.

Blackburn praguejou baixinho.

– Ele vai esfaquear você para descobrir como a sua habilidade funciona, se for preciso. Você compreende isso?

– Não, ele já pediu para os técnicos dele me examinarem. Ele não consegue tirar a minha habilidade. É o meu cérebro, não o meu processador, então ele tentou me reprogramar para cooperar com ele, mas o seu contracódigo entrou em ação e me colocou no modo somente leitura. Então, é verdade que se ele finalizar o modo somente leitura fritará o meu cérebro?

Blackburn ficou em silêncio por um longo momento.

– Sim.

– Certo. Só para esclarecer isso.

Uma estranheza recaiu entre eles.

– Eu o instalei depois da cúpula do Capitólio – Blackburn disse. – O seu primeiro. Eu nunca achei que seria necessário. Desculpe.

Tom se perguntou por que ele estava se dando o trabalho de pedir desculpas. Ele não estava nem um pouco surpreso.

– O que ele vai fazer comigo agora, senhor? – o coração dele começou a acelerar.
– Se Vengerov não consegue me reprogramar, então sou inútil para ele, certo? Tipo, esse negócio de nó restrigente, ele pode me ordenar a sentar ou não sair de um lugar, mas, se pudesse simplesmente me ordenar a ajudá-lo, ele já teria feito isso.

Blackburn acenou com a cabeça.

– Um nó restrigente pode regular os seus impulsos musculares através da sua medula espinhal. Isso pode fazer seu corpo se mexer ou parar de se mexer. Mas não pode controlar a sua mente. O controle da sua mente é seu e me certifiquei disso – ele ficou em silêncio por um instante. – Ele não pode reprogramar o seu comportamento e não pode apagar a sua memória. Ele pode acessar os diretórios superficiais, conhecimento, habilidades, qualquer coisa que implantamos enquanto você esteve na Agulha.

– Certo.

– Agora, Tom, ele não pode retirar nenhuma memória sua, mas não está proibido de, digamos, inundar você de imagens ou qualquer quantidade de informações para manipulá-lo. Você ainda precisa ser capaz de receber memórias, eu não poderia desabilitar essa função, e ele pode fazer uso disso de muitas maneiras.

Tom sentiu-se enjoado.

– E o que vai acontecer comigo?

– O dispositivo de varredura pode danificar o seu cérebro. Eu ficaria surpreso se ele tivesse arriscado uma seleção neural sem algum motivo imediato – ele esfregou a palma da mão sobre a boca. Tom sabia que os verdadeiros movimentos de Blackburn estavam sendo traduzidos em seu centro de visão. A familiaridade dessas traduções fez seu estômago doer. – Você sabe alguma coisa sobre soberania neural, Tom?

Tom balançou a cabeça, observando se Blackburn estava vendo o que seus sentidos viram, mas ele não estava olhando diretamente para o garoto.

A miragem de Blackburn aproximou-se mais dele e se ajoelhou bem à sua frente. A ilusão era tão completa que Tom podia sentir o braço roçar sua perna.

– Nossos processadores neurais, da série Vigilante, funcionam em conjunto com o cérebro humano. Isso significa que o seu processador, quando inserido, mapeia o seu cérebro. Ele descobre exatamente de onde se aceitam os seus comandos de pensamento consciente. Você está compreendendo?

Tom acenou com a cabeça.

– Então o meu processador sabe o que vem de mim?

– Precisamente. Ele *aprende* a obedecer seu cérebro. É isso que acontece quando você recebe o processador pela primeira vez. Então vamos dizer que eu conecte um fio neural entre o seu processador e o meu – ele apontou entre eles. – Eu não conseguiria interagir e ter controle como se você fosse uma máquina comum, pois o

seu processador é capaz de distinguir entre os *meus* neurônios e os *seus*. Ele reconhece que seus neurônios geralmente dão os comandos a ele, e os meus não, então rejeitará qualquer coisa que venha de mim. Mas existe uma maneira de sabotar isso.

– É claro que existe – Tom disse, sentindo-se exausto.

– Ele já tentou conectar o processador dele no seu?

– Sim – Tom respondeu, lembrando-se do que Vengerov estava prestes a fazer antes do cavalo de troia de Blackburn entrar em ação. – Mas não teve chance de fazer nada, pois o seu contracódigo foi ativado e eu parei de cooperar.

– E esse é o segredo. Cooperação – Blackburn disse. – Se eu conectar o meu processador neural no seu e ordenar você a interagir com uma máquina, você não vai simplesmente interagir ao meu comando porque o seu processador não reconhece a minha soberania neural. No entanto, digamos que eu lhe ordene a interagir com uma máquina e você coopere: você *escolhe* aceitar o comando e interagir com uma máquina. Se você fizer isso, o seu processador vai começar um processo de aprendizagem. Ele *aprenderá* que deve receber comandos dos meus neurônios bem como dos seus. Isso significa que ele é capaz de reconhecer tanto a minha soberania neural quanto a sua. É muito importante que você compreenda isto: se deixar Joseph Vengerov obter soberania neural sobre o seu processador, ele será capaz de utilizar o seu próprio processador para controlar você. Ele será capaz de se conectar a você como qualquer outra máquina e transmitir ordens. Se algum dia ele conseguir a soberania neural, você nunca mais vai recuperar isso dele.

Tom riu incredulamente.

– Por que eu cooperaria com ele um dia? Ele estava com uma arma apontada para a cabeça do meu pai. Foi por isso que eu disse a ele o que fiz. Ele não tem influência alguma agora.

– Você não acha que fará qualquer coisa que ele peça, mas existem maneiras de manipulá-lo e coagi-lo ou brincar com suas necessidades ou seus desejos. Não há escalas aqui, Tom. Algo tão secundário quanto te dizer quando piscar e você obedecer a esse comando dá início ao processo de aprendizagem. Ele pode usar qualquer número de pressionadores psicológicos para forçá-lo a obedecer. Você tem que resistir o máximo possível até eu conseguir encontrá-lo. A única forma de combatê-lo é permanecer alerta e saber exatamente o que ele está pretendendo fazer com as ações que toma. Pode ser que eu não esteja aqui por muito mais tempo para lhe dar conselhos.

– Como assim? – Tom perguntou, sentindo repentino medo.

– Esse elo – Blackburn disse, gesticulando entre eles – pode sofrer interferências. Provavelmente ele enxerga você nas câmeras de vigilância conversando com as paredes. Não será difícil para ele tirar suas conclusões e descobrir que conectei

nossos processadores. A única razão pela qual ele ainda não interferiu, creio eu, é porque está esperando que você diga algo interessante enquanto conversa comigo.

Olhando para ele, Tom, de repente, percebeu que estava conversando com alguém em sua cabeça, alguém que poderia estar a milhares de quilômetros de distância.

Alguém que não poderia ajudá-lo.

Mas havia alguém que poderia.

– Ouça – Tom disse atentamente –, você precisa fazer algo para mim. Tem uma pessoa que pode ajudar a me encontrar.

– Quem?

Tom lambeu os lábios, ciente de que Vengerov estava provavelmente escutando no modo invisível. Ele não podia dizer o nome dela diretamente. Então, em vez disso, disse:

– Murgatroide.

– Isso é uma brincadeira?

– Não – Tom respondeu. Ele não poderia dizer “Medusa”. – Só... só coloque algo no sistema da Agulha dizendo o que aconteceu comigo e escreva em nome de “Murgatroide”. Confie em mim – Medusa pesquisaria algoritmos nos sistemas da Agulha Pentagonal. Ela perceberia e o encontraria. Ela e Blackburn entrariam em contato. – E depois alerte Murgatroide a nunca responder para Murgatroide novamente. Além disso, diga aos meus amigos, ahn, que estou bem, certo? Eles vão ficar se perguntando o que aconteceu quando eu não voltar. Se eu não voltar.

Blackburn foi de encontro aos olhos dele.

– Farei isso – ele disse. Estendeu o braço e pôs a mão no ombro de Tom. Era uma ilusão, e Tom sabia disso, mas parecia real e até o fez sentir-se um pouco mais seguro. – Não desista. Nós não desistiremos.

– Nunca – Tom jurou intensamente, e ele jurava por cada pedacinho de seu ser.

TOM TEMIA O MOMENTO de Vengerov usar um dispositivo de varredura nele. Já era ruim o bastante enfrentar uma seleção neural nas mãos de Blackburn. Ele não conseguia imaginar quão horrível seria nas mãos de Vengerov. Apesar da certeza de Blackburn de que Vengerov não arriscaria o dano que uma seleção neural poderia acarretar, Tom pensou que era praticamente a pior coisa do mundo – e era a única coisa que ele conseguia imaginar Vengerov fazendo com ele.

Mas Vengerov o surpreendeu. Como era de se esperar, dia após dia, ele deixou Tom sob o dispositivo de varredura em andamento, às vezes observando-o, às vezes não, mas a máquina estava em uma configuração padrão que deu pleno poder para Tom sobre quais memórias foram extraídas de sua cabeça.

Completamente confuso, mas aliviado, Tom evitou dar uma única arma a Vengerov para que a usasse contra ele. Ele não estampou nenhuma de suas memórias ruins na tela, não se estendeu em nenhum de seus segredos, em nenhuma dessas

coisas que não poderia compartilhar. Ele evitou cada pensamento em Yaolan, e, após praticar as interfaces de pensamento como intermediário e usá-las como superior, ele achou mais fácil controlar todo o processo.

Em vez disso, lançou coisas que Vengerov possivelmente não estaria interessado em saber: correr pelo refeitório com Vik durante os exercícios militares; rir com os amigos após aquela primeira aula de programação, quando ele imitara um cachorro diante de todos; Neil e Tom ensinando carteados para alguns adolescentes desabrigados que dormiam no mesmo vagão que eles; Wyatt o abraçando pela primeira vez depois que ele perdeu os dedos. Nada de ruim. Nada de importante. Era tudo coisa tediosa, inconsequente, que Vengerov não conseguiria tirar proveito e possivelmente não acharia interessante.

Ainda assim, Vengerov nunca o repreendeu, e Tom não conseguiu descobrir o jogo dele. Blackburn não visitou a cabeça dele outra vez, e Tom suspeitou de que Vengerov tivesse interferido no elo neural entre eles. No entanto, ele nunca falou uma palavra a respeito disso.

Finalmente, chegou o dia em que Vengerov anunciou:

– Terminamos. Acho que tenho mais do que o suficiente.

– Suficiente para quê? – Tom disse asperamente.

Vengerov não respondeu, deixando-o no vácuo.

– Você deve estar faminto. Vem se alimentando só de sanduíches, eu entendo. Minhas desculpas.

Tom ouviu uma porta abrir deslizando em algum lugar atrás dele, fechando logo em seguida. Um cheiro familiar impregnou o ar e as tiras que prendiam seus braços foram soltas, liberando Tom da cadeira. Ele se pôs de pé rapidamente e seguiu Vengerov enquanto atravessava o recinto até uma mesa distante.

Para o choque de Tom, havia pizza fumegando em uma caixa aberta. Ele só vinha se alimentando de cereal, sopa e sanduíches de peru nos últimos dias. Ficaria contente em nunca mais ver outro sanduíche de peru na sua frente.

– De onde veio isso? – Tom se perguntou.

– Oh, e nós iremos viajar em breve.

– Viajar para onde? – Tom quis saber. Não sabia sequer onde eles estavam agora.

– Isso não é da sua conta.

Eles estavam provavelmente na Antártida. Tom sentiu um aperto no coração. Vengerov iria aprisioná-lo em alguma ala obscura do lugar... a menos que eles estivessem ali agora. Ele não tinha saído daquela sala nem passado pelo estreito corredor entre a sala e o dispositivo de varredura. O nó restritivo não o deixaria sequer chegar próximo das portas.

– Eu vi isto em uma de suas memórias – Vengerov gesticulou para a pizza. – Parecia uma bela demonstração para lhe dar as boas-vindas ao que certamente será

uma parceria muito produtiva.

– Eu ainda não estou lhe ajudando.

– A sua favorita, creio eu?

Tom aproximou-se com cuidado, com o estômago roncando e os olhos atentos à pizza de pepperoni e linguiça. Ele deu uma risada irônica.

– Você acha mesmo que vai tirar algo de mim por causa de uma *pizza*?

Vengerov poderia pelo menos tentar suborná-lo com dinheiro de verdade. Tom não aceitaria, mas uma pizza barata parecia um insulto.

– Não é propina. Achei que você estivesse com fome. Estou enganado?

Ele não estava enganado. Tom sentiu como se pudesse inalar todo o alimento. Ele sabia que, se Vengerov o levasse para alguma cela na Antártida, não haveria nada disso disponível.

Então avançou e pegou um pedaço. Ele não estava muito atento a Vengerov arrancando seu fio neural ainda preso à porta de acesso de Tom e pondo-o de volta em seu próprio pescoço.

Tom só percebeu que Vengerov tinha interagido com ele quando teve uma sensação de que tinha se conectado com a máquina. A mão dele voou instantaneamente para puxar o fio neural, mas ele ainda não conseguia tocá-lo. Os dentes dele rangeram enquanto o processador de Vengerov zumbia em seu cérebro junto com o seu próprio.

– Coma – Vengerov ordenou, com os olhos colados nele, de onde havia se acomodado do outro lado da mesa. Era o olhar fixo, vazio de um predador, e Tom sentiu um frio na barriga, pensando no alerta de Blackburn sobre um processador neural da série Vigilante tentando controlar outro. O impulso preencheu seu cérebro, como um comando que vinha por meio de uma cortina nebulosa.

Coma.

Tom percebeu o que estava acontecendo. Então era *assim* que Vengerov iria abordar o lance de dar-ordens-para-Tom-seguir. Blackburn disse que tentaria enganar seu processador, e até mesmo concessões secundárias dariam início ao processo de aprendizagem que levaria a uma perda de sua soberania neural. Se Tom não soubesse o que ele estava tentando fazer, estaria encrencado.

Mas ele sabia. Seus olhos foram de encontro aos de Vengerov e decididamente colocou o pedaço de pizza de volta na mesa.

– Coma – Vengerov disse. – Eu sei que você está faminto. Faz um bom tempo.

– Não vou ceder a minha mente por um pedaço de pizza.

Vengerov o analisou.

– Está claro que James Blackburn discutiu sobre a soberania neural com você. Ele lhe fez um desserviço. Resistir a mim só complicará as coisas para você. Ele certamente não estará aqui para sofrer junto agora que eu interfeiri na conexão entre

os seus processadores.

A mandíbula de Tom palpitou por ele ranger os dentes.

– Você nunca vai ter controle do meu cérebro. Eu sei que tenho que lhe dar esse controle, então você vai ter que me matar se estiver contando com isso.

Eles tiveram uma batalha de vontades uma vez antes, quando Vengerov o trancou do lado de fora da Obsidian Corp., treinando aquelas câmeras de segurança em Tom, à espera de ele sucumbir, implorar para poder entrar. Tom não tinha sucumbido naquela ocasião e não sucumbiria agora.

– Você acha que ele fez um favor a você? – Vengerov disse repentinamente. – A coisa mais agradável que ele poderia ter feito seria me permitir reprogramá-lo. Ou aconselhá-lo a conceder a sua soberania neural o mais rápido possível. As ações dele limitaram as minhas opções de forma que você se arrependerá profundamente.

Tom o fuzilou com os olhos. Ele não pensaria sequer em desistir.

Vengerov se virou.

– Você será levado de volta ao seu quarto agora.

Ele bateu na porta e disse algo para os homens que apareceram para escoltar Tom de volta ao quarto dele. Tom vagamente reconheceu o som emitido por eles: russo.

Mas ele não os compreendia.

Nem uma palavra.

Tom olhou fixamente entre os que falavam russo, perplexo. Ele tinha sido fluente naquela língua desde sua terceira semana na Agulha Pentagonal. Tinha isso em seus downloads de lição de casa.

Enquanto Tom sentou-se confinado em seu quarto onde os guardas tinham conectado a outra ponta de seu fio neural na parede, com os códigos fluindo diante de seus olhos, começou a compreender o que estava sendo feito com ele. Tentou lembrar como pilotar um helicóptero, mas não conseguiu recordar os controles. Ele tentou lembrar como funcionava uma detonação nuclear. Mas não conseguiu desvendar em seu cérebro. O pânico começou a tomar conta dele.

Estava sumindo tudo.

Tudo que ele sabia estava sumindo.

Tom ficou frenético e tentou arrancar o fio neural que o conectava à parede outra vez, mas não saía. A frustração fez seu coração bater forte e o medo ferindo-o por dentro. Tudo que ele aprendera, tudo que baixara, todo o conhecimento de luta e armas e idiomas que o processador neural tinha lhe dado ao longo dos últimos anos estava sendo drenado da sua mente como se nunca tivesse existido.

Como ele iria escapar algum dia dali se fosse novamente apenas o Tom fracassado, expulso do Rosewood?

Blackburn nunca reapareceu, e Tom sabia que não reapareceria. Ele não tinha noção do tempo, mas sentiu que as horas da noite e da manhã seguinte passaram,

conectado àquela parede, tudo fluindo para fora de seu corpo.

E então, com um clique abrupto, o processo parou. O fio se soltou da parede.

Tom olhou fixamente para a ponta em sua mão e pesquisou insistentemente em suas memórias da Agulha Pentagonal. Ele se lembrou das palestras, mas não se recordou das informações a que Cromwell, Blackburn ou Marsh tinham se referido durante elas. Ele não conseguia sequer se lembrar de algo tão básico como carregar um rifle.

Tudo havia sumido. Tudo que ele aprendera ao longo dos anos, apagado. Vengerov tinha simplesmente deletado tudo isso.

Ele tinha transformado Tom de volta em um menino comum de dezesseis anos de idade.

DEU UM BRANCO NA memória de Tom. Ele abriu os olhos com um grande vazio entre a consciência de que tinha perdido todas suas habilidades úteis e agora – quando se viu em plena escuridão, sobre um colchão e com paredes o confinando. Tom resistiu a um surto de claustrofobia e tateou ao seu redor. Ele conseguiu estender o braço todo, mas, quando tentou se sentar, um fio neural o puxou de volta. O fio estava fixado em uma porta atrás dele.

Um fio neural curto. Ele só conseguia ficar meio sentado.

Ele se esticou para trás para puxá-lo, mas percebeu que não estava usando seus dedos mecanizados. Tudo o que ele tinha eram os tocos de dedos que restaram dos originais.

Ele sentiu uma onda de ódio. Vengerov tinha pegado os dedos dele? Ele não poderia deixá-lo ficar ao menos com seus *dedos*?

Tom se acomodou e tentou respirar, se acalmar. Ele se esticou ao redor, sentiu suas pernas, tentando ter uma noção do espaço no qual estava enclausurado. Era tão pequeno.

Então, de repente, Tom se deu conta de que não estava mais com fome. Havia algo enfiado em seu nariz, garganta abaixo. Ele tentou alcançá-lo e sentir o que era...

Algo plástico que entrava diretamente por seu nariz. Revoltado, tentou puxá-lo, mas também não conseguiu tocá-lo, pois o nó restringente o deteve. Ele não conseguia tocar o nariz, a nuca ou qualquer outra parte. Tom riu indignado de frustração.

– Ora – ele resmungou.

– Não tente remover o seu tubo de alimentação. O nó restringente não vai permitir.

A voz de Vengerov veio de um alto-falante logo acima dele. Tom sacudiu de susto, olhando fixamente na escuridão.

– Você se recusou a comer a pizza que eu tinha preparado para você. Existem consequências para a recusa. Você perdeu esse privilégio.

– Que privilégio? – Tom disse com muito esforço. A voz dele estava tão rouca que saiu grasnada, e uma estranha noção tomou conta de sua mente. Era como se ele não falasse há um bom tempo. – Tenho privilégios aqui?

– Todos com exceção dos que você perdeu. Neste caso, perdeu o privilégio de comer.

– Você está falando sério?

E então, abruptamente, as tábuas que cobriam as paredes ao redor dele se abriram com um estalo, e Tom ergueu a mão para proteger os olhos do avanço da luz ofuscante. Ele viu a silhueta de Vengerov o contemplando.

– Eu espero realmente que você se sinta confortável. Este será o seu espaço de convivência a partir de agora.

Tom sentou-se até onde conseguia alcançar e descobriu que eles estavam praticamente na mesma altura dos olhos.

– Consigo enxergar você quando eu quiser. E consigo ouvi-lo quando eu quiser – Vengerov o informou –, mas você só vai me ver quando eu quiser. Da mesma forma, você só vai me ouvir se eu decidir que deve me ouvir. É claro, não virei aqui com muita frequência, mas, quando eu vier, você terá oportunidades de provar que é mais simpático do que mostrou ser até agora.

Tom espremeu os olhos contra a luz.

– Você vai me deixar nesta coisa?

– Não tenha medo. Todas as suas necessidades físicas serão atendidas aqui – ele andou ao redor do claustro, batendo na parede. – É uma unidade hospitalar conjugada modificada, planejada para tratar pacientes em coma. Vai ser suficiente para você até que se sinta cooperativo o bastante para ganhar mais liberdade de movimentação.

Tom se viu procurando as aberturas de luz, vendo os painéis sobre ele no teto. Ele se lembrou de Yuri em coma e de uma geringonça ao redor dele por alguns dias, que o alimentava por um tubo quando ele não conseguia comer, cateterizando-o, lavando-o, virando-o. Não era para alguém totalmente consciente, era para alguém em coma. Tom sentiu as paredes que o confinavam, e ele não se sentia sequer claustrofóbico.

– Não. Não, espere. Você não pode me manter aqui – Tom disse, ciente de que ele poderia.

– Ora, senhor Raines, você vem reagindo muito bem aqui há várias semanas.

O olhar de Tom virou para a direção dele.

– Semanas? – ele olhou fixamente com um silêncio estupefato, antes de continuar.

– Eu não estou adormecido há... há semanas. Você está mentindo.

Vengerov parecia confuso com o pavor dele.

– Eu administro as duas empresas mais poderosas do mundo. Mal consigo dedicar todos os dias para você. Vou cuidar da sua modificação comportamental quando eu tiver tempo para uma visita pessoal, mas essas ocasiões serão poucas e espaçadas. Hoje calhou de ser o meu primeiro dia livre depois de um bom tempo.

Tom ficou boquiaberto, horrorizado. Semanas? *Semanas?* Será que ele tinha ficado apagado por todo esse tempo?

– Não tenha medo, não vou mantê-lo inconsciente na maioria dos intervalos enquanto estiver longe. Esta foi uma situação excepcional; senti que deveria lhe

explicar esta situação na primeira vez que você acordasse. Você ficaria com muito medo se não ouvisse a minha explicação.

A cabeça de Tom girou. Estar *acordado* por semanas aqui soava incrivelmente pior do que estar inconsciente.

– Você não pode... – ele vacilou.

Bastou um movimento forte da mão de Vengerov e todas as tábuas se fecharam, fazendo a escuridão voltar. Furioso, Tom tentou dar um soco na parede, mas o nó restrigente o impediu.

– Ah, e não tenha dúvidas – a voz de Vengerov gritou acima dele outra vez – de que o nó restrigente não vai permitir que você se machuque enquanto eu estiver ausente. Seria muito desagradável se você sucumbisse ao estresse de sua situação.

O desespero fez Tom se contorcer. O silêncio durou desta vez. Ele tentou alcançar o pescoço novamente, perguntando-se se conseguia mover com cuidado sua mão sobre o nó restrigente e sutilmente arrancá-lo... Mas sua mão não chegava nem perto dele. Ele não conseguia sequer tocar o próprio pescoço.

Abandonada sem mais nada a contemplar, a mente de Tom se revoltou contra as palavras de Vengerov. Não era possível que já haviam se passado semanas. Não era possível. Isso significava... isso significava que ele não havia sido resgatado há semanas.

Mas sua garganta tinha grasnado quando ele falou e seus membros pareciam rígidos, frágeis e trêmulos como se ele não os tivesse usado muito ultimamente.

Tom não suportava pensar nisso.

O TEMPO PASSOU, EMBORA parecesse vazio e completamente interminável naquele claustro. Quando vinha o sono, ele nunca era planejado e Tom sequer percebia que tinha dormido até acordar no escuro.

Ele não sabia bem, mas pensou que talvez Vengerov tivesse programado a unidade para cuidar dele num horário irregular e fazê-lo entrar no modo de hibernação de vez em quando. Ele sempre sentia que era pego de surpresa. Às vezes, após dormir, sentia como se tivesse ficado apagado por semanas. Às vezes pareciam segundos.

Pensou nos avisos de Blackburn várias e várias vezes.

– Ele está tentando me vencer pela persistência – Tom disse em voz alta. Às vezes lhe confortava ouvir a própria voz, ouvir *algo*, mas hoje as palavras pareciam vazias na escuridão e eram engolidas imediatamente.

Ficou claro que, com o lance da pizza, Vengerov tinha percebido que Tom conhecia seu jogo e que não conseguiria manipulá-lo com seus “desejos e necessidades”. Então ele estava usando pressionadores psicológicos. E esse total isolamento estava se transformado em um longo e interminável pressionador psicológico.

Tom se mexeu o máximo que conseguia, tentando conservar sua força, mesmo se

não conseguisse erguer completamente as pernas e os braços. Ele afastou o terrível pânico que sempre quis dominá-lo quando percebeu como o espaço era confinado.

O claustro foi uma experiência horripilante, e não apenas quando nada acontecia. Ele tinha que ser alimentado. Tom sentia-se, de repente, todo adormecido, algo era enviado até seu processador diretamente através do fio neural, e então ele ficava deitado ali, paralisado como um paciente em coma para o qual o claustro havia sido construído, enquanto o tubo de alimentação descia e se conectava ao enfiado em seu nariz. O calor se concentrava em seu estômago e depois sumia, o tubo se retraindo até o teto da unidade novamente... por algumas horas. A água era administrada da mesma maneira. Mas o pior era o banheiro. Outro tubo, outro terrível momento de paralisia. Depois um cateter.

Ele não sabia bem a quantidade de alimentos que ingeria, mas não era suficiente. Nunca era suficiente. Ele estava sempre desesperadamente faminto. Esfomeado por algo para morder, mastigar. A boca estava extremamente seca e ele fantasiou sobre tudo que já tinha comido um dia. Seus olhos começaram a pregar peças nele. Ele tinha visto o que parecia ser uma minúscula luz diante dele, e então ela se ampliou, configurando sonhos acordados ao estar no refeitório com seus amigos, tão reais que, quando eles eram desfeitos, uma sensação de perda e solidão profunda o saturava.

Ele tentou conversar consigo mesmo. Tentou fingir que conversava com os amigos e imaginava o que eles estavam dizendo. Ele cantou para si mesmo. Falou alto com Vengerov, embora ele não estivesse ali.

Mas todas as vezes, sempre, Tom estava sozinho.

Ele não tinha como calcular o tempo, de jeito nenhum, mas a sensação era de que estava passando pela eternidade. E então chegou um dia em que Tom despertou na escuridão sempre presente e compreendeu friamente que uma pessoa tinha total controle de seu destino. Uma pessoa tinha plenos poderes para decidir se Tom passaria o resto de sua existência nessa escuridão. Joseph Vengerov começou a se ampliar na mente de Tom até preencher o mundo todo, como se eles estivessem em um planeta isolado onde não existisse mais ninguém. O resto do universo parecia ter desaparecido. Tom sentiu um terror se apoderar de seu coração como nunca antes.

– Me desculpe – ele disse para a escuridão. – É tudo por causa do lance da pizza? Me desculpe por não tê-la comido. Me desculpe mesmo. Ora, ora... Chega disso. Já deu. Você mostrou o que é capaz de fazer. Você conseguiu.

Uma onda profunda de vergonha o dominou por ter dito essas palavras, por ter se rendido tanto. Mas, na vez seguinte que ele despertou, foi recompensado por isso. A luz inundou o claustro pela primeira vez depois do que pareceu ter sido séculos.

– Ora, Tom – Vengerov disse enquanto o menino espremia os olhos para enxergar a silhueta dele no outro lado das tábuas. – Eu te perdoo.

ESSA FOI A PRIMEIRA vez que Vengerov o libertou, e a liberdade momentânea parecia gloriosa, estonteante, mesmo que eles fossem apenas até a sala que ficava logo do lado de fora do claustro – uma espécie de sala de estudos. Tom absorveu pelos sentidos cada detalhe da sala, a lareira holográfica, com um som crepitante; um enorme sofá de couro. Havia uma janela a distância escondida por espessas cortinas azuis.

Ele tentou dar um passo, mas suas pernas se curvaram. Elas estavam muito rígidas, com os músculos atrofiados devido ao longo tempo em que ficara deitado, ao longo tempo sem movimento.

Elas cederam sob ele. Mas Vengerov o apanhou quando ele estava caindo, e um traiçoeiro sentimento de gratidão dominou Tom como a própria insanidade. Tom imediatamente ficou furioso consigo mesmo, pois Vengerov era o motivo principal de seus músculos estarem atrofiados.

– Você deseja olhar pela janela? – Vengerov perguntou no ouvido dele.

Tom engoliu em seco contra o aperto no peito, pois estava desesperado para ver o que se passava do lado de fora. Ele estava desesperado para ver o céu. Só para se certificar de que ele ainda estava lá.

Mas então Vengerov conectou um fio neural à sua porta de acesso e pressionou a outra ponta do fio neural de volta na de Tom, que sentiu uma pontada de dor, ciente de que não a estava recebendo à toa.

– *Olhe pela janela* – Vengerov disse, e sua mente alcançou a de Tom, dando-lhe ordens. – *Olhe pela janela.*

Tom sabia que não deveria fazer isso. Ele sabia disso. Aceitar esse comando seria o primeiro passo para perder a soberania neural...

Mas, se ele não olhasse, se permanecesse ali, teria que voltar ao claustro e não conseguiria suportar isso; só queria olhar uma vez para fora. Se ele conseguisse ver o céu uma vez, o céu azul ou as nuvens, então seria capaz de viver com isso por um longo tempo, disse ele estava certo.

A tentação brilhou como o sol quando Vengerov o conduziu pela sala, e logo o tecido da cortina estava a centímetros de distância, pronto para ser puxado de lado para uma rápida olhada.

Siga em frente. Abra-a, soou o comando de Vengerov em sua mente.

– Você não terá essa oportunidade novamente – Vengerov sussurrou no ouvido dele.

Sentindo-se repentinamente desesperado e sem atentar para as consequências, Tom puxou a cortina de lado, e aquele comando externo ainda soava em seu cérebro quando ele a abriu: *Abra-a. Abra-a.*

E então ele olhou fixamente, sem compreender. Tudo o que viu foi o espaço. A escuridão perfurada por estrelas distantes, rodando em círculos. Havia uma extensão de suborbitais, drones, todos desativados, mortos. Ele não compreendeu o que se

passava.

– Esta nave toda usa força centrífuga para simular a gravidade – Vengerov disse a ele. – As cápsulas gêmeas giram uma ao redor da outra. Inovador, não é?

– Estamos no espaço – Tom disse desoladamente.

– Sim. Uma pequena estrutura orbitando o planeta, só para você.

Tom olhou para ele.

– Só para mim?

Vengerov sorriu e alisou a bochecha dele.

– Ora, você não percebeu que estive completamente sozinho aqui entre as minhas visitas?

Tom sentiu como se tivesse sido golpeado.

– Sou o único aqui?

– Sim. Você é um único pretor caso alguém se depare com você por acaso... Embora isso seja improvável. Mas não tenha medo – Vengerov acenou com a cabeça na direção da pequena unidade de hospital. – Se algo acontecer comigo e eu não conseguir retornar, ela está equipada e pronta para mantê-lo vivo por décadas.

Tom sentiu o horror sacudi-lo por dentro, dando um branco em seu cérebro. Ele estava totalmente sozinho e um dia Vengerov partiria e nunca mais voltaria, e ele ficaria ali pelo resto da vida.

Ele sentiu ânsia de vômito.

– Ninguém mais sabe sobre mim?

Vengerov coçou a nuca.

– Eu não esperaria manter você em sigilo se mais alguém soubesse. Até mesmo meus empregados poderiam cometer um deslize. Minha informação tem uma forma de vazar se estiver na minha base de dados, então suponho que você possa dizer que foi totalmente apagado do mundo.

Apagado. Apagado.

– Não tenho sequer esta aeronave ligada provisoriamente a uma rede – Vengerov acrescentou – só para me assegurar. O único *hub* de rede que existe chega aqui comigo quando o visito. Caso contrário, este é meramente outro equipamento inativo em meio aos outros equipamentos que eu desativei após os ataques do fantasma. Você quer vê-los novamente?

Tom não conseguia respirar.

– Pensei que você fosse apreciar ver todas essas máquinas de novo – disse Vengerov com os olhos nos distantes suborbitais –, aquelas que, graças a você, estão inoperantes. Suponho que poderia dizer que este é um canto do universo que só você habita. Vou continuar visitando-o de semanas em semanas, mas talvez eu venha com mais frequência se sentir que está disposto a cooperar.

Semanas. Em. Semanas.

Tom olhou fixamente para a trama negra escancarada do espaço e sentiu que cairia no choro. Eles estavam se distanciando do planeta. Não havia mais sequer a visão da Terra para lhe dar consolo. Estavam girando sobre si mesmos, sempre contemplando o vazio, nunca o planeta. Seu processador neural não entrou em ação para calcular sua posição usando as estrelas porque Vengerov tinha removido seus downloads de cartografia estelar, e o cérebro humano de Tom não sabia o suficiente sobre as constelações para fazer isso. Ele reconheceu a Ursa Maior, mas foi só. Estava distante de tudo, de todos. Sem internet, Medusa não conseguiria encontrá-lo. Se Vengerov fosse o único que soubesse onde ele estava, o único, então ele não seria encontrado. Jamais.

Feche a cortina, soou em sua mente.

Tom poderia ter resistido a isso. Poderia. Mas ele a fechou porque não conseguia suportar olhar para o nada por mais um instante.

A PRIMEIRA CONCESSÃO À vontade de Vengerov foi um pequeno passo, mas era o começo do fim. Se Vengerov tinha apenas acendido as chamas do ódio de Tom, ele poderia se defender com a força justa, mas tudo isso era muito mais traiçoeiro do que aquilo. Era lento e tudo feito de longe. Vengerov simplesmente o deixou com seus próprios demônios, preso, e, quando ele viesse, seria o único alívio, suas palavras sempre viriam revestidas de uma leve e envenenada bondade, como se ele estivesse estendendo uma mão bondosa que Tom continuava a afastá-la. Tom começou a duvidar de cada palavra que saía dos lábios dele, de cada decisão que ele tomava.

Toda a noção de tempo, toda a noção de extensão desaparecera daquele mundo. Tom foi sentindo-se tão desesperadamente solitário no claustro e tão temeroso de que Vengerov, um dia, decidisse nunca mais voltar, que começou a sentir um profundo alívio quando Vengerov chegava. O alívio se transformou em gratidão. Em impaciência. Quando Vengerov abria as tábuas, o mundo voltava à vida novamente. Naqueles momentos, Tom sabia que ainda existia, que não tinha desaparecido da face do universo.

Ele se esqueceu de odiar Vengerov. Havia outras coisas muito piores do que Vengerov. Como a ausência de Vengerov. Como o nada. Um novo sonho brotou na mente de Tom acordado durante as horas ociosas: ele imaginou a próxima vez que Vengerov viria e o libertaria novamente. Ele reproduziu esse sonho várias e várias vezes em sua mente e, de vez em quando, se pegava envergonhado e horrorizado por isso.

Mas Vengerov era a única fonte de esperança agora. O resgate não viera. Nem um alívio. Tudo se reduzia a Vengerov, Vengerov, Vengerov.

E então algo estranho começou a acontecer. Todas as memórias que ele tinha dado a Vengerov com o dispositivo de varredura começaram a ser despejadas de volta nele através do fio neural perpetuamente conectado à sua porta de acesso enquanto era mantido no claustro. Elas se acomodaram no cérebro de Tom, lado a lado com as memórias originais, cada parte tão real e, mesmo assim, diferente.

Seus amigos o olhando com desgosto um dia após Blackburn ter usado um vírus de computador nele que o ludibriou a pensar que ele era um cachorro... Yuri batendo com a bota em suas costelas, nas suas costas, após Tom beijar Wyatt... Vik, depois de Tom escapar da reprogramação de Dalton, rindo dele quando Tom quis ajudá-lo a se vingar e lhe dizendo que ele havia começado a briga... Wyatt em sua cabana com ele após Tom perder os dedos. – Eles são nojentos, Tom.

Tom ficou mais furioso, e, quando Vengerov retornou, Tom gritou com ele.

– Isso não vai funcionar! Eu conheço meus amigos. Você não pode me iludir a acreditar que essas memórias são reais!

– Eu não gosto desse tom de voz – Vengerov disse, e então as tábuas se fecharam com um estalo. O tempo que Tom passou sozinho depois disso se estendeu tanto que ele ficou receoso de que Vengerov não voltaria. Ele se lamentou de tudo que tinha dito. Daria tudo para voltar no tempo e consertar isso. Então quando Vengerov, enfim, apareceu novamente, ele não ousou dizer uma só palavra.

Cada vez mais as memórias modificadas se acumularam em seu processador até Tom tentar separar as versões que eram verdadeiras e o contexto ficar mais distorcido. Foi fácil convencer a si próprio de que Yuri não tinha derrubado a barra de peso em seu peito e aberto um sorriso enquanto pressionava com mais e mais força, e Wyatt sorrindo maldosamente, sendo que ele tinha tantas outras memórias de seus amigos se importando com ele para considerar isso irreal...

Não foi fácil quando começou a acumular muitas delas, tantas recordações corrompidas de seus amigos. O veneno começou a se mover lentamente nas memórias que Vengerov não tinha alterado, modificado, lançando-as a uma nova luz. Será que eles ficaram rindo com ele ou dele? Talvez Vik realmente pensasse que ele era o completo idiota de que sempre o chamara e não havia nada amigável nisso. Tudo começou a variar, a mudar.

Em um dos raros momentos de perfeita clareza que Tom ainda tinha de vez em quando, ele olhou fixamente na escuridão ao seu redor e compreendeu exatamente o que estava sendo feito com ele, exatamente o modo como estava se curvando sob a completa manipulação, a total crueldade opressiva de sua situação.

Ele compreendeu que teria sido melhor ter dado a Vengerov seus pesadelos, seus pavores, seus piores momentos. Aqueles já doíam bastante. Não havia nada mais que eles pudessem lhe fazer.

As melhores coisas em sua vida eram seus amigos. Eles o definiam, o mantinham vivo. Eles lhe davam força. Se os entregasse a Vengerov, estaria apontando a arma mais mortal diretamente em seu coração.

Mas ele não podia mudar isso agora. Nada disso. E, a cada dia que passava em seu cativeiro, que parecia durar uma eternidade, Tom percebeu que perdia a noção de quem era, até parecer que ele estava em um barco perdido no oceano, cada vez mais longe da costa até tudo existir distante dali, tão minúsculo que ele mal conseguia distinguir mais.

CHEGOU O DIA EM que Vengerov uniu seus processadores e sua mente comandou Tom a erguer o braço, e o braço dele foi erguido. Era como se isso acontecesse de forma completamente independente do desejo de Tom, desprendido de seus próprios pensamentos. Vengerov parecia tão satisfeito com isso que Tom sentia uma enorme

onda de alívio.

Por várias vezes, Vengerov interagiu com o cérebro dele, e Tom sentiu isso acontecendo, sentiu-se escorregando para o fundo de sua mente, distante. Vengerov pensava por ele para que se sentasse. Para que olhasse para a esquerda. Para a direita. Tom fazia tudo. O cérebro dele sequer se esforçava.

Então ele conectou Tom a uma máquina, e com um impulso do cérebro de Vengerov os dois estavam interagindo com ela. Eles fizeram isso por várias vezes, Vengerov os conduzindo e a mente de Tom os movendo de um sistema na aeronave para outro, mas sem qualquer indício da vontade de Tom.

Vengerov começou a permanecer por mais tempo, a visitar com mais frequência. Tom passou menos tempo preso. As pernas dele recuperaram a força, perderam a sensação espasmódica de nunca se esticarem por completo. Ele sabia que tinha se comprometido a algo terrível e que deveria se sentir culpado por isso, e uma parte dele estava terrivelmente envergonhada, mas principalmente aliviada. Era tudo um grande alívio.

Um dia, Vengerov disse a ele:

– Não estou satisfeito.

Tom sentiu um aperto no coração.

– Por quê?

Vengerov esfregou a nuca de Tom.

– Você está simplesmente muito presente quando eu interajo através de você. Não posso fazer uso da sua capacidade com a sua mente ainda retumbando na minha.

Tom não sabia o que isso significava. Ele se curvou, sabendo que não importava se compreendia ou não o que Vengerov estava falando. Nada que ele fizesse mudaria o resultado dessa situação.

– Eu não quero sentir os seus pensamentos quando o uso para interagir – disse Vengerov. – Quero apenas ouvir os meus. Quero que apenas os meus próprios sejam refletidos de volta para mim.

– Não sei o que você quer que eu faça – a voz de Tom saiu num sussurro irregular. – Você tem tudo agora.

– Não, não tenho – a mão continuou esfregando a nuca dele. – Ainda não. Mas vamos corrigir isso logo, não vamos?

Na vez seguinte que Vengerov retirou Tom do claustro, uma calma sinistra pairou no ar enquanto ele esperava os olhos de Tom se adaptarem completamente. Os dois estavam sentados no sofá. Tom olhou para as almofadas, à espera do que aconteceria a seguir, seja lá o que fosse.

– Venho refletindo sobre algo – Vengerov disse a ele, conectando o fio neural entre eles. – Olhe para esta tela – ele ofereceu um tablet para Tom.

Olhe para a tela, ecoou na mente de Tom.

Tom olhou para ela e viu um gráfico de si mesmo. Era tudo baseado em filmagens dele, visto através dos olhos de Vengerov. A princípio ele sequer se reconheceu, pois parecia muito pequeno agora. E, quando reconheceu, uma grande onda de revolta o acometeu, e ele teve que desviar o olhar.

– Por favor, desligue isso.

– Os seus amigos devem estar se perguntando sobre você. Talvez eu envie esta atualização para eles.

Tom despertou todos seus sentidos, contraído em pleno horror.

– Não.

– Você não quer que eles saibam que você está vivo? E bem? Aliás, muito bem – Vengerov mentalmente ordenou que ele olhasse de novo para a tela, assim Tom poderia se ver novamente.

Seus olhos viram um borrão e ele se contraiu, desejando estar de volta no claustro, na escuridão, onde esse tipo de coisa nunca acontecia, sem antes dizer:

– Não. Não. Não, não envie isso para eles, não faça isso – ele não conseguia suportar se ver daquele jeito. Inútil, patético, medroso.

– Oh, mas certamente eles ficariam interessados em ver o que você se tornou.

– NÃO! – Tom gritou para ele. – Não mostre isso a eles. Não – as lágrimas escorreram de seus olhos com sensação de estar sendo rasgado ao meio.

As mãos de Vengerov contraíram ao redor dos ombros dele, erguendo-o até seus olhos ficarem a centímetros de distância. *Olhe para mim*, ecoou na mente de Tom, e ele se viu de olhos abertos, a vista borrada de lágrimas, e o olhar de Vengerov bem próximo ao dele.

– Um motivo. Me dê um motivo para não enviar isso a eles e eu vou me conter.

– Porque... – Tom engasgou.

– Um motivo.

– Porque eles vão pensar que sou... sou...

– O quê? – o aperto de Vengerov ficou mais firme. – Eles vão pensar que você é o quê?

Tom escondeu o rosto com as mãos.

Vengerov apertou ainda mais a nuca dele.

– Me diga ou envio isso agora mesmo.

– Nojento.

– Fale mais alto!

– Eles vão pensar que sou nojento!

E não conseguiu se conter. Soluços atormentaram todo seu corpo, e ele ficou acabado. Ele sabia que estava acabado. Só conseguia enxergar aquelas memórias de como Vik, Wyatt e Yuri o desprezavam e como não havia mais nada lá, e, quando Vengerov o puxou até seus braços, Tom não conseguiu sequer se afastar.

– Calma, calma – uma mão alisou seu cabelo. – É claro que eles vão. Olhe para você. Como alguém poderia se importar com você agora? Certamente os seus amigos não poderiam. Os seus pais nunca se importaram. O seu pai me implorou para tirar você dele. Eles ficariam contentes em vê-lo sozinho aqui nesta gaiolinha pelo resto de sua vida.

Tom se chacoalhou todo, chorando desesperadamente, sentindo cada pedacinho de orgulho, cada reserva de força que tinha extinta, esmagada, dizimada. Ele não era nada agora. Ele estava acabado, e, quando Vengerov recuou, agarrando-o pela nuca, ele não conseguiu fazer nada além de deixar as palavras o bombardearem à medida que Vengerov as sussurrava para ele, intimamente como se estivessem compartilhando um segredo:

– Como deve ter sido exaustivo, todo aquele orgulho austero só para esconder o que você realmente é: um menininho triste, solitário, que ninguém poderia amar algum dia. Mas, por outro lado, esse era Thomas Raines. Ele tinha que ser arruinado. Mereceu tudo o que aconteceu com ele. Mas Vanya é muito diferente, não é? – os dedos de Vengerov afagaram as lágrimas das bochechas dele. – Ele sempre terá a mim e isso nunca mudará. Você não se lembra do seu coelhinho, Vanya?

Tom olhou para cima na direção dele, todo confuso e com os olhos cobertos de lágrimas.

– O q-quê?

– Você não se lembra do coelhinho, Vanya? – Vengerov repetiu, fuzilando-o com seus olhos azuis-claros.

E, como se as palavras de Vengerov acionassem algo, foi passando aos poucos na mente de Tom um sonho recordado em partes: o Natal que a família passou em sua *datcha* no campo. Seu irmão mais velho, Joseph, tinha dado a ele um pequeno coelho de Natal. Ele se recordava do modo como a pele dele era tão macia, do modo como aqueles olhos pequenos eram radiantes e observadores e...

Tom balançou a cabeça. Ele a balançou de novo, atento a Vengerov, que ainda o segurava firme como se ele fosse algo estimado, porque, não, isso não era sua memória.

– Isso não é... isso não deveria estar ali. Você... Esse não sou eu.

Vengerov sorriu e afagou suas costas.

– Você está confuso, meu pequeno Vanya. Está muito confuso e medroso. Mas não precisa estar. Você tem a mim.

NA VEZ SEGUINTE QUE as tábuas do claustro se abriram, Tom viu algo estranho acima dele: letras gigantes, garrafais, proclamando QUARTO DE IVAN.

– Não – Tom sussurrou, mas mesmo assim ele ficou tocado com a dúvida, porque se lembrou de seu quarto quando ele era pequeno. Ele se lembrou de ser Vanya. Ivan. Pequeno Vanya. Com seu grande irmão, Joseph.

Mas não.

Não, esse não era ele. Não era certo.

Era?

Joseph o deixava sair quase todos os dias. Ele permanecia por semanas a fio agora, pois não tinha necessidade de voltar à Terra para supervisionar seus negócios uma vez que poderia usar Tom para isso. Ele ainda estava aprendendo como a habilidade do garoto funcionava, como seguir as conexões de um satélite para outro, e Tom ficou tão acostumado a ser conduzido de volta à sua própria mente, que tudo que ele precisava era sentir a mão de Vengerov apertando a sua nuca para apagar mentalmente.

Vanya era sempre tratado bem. Mas Tom sabia que ele não deveria ser Vanya, mesmo que mais memórias aparecessem em seu cérebro. Vanya sempre se sentia solitário, perdido e confuso, esforçando-se para compreender as letras enquanto as outras crianças já liam livros inteiros, sentado sozinho atrás de uma cortina para que ninguém batesse nele... O único salvador no mundo todo era seu irmão, Joseph. Seu protetor, Joseph.

Uma vez, Tom olhou para o espelho do banheiro e teve certeza de que estava vendo outra pessoa, mas, se não era ele, o que sobrou dele? Esse menino tinha cabelo loiro desarrumado e comprido, na altura do queixo, e um corpo tão magro e contraído que aparentava ser anos mais novo. Ele desviou o olhar e não ousou espiar novamente, mas a sua última imagem mental do cadete Intrassolar Tom, que estivera tão confiante, que fora tão forte física, mentalmente, desapareceu aos poucos até ele mal conseguir se lembrar de que de fato tinha existido.

E então um dia, enquanto se sentava no chão à espera de Joseph para conectar um fio neural entre eles, esforçando-se para se recordar se deveria estar fazendo algo ou não, tentando entender se ele ainda era uma pessoa ou se era outra coisa ou se algo que via ao redor era, de fato, real, seu cérebro se apegou a outro questionamento, um que ele não conseguia resolver por mais que pensasse a respeito... até ficar frustrado e com medo por não conseguir compreender.

Ele se virou para a única pessoa em sua vida. A única pessoa que poderia ter a resposta porque ele sabia de tudo.

– O que aconteceu com ele? – ele perguntou a Vengerov.

– Com quem?

– Com o coelho. O coelhinho – as palavras dele pareciam desajeitadas em sua língua. – Eu não consigo me lembrar do que aconteceu com ele. Será que morreu? Será que fugiu? Não me lembro.

Vengerov estava se ajoelhando diante dele de forma tão repentina que ele se encolheu.

– É sério isso? – a voz dele superou as paredes e suas ávidas mãos apertaram e

tremeram levemente. – Você está mesmo me perguntando isso? É sério? Isso é... verdadeiro?

– Eu não me lembro – Vanya disse a ele. – Por que não consigo me lembrar?

Vengerov riu e o arrastou para cima, muito satisfeito. Quando Vanya abaixou a cabeça, perplexo e confuso, Joseph Vengerov o acomodou no sofá, sorrindo orgulhosamente.

– Você estava muito doente, meu Vanya – Vengerov disse. – Não podia mais tomar conta do coelho então ele teve que ser levado de você. Mas tudo isso vai mudar agora. Tudo vai mudar agora.

LOGO DEPOIS DISSO, VANYA acordou e viu as últimas tábuas ainda abertas e um coelhinho em uma gaiola do lado de fora, sobre serragens e com o focinho se contorcendo e os olhos fixos nele.

– Eu o trouxe de volta para você. Você nunca deu um nome a ele – Vengerov notou. – Quer dar um nome a ele?

Mas Vanya não podia. Não podia. Não podia tomar uma decisão porque ele tinha certeza de que escolheria um nome ruim e errado.

– V-você p-pode fazer isso? – ele tinha começado a gaguejar. Não sabia bem por quê, mas não parecia capaz de conter a gagueira.

A resposta visivelmente agradou Vengerov.

– Muito bem. O que daria um bom nome a uma criatura como esta? Humm. Eu o vejo como... – ele analisou o coelho por um instante, sorrindo em seguida: – como “Ushanka”.

Vengerov moveu a gaiola até a outra ponta do claustro, bem atrás dos pés de Vanya, e com isso o metal gelado esbarrou nos calcanhares dele. Vanya passou horas na escuridão ouvindo o ruído abafado de Ushanka para lá e para cá. Na vez seguinte que acordou, ele ficou preocupado de que tivesse ido embora, mas então ouviu o ruído abafado novamente e notou que o coelho ainda estava ali, o que encheu seu coração de alegria como uma monção sobre um deserto ressecado.

Ushanka tornou-se tudo que Vanya poderia imaginar. Quando as tábuas eram abertas, ele passava horas observando o coelho caminhar em sua gaiola, retorcendo o focinho e com os olhinhos radiantes sempre olhando de volta. Quando os dois tinham permissão de ficar do lado de fora, ele o pegava e limpava sua gaiola se Vengerov o deixasse usar os dedos. Quando Vengerov o usava para interagir, sua mente estava no coelho. Tudo que ele queria era segurar seu bicho de estimação. Ele gostava de observar como o coelho farejava a comida e sentir como ele era tão frágil quando Vanya o pegava, os minúsculos ossinhos que ele poderia quebrar tão facilmente se fosse descuidado, mas ele nunca seria, não com ele.

Não havia mais nada em seu controle a não ser isso. Todo o seu ser começou a se apegar a única coisa de valor. Ele sonhava acordado por intermináveis horas sobre como construiria uma gaiola melhor para o coelho. Como faria uma roda para ele. Vanya era capaz de fazer uso criativo de materiais ociosos ao redor da sala, e Joseph não se importava. Ele ficava tão contente com o cuidado de Vanya com o animal que lhe deu um manual instruindo-o como tomar conta melhor de seu coelho. Vanya leu o

manual várias e várias vezes. Ele tinha terminado a última página e voltado à primeira novamente, sedento por cada palavra na página.

Enquanto isso, Vengerov começou a destruir os sistemas de seus inimigos, atravessando firewalls nas empresas rivais da Coalizão e roubando suas informações financeiras. Ele teve uma conduta similar à de Blackburn, tomando controle sobre todas e quaisquer máquinas de segurança automatizada *não* projetadas pela Obsidian Corp. e pela LM Lymer Fleet, desencadeando sobre elas ataques mortais.

Blackburn tinha sido cuidadoso apenas ao atingir os alvos que ele havia verificado completamente. Vengerov matou os filhos de seus alvos e derrubou prédios inteiros com pessoas inocentes sem um pinga de remorso. Às vezes, ele se divertia divulgando uma mensagem do fantasma ao final de sua ação.

– Eles são meus únicos inimigos de verdade agora – ele contou a Vanya. – Eu não me esqueci da traição deles. O fantasma da máquina é anônimo, e isso poderia simplesmente ser uma retomada das hostilidades anteriores ao Cruithne... o fantasma volta para terminar o serviço. Agora que minhas nanomáquinas estão em seus alimentos, logo eles terão muito pouca coisa para fazer a respeito.

Vanya ouviu tudo isso mesmo tentando não ouvir uma só palavra. Às vezes, Vengerov dizia algo que lhe causava um sentimento de dor por dentro e lembrava Vanya de quando seu mundo não tinha Ushanka e seu claustro e Joseph, e ele ficava doente e o seu estômago doía.

Não queria pensar em nada disso. Ele não ousava. Tudo o que importava para ele era Ushanka.

Em um desses longos períodos em seu claustro com o bicho de estimação, ele releu o manual de cuidados e, por alguma razão, não conseguiu parar de reler uma frase na página:

...expectativa média de vida de sete a dez anos...

Vanya tentou parar de olhar para isso, tentou conter essa parte dele que insistia em fixar os olhos bem ali, aquela parte de seu cérebro que desencavou suas primeiras memórias de Ushanka, de quando ele fora uma criança pequena.

Seu cérebro fez os cálculos. Ele era muito mais velho agora do que fora naquele dia de Natal.

Seu coração começou a bater acelerado como um rufar de tambor e ele tentou excluir o pensamento, mas continuava se inserindo em seu cérebro, como uma faca apunhalando um local macio.

Sete a dez anos.

Se ele tivesse seis anos, ou... ou talvez sete no máximo quando Joseph deu a ele o seu coelho pela primeira vez, antes de ficar doente e não conseguir tomar conta dele, então, isso significava que Ushanka deveria estar velho. Ou morto. Mas Ushanka ainda estivera em crescimento quando Joseph o trouxe para Vanya, ele ainda era

novo... Muito novo.

Vanya começou a golpear no ar, o claustro girando ao seu redor, e ele afundou o rosto no colchão à sua frente, mas não conseguia afastar o pensamento. Aquele coelho estaria morto agora e Ushanka era um novo. Isso significava que Vengerov tinha *mentido* para ele, pois esse realmente não era o coelhinho que recebera naquele Natal porque ele nunca tinha ganhado um coelho. Ele não era Vanya ou Ivan ou qualquer outra coisa além de um prisioneiro que tinha sido mantido ali para enlouquecê-lo e ele era Tom Raines. Tom Raines. TOM RAINES.

– Pare! – ele disse a si mesmo, apertando a cabeça.

Mas isso continuou a insistir em ribombar em seu cérebro. Ele era Tom Raines. Não era Vanya. Ele não deveria estar ali. Vengerov era seu inimigo. Vengerov tinha levado tudo dele e ali estava, tão frágil e patético, e ele se odiava por isso, se odiava tanto. Lá estava ele fazendo tudo o que lhe ordenavam, obcecado como uma piada desprezível e patética sobre um coelho estúpido há meses a fio enquanto Joseph Vengerov o usava para dominar o mundo...

– Pare. Pare, pare, pare. Vá embora. Por favor, vá embora – Vanya disse repetidamente porque não conseguia suportar. Ele não conseguia suportar pensar nisso. Tom tinha que ficar afastado. Não pertencia ao lugar. Ele tinha que ir embora.

Mas Tom estava ali e estava furioso, indignado, humilhado e apavorado.

Um fluxo de luz entrou quando a porta de seu claustro se abriu, e a mão de Vengerov desceu até a sua nuca, apertando uma vez, trazendo aquela coisa de volta, aquela terrível coisa que estivera inchando em Vanya como um cogumelo atômico.

– Ivan, qual é o problema?

Vanya sentiu o nó restringente sendo inserido em sua nuca e se encolheu, como se um cobertor estivesse descendo sobre sua mente novamente. O universo retornou a um minúsculo espaço com paredes delimitadas e limites confortáveis, e ele se sentiu seguro.

Joseph esfregou o pescoço dele mais um pouco enquanto Vanya sentia-se cada vez mais confuso, e depois desconectou o fio neural que sempre o mantinha em seu lugar.

– Venha para cá. Tenho muito o que fazer hoje.

Vengerov conectou-se com ele e Vanya desapareceu no fundo de sua própria mente, seus únicos pensamentos em Ushanka e como ele não havia limpado a gaiola no dia anterior porque não tinha os seus dedos, mas estava com medo de perguntar por eles e esperava que Joseph o deixasse usá-los uma vez só. A distância, a mente dele moveu-se junto com a de Vengerov através da internet, até as câmeras de vigilância. O surto de ansiedade que aumentou ao redor e dentro dele não era seu, mas aconteceu com muita frequência, e não era da conta de Vanya se perguntar do que se tratava isso, embora uma parte distante dele sentisse uma ponta de

familiaridade com a vista que preencheu seu centro de visão.

A sensação de abismo em seu estômago cresceu como se alguém estivesse perfurando um buraco ali, pois era o refeitório da Agulha Pentagonal, e Irene Frayne acompanhava duas fileiras de fuzileiros navais, deslocando-se juntas através da multidão, e os cadetes apressados, observando com os olhos arregalados.

A mente de Vengerov, conectada com a dele, começou a piscar através da trilha digital que ele tinha implantado após aniquilar seus últimos rivais na Coalizão... os últimos de seus inimigos que tinham o poder de se opor a ele.

Agora para este.

A equipe de fuzileiros avançou, cercando James Blackburn onde estava sentado bebericando o café, observando-os de sua mesa no canto. Irene Frayne marchou diante deles, uma pessoa pequena, determinada, cujos olhos eram rígidos como granito.

Blackburn bebeu seu café à vontade, não demonstrando o menor indício de tensão pelo modo como ele estava sentado, com os ombros estendendo o tecido de seu uniforme.

– O que posso fazer por você?

– Você sabe por que estou aqui – Frayne disse com a voz excessivamente fria. – Você está preso por assassinato em massa.

– Assassinato em massa, é?

– Eu sei que você é o fantasma da máquina, James. Você já foi mais cuidadoso.

– Certo... e errado – os olhos de Blackburn encontraram a câmera mais próxima e seus lábios gracejaram como se estivessem fazendo uma piada interna. – Muito inteligente, Joseph. Andei me perguntado por que você tem demorado tanto.

– Você é louco – Frayne disse, gesticulando aos fuzileiros para prendê-lo.

Com uma guinada dos pensamentos de Vengerov, Vanya sentiu os dois se lançando em outro ponto de vista através do processador da série Austera de um soldado, com a arma mirada na cabeça de Blackburn enquanto ele se aproximava. Vengerov debatia se usaria a arma para simplesmente matá-lo. Se era preferível destruir Blackburn agora ou meramente neutralizá-lo pelo tempo suficiente para o mundo se transformar. Até agora, os processadores da série Austera estavam completando sua difusão por todos os continentes. Havia pouquíssimas pessoas sem seus processadores.

Um verdadeiro desperdício, mas Vengerov não se importava em arriscar. Ele ordenou ao soldado que disparasse.

Tom despertou.

Não, ele pensou com clareza, decididamente, e o dedo do soldado escorregou.

Os olhos de Vengerov se viraram para dentro, mirando-o com uma indignação fria, e Vanya imediatamente voltou à mente de Tom, apavorado com o ódio despertado

dentro dele, uma força tão maior do que ele que o esmagaria facilmente, mas a distração custou a Joseph alguns momentos preciosos.

Num instante Blackburn estava ali sentado, prestes a ser alvejado, prestes a ser apanhado, e no seguinte a Agulha Pentagonal se lançou em completa escuridão.

Os fuzileiros apanharam seus óculos de visão noturna e Frayne gritou para eles conterem a fuga de Blackburn, mas Blackburn tinha lançado um vírus, fazendo os cadetes Intrassolares entrarem em uma espécie de frenesi ao redor deles. De repente, eles estavam correndo apressados em todas as direções, aglomerando-se em volta dos fuzileiros, e a distância os poucos não afetados gritavam uns para os outros.

– Acabei de ser derrubado da rede da Agulha...

– Eu também! Não consigo acessá-la.

Todas as telas de emergência acenderam ao longo das paredes, e os fuzileiros tiraram bruscamente seus óculos de visão noturna, olhando atônitos aquele mar de crânios sorridentes.

Vengerov olhou ao redor até localizar Blackburn, dirigindo-se para as portas. Ele ordenou ao soldado que controlasse a elevação da arma – e então o metal o agarrou por trás e o ergueu no ar. O soldado gritou, percebendo que estava preso por um esqueleto de metal sem cabeça. Mais exotrajados de metal reluziram, avançando na direção da multidão sob a ofuscante luz branca dos crânios sorridentes.

Exotrajados, agindo em um vetor pré-programado. Frayne estava se abaixando, cobrindo a cabeça, procurando freneticamente Blackburn no meio da multidão, e os cadetes ainda proporcionando uma inconsciente aglomeração de caos ao redor deles.

Vengerov pulou do soldado para a câmera de vigilância e sentiu uma grande frustração ao avistar James Blackburn se conectando a um de seus exotrajados.

Não, ele não iria escapar assim tão facilmente!

Vengerov rompeu à força o processador da série Austera de outro fuzileiro, e, ao seu comando mental, o soldado começou a disparar consideravelmente a multidão, e mesmo com um exotrajado Blackburn não conseguiu escapar de uma bala. Um tiro fez o sangue espirrar de sua perna, mas ele atirou uma cadeira com o braço no exotrajado. Ela acertou a cabeça do soldado como se fosse um caminhão em direção contrária, e a visão dele ficou escura.

Vengerov os forçou novamente a entrarem na rede, na direção da escadaria. O vírus que Blackburn tinha descarregado na Agulha estava agora avançando lentamente até a rede de vigilância, e Joseph levou certo tempo para localizar uma câmera de vigilância que funcionasse. No final, encontrou Blackburn subindo os degraus aos saltos.

No sexto andar, a porta abriu com tudo, e Tom sentiu como se uma faca apunhalasse o seu coração.

Wyatt!, o cérebro dele gritou.

– O que eu posso fazer? – ela perguntou.

– Não fale comigo, não se envolva – Blackburn berrou para ela, apontando para a câmera de vigilância. – Você sabe como ele está fazendo isso.

– Eu posso ajudar. Deixe-me ajudar!

Os soldados sob o controle de Vengerov amontoaram-se na escadaria inferior enquanto Blackburn desperdiçava um precioso instante se sacudindo até parar de repente. Ele espiou a escadaria abaixo na direção de seus perseguidores e então o seu olhar encontrou a câmera de vigilância que Vengerov tinha apontado para ele.

O metal de seu pulso piscou na direção dela.

A visão ficou escura.

Vengerov se encheu de satisfação, pois não havia como Blackburn saber de seu equipamento de vigilância escondido, semeado por todo o local há meses. Instantes depois, ele encontrou um intacto pelo vírus de Blackburn, com a imagem focada em Blackburn e Wyatt. Nesse meio-tempo, atento ao exotraje, Blackburn estava se esticando para pegar Wyatt pelos ombros com o máximo de cuidado.

– Não temos muito tempo, então serei breve. Você conquistou tanta coisa em apenas alguns anos...

– Não fale como se você estivesse prestes a morrer! – ela gritou para ele.

– Quando parecia que o Cruithne iria atingir a Terra, eu tentei pensar em algo, em qualquer coisa inquestionavelmente boa que eu tenha feito nestes últimos anos, e ensinar você foi a única coisa que veio à minha mente. Observar você progredir bem além do que eu mesmo consigo fazer, vê-la crescer e se transformar em uma moça tão forte e capacitada... isso me deu o único momento de paz que senti em anos. Não sei como agradecê-la por isso.

Ele a beijou na testa. E depois desapareceu, subindo a escadaria aos saltos.

Wyatt levou a mão até a boca, tremendo os ombros. Ela lançou um olhar assustado para baixo, ouvindo gritos que avançavam pelos degraus, e se deslocou até a porta mais próxima fora da escadaria. Vengerov não tinha a intenção de deixá-la fugir. Ele atacou a próxima máquina, um drone, e as paredes da Agulha se elevaram conforme ele passava por elas. Um tiro acertou a parede, rompendo-a próximo à escadaria e expondo um buraco irregular nas entranhas do edifício. Seria uma ótima isca atrair James Blackburn de volta à escadaria usando os gritos da menina...

Não! Tom pensou, conseguindo desviar o drone antes que sua asa partisse Wyatt ao meio. Vengerov teve um surto de irritação com Tom, mas ele tinha prioridades, e o drone deles foi girando incessantemente escadaria acima, perseguindo aquele homem de exotraje, até surgir no topo, batendo na porta do décimo quarto andar, a gigante sala com paredes envidraçadas onde os ComCams viviam.

Blackburn estava em pé ao lado da janela, e ele se virou com os olhos arregalados

ao avistar o drone sob controle de Vengerov. Ele ergueu a mão com o exotraje.

– Para trás, Ashwan – ele ordenou a Vik, que estava olhando pasmado para o drone que se aproximava, com as armas carregadas.

Vik! Tom pensou.

E, de repente, nenhuma das memórias tortuosas significou algo, porque elas estavam enterradas bem abaixo dos sentimentos de Tom – os sentimentos *verdadeiros* de Tom por seus amigos. Ele se esforçou por sua mente, se esforçou para não se curvar ao desejo de Vengerov enquanto ele tentava disparar e...

Dois centuriões surgiram do lado de fora da janela, com aquelas enormes máquinas de guerra em formato de segadeiras, e Vengerov ficou apavorado quando esses dois novos drones dispararam suas armas. O drone de Vengerov girou para o lado quando as paredes de vidro estilhaçaram, sendo iluminadas pelos lasers. E então Blackburn se lançou para fora da janela estilhaçada e um dos centuriões mergulhou para interromper sua queda.

Vengerov endireitou seu drone ao mesmo tempo que Irene Frayne e sua equipe saíram apressados dos elevadores com as armas em mãos. Os olhos dela miravam entre o drone de Vengerov e a janela estilhaçada, e, ao ver o centurião do lado de fora, sua voz soou:

– O que é...

O drone de Vengerov elevou-se no ar e avançou, sem levar a agente da ASN em consideração – e instantaneamente decapitou Frayne.

Tom sentiu um reflexo de pavor, mas Vengerov não sentiu nada.

Vengerov se concentrou no relance passageiro que seu drone captou de Blackburn, apegando-se ao centurião em seu exotraje enquanto passava por eles. Ele tentou disparar, mas Tom se elevou e resistiu novamente, da forma que não resistira a Frayne, lançando seus escâneres na mira. A aflição inundou a mente de Vengerov. Foi o mais próximo que ele chegou do ódio, uma vez que tentar extrair emoção verdadeira dele era como perfurar uma pedra e esperar que ela sangrasse. Tom ainda ficava profundamente comovido com as sutis mudanças de humor dele. Hoje ele respirou fundo, recusando deixar essa parte dele que era Vanya surgir como um escudo para escondê-lo. Então o outro centurião correu apressado na direção deles e os explodiu em pedaços.

Tom não conseguiu conter o malicioso prazer que percorreu o seu corpo quando Vengerov moveu suas mentes de um drone próximo à Agulha para outro, e depois para outro, varrendo a área, buscando desesperadamente por aquele que salvara Blackburn, tentando descobrir para onde ele tinha levado seu inimigo, ciente de que, se ele desaparecesse, teria perdido a oportunidade de matá-lo.

Como isso aconteceu? Vengerov pensou. *Ele não poderia ter chamado aqueles centuriões sozinho. Deve ter outra pessoa...*

E foi quando Yaolan investiu novamente, com a consciência como uma corrente elétrica se lançando diretamente ao drone deles, diretamente a eles, causando um curto-circuito no nó restrigente e fazendo Vengerov cambalear com a investida.

Mas ela não conseguiu matá-lo, só conseguiu assustá-lo, e Vengerov derrubou a conexão que o mantinha ligado a Tom e caiu todo esfarrapado no chão, e só então a mente de Medusa tocou a de Tom.

Tom, você está vendo este texto? Estava no campo de mensagem dele.

Ele levou um instante para se lembrar de como responder. *Medusa. Lamento tanto. Lamento tanto*, ele pensou, horrorizado com tudo. *Eu não consigo conter isso.*

Tom. Ela sentiu como se fosse um bálsamo estimulante sendo despejado sobre ele, e Tom percebeu que estava longe de tudo, menos dela. *Eu sei o que aconteceu. Estamos procurando por você. Onde você está?*

Ele pensou naquele vislumbre além das cortinas e aquela disposição de estrelas que ele não conhecia, e Yaolan o pressionou até os dois estarem dentro do sistema da aeronave em que ele se encontrava, e os diagramas esquemáticos alimentando seu processador.

Me desculpe, não há nenhum rastreador de localização. Eu vou lhe informar os diagramas esquemáticos da aeronave. Talvez possamos fazer algo...

E então Tom sentiu mãos em seus ombros, seus ombros de verdade, forçados para baixo, com a bochecha raspando o carpete e a mão de Vengerov apalpando para arrancar o fio neural que dava a Tom um leve sopro de vida. Medusa prometeu a ele intensamente: *Nós vamos te encontrar, eu juro!*

Assim, terminou. As palavras dela desapareceram de seu processador.

Vengerov se assomou sobre ele como uma efígie de pedra sentada em julgamento, e Tom se sentiu tão cheio de ódio que a impressão era de que isso o fazia arder por dentro.

– Uma pequena omissão, não foi, Vanya? Esconder de mim a existência do outro fantasma...

Tom cuspiu no rosto dele.

– Não me chame de Vanya. Meu nome é Tom! TOM!

Vengerov calmamente pressionou a palma da mão na bochecha, limpando o cuspe e com os olhos como geleiras. Então pegou Tom pela nuca, tentando forçar aquele mesmo refúgio mental da forma que sempre fazia.

– Vanya...

Tom combateu a névoa que tentava descer, sentindo-se desamparado até a medula de seus ossos com seu cérebro associado à mão de Vengerov daquela maneira. Ele se forçou a rir loucamente, só para mostrar a ele, só para deixar claro para ele que não estava vencendo desta vez.

– *EU NÃO SOU VANYA! Você PERDEU! Você não venceu! Você perdeu.*

Vengerov o afastou. Tom caiu no carpete, rindo com um profundo e malicioso prazer cuja sensação era como a de um alívio purificador em sua alma. Vengerov andou altivamente até o claustro e abriu a porta com um empurrão. Havia um ruído dentro. A risada de Tom congelou em seus lábios e seu coração ficou muito gelado.

Vengerov retirou Ushanka, segurando o coelho pelo cangote enquanto as patas dele chutavam o ar. A respiração de Tom ficou como se uma faixa estivesse comprimindo seu peito.

– Vanya vai me contar tudo sobre o outro fantasma da máquina.

– N-não. N-não f-faça... – Vanya gaguejou, com o coração apertado de angústia, mas Tom percebeu o que estava acontecendo e não poderia deixá-lo dizer outra palavra. Ele não poderia deixar Vanya rastejar, suplicar, implorar Vengerov deixar Ushanka seguir o caminho que ele queria, o caminho pelo qual estava desesperado. O nó restrigente estava quente em seu pescoço, dando curto-circuito, eletrocutado, e este era o único instante de liberdade que tivera desde que aquele martírio havia começado. Não era momento de ser perdido para Vanya.

Havia muito mais dor quando era Tom, e as lágrimas borravam sua visão quando ele olhava para aquelas patinhas chutando o ar, pois ele era a única coisa que significava algo em toda sua existência infeliz ali e ele o amava tão ferozmente quanto já tinha amado qualquer coisa.

Com exceção de Medusa.

Tom percebeu isso naquele momento. Ele não soubera até aquele exato segundo como se sentia, mas se sentiu inflamado como uma supernova por estar apaixonado por ela, uma menina que tinha se tornado uma magnetita na mente dele. Ela era a sua âncora, o ponto que definia onde Tom começava e terminava, pois ela era o único aspecto de seu antigo eu que ele ainda não tinha traído, a única peça de seu antigo eu que não havia sido corrompida. Se ela desistisse, se ele a entregasse, jamais seria novamente alguém além de Vanya.

Ele a amava.

A compreensão era atordoante, maravilhosa, pois fazia toda a força voltar a ele, fazendo se sentir novamente como a pessoa que tinha chegado ao topo da Agulha Pentagonal e proclamado a mensagem através dos drones, que tinha desafiado o mundo pelo bem dela.

Tudo o que era ignóbil e vil sobre seu tempo com Vengerov assumiu um novo sentido, adquiriu uma nova importância, porque pelo menos era *ele*. Pelo menos não tinha sido *ela*. Ele não estava ali por ter sido descoberto, porque tinha sido derrotado.

Ele estava ali porque tinha tomado o lugar dela. Ele tinha desviado o destino. Ele se tornou o fantasma da máquina para manter Vengerov longe dela, e isso tinha funcionado, tinha funcionado. Graças a Deus tinha funcionado.

E ele passaria mil anos sozinho no espaço e morreria mil mortes infelizes, miseráveis antes de sequer pensar em desistir dela.

Os olhos dele encontraram os de Vengerov.

– Eu não vou ser Vanya para você nunca mais.

Ele não conseguiu tampar os ouvidos para o estalo de ossos.

O desespero terrível e esmagador o arrebatou, mas ele se forçou a olhar para Vengerov, com todo o ódio em seu coração se manifestando mais amargurado e cáustico.

O oligarca russo parecia confuso por um instante porque Tom não estava se desintegrando. Obviamente ele tinha um novo dilema: não poderia forçar Tom de volta ao claustro com um programa, sendo que seu processador estava no modo apenas leitura, ele não poderia mais usar o nó restritivo para forçar a complacência, e Vanya não estava ali.

Tom esperou Vengerov vir até ele, para tentar fisicamente forçá-lo para dentro do claustro. Ele sentiu a adrenalina aumentar. A fome e a inatividade podem tê-lo deixado frágil como uma criança, mas ele se sentia pronto para quebrar o mundo em pedaços.

Vengerov não se aproximou. Tom quase conseguiu ver o computador na cabeça dele calculando a probabilidade de acabar machucado se lutasse fisicamente com Tom, e determinar isso não era a tomada de ação mais adequada. Em vez disso, Vengerov virou-se à toa na direção da janela e puxou as cortinas de lado, dando a Tom uma boa e longa olhada no espaço vazio e nos suborbitais mortos que poderiam estar muito bem do outro lado da galáxia devido a Tom estar tão distante deles.

– Eu exijo muito pouco de você agora – ele notou, e as estrelas lançavam o brilho de uma luz sobre seu cabelo claro. – A maior parte do meu trabalho está feita. Não há motivo para mantê-lo confinado no claustro pelos anos que estão por vir.

– Se você não precisa de mim, por que não me mata logo?

Vengerov se virou de forma desprezível, demonstrando surpresa.

– Poucas pessoas alcançam os níveis que alcancei por meio da indiferença ou do desperdício. Eu investi uma boa parte de tempo e esforço no treinamento de Vanya e pretendo colher o máximo desse investimento – ele atirou Ushanka no chão diante de Tom. – Fique aqui fora com seu coelho morto, se preferir. Seus aliados ainda não têm meios de localizá-lo. Nem mesmo o outro fantasma da máquina, não agora que o roteador de internet vai embora comigo. Você ainda vai estar aqui quando eu retornar com um novo nó restritivo e um novo dispositivo de varredura. E então vou separar a identidade do outro fantasma de você, embora deva admitir que já tenho minhas teorias.

Tom olhou fixamente para o corpo de Ushanka e sentiu aflição no coração.

– Depois disso, garanto que você vai voltar ao seu claustro. Suspeito que, se você

passar tempo suficiente no escuro, sem ninguém por perto, meu Vanya retornará. Isto é apenas um obstáculo em nosso caminho, não um beco sem saída.

Então os passos calmos de Vengerov se afastaram, a porta abriu deslizando e fechou em seguida, trancada. Tom olhou fixamente para o coelho, sabendo que tinha que impedir isso. Custe o que custar. Ele tinha que impedir isso.

Ele ouviu a aeronave de Vengerov se desprendendo e levemente balançando toda a cápsula. Em seus braços, Ushanka ficou mais rígido e frio, e Tom olhou fixamente por um tempo pelas cortinas abertas na direção das distantes estrelas. Ele sabia que levaria milhões de anos para que a luz o alcançasse. Ele imaginou como muitas delas ainda estavam ali, como muitas tinham se apagado há tempos. O breve diagrama dessa aeronave que Medusa tinha enviado a ele informava que era a única janela – a única – de toda a aeronave. Eles tinham que estar em uma órbita fechada ao redor da Terra, caso contrário Vengerov não poderia vir visitá-lo como costumava fazer.

Tom daria tudo para ver isso pela última vez.

Ele sabia que Vengerov iria forçá-lo a revelar a identidade de Medusa quando voltasse. O dispositivo de varredura iria destruir o que tivesse sobrado de sua mente, e, em algum ponto, encontraria o que Vengerov procurava.

Ele não deixaria isso acontecer.

O que você vai fazer quanto a isso? Ele imaginou Medusa perguntando, e por um instante quase conseguiu vê-la de tão desesperado que estava. Ele conseguia imaginá-la com os braços cruzados e um brilho desafiador nos olhos.

– Eu não vou deixá-lo vencer – Tom jurou.

O sorriso de Medusa era largo e feroz.

– Então não deixe.

A determinação dele se formou como um frio e duro mármore em seu peito. Ele colocou Ushanka delicadamente no claustro e pôs as cobertas sobre o pequeno animal, contemplando suas opções em seguida. Havia um distante formigamento em sua consciência, sempre ali, seus dedos – remotamente conectados ao seu processador neural, mas não presos às suas mãos. Nos dias que Vengerov o deixava usá-los, ele sempre os trazia. Nunca mostrou a Tom onde ficavam escondidos.

E de repente Yuri era quem estava observando Tom.

– Thomas, você consegue fazer isso. Pense em uma maneira. Eu acredito em você.

Tom se viu pensando na corrida de dedos.

Yuri sorriu e acenou com a cabeça.

– Isso. Está vendo?

– É claro! – Tom disse, caindo na risada.

Ele ordenou mentalmente que os dedos se flexionassem, depois batessem na superfície onde quer que estivessem. Ele seguiu o violento ruído até chegar ao canto

da sala. Ele bateu com o pé no chão, chutou a parede – e parte da parede se abriu, revelando um compartimento. Tom os arrancou um por um entre os maiores tocos, agarrando-os entre os lábios e desajeitadamente parafusando-os em suas mãos.

Um sentimento de realização o acometeu, estonteante e triunfante. Ele tinha seus dedos. Certamente poderia fazer qualquer coisa a partir de agora.

Mas ele tinha que agir rapidamente. Antes que Vengerov retornasse. O quê? *O quê?* Ele não tinha armas. Não tinha armas.

Foi Wyatt quem ele imaginou, ajoelhado ao seu lado no chão.

– Você tem uma arma.

Tom se recordou da cena.

Sou o único aqui?, ele tinha perguntado a Vengerov.

Sim, Vengerov respondera. *Você é um único pretor.*

Wyatt sorriu com maldade para Tom quando ele entendeu, enquanto ele se lembrava dela usando o mecanismo de disparar no pretor em Milton Manor. Ele tinha uma arma. Tinha que pegá-la. Tinha que sair daquela sala.

A próxima parte era mais complicada. Tom usou os dentes para rasgar a falsa pele de um de seus dedos e, em seguida, meticulosamente rasgou a borracha para expor a fiação. Ele tinha perdido todo seu conhecimento baixado de tecnologia quando Vengerov removeu o conteúdo, mas ainda possuía suas memórias de experiências práticas. Como aquela repentina geada no Novo México quando Neil arrombou um carro vazio para que eles não congelassem. Ele se lembrou de Neil provocando um curto-circuito nas travas.

– Você consegue fazer isto, Tommy. Não se apavore – Neil disse a ele, agora ao seu lado.

– Eu não vou – Tom garantiu a ele, deixando seu pai vê-lo descascar os fios do painel de controle. Então, com uma faísca e um chiado, ele causou um curto-circuito no mecanismo de trava.

– Esse é o meu menino – Neil disse orgulhosamente.

O pretor estava no corredor além da porta. Ele despertou e avançou a toda velocidade na direção de Tom.

Tom sorriu de forma selvagem, pois aquela máquina não podia matá-lo. Com um rugido de fúria, ele agarrou o pescoço de metal curvado com as duas mãos e o entortou para a frente, arremessando uma perna sobre ele para prendê-lo entre as coxas. Choques de alerta fizeram o pescoço de metal da máquina vibrar, nunca o bastante para machucá-lo, só o suficiente para fazer seus músculos bloquearem brevemente, mas Tom estava louco de desejo de destruí-lo e revezou entre os braços e as pernas para segurá-lo. A máquina não estava programada para machucá-lo, então ela nunca usou todo seu poder para fazê-lo sucumbir.

Tom voltou a fechar a porta e retorceu o pescoço várias vezes contra ela, jogando

todo o peso de seu corpo contra ele, até a razão romper o prazer vingativo que ele estava tendo ao retorcê-lo.

– Cretino estúpido – Vik o repreendeu, batendo na testa dele. Ele permaneceu ali na frente de Tom, espiando sobre a cabeça do pretor. – Pense. Nós já fizemos isso antes.

Eles tinham feito! Tom riu alegremente.

– Cara, sou um idiota – ele removeu o circuito integrado de controle. A máquina desligou.

– Assim é melhor – Vik disse a ele.

Lembrando-se de como Yuri tinha fragmentado o mecanismo de disparar em Milton Manor, Tom se dedicou a isso em seguida. Vik, Wyatt e Yuri estavam ali naquele momento, observando, encorajando-o quando ele se frustrou com a quantidade de força que tinha perdido. Logo ele conseguiu se virar para eles com um floreio, com a arma em mãos e um enorme sorriso nos lábios.

– Você sabe que a carga não vai durar muito – Wyatt disse a ele.

– Faça valer a pena – Vik disse.

– Eu vou matá-lo com isso – Tom jurou.

E então Blackburn estava ali, balançando a cabeça.

– Isso não vai funcionar, Raines. Você sabe que não vai.

Tom rangeu os dentes. Ele não conseguiria matar Vengerov com aquilo. Não conseguiria atirar nele. Mesmo se Medusa tivesse causado curto-circuito no nó restrigente e Tom pudesse agora se mover livremente, ainda havia aquela codificação infalível em seu processador que o impedia de matar Vengerov. Que impedia qualquer um.

Os olhos dele se perderam na janela.

– Eu mato ele – Tom disse. – Vou esperar até ele chegar aqui, depois atiro.

– E se a codificação infalível não deixar? – Wyatt observou. – Você está matando ele indiretamente, mas ainda está *tentando* matá-lo.

– Você não sabe que a codificação infalível encobre o assassinato indireto.

– E se ele descobrir sem mesmo embarcar na aeronave que você desativou o pretor? – Wyatt o pressionou. – E se aquela porta tivesse um alarme silencioso? Ele teve tempo de se preparar. Ele pode retornar com um gás inodoro para passar pelo sistema de ventilação, além de fazer uso de uma série de outros meios para incapacitá-lo sem sequer chegar perto de você. Talvez ele não venha pessoalmente. Quem sabe enviará o pessoal dele para tomar conta disso. Daí você terá perdido sua única chance.

Tom começou a tremer.

– Você tem razão. Não vai funcionar.

Era Medusa ao seu lado agora, com seus fixos olhos negros mirando os dele.

– Ainda há uma maneira. Você sabe o que é.

E Tom sabia o que era. Ele se viu olhando para os suborbitais flutuando contra a escuridão do espaço.

Ali.

Eles eram a sua única chance.

– Estou louco só por pensar nisso – Tom reparou calmamente.

– Bem, você *está* conversando com amigos imaginários – Vik ressaltou. – Literalmente.

Tom riu.

– Sim. Isso não me ajuda.

– Mas você sabe o que precisa fazer – Vik disse, com os olhos brilhando.

Tom olhou para Vik, depois para Wyatt, Yuri, Medusa, seu pai e Blackburn. Todos aguardavam esperançosamente. Ele sentia tanta falta deles que doía. Até mesmo de Blackburn.

Tom acenou com a cabeça. Ele sabia o que tinha que fazer.

– Estou indo para casa.

OS MINUTOS ESTAVAM PASSANDO, e o momento do retorno de Vengerov perigosamente se aproximava cada vez mais. Os amigos de Tom permaneceram com ele enquanto descia pelo corredor, navegando pelas passagens na gravidade até chegar a outra cápsula. Em tamanho era idêntica à sala em que Tom estivera, mas era vazia, sem janela. Tom deixou as portas abertas para maximizar a entrada de ar e depois retornou à sala onde ficava o claustro. Ele arrancou o espelho da parede do banheiro e ficou em pé em frente à janela, contemplando os suborbitais desativados que pareciam estar tão distantes.

Quando ele mais precisou deles, seus amigos não estavam mais ali, porque ele não poderia se enganar e pensar que não estava completamente sozinho naquele instante, enfrentando uma morte iminente de forma terrivelmente cruel.

Mas ele olhou para trás na direção da sala, da infeliz sala com o terrível claustro onde ele passaria o restante de seus dias se voltasse atrás agora, e as últimas dúvidas o desertaram. Ele tinha dito a Frayne uma vez que ele teria mais certeza da destruição se tivesse garantia da existência contínua sem escolhas.

Era hora de persistir nisso.

Vengerov tinha removido cada conhecimento baixado do processador neural de Tom, mas o menino ainda sabia o que esperar. Ele tinha lido muito sobre exposição ao vácuo depois... depois de ver o que aconteceu com Heather. Uma parte mórbida de seu cérebro queria ter descoberto mais informações do que os fragmentos de conhecimento generalizado em seu processador. Isso foi útil agora. Ele tinha preferido ler sozinho a baixar o conteúdo. Vengerov não conseguira remover essas informações com o restante de seus conhecimentos baixados.

Se estivesse em outro local que pressurizasse novamente dentro de noventa segundos, ele se recuperaria. Se esvaziasse todo o ar de seus pulmões primeiro, permaneceria consciente por muito mais tempo do que se não fizesse isso. Quinze segundos. Talvez trinta.

Ocorreu-lhe que a temperatura seria zero absoluto, mas não haveria nada para conduzir o calor para longe dele, e a asfixia o mataria bem antes de ele perder qualquer outra parte do corpo para o frio. Tom sorriu enfurecidamente. Sua imaginação era de que ele acabaria em um local ainda mais frio do que a Antártida.

Imaginou Medusa ali com ele novamente. Yaolan. Estampando seu sorriso mais perigoso, e Tom sabia que ela jamais teria medo de fazer isso.

– Você sabe – Tom disse, sentindo necessidade de contar a ela – que a primeira vez que vi você, fiquei... eu sei que fiquei meio surpreso com a sua feiura – não havia por que mentir. – Eu tinha fantasiado essa menina na minha mente e não a imaginava dessa forma, mas nunca importou. Medusa, a verdadeira você... Yaolan, a verdadeira você é mil vezes mais incrível do que a menina que fantasiei poderia ser um dia. Um milhão de vezes.

– Se eu não tivesse tantas cicatrizes – ela refletiu –, você provavelmente não teria chance comigo.

Tom riu.

– Sim. Todos enxergariam você como eu enxergo. Eu teria que lutar para conquistá-la.

– Você tem que fazer isso de qualquer jeito – ela sorriu para ele. – Eu não o aceitaria de outro modo.

– Eu te amo – Tom disse a ela.

– Prove.

Tom ergueu o espelho do banheiro com um braço e acionou o mecanismo de disparo do pretor. Por um instante, ele estremeceu, bem apavorado.

– Não seja covarde, apenas VÁ! – Medusa gritou para ele.

Tom soltou todo o ar de seus pulmões e disparou o raio de energia na janela.

A reação foi surpreendentemente imediata, com a janela se rompendo para fora e todo o ar da sala batendo contra suas costas, arremessando-o para a frente, seu cérebro gritando um alerta instintivo enquanto ele se lançava dos limites seguros da cápsula para o implacável vazio do espaço.

Os primeiros poucos segundos foram críticos, os únicos segundos que ele sentiu o ar nas suas costas, impelindo-o, e seu processador neural percorrendo rápidos cálculos sobre como posicionar seu corpo para receber o impulso em um ângulo adequado para direcioná-lo no alvo. Mais ar saiu de seus pulmões, mais ar do que pensou que tinha, como se ele estivesse exalando continuamente. Seus pulmões estavam ativamente puxando oxigênio de sua corrente sanguínea, expelindo-o para o

vácuo. O silêncio absoluto o envolveu, interrompido apenas pelo barulho de seu próprio coração batendo cada vez mais alto.

Cada milímetro de sua pele começou a esticar. Seu coração era o único som, batendo em seus apertados tímpanos. Quando o grande vazio escuro se abriu ao redor dele, ele virou a cabeça para avistar outra coisa do outro lado da cápsula – a Terra. O planeta, tão amplo e cheio de vida, metade sombreado, e o incrível clarão do sol muito mais poderoso de onde Tom moveu-se ruidosamente para longe dos dois.

As mãos dele já estavam endurecendo, congelando e inchando ao mesmo tempo, mas não os seus dedos cibernéticos. Eles funcionavam perfeitamente no vácuo, e o diagrama de Medusa sobre a cápsula o dizia exatamente para onde mirar. O laser de Tom se alargou, a última de sua carga se elevando no espaço, perfurando os tanques de oxigênio da cápsula. Uma flor de fogo inflou-se na outra ponta do raio laser, virando vapor, e Tom posicionou a parte de trás do espelho do banheiro para protegê-lo do calor enquanto a força o empurrava, batendo-o de frente. Seu processador passou pelos últimos ajustes tempestuosos e logo ele estava longe, movendo-se pelo vácuo.

Os segundos passaram enquanto ele sentia a saliva na boca começar a chiar, a ferver, enquanto a luz do sol não filtrada pela atmosfera chamuscava sua pele, sua roupa. Seu corpo formigou todo com o oxigênio forçando-se para sair da corrente sanguínea e despejando-se em seus pulmões. Os suborbitais se aproximaram friamente contra o vazio escuro, muito distantes. A escuridão oprimia. Enquanto seus pensamentos escureceram, o medo transbordou em Tom porque ele tinha que estar consciente quando os alcançasse. Tinha que fazer isso ou morreria. O coração dele era um estrondo em seus ouvidos, sua mão estendida desesperadamente enquanto a pele de seus braços inchava e o sangue se expandia em suas veias. Uma sensação de pressão insustentável o consumia, pressionando-o, tentando explodi-lo por dentro. Seus dedos cibernéticos funcionariam mesmo após o restante de seu corpo ficar paralisado e inchado se ele pudesse ao menos permanecer consciente o suficiente para usá-los. A visão dele começou a afunilar e ele resistiu, resistiu desesperadamente.

Mas mesmo que ele entrasse, mesmo se ele abrisse a escotilha...

Apesar disso, o suborbital poderia não pressurizar de novo automaticamente.

E depois ele estaria morto. Estaria morto. E a escuridão estava realmente se aproximando agora, anuviando seu cérebro, apenas seu processador neural despertado, fazendo os cálculos, alerta.

– Tom?

A voz, uma impossibilidade, soou em seu ouvido, e Tom indistintamente imaginou por que Blackburn tinha voltado e nenhum de seus amigos da cápsula ainda não, mas

tudo estava afunilando, escurecendo, os suborbitais muito longes, muito longes...

– Tom, o que você está... Meu Deus.

A escuridão o oprimiu.

A PRIMEIRA COISA QUE ele percebeu foi a dor por todo o corpo, nos membros, no rosto. E depois a voz de Blackburn em seu ouvido.

– ...se você consegue me ouvir, diga algo.

Tom resmungou. Seus pulmões doíam. Ele tentou se mexer.

– Não, fique aí.

Tom estava flutuando, e seus olhos estavam confusos enquanto ele os forçava para abri-los. Envolto em pânico e confusão, ele chutava no ar. De repente, Blackburn surgiu e acenou para Tom para ficar parado.

– Pare de tentar se mexer. Relaxe.

Tom parou, e o homem em pé, fixado no chão na gravidade zero, era a única coisa que ele conseguia ver claramente no mundo borrado.

– Não tente se mexer – Blackburn repetiu. – Imagino que você não esteja se sentindo muito bem – ele balançou a cabeça. – Eu jamais teria sugerido esse plano de fuga, mas você se distanciou o suficiente do que estava interferindo em nosso sinal. Suponho que devo parabenizá-lo por isso.

E, de repente, Tom se lembrou. Ele olhou para si mesmo através da visão turva, para sua pele ferida, toda ela, e para o que parecia uma queimadura de sol vermelha e ressecada sobre os braços.

– Você sobreviveu quarenta e sete segundos sem a roupa espacial, Raines – Blackburn o lembrou, também verificando o estrago. – Preciso que você olhe em volta do suborbital. Deixe-me ver sua situação.

Tom forçou-se a olhar ao redor do estéril compartimento posterior da aeronave suborbital e na direção de Blackburn, prendendo-se a uma cadeira.

– Que bom. Não queremos que você se machuque quando a gravidade entrar em ação.

– Como? – a voz de Tom fez sua garganta doer.

– Quando o elo neural reativou e vi a sua situação, entrei em contato com Medusa. Dados os acontecimentos do dia, bem, você pode ver que estivemos em contato próximo o dia todo. Ela interagiu com o suborbital, abriu a câmara de vácuo antes de você alcançá-la, ótima sincronia aliás, e pressurizou novamente este suborbital. Eu não tinha certeza de que você se reestabeleceria, mas você me surpreendeu novamente. Ela está trazendo você de volta para a Terra neste exato momento. Virei pessoalmente e recuperarei você assim que aterrissar. Você precisa me esperar.

As palavras dele se perderam em Tom. Secundária apenas à percepção de que ele estava vivo era a percepção de que Medusa estava ali. Ela estava no controle de sua

aeronave. Ela estava ali.

Tom fechou os olhos, flutuando na aeronave, imaginando-a em seus braços, e ele poderia finalmente dizer a ela o que tinha percebido. Ele diria a ela que a amava.

ELE VOLTOU ASI quando o suborbital colidiu com a Terra.

– Espere aqui. Você precisa esperar – Blackburn disse, desaparecendo em seguida de seu centro de visão.

Tom esforçou-se para se pôr de pé, incapaz de acreditar que era possível estar novamente na Terra e precisando ver para crer. Ele forçou a passagem pela escotilha e o mundo explodiu em seu centro de visão.

Ele tropeçou ao ver a enormidade do céu sobre ele e a Terra sob seus pés, superestimulando seus sentidos. Admiração e total espanto o dominaram.

As pernas de Tom estavam insensivelmente moles. Ele não conseguia compreender a enormidade do céu, a vívida atmosfera do nítido azul que o esmagava, pesado com volumosas nuvens brancas. O cheiro de grama o dominou, a sensação da terra rica e úmida, o som das árvores farfalhando com o vento. Tudo o bombardeou até ele emudecer e estranhar como se tivesse renascido ao mundo.

Ele se viu sentado no chão, com as palmas roçando o solo úmido e esponjoso, e a grama fazendo cócegas em suas palmas. Era tudo um milagre. Um milagre fantástico, a enormidade do qual ele nunca havia apreciado até hoje. Apenas notou vagamente a dor que irradiava por todo seu corpo, sua pele dolorida e vermelha com a pior queimadura de sol de sua vida e a deformação onde seu tecido tinha inchado enquanto ele flutuou através do vácuo.

Ele tinha sobrevivido. Estava de volta à Terra.

Terra!

Tom continuou fechando e abrindo os olhos, à espera de acordar daquele fantástico sonho. Certamente ele não tinha sobrevivido voando pelos ares do espaço...

Vozes alcançaram seus ouvidos. Tom parecia não conseguir se mexer, nem fazer o cérebro funcionar, e ainda estava ali, sentado em silêncio, quando a família de campistas veio até seu suborbital e a conversa chegou em seu ouvido.

– De onde você acha que veio isso?

– Ele colidiu com a Terra? O piloto está bem?

– Não vejo nenhuma fumaça. Talvez uma aterrissagem de emergência?

Tom estava sentado ali, sentindo-se estranho e desorientado, e estavam olhando fixamente para ele. Um homem e uma mulher de meia-idade, de cabelo crespo e roupas robustas, impressionados em vê-lo. Os filhos deles espiavam atrás dos pais.

– Você está bem? – a mulher perguntou a ele. – Você era um passageiro? Os seus pais estão aí?

Tom não conseguia se lembrar de como falar por um longo momento.

– Toda nossa congregação está acampando próximo daqui – o homem comentou. – Temos um médico. Tem alguém machucado aí dentro?

Tom conseguiu balançar a cabeça.

O homem o examinou superficialmente e de modo incerto, antes de dizer:

– Você não parece muito bem. Talvez possamos ajudá-lo.

– Eu tenho que... – Tom percebeu que sua voz estava saindo no mais fraco sussurro. Ele teve que se esforçar para aumentar o tom e dizer: – Estou esperando.

O homem gesticulou para sua família dar um passo para trás e se aproximou de Tom, mas então ele parou abruptamente. Sua expressão mudou de preocupação para algo monótono e vazio. Ele olhou fixamente para Tom, sem piscar, por um prolongado momento.

Então, ele disse:

– Vanya?

Tom sentiu um aperto no coração. Sentiu sua respiração sufocá-lo. Seu olhar fixou-se para o alto, e o mundo parou.

– Como você conseguiu chegar aqui, Vanya? – o homem perguntou.

Tom se pôs de pé com um solavanco tão rápido que pisou em falso na aeronave atrás dele, sentindo um grande pavor. Ele olhou para a mulher e, de repente, o rosto dela também mudou, havia um vazio em seu rosto, em seus olhos.

– Você escapou. Que interessante – ela comentou. – Não posso imaginar como tenha conseguido.

Tom não conseguia compreender. Não conseguia. Ele estava ouvindo as modulações de Vengerov – quase vendo a expressão facial de Vengerov –, mas estava vindo daquelas pessoas. E quando ele pisou para trás em falso, uma das crianças o alertou usando as modulações de Vengerov.

– Não tem para onde correr, Vanya.

– Parem com isso! – Tom gritou para eles, olhando de um rosto a outro completamente horrorizado. – Fiquem longe de mim!

Ele não sabia sequer o que estava fazendo, para onde estava indo. Afastou-se deles, as pernas de repente avançando sem que ele as ordenasse para tal, sendo dirigido por uma espécie de pânico animal porque ele não tinha, *não tinha* atirado naquela janela e se arriscado a morrer para escapar e acabar sendo encontrado por Vengerov do mesmo jeito...

Mas quando Tom se viu em uma clareira, em busca de fôlego, notou que havia se deparado com os outros campistas. Dezenas de pessoas andando de um lado para o outro, com cabanas, fogueiras, em grupos, passeando sozinhas.

Por um esperançoso momento, Tom pensou que tinha escapado da ameaça. Pensou que estava na clareira porque ninguém parecia ter notado sua presença e talvez ele conseguisse entrar abaixado em uma barraca ou algo do tipo.

Então, o silêncio pairou sobre o terreno do acampamento, e todos pararam o que estavam fazendo exatamente no mesmo instante.

As cabeças se viraram para Tom. A palavra ecoou pela clareira, um par de lábios para o outro.

– Vanya.

– Vanya. Vanya.

Tom cambaleou para trás cegamente, com as mãos agarrando sua cabeça porque sentiu que tinha enlouquecido, que perdera a cabeça. Ou que talvez tivesse morrido. Ele morreu no espaço naquele vácuo e agora lá estava ele, em algum inferno horrendo, onde Vengerov o seguiria aonde quer fosse, por qualquer coisa que tentasse, e ele nunca conseguiria escapar de Vanya...

Ele acertou algo quente e sólido e começou a gritar como um louco. Alguém o chacoalhou e ele continuou gritando. Não conseguia parar. A voz interrompeu sua insanidade, de modo familiar, baixa.

– Quietos. Quietos! Sou eu!

Tom se acalmou, notando aos poucos que eram os braços de Blackburn que estavam o envolvendo, e ele respirou com dificuldade, com um terrível receio explodindo por dentro e uma apavorante certeza de que a qualquer minuto a partir de agora ele ouviria aquela palavra vinda dele também. Ouviria. Ouviria Blackburn dizer...

– Tom, sou eu. Certo? – a mão afagou seu cabelo.

Tom se acalmou. Ele tinha dito “Tom”. Não “Vanya”. “Tom.”

Ele teria caído no chão se Blackburn não o estivesse segurando. Toda sua força tinha sumido. Havia pessoas do acampamento se aproximando deles, uma grande multidão, e Blackburn xingou, pegando algo de seu bolso e arremessando na direção deles, vendo o mundo explodir com uma espécie de névoa ardente.

Tom se sentiu sendo arrastado, puxado pelo terreno acidentado.

– Temos que partir. Não podemos ser vistos novamente. Por ninguém – Blackburn falou com um ruído estridente. – Medusa aterrissou você o mais próximo possível de mim, mas teremos que relocar agora. Vengerov já deve ter drones a caminho daqui.

– Ela tem que se esconder – Tom gritou sem fôlego. – Você tem que dizer a ela que Vengerov sabe que existe outro fantasma. Ele vai descobrir que é ela. Ela é a única pessoa que teve um enxerto neural.

– Relaxe. Ela sabe. Vamos cuidar de você.

Tom fechou os olhos, e o mundo oscilou ao redor dele.

– Não sei nem em que mês estamos.

– Em março.

– Três meses? Eu estive fora por três meses?

– Quinze meses, Tom.

Tom ficou paralisado. Ele foi conduzido para a frente apenas por Blackburn, pois estava tão atônito que seu cérebro tinha dado branco.

Ele estava com quase dezoito anos agora.

Tom abriu os olhos e mirou para trás, na direção da névoa onde estavam os campistas, e sua mente começou a entender o que tinha acontecido. Lampejos de memórias vieram, dos tempos em que Vengerov tinha usado sua mente, usando-o para fazer isso. Aquelas épocas em que Vengerov verificava o progresso de suas nanomáquinas, pulava de mente em mente enquanto elas se infiltravam, enquanto atingiam a massa crítica, enquanto os processadores da série Austera começavam a testar o banco de dados central da Obsidian Corp., comunicando que eles estavam em pleno funcionamento...

O desespero tomou conta dele. Tom desejou repentinamente que nunca tivesse escapado dali. Que tivesse morrido no espaço.

Qualquer coisa seria melhor do que perceber que tudo que tinham feito, que todo esforço, todo ato, tinha sido em vão.

Os processadores da série Austera estavam por toda a parte. Em todas as pessoas.

O mundo pertencia a Joseph Vengerov.

DEPOIS DISSO, TUDO COMEÇOU a borrar em sua visão. Tom não tinha noção de tempo assim como quando esteve no claustro. Ele sentiu o corpo todo em chamas por causa de sua queimadura de sol e atentou vagamente à voz de Blackburn, murmurando algo para ele sobre ainda ter um código malicioso em uma série de máquinas, incluindo aquele helicóptero híbrido.

- Estamos fora do radar agora.
- Para onde vamos? – a voz de Tom saiu num grasnido.
- Tem um lugar seguro para nós. Vamos para lá organizar uma resistência.
- Resistência? Ele tem todo mundo.
- Nós temos duas armas que ele não tem: você e Medusa.
- Eu sou inútil. Ele retirou tudo que baixeix na Agulha.
- Se você fosse inútil, ele teria te matado. Ele não matou. Manteve você vivo porque você tem um poder que ele não tem. Ainda podemos usar isso.

Tom riu louca e histericamente.

- Sim, uma ferramenta. Uma arma. Assim como você disse a Heather antes de derrubá-la no trem a vácuo. Acho que é sua vez de usá-la, né?

Blackburn não disse nada. Tom olhou lentamente ao redor e deparou com o homem o observando, com uma expressão estranha e pensativa no rosto enquanto o helicóptero balançava. Tom notou de repente que todo seu corpo tremia como se ele estivesse congelando, batendo os dentes. Suas palmas estavam pegajosas, sua pele doía em todas as partes, bolhas se formavam onde ficara exposto ao sol. Ele viu um mísero reflexo na janela ao virar a cabeça, com o cabelo revoltado sobre o rosto. Ele imaginou de repente o quão demente devia aparentar.

Blackburn parecia chegar a uma decisão. Ele mudou de direção no céu.

- Mas não vamos começar imediatamente. Nós precisamos... nós precisamos de alguns dias. Uma parada estratégica.

Tom não perguntou por quê. Tudo estava além de seu controle. Ele estava acostumado a isso.

NÃO SE LEMBROU DE Blackburn aterrissando e muito menos de como tinha acordado enrolado em uma cama. Ele se sentou, sentindo a dor arder em sua pele queimada, e seus olhos arderam quando ele espiou ao redor das tábuas de assoalho manchadas da cabana decadente.

Ouviu o som de aldo raspando do lado de fora. Os músculos de Tom ficaram rígidos. Ele empurrou de lado as cobertas, vestiu as calças e a camiseta

demasiadamente largas que estavam dobradas em uma cadeira e engoliu um copo de água morna que estava sobre o criado-mudo.

Ele ainda não tinha a capacidade mental plena enquanto abria com um empurrão uma porta rangente para ver Blackburn ajoelhado do lado de fora sobre a terra deserta e ressecada, finalizando seu trabalho de cortar tiras de um material escuro, camuflando o híbrido helicóptero para harmonizá-lo com a paisagem.

Sob a luz do sol, ele espremeu os olhos na direção de Tom, com a pele dura e enrugada sob a implacável luz do dia.

– Você está acordado.

Por um instante, Tom olhou fixa e friamente para ele, com o cérebro letárgico. Toda sua pele doía com a queimadura de sol, e bolhas inflamadas de fluido se espalhavam sobre ela.

– Estamos no México – Blackburn disse a ele, respondendo uma pergunta que Tom não havia feito. – Bem longe dos lugares mais populares.

Durante um tempo, fez-se um silêncio, e Tom ficou ali mudo, desorientado.

– General Marsh organizou isto.

– Marsh? – Tom repetiu, perplexo.

– Quando ficou claro que os processadores da série Austera estavam se espalhando, ele montou uma rede de esconderijos e armazenou algumas munições e aeronaves. Qualquer coisa que pudesse usar para fugir – ele apertou a mandíbula. – Sob a instrução dele, deletei toda a memória que ele tinha sobre isso assim que o seu próprio processador ficou on-line.

Tom pensou em Marsh com os olhos apáticos e confusos. Assim como aqueles campistas. Outra marionete de Vengerov. Ele sentiu um calafrio.

Blackburn se levantou e Tom percebeu que ele arrastava os pés enquanto caminhava, evitando o peso em sua perna. Ele tinha sido alvejado na Agulha. Tom se lembrava disso.

– Como está sua perna?

– Dolorida, mas nada importante foi atingido.

– Desculpe.

– Não foi você.

O cabelo de Tom caiu sobre seus olhos. Irritado, ele o tirou do rosto com um tapa, fazendo arder a pele de sua testa.

– Você deveria evitar o sol – Blackburn disse. – Durma mais.

– Estou bem – Tom disse, batendo novamente no cabelo para tirá-lo do rosto.

– Eu posso cortá-lo para você – Blackburn propôs de forma inesperada.

Tom olhou fixamente para ele sem compreender por um longo momento.

– Você... cortar meu cabelo? – por alguma razão, isso parecia totalmente bizarro para ele. – Isso está no seu processador neural?

Blackburn bufou. Ele mexeu em um conjunto de ferramentas aberto ao lado dele, pegando uma tesoura.

– Não é nenhum bicho de sete cabeças. Eu só preciso de uma tigela.

– Meu Deus, não – Tom esticou o braço e arrancou a tesoura dele, afastando-se rapidamente. – Eu vou fazer isso sozinho, será rápido.

Por alguma razão, enquanto Tom ergueu a tesoura, Blackburn observou cada movimento dele como se algo fosse dar muito errado. Tom cortou seu cabelo comprido e revoltado. Ele tinha feito isso milhares de vezes na infância.

O pensamento trouxe de volta uma lembrança.

– Meu pai! – Tom gritou. Ele se sacudiu na direção de Blackburn, ignorando o modo como o tenente agarrou o pulso dele e tentou tirar a tesoura de sua mão. – Ah, não, Vengerov sabe que escapei, ele vai usar o meu pai outra vez...

– Ele não vai – com um puxão firme, Blackburn tirou a tesoura das mãos de Tom e a escondeu.

– Por que não? Como você sabe? Ele tirou todas as memórias de mim. Meu pai nem sequer saberá como ficar alerta!

– Essa tática funcionou na última vez porque você estava sozinho e não estava disposto a sacrificá-lo. Desta vez Joseph Vengerov sabe que você está sob a minha posse e *eu* estou disposto a deixar o seu pai morrer.

– Não! Ele não pode morrer! Você não pode...

– Não estou dizendo que *vai* morrer – Blackburn retrucou. – Estou dizendo que Joseph Vengerov *sabe* que eu posso permitir. Pense nisso, Tom. Significa que o seu pai não vai morrer. Vengerov não vai matá-lo. Seu pai não tem influência sobre *mim*, e sou eu quem tem você. Ele vai manter seu pai vivo, caso um dia aconteça algo comigo.

Isso acalmou Tom um pouco, mas só um pouco. Ele olhou para cima, na direção do impiedoso céu azul, brilhando com a luz do sol que fazia sua pele arder. A cabeça dele estava zonzá, e cada respiração fazia seus pulmões queimarem.

– É engraçado ver você falando sobre isso como se fosse uma questão de se ele vai matar você ou não – Tom resmungou. – Ele controla todo o mundo. Como você acha que vai conseguir se esconder para sempre?

Blackburn olhou seriamente para ele.

– Não está tudo acabado.

– Ele venceu – Tom pressionou os punhos contra as têmporas. – Eu o ajudei a vencer.

– Não foi você. E ele não venceu. Ele pode controlar a maior parte da população com os processadores da série Austera, mas ele não controla aqueles de nós que possuem os processadores da série Vigilante – Blackburn bateu na têmpora. – Ainda não.

– Isso até ele resolver reprogramar todos esses também.
– Quando isso acontecer, sim, ele terá vencido – os olhos de Blackburn estavam inflexíveis. – Mas nós não vamos deixar acontecer.

– Nós?

– Eu sei que você disse que ele tirou tudo o que baixou – ele sorriu, enrugando os olhos. – Quem você acha que escreveu cada programa que você baixou na Agulha, hein, seu idiotinha?

Tom olhou para baixo. É claro. Blackburn.

– Era o meu conhecimento, codificado em meu processador, oferecido no formato possível de baixar para todos vocês. Preciso de alguns dias no máximo para lhe oferecer a informação mais importante. Podemos começar agora.

Ele deu um passo na direção de Tom, que recuou reflexivamente.

– Relaxe – Blackburn disse calmamente. – Vou destravar o seu processador e... – ele pausou, direcionando o olhar para o pescoço de Tom. Tom não sabia direito para o que ele estava olhando durante todo aquele tempo, até Blackburn dizer: – Você ainda tem aquele nó restrigente. Ele está emperrado?

Era estranho, até aquele momento, Tom não ter sequer percebido que o nó ainda estava ali. Destruído pelo fogo, sem funcionar, mas ainda conectado à sua porta de acesso neural. Ele o tinha usado por tanto tempo que nunca mais o notara. Tom ergueu o braço automaticamente para puxá-lo, mas parou, com a mão paralisada.

Abriu-se um grande buraco dentro dele que fez Tom sentir como se fosse ser sugado. O suor começou a se formar em todo seu corpo. Ele não ousou tocar.

– Deixe-me ver... – e então Blackburn alcançou o pescoço de Tom.

Ele. Alcançou. O. Pescoço. De. Tom.

Tom se esquivou o suficiente para bater contra a frágil porta da cabana, pouco atento ao grito que rompeu de seus lábios.

– *Fique longe de mim!*

Blackburn ficou com a mão no ar. O coração de Tom batia tão acelerado que parecia que ia saltar para fora do peito.

– Afaste-se – Tom o alertou, buscando fôlego. Ele sentiu que iria explodir para fora de sua própria pele, tal era sua repentina e desesperada necessidade de fugir. – Não faça isso. Não faça isso nunca mais!

– Tom... – Blackburn deu um passo na direção dele.

– Fique longe ou vou rasgá-lo no meio, eu juro!

Blackburn ergueu as mãos como se estivesse se rendendo, observando-o bem de perto.

Tom não conseguia respirar. Não conseguia suportar o escrutínio de Blackburn, o modo como ele parecia descascar sua pele com aquele olhar questionador. E ele não conseguia pensar.

O abrasador silêncio do deserto o pressionou, sufocando-o, aquecendo seus pensamentos para um milhão, um bilhão de coisas piscando em seu cérebro de uma vez, todas em advertência, e ele pressionou as palmas das mãos sobre os ouvidos na esperança de afastar o ruído cada vez mais alto até ensurdecê-lo por dentro, e, de repente, só havia uma coisa para se preocupar.

– Você está mentindo! – Tom notou. – Você está mentindo. Meu pai não está seguro. Eu não me importo com o que você pensa, ele não está seguro!

– Ele está seguro. Vengerov não vai usar o seu pai contra você até ter certeza de que estou fora da jogada.

– Não! Não, eu não posso me arriscar – as palavras saíram da boca de Tom. – Eu tenho que ir até ele. Tenho que pegá-lo.

– Você não está em forma para viajar a lugar algum e, francamente, nem eu estou.

– Se você não me ajudar a encontrá-lo, então vou encontrá-lo sem você. Eu vou sem você. Vou encontrá-lo. Tenho que encontrá-lo. Preciso vê-lo! – Tom só conseguia pensar em Neil, Neil machucado, Neil em perigo, Neil com outra arma apontada à cabeça...

A expressão de Blackburn mudou incredulamente.

– Se alguém vir você, a Obsidian Corp. saberá onde está e você será capturado novamente. Imagino que não teria se explodido no espaço se quisesse *isso*. Certamente eu não resgatei você apenas para devolvê-lo a ele. Estou disposto a apostar que essa é a última coisa que seu pai iria querer algum dia.

Tom sentiu as paredes o confinando novamente, embora eles estivessem no deserto, pois não tinha opções nem lugares para ir. A luz do sol parecia mais brilhante e intensa em sua pele, e a claridade que cegava seus olhos ainda fazia doer por causa do vácuo do espaço.

Sua mente foi inundada com imagens daqueles campistas olhando para ele, de seus amigos aborrecidos com ele, de Vengerov sorrindo para Vanya, das armas disparando na diretoria executiva da Dominion Agra e de um milhão de outras coisas do último ano que começaram a afogá-lo de uma vez no calor fervente da luz do dia, e ele tinha ficado tão acostumado à mesma temperatura o tempo todo na cápsula de Vengerov, que isso parecia sufocá-lo.

Nós temos duas armas que ele não tem: você e Medusa.

Tom começou a rir histericamente até seu estômago doer porque isso era, de repente, a piada mais engraçada de todos os tempos. Blackburn enrugou a testa e Tom estava pouco atento a ele, perguntando-lhe algo que ele não compreendeu.

A verdade era que Tom não conseguia sequer pensar em consertar a bagunça que havia feito. Ele não conseguia enxergar uma luz no fim do túnel. Era tudo muito grande, muito mesmo, e o céu sobre ele parecia o esmagar.

– Tom...

Mas Tom se afastou dele e se fechou na cabana. Ainda não estava certo, ele ainda sentia como se fosse explodir, enlouquecer, perder a cabeça. Ele não estava rindo mais. Não conseguia respirar.

Tom cambaleou até o banheiro, um pequeno cômodo com uma lâmpada. Ele puxou a porta para fechá-la. Na escuridão do cômodo fechado, estava melhor, só um pouco melhor, mas não estava certo. Ele se sentou na banheira e sentiu a porcelana o pressionando por todos os lados, o que lhe deu uma sensação ainda melhor. Ele puxou a cortina para fechá-la, bloqueando o último sinal de luz, e finalmente com as paredes o pressionando e a plena escuridão ao seu redor, o oxigênio parecia fluir de volta para seus pulmões. Sua mente se acalmou.

Pela primeira vez desde que acordou, ele voltou a se sentir normal.

Algumas poucas vezes, a porta abriu com um rangido, e Tom prendeu a respiração, na esperança de que Blackburn fosse embora. Ele o ouviu respirando na escuridão.

Vá embora, vá embora, vá embora, Tom pensou desesperadamente.

Passos rangeram sobre as tábuas do assoalho, e a luz foi desaparecendo.

Blackburn tinha ido embora.

TOM NÃO SABIA AO certo quanto tempo havia passado. Ele perdeu a noção como sempre perdia. Às vezes, ouvia um tinido e encontrava um jarro d'água no chão, ao lado da banheira. Às vezes um sanduíche. Uma vez Tom acordou e descobriu que um travesseiro tinha sido enfiado debaixo de sua cabeça, e um fino cobertor atirado sobre ele. Seus pensamentos não pareciam conseguir formar as palavras para fazer algum sentido. Sua mente entrava e saía da letargia.

E então, a certa altura, a luz foi acesa, iluminando o cômodo.

– Eu sei que é uma espécie de reação ao estresse pós-traumático – Blackburn anunciou no ar. – Você obviamente precisa de aconselhamento psicológico extensivo, Tom, mas não estamos em uma situação em que eu posso fazer isso. Não temos tempo. Vamos tirá-lo desta.

Algo ruim estava para acontecer. Tom estava cada vez mais certo disso. Assim como sempre que a unidade conjugada de hospital era energizada, e ele ouvia o zunido, e sempre, sempre algo indigno e humilhante se seguia, então ele erguia os braços sobre os olhos querendo acabar com tudo rapidamente.

Ele pulou quando ouviu a cortina do boxe do chuveiro ser puxada de lado e, em seguida, se encolheu ao receber um firme agarrão em seu queixo, virando sua cabeça.

– Olhe para mim.

Tom congelou. Não era a voz de Blackburn.

Os olhos dele lançaram-se para o alto. Em meio à ofuscante luz, viu que não era o tenente Blackburn se ajoelhando ao lado da banheira.

Era Neil.

Neil!

Alguma parte distante de Tom descobriu. Blackburn tinha acesso ao seu centro de visão. Ele estava manipulando isso. Mostrando-o ao seu pai para... para obter uma reação ou enganá-lo ou algo do tipo, e Tom sentiu a indignação se elevar dentro dele porque ele queria golpeá-lo por fazer isso, por entrar dessa maneira. Ele queria... ele queria...

Ele queria seu pai.

Assim como uma barragem sendo aberta à força, a saudade dominou Tom, tirando tudo do lugar – sua razão, seu bom senso, sua consciência de onde estava, do que estava acontecendo. Ele só conseguiu sussurrar:

– Pai?

O agarrão de Neil relaxou por um instante, e sua mão soltou o queixo dele. Ele olhou surpreso, mas se recuperou rapidamente.

– Sim. Sim, sou eu.

– *Pai!* – Tom se lançou para a frente, e Neil o ergueu sobre a beira da banheira e o envolveu em seus braços.

De repente, era como se tudo fosse como antes, quando Tom era uma criança e a situação era terrível. A única pessoa que sempre estivera ao seu lado estava ali, dizendo-lhe que tudo ficaria bem e que nada mais importava porque Tom, de repente, acreditava que daria tudo certo.

– Me conte o que aconteceu com você – Neil sussurrou.

Tom contou. Ele contou tudo ao pai. Sobre o nó restringente, o claustro, Vanya. Sobre o que ele tinha causado no mundo.

– Ouça – Neil disse, bem próximo do ouvido dele. – Nada disso é culpa sua.

– Sim, é sim. Você sabe que é.

– Não, Tom, me ouça – Neil se afastou dele, segurando-o pelos ombros e com os olhos atentos. – Você é um ser humano. Você é produto de milhões de anos de evolução. Cada célula em seu corpo, cada órgão é elaborado de modo que o mantenha vivo. Você estava em uma situação intolerável e o seu cérebro fez sua função: criou uma maneira de tornar a situação tolerável. Era isso que Vanya fazia. Ele era um produto de uma parte muito antiga e muito inteligente de seu cérebro que sabia que você precisava ficar totalmente desligado da situação para sobreviver a isso com a mente intacta. Você não é a primeira e não será a última pessoa a passar por isso.

– Eu quase matei Wyatt.

– Não, Joseph Vengerov quase a matou, mas você não permitiu. Quando sentiu a necessidade, você superou Vanya. Você o conteve. E depois fez algo absolutamente incrível e conseguiu escapar. Vanya não é seu inimigo. Ele estava ali para protegê-lo

quando você precisasse dele. Eu só pedi a Deus que o encontrássemos antes.

Tom fechou os olhos miseravelmente.

– Vengerov estava fora do meu processador. Eu fiquei tão contente no começo. Pensei que iria resistir.

Os braços de Neil ficaram tensos ao redor dele.

– E esta é a razão pela qual ele fez isso com você, não é?

Tom não respondeu.

A voz de Neil ficou rouca.

– Eu nunca teria deixado isso acontecer com você se... – ele ficou em silêncio, antes de continuar. – Tom, me desculpe. Me perdoe.

Não parecia Neil falando, e Tom respondeu rapidamente:

– Está tudo bem, pai. Não é culpa sua.

– Eu sei que não é a primeira vez que o magoo, mas tudo o que fiz por você, tudo o que eu lhe disse... – a voz de Neil sumiu, e a mão dele alisou o cabelo de Tom, que se viu recordando a Antártida com relutância. – Você sabe o que fiz com os meus próprios filhos. Eu perdi tudo naquele dia. A vida não tem mais sentido quando você é um monstro. Eu não me importei com a minha própria morte. Por anos, só havia um sentido, um único objetivo: usar esta poderosa arma no meu crânio e arrastar Joseph Vengerov para o inferno comigo. Eu não considerei as consequências para as outras pessoas. Para você. Me perdoe.

De repente, Tom ficou completamente ciente de onde estava, com quem estava conversando.

– Eu não poderia matá-lo – Blackburn disse –, então resolvi erradicar todo o sentido da existência dele. Eu o estudei por anos. Ele não amava nada. A única coisa para a qual ele dava valor era sua visão para o mundo. Foi por isso que resolvi assumir uma posição na Agulha Pentagonal. Era o servidor ideal para usar e infectar os drones dele, o máximo possível. Eu pretendia sequestrar as próprias máquinas dele e exterminar a utopia daquele homem pela raiz.

Blackburn teria conseguido destruir os sonhos de Vengerov, Tom sabia disso. Ele tinha matado executivos suficientes para destruir a confiança que o restante deles tinha na tecnologia de Vengerov. Os processadores da série Austera nunca teriam sido instalados se não fosse pelo Cruithne. Talvez a pressão combinada dos outros CEOs da Coalizão tivesse derrubado Vengerov também.

– Por anos, eu só pensei no fim do jogo – Blackburn disse. – Todos os outros... não havia nada mais que importasse para mim. E foi melhor assim. É mais fácil quando nada mais importa.

Wyatt piscou na mente de Tom. Seja lá o que Blackburn tenha dito, ela importava para ele. Mas ele sempre aproveitava a primeira oportunidade para afastá-la. Talvez ela significasse algo apesar de ele não pensar assim.

– Então se você se pergunta por que o tratei daquele modo – Blackburn disse –, saiba que não foi por sua causa, Tom. Eu mal o vi desde o começo. Primeiro, você era apenas um novato que não compreendia que deveria seguir ordens e evitar conflitos. Fui linha-dura com você como seria com qualquer recruta que gostasse de responder grosseiramente. Pensei que estava apenas lhe ensinando o seu lugar na estrutura hierárquica. Eu supus que todas as suas ações tivessem origem no atrevimento...

– Provavelmente tiveram – Tom murmurou. Todos pensavam que ele era atrevido.

– Não, acho que não. Não agora. Eu compreendi isso depois que você bateu a cabeça quando Nigel Harrison usou um vírus em seu processador, e você só tentou se afastar. Você nunca teve uma figura autoritária que o guiasse. Isso está claro para mim. A ideia de estrutura hierárquica era totalmente nova para você. Eu deveria ter tido uma nova abordagem depois que entendi melhor o que se passava, mas você sabe o que aconteceu em seguida.

Tom sabia. A Câmara de Varredura. O momento fatal em que mostrou a Blackburn sua memória do que ele poderia fazer com as máquinas. Quando Blackburn viu o fragmento de memória que Tom tinha de Vengerov e tirou suas conclusões.

Naquele instante, ele tinha mudado de apenas mais um novato na Agulha para um instrumento na vendeta sombria de Blackburn.

Mas não havia sido tudo terrível. Blackburn o salvou na Antártida. Ele tinha tentado alertá-lo quando pensou que estava fazendo algo estúpido, algo descuidado. Ele poderia ter se livrado do perigo que era a capacidade de Tom em um instante o empurrando no trem a vácuo e o enviando para o mesmo fim de Heather; ele poderia tê-lo deixado morrer no espaço. Mas não o fez. Ele não era tão monstruoso quanto acreditava.

Tom sequer notou o momento em que Blackburn abaixou-se e, enfim, retirou seu nó restrigente, aquele que ele não tinha sequer conseguido tocar, tal era seu medo paralisante de não conseguir tirá-lo.

– Está vendo? – Blackburn disse, mostrando o objeto a ele. – É só um pedaço de metal agora.

Tom olhou fixamente para a coisa odiosa. Vengerov tinha feito sob medida para ele, e não tinha poupado gastos. Era incrustado em ouro, um elegante design com o logo da Obsidian Corp. – um olho sinistro. Ele pensou na sensação de orgulho e posse que Vengerov deve ter sentido toda vez que via o objeto.

– Quer bater nele com uma marreta? – Blackburn perguntou.

– Eu quero queimar isso.

– Podemos dar um jeito.

O termite transformou o nó restrigente em uma poça derretida no meio do

deserto, e Tom o observou queimar até parecer chamuscar um buraco em suas retinas. Então, ele olhou para Blackburn, que estava em pé sob o vasto céu do deserto, e disse:

– E agora?

– Depende de você – Blackburn soltou um ruído. – Temos um lugar para ir. Só quando você estiver pronto. O mundo pode esperar.

– Mas Vengerov...

– Ele pode esperar.

Para um homem que tinha obstinadamente seguido a mesma cartilha por dezoito anos, era um verdadeiro sacrifício. Tom sabia que isso não poderia esperar, não por muito tempo, mas Blackburn estava lhe dando um respiro se precisasse – e talvez por causa disso, Tom sabia que não precisava. Ele endireitou o corpo, virando-se da poça derretida, convencendo-se de que seu pescoço não se sentiria estranho sem o nó restrigente por muito tempo.

– Sabe – ele disse a Blackburn –, se você não tivesse deixado Vengerov de fora do meu processador naquele primeiro dia...

Os largos ombros de Blackburn ficaram tensos.

– Se você não tivesse – Tom forjou, desviando o olhar para o dele –, ele teria me reprogramado. Teria sido muito mais fácil para mim se ele tivesse apenas controlado minha mente desde o início. Eu não teria conseguido resistir. Teria sido o caminho da menor resistência. Mas eu teria entregado Medusa. Eu nunca teria escapado. Teria matado muito mais pessoas e tudo teria sido bem pior. Machuca mais assim, mas você é a única razão pela qual eu tenho tudo para voltar agora.

Blackburn demonstrou surpresa em sua expressão.

– Sei que você é a razão para eu estar vivo – Tom disse – e também não é a primeira vez. Você tem sido meio que... não sei, confiável, eu acho. E isso pode soar como algo sem muita importância, mas para mim importa muito porque não consigo pensar em muitas pessoas de quem posso dizer isso. Então o resto das coisas que você disse é apenas... vamos chamar de passado.

– Passado – Blackburn concordou baixinho.

– E obrigado. Por tudo – Tom estendeu a mão a ele.

Blackburn a apertou enquanto a luz do deserto foi se apagando ao redor deles, presenciando, enfim, um entendimento entre os dois.

- É ISSO? - TOM DISSE sem acreditar.

Blackburn acenou com a cabeça.

- É isso.

- Este é o lugar mais seguro no mundo para preparar uma resistência? Você está brincando comigo?

- Não.

Eles estavam no meio do refeitório da Agulha Pentagonal, e cadetes, soldados e alguns civis distraídos passavam por eles, incapazes de enxergá-los enquanto estavam no modo invisível.

- Pense nisso - Blackburn disse, afastando-se de Tom enquanto a multidão passava por ele, cega. - Eu conheço este servidor melhor do que qualquer pessoa no mundo. Cada uma das máquinas neste edifício, e todos os processadores das séries Vigilante e Austera dentro delas, recebe sua programação diretamente deste servidor. Nós podemos andar por todo este local no modo invisível. Agora que todos têm um processador neural, podemos realmente ficar invisíveis. Nem mesmo aquelas câmeras de vigilância conseguem nos pegar.

- Você não fez este lugar ficar cheio de crânios dando risada?

- Não uma fusão de sistema completo - Blackburn disse. - Eu só precisei de tempo suficiente para me livrar daqui. Para reagrupar. Você ter escapado exatamente no mesmo dia, isso foi tão... bem, o momento foi ótimo.

Tom olhou fixamente para um soldado que passou caminhando por eles, com os olhos vazios como os de um zumbi.

- Se você pensar bem - Blackburn notou -, Joseph Vengerov nos fez um favor ao não poupar nenhuma pessoa de suas máquinas neurais. No modo invisível, um par de olhos não anuviado pelos processadores nos localizaria.

Tom avistou Vik, Wyatt e Yuri entrando no refeitório juntos e seu coração deu um solavanco. Eram seus amigos.

Blackburn o analisou.

- Você vai ficar bem aqui enquanto eu dou uma olhada no sistema?

Tom enfiou as mãos nos bolsos.

- Por que não ficaria? Senhor?

- Esse é o meu garoto, Raines - ele disse, batendo no ombro de Tom. Por um instante, a mente de Tom lembrou-se de Neil, abraçando-o no banheiro, e ele teve que desviar o olhar.

– Eu vou verificar os servidores e garantir que permaneçamos escondidos – Blackburn comentou. – Seus amigos sabem que você escapou e sabem que você está vindo para cá. Quando eles o virem, aí é com você. Você pode autorizá-los a fazer isso quando quiser, mas não deixe de usar seu julgamento. Você não quer que eles reajam suspeitosamente a algo que ninguém consegue enxergar.

Tom acenou com a cabeça.

E então Blackburn se foi, deixando Tom no meio do refeitório como um fantasma que tinha retornado para assombrar seus amigos. Tom atravessou o refeitório com as pernas bambas e esticou o braço para bater em seu teclado do antebraço, mas eis que uma grande sensação de aflição o dominou. Ele se sentiu como um estranho em sua própria vida.

Ele seguiu Vik descuidadamente até a mesa no refeitório que dividia com Wyatt e Yuri, e as palavras deles eram como ruído de fundo nos ouvidos de Tom enquanto voltou um ano e meio no tempo, mas não sentiu a mesma coisa que sentira antes de Vengerov tê-lo pego. Seu cérebro tentou selecionar entre a confusão de recordações, as verdadeiras e as falsas.

Tom se viu com os olhos fascinados no colarinho de Vik, onde estava a insígnia de águia das Forças Intrassolares, com um par de barras em X debaixo dela. Os novatos tinham um traço, os intermediários, dois, e os superiores, três. Os ComCams tinham traços cruzados. Ele viu isso no colarinho de Wyatt também. Yuri era um superior agora, obviamente.

Ele tinha perdido tanta coisa.

Ele não estava pronto para isso.

Tom teve que se afastar deles. Ele tinha que fugir.

Foi quando ele pisou no corredor do outro lado do refeitório que ouviu um sussurro:

– Ei!

Tom ficou tenso, com os músculos travados.

– Hum, Cretino Estúpido? – as palavras soaram estranhas vindas dos lábios de Wyatt, e Tom respirou fundo e foi forçado a se virar. Todo o corpo dela vibrou como se estivesse em contato com uma corrente elétrica: suas bochechas ficaram vermelhas, seus olhos se arregalaram.

– Desculpe, não posso dizer o seu nome, senão acionarei alguns algoritmos de segurança. Tenho certeza de que você está sendo procurado em todas as redes agora.

Tom engoliu em seco.

– Você está me vendo?

– Sim – ela mordeu o lábio. – Eu regulei o meu processador neural depois de Frayne, assim eu não deixaria de ver as pessoas que caminham próximas de mim no modo invisível. Blackburn nos disse que estava com você, que você voltaria logo.

Eu pensei... eu temi que isso não fosse acontecer.

Por um instante, eles olharam fixamente um para o outro sem jeito, e em seguida Wyatt avançou e atirou os braços em volta dele. Ela tinha perdido peso, o que a deixou com um olhar aguçado e ligeiro de algum animal caçado. E, de repente, ela estava soluçando, e Tom a puxou para mais perto, intensamente contente de vê-la de novo.

A familiaridade de Wyatt acabou com as últimas daquelas recordações distorcidas que Vengerov tinha programado para Tom. Ele sentiu um aperto no coração. Tinha saudade dela. Meu Deus, ele tinha sentido tanta falta de todos.

– Eu não conseguia encontrar você. Me perdoe. Procuramos em todos os lugares. Nós mexemos...

– Eu sei. Está bem.

– Eu tentei. Me perdoe, eu realmente tentei...

– Está bem – ele a beijou na cabeça. – Vamos, está bem – era estranho como ele se sentia normal de repente, tentando acalmar Wyatt, como se ele tivesse voltado à sua própria pele pela primeira vez depois de tanto tempo. Ele se sentia mais forte, com mais controle, quando recuou, tentando mostrar a ela que ele estava bem, que estava feliz em vê-la. – Você está na ComCam agora, é? Quem está patrocinando você?

– O que importa isso?

– Importa para mim. Me conte.

– Nobridis.

– Parabéns!

– Ah, isso não importa agora.

– Sim, importa.

– Não, não importa. Todos os executivos de nível superior deles estão mortos, e a guerra está bem parada agora que os processadores da série Austera entraram em ação.

Tom olhou ao redor.

– Os outros cadetes percebem o que está acontecendo?

– Eles não estão falando muito sobre isso, mas tenho certeza de que notaram que há algo errado com basicamente todo mundo. A taxa de crime caiu a zero e... é assustador. Ninguém sequer atravessa mais a rua distraidamente. Vik, Yuri e eu não saímos da Agulha há meses. É muito perturbador ver todo mundo tão comportado por aí.

Tom pensou naqueles campistas, todos olhando para ele ao mesmo tempo, e sentiu um grande mal-estar.

– Agora que você está aqui, podemos consertar tudo – ela abriu um sorriso para ele, com os olhos cheios de confiança, cheios de crença nele. – Eu não sei como,

mas tenho certeza de que encontramos um jeito. Podemos fazer tudo quando você está por perto.

Era a melhor coisa que alguém já tinha dito a ele algum dia e Tom desejou que fosse verdade. Ele se sentia mais do que nunca como uma fraude, mas com um sorriso de plena crença nele que poderia quase enganá-lo, Wyatt pegou na mão de Tom e o conduziu de volta para o mundo dele.

W_{YATT TINHA FEITO} T_{OM} autorizar Yuri em seguida, pois ela sabia que Yuri era cuidadoso o bastante para não reagir com surpresa visível e não chamar a atenção dos outros, não após ela sussurrar no ouvido dele. Ele abriu um enorme, radiante, sorriso no refeitório, depois trocou de assento com ela e discretamente passou o braço sobre o ombro de Tom, disfarçando um alongamento.

– Estou tão feliz em vê-lo bem – Yuri disse.

– Sim, estou melhor – Vik disse do outro lado da mesa, pensando que as palavras eram para ele. – A indigestão passou.

Tom sorriu um pouco.

– Vik tem problema de estômago agora? – ele disse, antes de perceber que seu melhor amigo não conseguia ouvi-lo.

E isso significava que havia uma série de maneiras com que Tom poderia brincar com ele. Quando Vik se levantou, Wyatt e Yuri acenaram a cabeça para Tom segui-lo, o que ele fez. Yuri resolveu no último minuto dar um abraço de urso nele à frente do elevador, antes de deixarem Tom seguir seu caminho.

Vik se virou quando Yuri ainda estava girando em círculos, com um enorme sorriso no rosto e os braços ao redor de alguém que ele não conseguia enxergar.

– O que você está fazendo, cara?

Yuri parou, pego desprevenido. Ele e Tom trocaram um olhar.

– Dançando? – Yuri tentou.

– Pare – Vik disse. – Está ridículo – ele saiu andando na direção do elevador.

Tom riu.

– Uau, Vik realmente deve estar com problemas de estômago, hein?

– Não – Yuri disse gentilmente, repousando a mão sobre o ombro dele. – Não é por isso que Vikram está tão infeliz. Ele está assim desde que você sumiu. O tenente Blackburn nos disse que você retornaria, mas eu acho que ele ainda está ansioso.

Isso deixou Tom um pouco arrasado. Ele apertou o braço de Yuri e depois se separou dele para seguir Vik até seu beliche.

O_{NOVO BELICHE DE} V_{IK} no décimo quarto andar era grande e espaçoso. Tom assobiou ao vê-lo enquanto Vik estava no banheiro. Em seguida, ele pôs apressadamente os lençóis sobre a cabeça. Quando ouviu os ruídos dos passos de Vik se moverem na direção da porta, Tom sentou-se lentamente, com o corpo erguido, como se fosse uma múmia despertando.

Vik deu um berro e puxou o lençol para o lado para ver quem estava ali. Seus olhos, não entendendo nada, miraram o vazio.

Tom riu, deu um pulo para a frente e despenteou o cabelo de Vik com a mão.

Vik ficou boquiaberto.

– É... ahn, doutor?

Tom autorizou Vik a vê-lo com um pensamento e disse:

– Sim, sou eu no modo invisível.

Vik gritou de alegria e o ergueu pelos braços. Tom riu ao ver Vik berrar como um louco, saltando alegremente pelo quarto com ele. De repente, ele estava tão feliz de estar de volta, tão contente.

– Você está bem! – a voz de Vik estava abafada. – Eu senti tanta falta de você, cara. Você não pode mais fazer isso. Não pode desaparecer desse jeito.

– Eu não vou mais desaparecer – Tom assegurou a ele. – Não vou.

– Pensei que você tinha morrido.

– Não morri.

Vik despenteou o cabelo dele, abrindo um sorriso.

Tom se abaixou, pois a mão de Vik estava se aproximando perigosamente de seu pescoço, e o local ainda fazia sua pele formigar.

– Então você conseguiu ser ComCam antes de mim. Acho que devo mais dinheiro a você, não? – Tom brincou.

Vik parecia pego desprevenido por um instante. O sorriso dele era desconfortável.

– Ah, sabemos que você teria chegado lá primeiro se... – ele diminuiu a voz. – Ah, meu patrocinador é Wyndham Harks. Pode chamar de “Asoka”.

– Asoka?

– Herói indiano. Você não o conheceria.

Tom olhou ao redor para a enorme cabana de ComCam que ele nunca tinha tido a chance de habitar. Ali havia uma impensada coleção de obras de arte, um divã e uma série de coisas que os pais de Vik obviamente enviaram a ele da Índia. Havia até um grande chapéu de pele russo. Ele o pegou, sentindo a macia pele pinicar suas palmas.

– Presente de Natal de Yuri – Vik balbuciou, claramente sem saber mais o que dizer. – Ele visitou alguns parentes na Rússia. Ah, ei, você deveria pedir o seu também. Ele trouxe ushankas para todos nós.

O chapéu escorregou das mãos de Tom. Por um instante, ele estava muito atordoado para falar.

– O que foi? – Vik perguntou, alarmado.

– Ushanka quer dizer “chapéu de pele”? É isso que significa? – Tom perguntou, com a voz abafada.

– Ahn? – Vik disse.

Mas Tom se lembrou do estranho sorriso de Vengerov quando ele escolheu o nome. Durante todo o tempo, ele apenas enxergou o coelho como... um chapéu de pele. Tom foi pego pela extrema necessidade de rir, mas não podia. De repente, ele sentiu como se fosse separar os pontos que levava.

– Ei, ei, doutor – ele pulou com a mão de Vik em seu ombro. Seu amigo parecia sério, quieto, preocupado, como ele o vira pela primeira vez. – Você está... você está bem? Digo... ele, ahn, você se machucou?

Tom sentiu a boca seca. Ele não conseguia dizer uma palavra.

Vik desviou o olhar.

– Eu sei que ele... ahn, você foi reprogramado.

Então Blackburn tinha mentido para eles. Ele não contou a eles que Vengerov nunca tinha o reprogramado; ele tinha o arruinado.

– Sim – Tom disse, aliviado como se o braço afrouxasse um estrangulamento em seu pescoço.

– Ei, está tudo bem – Vik deu um tapinha no ombro dele uma vez, repetindo o gesto em seguida, mantendo a mão ali, pairando desconfortavelmente. – Seja lá o que você quer ou não dizer, está tudo bem, cara. Você está de volta. Isso é o que importa.

– Vengerov me deixou a maior parte do tempo sozinho – Tom disse honestamente. Isso soava tão inocente.

O alívio relaxou a expressão de Vik. Então, viu-se uma luz de determinação em seus olhos.

– Quando chegar o dia e você precisar se vingar dele, você sabe que sou seu doutor. Me chame primeiro.

Tom abriu um sorriso.

– Eu sei, cara.

Naquele momento, a porta abriu deslizando e Wyatt e Yuri entraram apressados, gritando de alegria ao ver Tom. Wyatt jogou os braços em volta dele novamente, apertando-o com tanta força que foi levemente doloroso, e Yuri afagou seus ombros, suas costas, qualquer lugar que ele conseguisse alcançar.

O calor humano de seus amigos envolveu Tom outra vez e algo provocante e frágil parecia rompê-lo por dentro. Ele fechou os olhos, quase dominado pela onda de alívio, ternura e sensação de integração que o inflou por dentro.

Ele nunca mais perderia isso.

CONFORME OS DIAS FORAM passando, Tom viveu na Agulha Pentagonal em um estranho estado de limbo, invisível para os sistemas de segurança, invisível para as pessoas que passavam por ele. Seus amigos ainda faziam parte desse mundo, então eles tinham que seguir com a vida de treinamento para uma guerra que era basicamente obsoleta.

Com as nanomáquinas à solta e a maioria da população mundial já servindo como sistemas de vigilância ambulantes e falantes para a Obsidian Corp., os potenciais aliados eram um grupo muito limitado de pessoas. Eles consistiam inteiramente de pessoas com processadores neurais da série Vigilante.

Por sorte, a Agulha Pentagonal era apenas um dos quatro lugares no mundo onde os jovens recebiam os processadores da série Vigilante. Vik tinha um primo na base de Mumbai, o qual contatou em sigilo, e Tom sabia que Yaolan, por sua vez, estava investigando pessoas na Fortaleza. Ela tinha dito a Blackburn que chegou a um acordo com Svetlana Moriakova no complexo Kremlin. Svetlana já tinha uma coalizão de Combatentes russos, africanos e sul-americanos pronta para se mobilizar quando chegasse a hora.

Wyatt sugeriu que eles assistissem às filmagens da simulação de lealdade para ver se havia algum indício de quais cadetes poderiam se arriscar a desafiar Vengerov. Naquele domingo, eles trouxeram pipoca para o novo e luxuoso beliche de Wyatt, que ficava no décimo quarto andar, e assistiram às filmagens juntos.

– Doutor, eu acho que você realmente nos ferrou – Vik comentou.

Tom recuperou o fôlego, magoado.

– Você terminou esta simulação muito cedo – Vik disse, e Tom sentiu-se relaxado, pois Vik não estava se referindo, bem, ao modo como Tom tinha, de fato, ferrado todo mundo – além do mundo todo. – Olhe para isso, está quase no fim e nós ainda estamos no refeitório.

A gravação captou os agitados cadetes, com armas apontadas para suas cabeças. Giuseppe estava reclamando de como o seu pé coçava, mas ele estava preocupado em ser alvejado se o coçasse. Karl estava batendo o punho na mão, pronto para esmurrar alguém.

– Eu diria que Karl está fora de cogitação – Vik comentou. – Ele se aliaria a Vengerov só para ir contra você.

– Não sei – Tom disse. – Acho que precisamos conversar com ele.

Eles passaram a semana encostando vários cadetes na parede, um por um. Eles sempre os alertavam a não dizer o nome de ninguém, e depois Tom se revelava,

vendo o choque nas expressões delas.

– Você não estava morto? – Clint perguntou.

– Sim, Clint. Sou um fantasma.

Clint olhou fixamente para ele. Tom retribuiu o olhar.

Quando Tom surgiu do nada em frente de Walton Covner, ele piscou e, em seguida, disse um “olá” muito casualmente.

– Quanto tempo.

Quanto a Iman Attar, ela foi às lágrimas e se atirou nos braços dele.

– Pensei que tinha acontecido algo com você! E uau... – ela pressionou os lábios nos dele, pois a ausência tinha obviamente deixado seu coração mais apaixonado. – Me perdoe. Espero que ter rompido com você não tenha o afugentado.

Tom rapidamente recuou.

– Iman, está tudo bem.

– Eu sei que você gosta mesmo de mim, mas...

– Antes que você diga algo a mais, eu beije outra menina. Desculpe, outras duas meninas. Então não pense que era você.

Vik e Yuri olharam para ele com repentino respeito.

– Não tem por que se preocupar – Tom garantiu a ela.

Iman fez uma careta.

Blackburn acenou para ele avançar, e Wyatt virou os olhos. Iman resolveu que a ausência não tinha deixado seu coração mais apaixonado no final das contas, mas ela os ouviu e concordou em ajudar.

Quanto a Lyla Martin, ela disse:

– Oh, é você. De onde você veio? Vik e eu terminamos.

– Vocês sempre terminam – Tom comentou.

– Para sempre desta vez. Você desertou ou algo do tipo? – Lyla perguntou a ele. – Vik ficou bravo comigo porque eu falei para as pessoas que você provavelmente havia desertado. Ele não queria me perdoar.

Tom desviou o olhar para Vik.

– Espere. É por isso que vocês terminaram?

Vik estava furioso.

– Meu melhor amigo tinha desaparecido e ela o estava caluniando. Eu não aceitei isso – ele e Lyla fuzilaram um ao outro com os olhos.

Tom escondeu o sorriso, pois isso o agradava mais do que ele deixaria transparecer. Seu melhor amigo realmente estava disposto a defendê-lo.

Depois que Tom os fez se acostumar com a ideia de que ele estava de volta, o tenente Blackburn também autorizou que os cadetes o vissem. Eles sempre ficavam um pouco mais nervosos quando viam Blackburn, mas pareciam mais propensos a acreditar nele quando explicava sobre os processadores da série Austera, as

nanomáquinas, a inexplicável mudança no comportamento de todos que eles conheceram um dia fora da Agulha Pentagonal.

De lá, era uma decisão. Alguns como Lyla e Walton ficaram furiosos e prontos para a luta. Já alguns como Giuseppe e Jenny Nguyen ficaram assustados e não queriam se envolver com aquilo. Outros como Snowden Gainey os surpreenderam – o normalmente submisso combatente concordou prontamente em manter-se na posição contra Vengerov. Alguns poucos até justificaram as ações de Vengerov. Cadence Grey e Clint enxergavam aquilo como o próximo passo lógico no desenvolvimento humano, e quem eram eles para questionar?

– Existe uma grande diferença entre todos terem computadores na cabeça e todos terem computadores que Joseph Vengerov controla na cabeça – Wyatt protestou.

– Alguém tem que ter controle sobre isso – Clint disse. – Por que não um homem de negócios bem-sucedido? *E* um dos principais colaboradores de campanha do meu pai?

Clint estava definitivamente fora de cogitação.

Karl Masters surpreendeu a todos, com exceção de Tom, quando apertou a mão dele e disse que estava contente por Tom estar vivo. Ele ouviu a explicação e cerrou os corpulentos punhos, declarando:

– Você disse que ele fez o Cruithne também? Ele matou a minha irmã. Eu vou arrancar a cabeça dele.

– Você não pode matá-lo – Tom disse com pesar. – Temos um código que nos impede de machucá-lo. Esse é um dos problemas que enfrentamos.

Karl arqueou sua grande sobancelha.

– Então vamos nos livrar disso!

– É bem mais fácil falar do que fazer – Wyatt disse a ele.

Blackburn apagou todas as memórias do interrogatório da mente deles imediatamente na sequência, mas com certos cadetes, Tom deixou claro:

– É mais seguro para você se tirarmos essa memória por enquanto. Nós a devolveremos para você para que saiba o que está acontecendo quando for importante.

Quando eles investigaram todos os cadetes, Vik – o observador de todos os interrogatórios – finalmente fez a pergunta pertinente:

– Então sabemos quem estará com nós e quem não estará... O que vamos fazer com isso?

Todos olharam para Tom, que, por sua vez, olhou para Blackburn.

– Não faço ideia – Blackburn respondeu.

– O quê? – Vik deixou escapar.

– Eu disse que não sei. Se houvesse uma reversão fácil, já teríamos feito. A única ideia que tenho é acionar os pulsos eletromagnéticos e eliminar as nanomáquinas

para sempre. O cérebro não se desenvolve dependente dos processadores da série Austera. Não como os nossos. A maioria sobreviverá.

– Não podemos fazer isso – Wyatt lamentou. – Você viu como foram destrutivas as explosões nucleares nas altas altitudes depois do Cruithne. Não podemos fazer isso em qualquer lugar. Não podemos mandar toda a civilização mergulhar de volta na Idade das Trevas só para neutralizá-los.

Yuri acenou com a cabeça.

– Tenho que concordar. Haverá grandes consequências. Pessoas morrerão.

– Se houver um pulso eletromagnético, ele desativará todos os polinizadores robóticos, e como a Dominion Agra exterminou todas as abelhas, haverá uma inanição em massa. A maioria das usinas nucleares do mundo vai derreter. Vamos matar bilhões de pessoas no final das contas.

– Não é o ideal – Blackburn comentou com a voz áspera –, mas pelo menos as pessoas terão uma chance de lutar. Elas não têm nenhuma agora.

Um sinistro silêncio pairou sobre a sala.

– Como esse pode ser nosso último recurso? – Vik indagou. – Tem que haver uma alternativa.

– O que eu não entendo é o seguinte – Tom disse de repente. – Você é tão bom com os processadores neurais. Você e Wyatt são. Por que vocês não conseguem criar algo que pudéssemos espalhar, como um vírus de computador que desative o controle de Vengerov?

– Eu poderia – disse Blackburn – se tivesse um ou dois anos, ou dez para me dedicar exclusivamente ao estudo das nanomáquinas. Então poderíamos cruzar os dedos assim que eu espalhasse o vírus e esperar que Joseph Vengerov não invente um programa de segurança que neutralize meus esforços. Mas ele vai inventar um desses. Pode levar minutos, pode levar algumas horas, mas ele simplesmente recuperará o controle sobre eles e ainda teremos dado a ele uma dica de onde nos encontrar e voltamos à estaca zero.

– E você? – Tom tentou, olhando para Wyatt. – Você pode inventar algo mais rápido. Você é a pessoa mais inteligente que conheço.

Ela franziu a testa.

– Você não conhece tantas pessoas assim. Provavelmente existem algumas por aí que são mais inteligentes do que eu – ela acenou com a cabeça, um pouco em dúvida. – Provavelmente. Não é possível que eu seja a pessoa mais inteligente do mundo.

– Nunca se sabe – Yuri disse, inclinando-se na direção de Wyatt e beijando o topo da cabeça dela apaixonadamente.

– Além do mais – Vik ressaltou –, assim que você fizer algo, Vengerov será capaz de rastrear e descobrir de onde está vindo a resistência.

Vik não precisava dizer o resto. As implicações pairaram sinistramente no ar entre todos eles. Vengerov não tinha assumido total controle sobre aqueles que tinham os processadores da série Vigilante. Ainda não. Mas ele poderia mudar de ideia amanhã e se apressar a escrever uma programação igualmente tão restritiva a eles quanto fez com o restante da população – se ele algum dia percebesse que eram uma ameaça.

Quando eles finalmente agissem, *se* eles finalmente agissem, só teriam uma oportunidade de vencer. Qualquer falha e Vengerov os aniquilaria para sempre.

– Tem mais uma pessoa com quem precisamos conversar – Blackburn comentou.

TOM SENTIU UM ÍMPETO de surpresa ao encontrar Elliot Ramirez trancado em uma cela adjunta à Câmara de Varredura. Elliot olhou fixamente, sem compreender, quando a porta aparentemente se abriu sozinha e fechou em seguida.

Então, Tom autorizou o processador dele para vê-lo, e Elliot deu um pulo.

– Ei, cara. Não diga o meu nome.

– Ah, você! – Elliot exclamou. Os olhos escuros dele moveram-se sobre sua figura com preocupação, e Tom percebeu o quão acabado ele deveria aparentar. – Que surpresa.

– O tenente Blackburn me disse que você foi preso e trazido até aqui.

Os lábios de Elliot gracejaram.

– Tive nove meses de liberdade. Trabalhei como ativista e até me apaixonei, mas daí a Lei de Autorização de Defesa Nacional me pegou. Fiquei detido. Indefinidamente até agora. Pensei que se eu fosse bem conhecido, tivesse notoriedade, estaria seguro – uma sombra passou sobre seu rosto. – Mas era como se ninguém me notasse no dia em que vieram até aqui. Até Tony só ficou ali. A multidão parecia surda e muda. Acho que botei muita fé nas pessoas.

– Não, existe uma razão para ninguém ter lhe ajudado – Tom disse a ele. – Vengerov assumiu o controle sobre todas as pessoas. Não há como se esconder na multidão porque toda a multidão está sendo controlada pela mente – ele explicou rapidamente sobre os processadores da série Austera e viu Elliot afundar em sua cama, perturbado.

– Eu realmente estou desinformado – ele olhou superficialmente para Tom. – Você está... você ainda está treinando aqui?

– Sou um fugitivo. Ninguém mais consegue me ver. Blackburn também é um fugitivo – então, Tom deu de ombros. – Ah, e eu também explodi os drones.

Elliot olhou fixamente para ele. As pessoas pareciam ter essa reação quando ele dizia algo inesperado.

Tom suspirou, sentou-se na cama e explicou tudo para ele: sobre sua habilidade com as máquinas, os drones, os ataques de Vengerov aos outros executivos.

Quando terminou, Elliot endireitou o corpo e coçou a cabeça.

– Então era você na Cúpula do Capitólio.

– Desculpe, cara. Eu estava tentando abater Heather. Não pensei na situação em que estava colocando você.

Mas Elliot só riu.

– Aquela foi a melhor coisa que já aconteceu comigo – os olhos dele ficaram distantes. – Eu me lembro de quando eles disseram que eu tinha que entrar na linha com a imagem que estavam produzindo para mim, agir do modo que eles queriam que eu agisse. Havia um grupo inteiro de executivos da Wyndham Harks lá, e um deles gostava de dizer esta frase: “Somos um império agora e, quando agimos, criamos nossa própria realidade”. Mas ele não queria dizer *eu* tenho que agir e criar a minha própria realidade, não, não. Ele quis dizer *eles*, pessoas como ele, pessoas que importavam, eram aquelas cujas ações importavam, aquelas que criariam a realidade para o restante de nós, e o restante de nós tinha que obedecer e entrar na linha com a visão de mundo deles. *Eu* tive que entrar na linha. E por muito tempo eu entrei.

Tom acenou com a cabeça como se compreendesse.

– Mas, quando você disparou aqueles primeiros tiros neles – Elliot disse, prendendo a atenção dele –, consegui finalmente enxergar outro atalho. Eu não sabia que era você, é claro, mas isso me fez pensar em você. Em tudo o que tinha dito para mim.

– Estou honrado – Tom declarou.

– É *por isso* que eu resisti contra eles. Percebi que eles não conseguem criar a minha realidade se eu os rejeito. Eles não conseguem ditar os termos da minha existência para mim – os olhos dele piscaram. – Mesmo que eles me mantivessem trancado para sempre, ou mesmo que me reprogramassem para me forçar a entrar na linha, eu os desafiei e eles nunca poderão tirar isso de mim.

Tom sentiu muita segurança de sua deslealdade agora, por isso se sentiu seguro ao se inclinar mais próximo dele e dizer:

– Você não vai ficar trancado aqui, Elliot. Vamos consertar o mundo. Para sempre.

– Estou dentro – Elliot deu sua palavra.

– Você não ouviu o plano ainda...

Elliot riu.

– Um dos meus novatos, salvar todos nós? É claro que vou participar disso. Me diga o que você precisa que eu faça.

TOM RETORNOU AOS ALOJAMENTOS de Blackburn. O exército tinha removido a maior parte de seus bens depois de sua prisão, mas não fez muita diferença. O lugar nunca teve muita coisa mesmo. O sofá ainda estava lá, onde Tom vinha dormindo.

Nele, repousava um fio neural espiralado.

Ele sentiu o gosto de chumbo descer pela garganta. Ele tinha concordado em começar a baixar a informação que tinha perdido. Blackburn devia ter preparado algo.

Agora iria começar.

Tom não conseguia se obrigar a conectar o fio. Ele tinha originalmente planejado dormir no chão do quarto de Vik, mas então um cenário de pesadelo o acometeu – e se ele acordasse no beliche de Vik, totalmente escuro, com um fio neural conectado à sua porta de acesso do cérebro e ele não se lembrasse de onde estava naquela hora?

Havia muita coisa que ele poderia compartilhar com os amigos, mas não conseguia nem ao menos pensar que eles vissem como ainda se sentia perturbado com Vengerov. Tão perturbado que ele não conseguia sequer conectar um fio neural, mesmo para recuperar um pouco do conhecimento e das habilidades de combate que perdera. Ele ainda estava sentado ali, contemplando o fio neural, quando as botas rangeram no chão sob ele, e a luz atravessou a sala escura, com Blackburn surgindo de seu quarto.

– Você conseguiu falar com o Ramirez?

– Sim. Ele está dentro, só precisamos tramar algo – Tom retorceu o fio neural ao redor de um dedo, sentindo a ansiedade dançar em seu estômago.

Blackburn compreendeu imediatamente.

– Você será capaz de fazer isso?

– Está tudo bem – Tom disse automaticamente. Depois de um instante, ele admitiu. – Não consigo me conectar ao sistema. Digo, consigo, porque já fiz isso milhares de vezes, mas não consigo. Entende o que eu quero dizer?

– Você está pensando de forma errada – Blackburn o avisou. – Você formou uma associação mental entre isso – ele apontou para o fio neural – e se sentir impotente. Não é o caso. Isto é poder. A sua habilidade é a sua força.

A cabeça de Tom pulsou. Poderia ser sua força, mas Vengerov também tinha deixado claro que era sua fraqueza. Ele tinha transformado tudo que fortalecia Tom em uma arma contra ele. Sua habilidade, seus amigos, suas memórias, tudo, com

exceção de Medusa.

Blackburn passou a mão sobre a boca.

– Novamente, suponho que eu poderia incentivá-lo.

– Como?

– Tem alguém visitando o nosso sistema. Ela quer vê-lo.

Tom sentiu o coração acelerar.

– *Ela* está aqui?

– Eu disse para Medusa vir – Blackburn comentou. – Eu a mantive atualizada sobre nosso debate, mas acho que hoje é o seu dia de estabelecer uma ligação com ela. Considere isso como motivação para superar algumas coisas mais rápido. Posso começar os seus downloads enquanto você se encontra com ela – ele sorriu. – A menos que você queira que eu lhe diga que não está se sentindo pronto para isso.

O maldito sabia que Tom não iria deixar isso acontecer.

– De jeito nenhum – ele agarrou o fio neural e o conectou à porta de acesso mais próxima, conectando-a à sua porta.

Os sentidos dele drenaram quando Blackburn riu.

– Esse é o meu garoto.

ELE SAIU DE SI e foi imediatamente atraído por um fluxo de sinais. Por um horrendo instante, sentiu-se fora de controle, mas sabia que era *ela*. Então, ele reduziu a vida em um programa. O cenário era um jardim suntuoso, com lagos e cachoeiras, e a água era tão límpida que refletia o vívido céu azul, as folhas das árvores.

– Que lugar é este? – Tom se perguntou.

– Você esteve fora da Terra por tanto tempo. Pensei que deveria lhe mostrar algo bonito.

Tom se virou. Medusa estava em pé nas pedras com ele em meio ao jardim, e seus cabelos pretos soltos davam na altura dos ombros.

– Suzhou. O Jardim Prolongado – ela explicou.

Tom a contemplou, com o coração se inflando no peito. Fazia tanto, mas tanto tempo.

– Oi – ele disse sombriamente.

Ela riu.

– Olá.

– Medusa.

– Yaolan – ela o lembrou.

– Yaolan – ele foi absorvido pelos sentidos ao vê-la, a menina por quem ele se atirou no espaço para salvar. A razão de tudo.

– Senti sua falta – ela disse. Ela se aproximou, os dedos deslizando sobre a mão dele, e Tom pegou a pequena mão dela, erguendo a sua própria palma até a bochecha dela e pondo seu cabelo de lado. Havia tantas emoções dentro dele, seu

peito estava cheio delas, e ele se perguntou como lhe dizer que ela tinha sido a razão pela qual ele tinha escapado, a luz no fim do túnel para ele.

Provavelmente havia muitas coisas eloquentes que ele poderia, que deveria ter dito, mas, em vez disso, deixou escapar:

– Estou apaixonado por você.

Ela ficou tensa.

– Hum, como é que é?

– Isso foi meio inesperado para você, eu sei – Tom disse, percebendo o que havia dito. – Mas tenho que dizer isso. Eu percebi isso lá. Eu te amo. Sei que você me disse uma vez que eu necessitava que você precisasse de mim, mas isso não é verdade.

Ela entrelaçou os dedos nos dele e Tom descobriu que, de repente, não conseguia olhar nos olhos dela.

– Eu percebi isso também. Eu preciso de você, e não o contrário. Sempre pensei que eu estava bem sozinho, que poderia fazer as coisas sem ajuda dos outros, independentemente do que acontecesse. Mas eu estava lá em cima e me senti totalmente sozinho, e era como se eu... – Tom parou, pensando em como tinha se desintegrado por completo. Não existia Tom Raines em todo aquele tempo em que ele passou sozinho. Ele não existia mais. Ele não tinha existido até ter todos de volta em sua vida. Ele não queria afligir Medusa ao confessar aquilo tudo, então apenas disse: – Não tem problema se você não sentir o que sinto. Eu queria dizer isso a você algum dia.

– Tom.

Ele olhou para cima, e ela puxou a cabeça dele para baixo e o beijou. Ele a agarrou em seus braços, mas ela recuou com as sobrancelhas franzidas.

– Tom, você ficou longe por mais de um ano. Você foi mantido prisioneiro. Eu não sei o que você passou, mas... mas eu não acho que este seja o momento certo para declarações apaixonadas.

Ele sorriu timidamente.

– Eu estava fazendo uma declaração apaixonada?

Ela retribuiu o sorriso.

– Você não se lembra no Havaí, quando me disse que estaria fazendo algo errado se se aproveitasse da minha situação naquela época?

– Mas você não estaria...

– Eu não estava pensando com clareza naquela época. Eu estava em uma situação ruim. Você não consegue enxergar que esta é a mesma situação? – ela se virou para ele, com o cabelo se agitando com a brisa. – Seria eu quem estaria fazendo a coisa errada se aceitasse isso agora.

Tom enfiou suas mãos virtuais em seus bolsos virtuais.

– Então quando seria a hora certa?

Ela o examinou novamente.

– Se você disser isso de novo um dia. Mais para a frente. Na hora certa.

– A hora certa.

– Se algum dia existir essa hora certa – ela acrescentou misteriosamente.

Tom a contemplou atentamente.

– O que está acontecendo?

A expressão no rosto dela era de agitação.

– Eu não posso dizer. Preciso mostrar a você.

E com essas palavras, eles saíram do servidor da Agulha, lançando-se apressadamente na internet. Ele se concentrou nela, em Medusa, e nunca a tirou de sua mente. Eles se separaram em um centro de internet, enviando comandos para todos os processadores neurais. Ela acessou algoritmo após algoritmo diante dos olhos de Tom, e ele sentiu a perturbação se espalhar por seu corpo ao ver o que Vengerov estava fazendo.

Ele pesquisava pessoas, as classificava em categorias. Alguns tinham sido classificados como dispensáveis – os fracos, os idosos, os deficientes. Já havia Cavalos de Troia instalados em seus processadores neurais, prontos para serem acionados a um comando para ordenar as funções do cérebro a se desligarem.

Tom pensou em quanto Vengerov tinha tentado reprogramá-lo logo após sua captura, quanto sentido fazia para Tom na época de que havia muitas pessoas e muito poucos recursos, e tinha parecido lógico que vastas partes da humanidade fossem exterminadas. Vengerov iria fazer exatamente isso.

E então eles estavam de volta aos sistemas da Agulha, no programa de Suzhou, no jardim que, de repente, não parecia mais tão sereno com o pressentimento da destruição pairando sobre os dois.

– Temos que agir agora – Medusa afirmou categoricamente – antes que ele acione as sub-rotinas de despovoamento. Antes que ele traga sua atenção de volta à Agulha e à Fortaleza, a todos os cadetes e a todos os combatentes de ambos os lados. Nós somos os únicos que ainda podemos agir. Temos um plano.

– Ótimo – Tom disse, pois isso era mais do que ele e seus amigos tinham conseguido tramar. – Me conte sobre o plano.

– Nós vamos atacar os centros que Vengerov está usando para transmitir informações para os processadores da série Austera.

Vengerov tinha removido quase todo o conhecimento do processador neural de Tom. Ele estava constrangido em admitir.

– Eu perdi tudo que havia baixado. Você pode... você pode me dizer o que são os centros outra vez?

Medusa não virou os olhos.

– Centros são como... centros de informações de dados. Eles são supercomputadores que geram a rede da qual todos os processadores da série Austera fazem parte agora. Se Vengerov controlasse um bando de teias de aranhas interligadas, os centros seriam os lugares onde os fios se encontrariam. Então cada fragmento de informação que é instalado nos processadores neurais das pessoas vem primeiro dos centros. Eles enviam esses fragmentos através dos fios. Se todos que tiverem o processador da série Austera souberem procurar o fantasma da máquina, por exemplo, saberão por que o comando para tal foi enviado a eles de uma central.

– Então você acha que destruí-los para que não consigam controlar as pessoas com os processadores da série Austera consertaria as coisas – Tom supôs.

– Oh, estou certa de que ele tem backup das centrais. E backups dos backups. Mas vamos destruir o máximo que conseguirmos, e depois vamos espalhar um vírus para corromper os dados que estarão sendo enviados dos centros remanescentes. Com esperança, se fizermos essas duas coisas, poderemos causar o máximo de danos à Obsidian Corp. – um sorriso retorceu os lábios dela. – Ele colocou processadores da série Austera em bilhões de mentes. As pessoas com esses processadores têm um protocolo na sub-rotina segundo o qual têm que seguir precisamente as leis de suas terras.

Tom acenou com a cabeça, lembrando-se de Zane e seus novatos, de como eles não conseguiam violar nenhuma regra.

– Eles não seguem as leis apenas, eles são *forçados* a segui-las – os olhos de Medusa brilharam. – O que vamos fazer é enviar a eles um novo entendimento da lei. Todos que têm um processador da série Austera vão, de repente, sentir que é seu dever legal matar alguém que trabalha na Obsidian Corp. ou na LM Lymer Fleet e destruir qualquer equipamento que pertença a essas empresas. Se tivermos sorte, Joseph Vengerov estará bem no alcance de alguém com um processador da série Austera e morrerá.

– Ele não vai – Tom disse categoricamente. – Existe um código infalível. Ele não pode ser morto por qualquer um com uma de suas máquinas. E, além do mais, o pai do meu amigo trabalha para a Obsidian Corp. Ele não é uma pessoa má, ele só precisava de um emprego. Até onde sabemos, os empregados de Vengerov têm também os processadores da série Austera. Talvez eles tenham os recebido antes de todo mundo.

– Lamento por seu amigo – Medusa disse –, mas este é o melhor plano que temos. É uma maneira de causar danos significativos à empresa dele em bem pouco tempo. Só teremos alguns minutos antes de Vengerov perceber o que está acontecendo e corrigir isso. Ele vai descobrir que somos nós e enviará cada aeronave que tiver em nossa direção, e depois estaremos mortos. Nossa única chance é causar danos suficientes a ele de modo que ele não consiga nos atacar.

Tom continuou a pensar na conversa de estratégia que tinha tido com seus amigos e Blackburn. Ele sabia que, assim que Medusa e seus companheiros agissem, essa seria a última chance deles. Qualquer coisa que eles fizessem, por sua vez, teriam que fazer ao mesmo tempo que os combatentes.

Ele imaginou a proposta dela em ação. Cada pessoa com processadores da série Austera mobilizada, por um breve período de tempo, contra a Obsidian Corp. Era um exército de bilhões. Havia muitas formas de as pessoas causarem danos. Talvez Yaolan e seus conspiradores auxiliares tivessem a solução. Talvez isso funcionasse. Teria que funcionar, já que era a última chance deles.

Pelo menos antes que Vengerov retaliasse.

E ele retaliaria. Ele se vingaria com mais violência. Era o que sempre fazia. Tom sentiu a cabeça palpitar quando se lembrou de um dia, há muito tempo, quando Blackburn disse que a violência era o único meio de lidar com homens como Vengerov. Mas ele estava errado de certo modo, porque Vengerov tinha um trunfo que Blackburn jamais teria: ele estava disposto a arriscar todo o planeta para manter seu domínio. Só isso já lhe dava uma vantagem a qual ninguém conseguia se equiparar. Assim que Medusa atacasse, Vengerov simplesmente não hesitaria em disparar armas nucleares na Agulha, na Fortaleza, e se esquecer dos danos colaterais.

Afinal de contas, as pessoas eram totalmente dispensáveis para ele. Na melhor das hipóteses, elas eram recursos a serem explorados e, depois, descartados. Ele não valorizava o potencial humano que não era tão evidente. Ele não se importava com o que estava dentro das pessoas ou com o que poderia acontecer com elas mais para a frente. Ele só se importava com a serventia imediata delas para ele e com seus compromissos. Vengerov tinha enxergado alguma utilidade em Tom, a arma, mas ele jamais reconsideraria a destruição de Tom, o menino de catorze anos de idade, em uma sala de RV, mesmo com essa habilidade no futuro. Vengerov acreditava ser um visionário, mas ele era muito limitado para enxergar o potencial humano.

Por um instante, Tom se viu pensando no que Wyatt tinha dito sobre alguém por aí ser a pessoa mais inteligente do mundo e na maneira como um homem como Vengerov não se aproveitaria disso. Havia onze bilhões de pessoas no planeta, e elas poderiam fazer tanta coisa se tivessem a oportunidade para tal.

Uma dessas pessoas com processadores da série Austera era a mais inteligente do mundo. Provavelmente mais inteligente do que Wyatt, mais inteligente do que Joseph Vengerov, mais inteligente do que Blackburn. Ou talvez não houvesse uma pessoa mais inteligente – talvez existissem centenas, milhares, milhões de pessoas de intelecto genial. Ainda que apenas uma minúscula fração desses onze bilhões de pessoas fosse verdadeiramente genial, ainda poderiam existir milhares de Wyatts por aí. O que todas essas pessoas poderiam fazer se tivessem uma oportunidade, se

tivessem as mesmas oportunidades que um homem como Vengerov tinha?

E então, num piscar de olhos, Tom sabia o que devia fazer. Ele sabia. E riu com a ideia que lhe parecia perfeita.

– O que foi? – Medusa perguntou.

– Acabei de perceber que minha amiga Wyatt não é a pessoa mais inteligente do mundo.

Ela arqueou a sobrancelha.

– O que você quer dizer com isso?

– O que eu quero dizer – Tom disse, renovando as esperanças – é que sei como salvar o mundo.

UMA VEZ, TOM E Vik tinham feito uma agradável descoberta: Yuri Sysevich, que era impressionante em praticamente todas as coisas, era péssimo na maioria dos videogames. Eles descobriram isso jogando um jogo de luta, quando Yuri inconscientemente tentou combatê-los e não conseguiu causar dano algum.

– Por que vocês não estão sendo feridos? – ele perguntou, angustiado, enquanto Tom, Vik e Wyatt esmurravam um ao outro e seu personagem agitava os braços impotentemente no ar. – Estou lançando fogo pelas mãos.

– Não, são faíscas – Vik comentou.

– Por que minhas mãos com faíscas não estão machucando você?

Tom reprimiu os risos abafados dele enquanto arrancava a cabeça do personagem de Wyatt.

– Você só está vendo faíscas porque está pressionando todos os botões ao mesmo tempo. Está vendo? – ele imitou o gesto de Yuri, fazendo o seu próprio personagem atirar faíscas de suas mãos.

Vik tentou tirar vantagem das faíscas de Tom para matá-lo, mas Tom esmagou a cabeça dele com um golpe. Em seguida, matou Yuri para acabar com o sofrimento dele.

Vik tinha feito uma brincadeira sobre isso por um tempo, entrando na rede de jogos com o rosto de Yuri como avatar e o nome Mãos de Faíscas na tela, chateando muitos jogadores ao soltar faíscas com as mãos na direção deles enquanto eles tentavam lutar seriamente. Tom gostava de fazer isso também. Eles tinham elevado o recorde negativo de Yuri de 0 a 998 e até acharam alguns fóruns de discussão na internet especulando sobre a deficiência mental do misterioso jogador Mãos de Faísca.

Depois de Tom perder os dedos e começar a ter um desempenho realmente ruim nos videogames, ele deixou de achar tanta graça na brincadeira. Mas, desde o seu retorno à Agulha, aquelas coisas que costumavam incomodá-lo não pareciam nada. Eram tão secundárias que quase se tornaram motivo de risada por ele ter um dia se importado tanto com elas. Na manhã da operação planejada, eles jogaram no que era uma tardia comemoração do décimo sétimo aniversário de Tom ou uma comemoração prematura de seu décimo oitavo aniversário. Ambos talvez.

– Pelo menos, se nós morrermos, todos conseguimos alcançar a maioridade oficial, com uns meses a mais ou a menos – Wyatt disse.

Vik riu.

– Hora de melhorar o humor, Bruxa Maligna.
– Pensar positivo é importante – Yuri disse, embora ele estivesse olhando zangado, furiosamente, ao ver seu personagem soltando faíscas.
– Obrigado mesmo assim – Tom disse com um sorriso.
– Tenho que admitir que gosto de ter a chance de vencer – Vik disse, golpeando o personagem do Tom várias vezes. – Você deveria ter perdido os seus dedos alguns anos mais cedo.

– Não cante vitória antes do tempo – Tom disse alegremente, esquivando-se dos golpes seguintes. Começou a descobrir, para sua surpresa, que ele não estava tão mal quanto se recordava. Talvez tivesse sido um bloqueio mental durante todo o tempo. O cérebro humano era uma coisa engraçada.

Wyatt executou calmamente a mesma manobra de chute repetidas vezes. Ela não gostava de jogos de luta, mas os jogava porque Tom e Vik gostavam. A estratégia dela era sempre a mesma: um movimento de força perfeito e depois usá-lo continuamente. Era uma estratégia eficaz, mas irritante.

Quanto a Yuri, ele soltou um resmungo frustrado. Ainda estava soltando faíscas.

– Assim que Joseph Vengerov perceber o que estamos fazendo, ele vai enviar tudo que tiver na nossa direção – Wyatt observou, chutando o personagem de Vik várias e várias vezes. – Esta pode ser a última vez que todos nós ainda estamos vivos.

Vik resmungou.

– Novamente, hora de elevar o humor, Bruxa Maligna. Regra número um de jogar na manhã anterior a uma missão estupidamente suicida é não dizer coisas estupidamente suicidas, seu Estúpido!

Tom riu, com seu personagem erguendo triunfantemente o coração de Vik, que tinha arrancado do peito dele.

– O que você estava dizendo, doutor? Acho que precisa beijar o anel.

– Só uma vez você... – Vik começou, mas Tom já tinha arrancado a cabeça de Yuri e depois quebrou o pescoço de Wyatt. Com um resmungo, Vik fez uma mímica como se estivesse beijando o anel invisível de Tom. Eles atiraram as luvas reforçadas, e um repentino silêncio pairou sob a cabana de Vik.

Por um instante, os quatro amigos olharam uns para os outros e Tom se viu desejando que eles apenas ficassem ali, congelados naquele momento. As pessoas mais importantes em seu mundo e o único lugar que ele um dia pensou como lar.

Mas o tempo prosseguia, mesmo naquela hora. E não havia como se ater a um momento já passado.

Tom respirou fundo.

– Vamos.

Ao DESCEREM DO BELICHE, Tom disse:

– Estamos partindo – ciente de que Blackburn estava provavelmente verificando o

elo neural.

– Boa sorte – a voz de Blackburn disse em seu ouvido.

Então Tom enfiou a mão no bolso e colocou rapidamente seu nó de acesso remoto. A mente de Medusa encontrou a dele no sistema.

– Está na hora.

Entendido, Medusa respondeu.

Tom acenou com a cabeça para Wyatt, e ela pressionou em seu teclado no antebraço, lançando o vírus de computador que ela e Blackburn tinham escrito.

Todas as luzes ficaram escuras na Agulha Pentagonal e, de repente, um farol de emergência piscou através dos centros de visão de todos.

Alerta: Reator nuclear fissão-fusão está em fusão ativa. Funcionários não essenciais devem evacuar.

Eles saíram do salão comunitário do décimo quarto andar para ver os ComCams acordando apressadamente e se arrastando para a evacuação. Ninguém conseguia vê-los naquele momento quando os quatro estavam no modo invisível. Eles desceram a escadaria, com soldados e cadetes passando apressados por eles, e seus processadores neurais inconscientemente conduzindo-os ao redor do espaço vazio que uma parte de seus cérebros era capaz de perceber que estava realmente ocupada, mesmo que suas mentes conscientes nunca entendessem a mensagem.

Ao passar por rostos familiares, Tom acionou a restauração da memória nos cadetes em que eles confiavam. Ele viu Walton Covner e Lyla Martin pararem de repente nos degraus, e as memórias deletadas voltando ligeiramente a eles junto com as instruções que haviam escrito.

Siga as instruções em seu processador. Temos uma única chance. Se falharmos, saia daqui e ajude os outros cadetes a escaparem também. A Obsidian Corp. enviará tudo o que estiver ao alcance dela para a Agulha Pentagonal. Eles vão matar ou reprogramar todos os cadetes que estiverem dentro da Agulha.

Tom observou que eles se entreolharam, depois girou e voltou correndo pela escada para subir até as portas de acesso neural no décimo segundo andar. Ele também viu Karl e Yosef subirem os degraus a toda velocidade e seu coração inflou quando mais cadetes que tinham se comprometido a lutar com eles foram assumir suas posições. O alerta de fusão estava removendo da Agulha quase todas as pessoas dispostas a apoiar Vengerov no combate – e deixando-as de fora, assim elas não conseguiriam impedir os aliados de Tom quando o plano estivesse em andamento.

Tom, Vik, Wyatt e Yuri entraram escondidos nas aeronaves suborbitais das quais eles tinham se apoderado e se lançaram ao céu. Tom espiou para baixo para checar a aeronave de Blackburn, esperando de prontidão caso fossem bem-sucedidos, e ficou na expectativa de vê-la aterrissar novamente.

O Pentágono recuou lá embaixo, bem distante deles, enquanto trepidavam ruidosamente na direção do espaço para a brevíssima viagem para a Antártida. Tom estava concentrado na condução, e na aeronave seguinte, Vik e Yuri estavam seguindo a mesma trajetória.

– Tem que funcionar – Tom disse tão baixo que Wyatt não conseguiu ouvi-lo sobre o ronco do motor. – Não posso estragar isso.

Finalmente alguém conseguiu ouvi-lo.

– Você não vai falhar – a voz de Blackburn disse em seu ouvido. – Você vai voltar inteiro.

– Estou planejando isso, senhor.

– E, Tom, estarei lá com você. Você não está sozinho desta vez.

Tom sabia disso. Mas ele ainda tinha que engolir um grande nó de ansiedade em sua garganta, ciente do que o esperava adiante.

O SUBORBITAL CHACOALHOU QUANDO eles reentraram na atmosfera, o que fez com que enxergassem a irregular costa da Antártida tremendo na direção deles. Tom tinha ido àquele lugar duas vezes. Ele quase morreu em ambas as oportunidades. A terceira vez *não* iria ser a última.

– Onde vamos aterrissar? – Wyatt perguntou, com a voz tensa. – Estamos rápidos demais.

– Temos que sobrevoar rápido mesmo – Tom disse a ela. – Se chegarmos devagar, seremos destruídos. Confie em mim, nós vamos conseguir.

– Eu sei que vamos, mas e o Vik? – ela lançou um olhar preocupado para a janela na direção do outro suborbital. Eles tinham se separado deliberadamente, pois Tom e Wyatt eram essenciais para a operação, e ele era o melhor piloto. Vik também era um ótimo piloto, mas ele e Yuri estavam ali para ajudá-los a se manterem vivos.

– Ficaremos bem – Tom garantiu a ela. – Daqui a um minuto, aterrissaremos no meio da Obsidian Corp.

Levaria algum tempo até as máquinas de Vengerov se reunirem naquele setor do edifício. Tom sabia disso porque, assim que eles foram lançados, vários trens a vácuo no Interstício também foram – todos em direção à Obsidian Corp.

Se eles tinham calculado tudo corretamente, então trinta segundos atrás Vengerov devia ter recebido um alerta de que invasores estavam se dirigindo para a Obsidian Corp. por meio do trem a vácuo. Ele provavelmente já mobilizara suas máquinas para aquele setor do edifício.

Não era onde eles estavam penetrando.

Mas, quando o complexo pôde ser avistado, Wyatt ficou mais tensa.

– Medusa não fez a parte dela. Ah, não, Tom, ela não fez. O telhado está intacto!

Tom analisou a superfície quando ficaram bem próximos dela, rápidos demais para abortar naquele momento. Eles não tinham armas para causar explosões.

– Ahn, é, eu não...

E então, diante dos olhos deles, uma série de mísseis caiu do céu e explodiu o telhado, abrindo-o. Tom e Wyatt se retraíram instintivamente enquanto sobrevoavam entre as chamas e se inclinavam na direção do complexo, mas os propulsores deles dispararam, impulsionando-os para cima em vez de colidir e explodir, e Tom assumiu os controles e os manobrou passando por cada piso explodido e descendo até as profundezas da Obsidian Corp., onde escavou um túnel profundo até o continente.

Eles atingiram o chão com um violento solavanco, e em seguida Tom arrancou o cinto de segurança e se arrastou até o compartimento traseiro onde haviam armazenado os exotrajés.

Wyatt apressadamente vestiu o dela, ajustando a máscara de gás, a armadura, os óculos de visão noturna, as braçadeiras centrífugas e a camuflagem óptica. Ela se moveu aos trancos.

– Ah, as botas! Não se esqueça...

– Eu sei! – Tom tateou em busca de seu próprio par de botas com solado de borracha, uma necessidade básica para os pavimentos condutores de eletricidade da Obsidian Corp.

Da última vez, o complexo de Joseph Vengerov não havia sido preparado para invasores humanos. Como o próprio Vengerov tinha afirmado, ninguém invadia “um edifício cheio de máquinas mortíferas no meio da Antártida”. Desta vez, um alarme estridente já estava rompendo o ar e os pretores começaram a unir seus lasers na direção de Tom e Wyatt antes de escaparem do suborbital.

Tom chutou a escotilha de escape com o pé no exotraje, e sua força acentuada a rompeu nas dobradiças e a lançou violentamente contra a máquina de combate mais próxima.

Ele se esticou para trás e pegou Wyatt pelo braço, arremessando-a diretamente sobre o arsenal de pretores à sua espera, e seu corpo fez uma leve ondulação no ar. Ele saltou até o teto e se prendeu ali enquanto as máquinas disparavam no espaço onde ele estivera. Antes que eles pudessem localizá-lo, Tom atirou no sistema de extinção de incêndio por aspersão, lançando esguichos d’água para baixo. As máquinas e os exotrajés eram todos à prova de água, mas o chão não. Ele começou a faiscar e crepitar, e as máquinas conectadas a ele pararam abruptamente, soltando faíscas.

– Tudo bem? – Tom gritou para Wyatt, com o coração quase na garganta.

– Tudo bem – a voz dela ecoou. – Estou na parede.

– Vamos.

Eles se moveram assim, Tom pendurado no teto com seu exotraje e suas braçadeiras centrífugas e Wyatt na parede com o dela, e os pretores que tinham se

reunido no corredor começaram a queimar no chão. Acima, um interfone deu um sinal de vida, e a voz jovial de Vik soou pelos alto-falantes.

– Atenção todos os funcionários da Obsidian Corp.: por favor, sigam os procedimentos de evacuação imediatamente. Trouxemos trens a vácuo mais do que suficientes para tirar todos daqui. Se vocês não evacuarem este edifício o mais rápido possível, todos vão morrer. Garantimos isso a vocês. Acreditem em nós, este é um alerta amigável – e, com isso, a voz dele foi sumindo sob o grito das sirenes.

O alerta de Vik deve ter funcionado, pois, quando Wyatt e Tom prosseguiram, eles viram que aqueles corredores normalmente ocupados pelos funcionários da Obsidian Corp. estavam totalmente vazios. Eles não tiveram tempo de investigar mais, pois um enxame de drones saiu do buraco em chamas do edifício. Tom e Wyatt estavam mais lentos do que tinham antecipado, e estavam uma batida cardíaca mais lentos para sacar suas armas do que deveriam estar – mas Yuri e Vik apareceram diante da porta na outra ponta do corredor e explodiram as máquinas com seus lança-foguetes, arremessando-os no ar.

Tom se impulsionou para a frente e caiu com um grande estrondo ao lado deles.

– Pessoal? – ele disse para o espaço invisível.

– Estamos aqui – Vik disse.

Os pés de Wyatt ressoaram ao lado deles.

– Aqui.

– Aqui – Yuri disse.

Eles prosseguiram juntos pelo corredor, por vezes se abrigando longe dos pavimentos, por vezes se lançando ao chão quando os novos pretores se reuniam, retraindo o pescoço para que eles pudessem subir as paredes rastejando. Tom e seus amigos tinham treinado para lutar assim desde os catorze anos de idade, e aquela era a primeira vez que eles puderam usar essa habilidade no mundo real. Na visita a Obsidian Corp., eles não estavam se infiltrando – estavam vindo com força total. Eles atiraram imediatamente nos pretores das paredes.

Mesmo quando um pretor encheu o corredor com gás flúor, eles se sentiram bem – com suas máscaras de gás firmemente em seus lugares. E então alcançaram uma porta de acesso neural, com a intranet da Obsidian Corp. aprimorada e pronta para acesso.

– Não é a mesma da última vez – Vik notou.

– Nós queimamos aquela da última vez – Tom comentou, preparando o seu fio neural. – Desta vez vamos finalizar o serviço.

Yuri acenou com a cabeça.

– É bom estar inteiro.

– E se ele tiver desativado? – Wyatt disse categoricamente. – Ele tem que saber que estamos aqui para acessar o computador central dele.

Tom balançou a cabeça. Vengerov teria teorias sobre o que eles estavam planejando fazer, mas, não, ele não iria desativar, e Tom sabia por quê. Ele não podia contar a ela. Tom era o motivo pelo qual Vengerov deixaria aquilo aberto.

O pensamento o chacoalhou mais do que as ondas de drones automatizados e determinados a matá-lo.

– Vocês me cobrem? – Tom disse com a voz abafada.

– Sempre – Vik disse.

Yuri apertou o ombro dele, e Wyatt afagou sua cabeça.

Tom conteve um sorriso e renovou sua confiança com um último vislumbre de suas formas desaparecendo e erguendo as armas, à espera do ataque. Então, ele se conectou no fio neural e mergulhou no sistema.

A reação foi surpreendentemente imediata. Era como se Tom fosse sugado por um turbilhão, com a mente sacudindo no lugar errado, o lugar aonde ele não queria nunca mais voltar. E então surgiu outra consciência tocando a dele, superando a dele, com uma rapidez que fez Tom ofegar e agarrar-se à parede, sentindo um aperto no estômago de tanto horror com a familiaridade daquilo.

Olá, Vanya.

– Não, não, não – Tom resmungou, tentando sair do sistema.

Fique bem aí.

E seu processador respondeu ao comando como se fosse o seu próprio. Como se fosse mais do que o seu próprio. Seus próprios medos e pavores tinham o reduzido a ouvir essa voz sobre a sua própria, mesmo agora.

O seu truque com o Interstício pode ter afastado a maior parte das minhas máquinas, Vengerov notou, mas eu soube esperar por você no sistema. E cá está você, de volta para mim enfim. Eu sabia que você faria isso.

Tom tentou dizer a si mesmo que Vengerov não estava realmente ali daquela vez, que ele estava distante, que eles estavam meramente conectados pela internet. Mas Vengerov ficou ali à espera dele no sistema, e seu processador neural, tão acostumado a se render à soberania neural de Vengerov, reagiu instantaneamente ao toque de teste de Vengerov e à invasão total de sua consciência.

A outra mente dominava a sua como um punho cerrado, e a mão de Tom instintivamente voou para trás para arrancar o fio neural, ciente de que era um erro, um terrível erro. Mas Vengerov pensou: *Não faça isso*, e Tom não conseguia, ele não conseguia fechar os dedos.

E era como se ele estivesse de volta ali, e sentiu como se estivesse respirando por um canudo, com Vengerov sussurrando em sua mente outra vez.

Quais são os seus planos?

– Não – Tom disse em voz alta, esforçando-se para abrir os olhos, para ver seus amigos. Ele só conseguia distinguir o ruído de disparos, e seus ouvidos, de repente,

pareciam tão distantes dele, reconhecendo os sons de uma luta renovada, com mais máquinas se aproximando.

Não olhe para elas. Elas vão sumir em breve e seremos eu e você outra vez. Exatamente como deveria ser. Exatamente como será novamente.

– Não. Não vai... Eu não vou d-d-deixar... – ele percebeu, horrorizado, que a gagueira estava tomando conta de sua voz. Como Vanya. Exatamente como Vanya, que ainda habitava as extremidades de sua mente.

O que você está pensando em fazer?, os pensamentos de Vengerov proclamaram novamente, subjugando, manipulando sua mente, e Tom se esforçou contra eles, mas Vengerov começou a desvendar os princípios de seu plano.

Os centros que eles iriam destruir.

O arquivo que eles iriam usar para infectar os demais.

O divertimento de Vengerov era como um veneno nocivo. *Vamos ver este arquivo...* A mente dele passou pelos arquivos no processador de Tom, e então ele disse: *Este aqui?*

Era o arquivo de dados que eles tinham escrito para a ocasião. A ideia de Medusa: o aperfeiçoamento ao código legal para instigar aqueles com os processadores da série Austera a causar danos à Obsidian Corp.

Isso não é muito civilizado. Certamente você sabe que meus funcionários humanos são muito irrelevantes. Minhas máquinas poderiam manter todas as nossas operações em funcionamento sem obstáculo. Contudo, seria muito inconveniente. Assim, Vengerov deletou o arquivo do processador de Tom.

– Não! – Tom gritou, esticando-se novamente para pegar o fio neural.

Pare com isso, Vengerov o repreendeu duramente, e sua voz fez Tom se recordar da mão agarrando sua nuca, do nó restritivo de volta no lugar. Seu cérebro se recordava muito bem daquilo, lembrava-se da sensação de total desesperança que acompanhava esse sentimento. Ele não conseguia respirar. Ele jurava que tinha voltado ao claustro de alguma forma e não conseguia respirar.

Tom tentou olhar para trás, para ver seus amigos enquanto eles disparavam contra qualquer coisa que viesse na direção deles, mas Vengerov forçou o fechamento de seus olhos, mantendo-o como refém sozinho, com ele preso em sua mente, ameaçando arrastá-lo de volta àquele terrível tempo.

Você estava planejando implantar isto nos meus centros, não estava? Mas deve haver mais coisas em seu plano do que isso.

E então eles estavam navegando juntos pela internet, a mente de Tom e a vontade de Vengerov unidas novamente. Eles sacudiram a câmera de vigilância do lado de fora dos centros de Vengerov em Amsterdã, onde a primeira das aeronaves controladas por combatentes estava erguendo voo para atacar. Ele sentiu a risada de Vengerov em sua mente enquanto compreendia tudo o que se passava, todo o plano

de Medusa.

Usar combatentes para destruir alguns dos centros que controlavam os processadores da série Austera, instalar malwares nos centros remanescentes e fazer as próprias pessoas de Vengerov com esses processadores infectados se virarem contra ele. Com uma tremulação em seus pensamentos, Vengerov forçou Tom através da internet até sua própria defesa aérea, e juntos eles subiram nas máquinas de Vengerov para defender aquele centro.

Que conveniente, Vengerov pensou para Tom. *Você está simplesmente enviando cada um dos drones fora do meu controle para atacar os meus centros de internet. Isso me poupa a tarefa de ter que rastreá-los.*

– Vá para o inferno! – Tom gritou.

Senti falta disso, Vengerov pensou. *Você é um atalho tão eficiente. Poupamos horas de trabalho em segundos.*

– Eu te odeio – Tom gritou com os punhos cerrados com tanta força que suas mãos palpitavam, fervendo de raiva.

Mas Vengerov forçou a passagem dos dois por meio da rede até o próximo centro, e em seguida a outro. E assim eles prosseguiram, com Vengerov checando quais estavam sob ataque e subindo em suas máquinas para defendê-los, antes de verificar o próximo centro.

Por que os seus amigos não tentaram interromper a conexão? Vengerov se perguntou. *Eles devem saber que há algo errado... a menos que estejam mortos.*

Esse pensamento não ocorrera a Tom. Ele não tinha percebido, com Vengerov preso em sua própria mente, interagindo com o sistema, que Vik, Wyatt e Yuri poderiam ter sido mortos.

Vengerov tentou forçar a abertura dos olhos dele para ver, mas, desta vez, era Tom quem resistia para mantê-los fechados. Foi o primeiro instante em que Tom sentiu Joseph Vengerov em dúvida. O primeiro de todos.

Com um impulso dos pensamentos, Vengerov forçou os olhos de Tom para se abrirem, e então viu com os olhos dele Wyatt arrancando o fio neural da porta de acesso de Tom.

– Acabou? – ela sussurrou para Tom. – Ele te levou para um monte deles?

O quê? Vengerov pensou.

Tom não conseguiu evitar. Não conseguiu. Ele começou a rir, e, com um surto de alegria vingativa, ele disse em voz alta:

– Você quer contar a ele ou acha melhor eu contar?

A outra pessoa conectada a sua mente surgiu, fazendo Vengerov perceber sua presença. A voz do tenente Blackburn repreendeu no ouvido de Tom.

– Realmente, Joseph. Você poderia ter aproveitado este tempo para verificar as suas verdadeiras câmeras de segurança em vez de confiar na percepção sensorial de

uma criança com cujo cérebro eu estou conectado.

Vengerov ficou todo desconfiado e, com um lampejo de pensamento, ele arrastou Tom de volta ao primeiro centro de internet, onde tinha avistado o ataque invasor de Medusa e desativado as máquinas dele em defesa.

Tom não estava com medo nem tentava resistir, pois Blackburn tinha prometido a ele aquele momento, e era tão agradável presenciar a ansiedade de Vengerov, olhando para as câmeras de vigilância externas ao centro de internet de Amsterdã. Através do centro de visão de Tom, Vengerov viu suas aeronaves subirem para travar combate com as de Medusa...

E então Blackburn parou de manipular o centro de visão de Tom, removendo a ilusão das aeronaves em ataque, permitindo a Vengerov uma boa olhada para ver que não havia aeronaves atacando o centro, apenas as aeronaves dele preparadas para defender.

Tom sentiu a mente de Vengerov começar a fazer sentido de tudo, percebendo que o centro de visão de Tom tinha sido iludido para mostrar um ataque em todos os seus centros – e ele tinha acreditado naquilo.

Desta vez, Tom tentou permanecer conectado a Vengerov o máximo de tempo possível, contente por experimentar junto com ele o momento que percebeu ter dispersado a maior parte de seu poder de fogo aéreo em todo mundo para se defender de um ataque ilusório, tudo por causa de uma fraude no centro de visão de Tom. Ele não tinha mais a vantagem da força opressora pronta para implantação instantânea em qualquer lugar do mundo. Suas aeronaves estavam espalhadas, longe da Agulha e da Fortaleza.

Tom conseguiu experimentar com ele a próxima percepção: de que Vengerov havia conduzido Tom de centro em centro de internet, e embora tivesse deletado o vírus chamariz do processador neural de Tom, Wyatt vinha alimentando algo a mais no processador neural dele.

Tom riu alto e não resistiu enquanto Vengerov buscava freneticamente o centro de Amsterdã e localizava a nova parte de *malware* que Wyatt tinha instalado ali.

Os programas foram transmitidos para todos os processadores da série Austeria conectados com aquele centro. Vengerov acessou o arquivo de vídeo de um sorridente Elliot Ramirez, uma mensagem que se adaptava à língua dominante da pessoa que assistia a ela.

Tom tinha visto Elliot gravá-la. Ele sabia o que dizia a mensagem.

– Olá! Talvez você me conheça como Elliot Ramirez, ex-combatente Intrassolar dos Estados Unidos – Elliot acenou solenemente com a cabeça. – Você está provavelmente muito confuso agora se perguntando o que esta mensagem está fazendo em sua mente. É provável que você esteja se perguntando por que você, de repente, tem certeza de que alguém implantou um computador em seu cérebro sem o

seu consentimento. Você não está louco, e todos ao seu redor estão vendo a mesma coisa que você. A verdade é que um computador foi implantado em seu cérebro. Um processador neural.

Eles pensaram que seria uma boa ideia Elliot gravar a mensagem. Ele tinha um rosto familiar para a maioria das pessoas do mundo, em qualquer que fosse o lugar.

– Estou certo de que você tem muitas perguntas a fazer – Elliot disse –, e elas serão respondidas na hora certa, mas, por enquanto, você tem tudo o que precisa. Este computador foi inserido à força em você por Joseph Vengerov da Obsidian Corporation em um esforço para controlar a sua mente, e existem pessoas neste exato momento trabalhando para libertá-lo. A fim de fazer isso, precisamos descobrir uma vulnerabilidade em nosso código do processador para que possamos desativar uma função específica.

Quando Vengerov percebeu a função à qual Elliot estava se referindo, ficou em choque, pois a reconheceu instantaneamente como o código infalível que impedia qualquer um com um processador neural da série Vigilante de destruí-lo.

Aqueles com os processadores da série Austera não conseguiam violar a lei no sentido mais literal da palavra. Isso os impedia de ser algum dia uma ameaça a Vengerov, de algum dia matá-lo. Aqueles com os processadores da série Vigilante não eram uma ameaça por causa de um único segmento do código-fonte.

Nada impedia aqueles com os processadores da série Austera de ajudá-los a desativar aquele segmento de código-fonte. Eles não conseguiam matar Vengerov sozinhos, mas poderiam liberar as pessoas com os processadores da série Vigilante para fazerem isso.

– Se você não pode nos ajudar a encontrar uma vulnerabilidade em nosso código – Elliot prosseguiu –, então nos ajude a espalhar esta mensagem para alguém que possa. Não podemos chegar a todos os centros de internet do mundo, mas você pode transmitir isso para os seus conhecidos. As instruções estão em seu processador. Envie-as para todos que você conhece, principalmente para pessoas em diferentes regiões geográficas. Diga a elas para também encaminharem a mensagem. Somos a maior legião de mentes que este mundo já presenciou. Demos a todas as pessoas conhecimento prático do Zorten II, então, se você puder localizar qualquer vulnerabilidade que nos permitirá modificar uma função infalível em particular, envie-a para nós – você sabe como, está no seu processador – e acabaremos com isso.

Vengerov estava atordoado quando a mensagem de Elliot se desfez. Tom podia sentir isso, podia sentir a mente de Vengerov analisando freneticamente as implicações de tal ato. Se alguém localizasse uma vulnerabilidade no código que permitisse a eles desativarem o código infalível – e com tantas pessoas trabalhando nisso, alguém inevitavelmente localizaria –, então todos que tivesse um processador

neural da série Vigilante seriam uma ameaça a ele.

Ele tinha que matá-los antes.

Ele destruiria a Agulha Pentagonal e a Fortaleza Sun Tzu e o Complexo do Kremlin e os recrutas em Mumbai. E os quatro na Obsidian Corp... Eles devem ter previsto que ele reagiria matando aqueles que tinham os processadores da série Vigilante, e *era por isso* que eles uniram suas forças, para ganhar tempo.

Tom ouviu tudo isso se movendo em sua cabeça, ciente de que era tudo verdade, e então a voz de Blackburn o recordou:

– Tom, onde?

Tom não precisava se perguntar o que estava sendo questionado. Ele se lançou na conexão com a mente de Vengerov antes que o outro homem pudesse reagir, e por um instante teve uma visão do mundo através dos olhos de Vengerov – vendo a aeronave onde ele estava, arrebatando um passageiro vislumbre das estrelas do lado de fora da janela mais próxima.

Por um instante, os três registraram a importância daquilo – Vengerov, ciente de que Blackburn seria o primeiro a receber o contracódigo; Blackburn, orgulhando-se de ver exatamente onde ele encontraria Vengerov assim que tivesse o código; e Tom, ciente de que aquilo estava prestes a terminar de um jeito ou de outro.

Então, Vengerov interrompeu a conexão e Tom se viu no meio da Obsidian Corp. Por um instante, era como se ele tivesse entrado sem querer em um cenário do inferno, com gás venenoso no ar ao redor deles e o alarme ainda soando extremamente alto, as luzes acima chiando onde tinham sido destruídas, o fogo consumindo as paredes e os tiros disparando da arma de Yuri enquanto um pequeno drone arrancava pelo ar turvo. Deslocamentos de gás e fumaça se dissiparam, revelando o brilho de mais pretores e máquinas automatizadas como um bando impiedoso forçando passagem até o corredor, e os escombros de metal estilhaçado dos robôs de segurança destruídos amontoavam-se sobre os assoalhos em curto-circuito.

– Já? – Tom gritou para Blackburn, na esperança de que ele conseguisse ouvir por meio do elo neural. Ele estava certo de que o vislumbre das estrelas e sua posição seriam suficientes para dizer a ele as coordenadas de Vengerov.

– Já. Saia daí agora – Blackburn ordenou.

E, então, o teto explodiu e uma nova onda de drones surgiu aos montes do metal flamejante. Tom usou seu fio neural e disparou no sistema da Obsidian Corp., ordenando os pretores a travarem combate entre eles como seus novos alvos. Então ele e seus amigos correram a toda velocidade em seus exotrajés enquanto as máquinas de Joseph Vengerov destruíam umas às outras.

Yaolan tinha sobrevoado em duas aeronaves russo-chinesas para esperá-los no gelo. Assim que Tom e Wyatt saíram de lá rapidamente, com a aeronave de Vik e

Yuri logo à frente deles, Tom fez um sinal para Vik. *Agora*, ele enviou pela rede.

O Interstício não tinha sido usado apenas como distração. Eles tinham desviado algo muito específico para um dos trens a vácuo: uma bomba de hidrogênio agora abrigada sob a Obsidian Corp. Da outra aeronave de fuga, Vik a detonou.

A explosão nuclear foi tão profunda sob o chão que não chegou nenhum sinal de luz na superfície, apenas as chamas resultantes, que explodiram como uma flor se abrindo em meios às geleiras, e, por um instante, enquanto eles se elevavam no ar, ela se assomou sobre a paisagem fazendo lembrar uma bituca de cigarro acesa. E então a paisagem glacial da Antártida desmoronou ao redor das ruínas da Obsidian Corp., e a Terra engoliu a última parte do complexo em suas ardentes profundezas.

JOSEPH VENEROV ESTAVA EM busca de vingança. A aeronave de Vik e Yuri desapareceu no claro céu da Antártida, mas Tom e Wyatt se viram sitiados por uma chuva de mísseis disparados de distantes porta-aviões controlados por Vengerov.

Tom girou para sair da linha de fogo e deparou com a força gravitacional oprimindo-os. Sobrevoar com um pesado suborbital não era nem de perto tão fácil como usar seu processador neural para guiar um drone.

– Suba – Wyatt o apressou, respirando ofegante, em pânico.

Tom foi em direção do céu. Vengerov tinha mais armamentos na órbita, então ele não ousou sair da atmosfera.

– Eu não vejo Vik e Yuri – Wyatt disse.

Tom tentou não pensar nisso. Talvez, significava que eles estavam fugindo. Com sorte, Vengerov estava concentrando o poder de fogo pessoalmente nele – um dos culpados diretamente responsável por espalhar o Zorten II para todos os processadores da série Austera.

E por falar neles...

Quando o ataque diminuiu, Tom deixou os controles com Wyatt para se comunicar com Blackburn pela rede. *Alguém já respondeu?*

Através de um elo neural, uma imagem piscou em seu centro de visão, e Tom foi dominado pelo temor, vendo as mensagens passarem lentamente vindas de todas as partes do mundo. Bangladesh, Japão, Brasil, Tennessee, Sudão...

– Alguns afirmam que não apenas encontraram faixas do ataque do dia zero, mas ofereceram soluções para desativar o código infalível. Estou testando o código em um processador virtual – a voz de Blackburn disse em seu ouvido. – Se algum deles dará resultado, isso só saberemos depois. Onde você está?

Tom se debruçou para espiar pela janela a paisagem lá embaixo enquanto eles se deslocavam pela alta atmosfera, bem onde o céu estava começando a empalidecer do azul mais profundo até o preto mais escuro.

– Não tente voltar aqui – Blackburn o alertou. – Ele está concentrando o ataque dele na Agulha e na Fortaleza.

Ele enviou uma imagem para o centro de visão de Tom, dos drones mecanizados controlados por Vengerov convergindo para fora da Agulha. Os drones controlados pelo código de Blackburn ao longo dos anos estavam todos ativos agora, os comandos dos ComCams e dos cadetes Intrassolares no décimo quarto andar, todos saindo apressadamente para travar combate.

Por um instante, Tom observou a troca de fogo começar bem acima da Agulha Pentagonal, o coração do exército dos Estados Unidos, e viu que era uma competição acirrada. Se eles não tivessem dispersado as forças de Vengerov com a ilusão sobre os centros de internet, teriam sido atacados com poder de fogo esmagador. Não teriam nenhuma chance.

Pelo menos agora, as chances eram iguais.

E Tom e Wyatt não teriam chances naquela aeronave desarmada.

– Então nos escondemos? – Tom perguntou.

– Escondam-se – Blackburn concordou. – E... é isso aí.

Tom estava concentrado em seu interior, vendo Blackburn testar o contracódigo outra vez, ouvindo sua risada perversa, triunfante quando o código transmitido por alguém na Argentina neutralizou o algoritmo de autopreservação de Vengerov.

– É isso? – Tom respirou.

– Sim. Receba este presente.

E então o código fluiu diretamente para o processador de Tom, que foi dominado de forma estonteante pela percepção de que Joseph Vengerov estava em pé bem à sua frente. Tom poderia atirar na cabeça dele, sem algoritmo para contê-lo.

– Divida isso com todo mundo se for o caso.

– Caso de quê?

– Você sabe de quê – Blackburn disse. – Não posso enviar um drone. Este é um código infalível completamente diferente. Tem que ser feito manualmente.

Tom sabia que Blackburn tinha uma aeronave pronta especificamente para essa ocasião, preparada para escapar enquanto as outras aeronaves estavam ocupadas em batalha – e para pôr em teste a teoria de que ele próprio poderia matar Vengerov. Mas talvez não conseguisse. Ele poderia falhar.

– Certifique-se de que não seja o caso – Tom disse a ele.

Então a conexão neural entre eles se desfez – antes de Tom conseguir desejar boa sorte a Blackburn. Ele olhou para Wyatt, vendo seu perfil preocupado e aflito, e com alguns toques em seu teclado do antebraço, ele compartilhou o código com ela.

Eles começaram a descida por meio de uma camada de nuvens.

– Acho que os perdemos – Wyatt comentou. Ela ficou em silêncio por um longo instante, antes de dizer: – O tenente Blackburn está indo sozinho, não está? Para matar Vengerov, quero dizer.

Tom pensou naquela aeronave à espera, pronta, na Agulha Pentagonal. Nos mísseis que eles tinham carregado no dia anterior.

– Sim, está. Ele está metido nisso desde antes de nascermos, Wyatt.

– É triste.

– O quê, Vengerov morrer? – Tom disse rudemente. – Ele merece coisa muito pior do que alguns mísseis.

– Quero dizer, não ter mais nada. Só viver para garantir que alguém vai morrer. Todos estes anos e nunca encontrar alguém que fizesse tudo isto valer a pena – ela inclinou a cabeça contra a janela. – É triste.

Não havia nada que Tom pudesse realmente dizer sobre isso.

– Pelo menos conseguimos...

Mas Wyatt viu algo em seu monitor que a fez endireitar o corpo no assento.

– MÍSSIL!

E o mundo explodiu.

O ar se tornou uma chapa de concreto o esmagando contra o assento, e seus próprios gritos se perderam sob o estrondo do motor agonizante, sob o som agudo do metal estilhaçando, do ar rugindo ao redor deles. Seu estômago estava quase na garganta, e Tom forçou para abrir os olhos contra o violento vento para ver as chamas sobre eles e o grande e irregular corte feito no teto sobre suas cabeças, com o céu girando em um círculo vertiginoso e um centurião controlado por Vengerov rodopiando e prestes a disparar neles novamente.

Ele sentiu a mão de Wyatt apertada na sua, e seus olhos correram para encontrar os dela no instante ofuscante em que a floresta tropical abaixo se tornou um borrão verde girando na direção deles.

Com um esforço sobre-humano só tornado possível pelo exotraje que ainda vestia, Tom forçou-se para erguer o braço, conectar um fio neural de volta na abertura, coagir sua consciência a entrar no sistema agonizante da aeronave e disparar seus propulsores, combatendo para diminuir a velocidade deles, lutando pela última chance...

E então ouviu a rajada ensurdecadora estrondando em seus tímpanos, o impacto abrupto, sua cabeça voando no console diante dele...

– TOM. TOM! TOM! TOM! RAINES! ACORDE!

Ele estava sendo asfixiado. Sufocado. Tom quase vomitou a água de seus pulmões, tossindo, sentindo a garganta revirando.

– Tom. Tom, Tom, abra os olhos.

Ele se forçou a abrir os olhos ardentes, de visão borrada, e viu o sangue que estava escorrendo de sua boca.

– Tom, concentre-se. Você precisa sair daí.

Ele olhou ao redor e viu Blackburn inclinando-se para enxergá-lo através dos destroços retorcidos. A cabeça dele parecia que estava sendo aberta ao meio, e a luz perfurava seus olhos.

– Ouça – Blackburn soou preocupado. – Estique-se e verifique Wyatt.

A cabeça de Tom parecia pesar uma tonelada. Ele se encolheu, sentindo a dor percorrer o seu pescoço enquanto olhava onde ela estava, e sentiu-se em pânico ao ver Wyatt, curvada em seu assento, com o cabelo escuro para baixo diante de seu

corpo inerte.

– Wy... – ele sentiu falta de ar ao tentar proferir o nome, e uma terrível e torturante tosse o acometeu outra vez.

– O pulso dela. Verifique o pulso dela, Tom. Está viva?

Ao erguer seu braço machucado, sentiu que as costelas estavam o apunhalando. Lágrimas de dor borraram sua visão, mas seus dedos cibernéticos não estavam sensíveis o suficiente para detectar a pulsação.

– Ah, não, ah, não, por favor...

– Rápido. Cerre o punho e esfregue as suas articulações sobre a clavícula dela – Blackburn ordenou.

Tom fez o que ele pediu, e Wyatt soltou um gemido de dor, mas não abriu os olhos. Tom sorriu e sentiu dor.

– Ela está viva! Está viva!

– Ouça. Você precisa sair daí. Esse exotraje está eletrocutado. Desconecte-se dele.

Quando Tom pensou sobre isso, o exotraje parecia estar o arrastando, resistindo a ele enquanto se mexia. Com os braços trêmulos, ele se desligou de sua porta de acesso neural. O traje estalou, mas finalmente se expandiu.

Não totalmente, só o suficiente para ele se retorcer dolorosamente para se desvencilhar dos lugares onde o traje prendia suas articulações. Sair do traje era outro caso. Até erguer a perna direita enviava ondas de dor por todo seu corpo.

Tom gritou, e em resposta Blackburn enviou alguns códigos para ele. Os códigos piscaram em seu centro de visão, e o pior da agonia regrediu, embora cada movimento parecesse afiar lâminas em sua coxa.

Ele lutou para se concentrar no que Blackburn dizia.

– Tire o exotraje dela também. Ela ficará muito pesada para ser carregada com o traje.

– Carregada?

– Você consegue. Você *tem* que conseguir.

Tom sentiu as mãos bambas, mas ele retirou Wyatt. Ela gemeu de dor a cada movimento e ele ficou horrorizado por machucá-la, mas Blackburn o repreendeu para apressá-lo, para se esquecer de ser delicado.

– Ela vai se machucar bem mais se você não tirá-la daí!

Quando Tom a libertou, a exaustão fez seus membros tremerem. Ele queria dormir. Ele se admirou delirantemente com o modo como Blackburn os olhava fixamente.

– Você já pode vir me ajudar? – Tom perguntou a ele. – Não estou muito bem.

Fez-se um silêncio por um longo instante. E então:

– Não, não está. É nítido, mas você tem que fazer isso sozinho. E logo, antes que

o fogo se espalhe até o combustível da aeronave.

Fogo. Fogo? Ele sentiu o cheiro. Combustível. Metal em chamas. Denso no ar.

– Fogo! Tem um incêndio!

– Concentre-se em Wyatt. Você pode fazer isso. Você pode salvá-la.

As mãos de Tom ficaram frias, mas seus dedos mecanizados movimentaram-se com a facilidade que o resto de seu corpo não conseguia, soltando-a do cinto de segurança. A cabeça dela estava preocupantemente mole, e Tom lembrou-se vagamente.

– Não consigo movê-la. E se eu quebrar o pescoço dela?

– Se ela ficar, morrerá do mesmo jeito. Você tem que arriscar.

Tom a ergueu com dificuldade e tirou o exotraje dela, tentando minimizar os gemidos de dor, e chutou a porta até sentir a perna como chumbo, derrubando-a.

Ele hesitou somente por um instante, vendo que eles ainda estavam a três metros do chão, e sua aeronave presa na copa dos galhos de uma árvore. Ele a envolveu firmemente com os braços e se atirou para baixo, rolando ao alcançar o macio chão cheio de musgos da floresta. Os topos das árvores assomaram-se sobre suas cabeças, o ar estava denso e úmido, os insetos agitados ao redor deles e a flora se enroscando em suas pernas.

Através do azul gritante do céu, espiando por entre as árvores, Tom avistou o drone da classe centurião que tinha os derrubado, circulando no céu como um urubu. Ele sentiu um frio na barriga, vendo-o rodopiar, tentando localizar novamente a posição deles, tentando acabar com eles. E ele não tinha nenhuma arma. Sem arma, sem aeronave e até sem exotraje.

– Levante-se – Blackburn disse. – Você precisa se deslocar para uma distância segura.

– Onde está a sua aeronave? – Tom perguntou a Blackburn, com a cabeça martelando e a voz grossa e ininteligível. – Podemos sair daqui em sua aeronave? Você a pousou muito longe? Aliás, por que você não está matando Vengerov neste exato momento?

Blackburn saltou ao lado deles, gesticulando para Tom se levantar, para pegá-la.

– Eu fui atingido ao sair da Agulha. Quando tentei disparar alguns mísseis, meu lançador não funcionou. Eu não consegui acabar com ele.

– Espere, você está me dizendo que realmente chegou perto suficiente de matar Vengerov, mas não conseguiu fazer isso?

– Eu estava tão perto da aeronave dele que podia enxergá-lo pela janela – Blackburn disse de maneira vazia.

– E foi aí que você descobriu que não tinha nenhuma arma? – apesar de tudo, ele sentiu uma absurda vontade de rir. Era como se Vengerov tivesse armado o próprio destino a seu favor.

– Eu só tinha a aeronave – Blackburn explicou com a voz tensa. – Depois vi você colidir. Não havia ninguém perto o bastante para chegar aqui a tempo. Só eu.

Então ele tinha abortado a missão de matar Vengerov para ajudá-los.

– Você vai pegá-lo mais tarde. Sei que vai. Com uma aeronave melhor. Com um lançador de mísseis melhor. O mundo todo vai ajudar na próxima vez.

– Levante-se e mexa-se, Tom.

Tom ergueu Wyatt sobre o ombro e imediatamente sentiu necessidade de colocá-la de volta no chão, mas Blackburn o repreendeu quando ele estava prestes a fazer isso.

– A ajuda virá. Agora, você precisa se deslocar para uma distância segura. Mexa-se!

Tom sentiu uma enorme frustração por dentro. Ele estava sofrendo, estava tão cansado, só queria se sentar, e não havia de fato uma distância segura. Ele conseguia ouvir o ronco do centurião se preparando, se aproximando. Se ele localizasse os destroços, se encontrasse as marcas de calor, não haveria distância segura. Aquelas armas os matariam facilmente.

Mas Blackburn continuou encorajando-o a seguir em frente, em frente, até finalmente a força de Tom ceder, e ele se curvou contra a casca úmida e cheia de musgos de uma árvore, sentindo como se fosse se desintegrar. Wyatt acomodou-se atrás dele com um gemido de dor, e ele a segurou mais perto de seu corpo, assustado porque ela não acordava.

– Eu não consigo carregá-la mais do que isso – ele disse a Blackburn, com lágrimas de exaustão em seus olhos. – Temos que parar aqui.

– Aqui é longe o suficiente – Blackburn se ajoelhou diante dele. – Faça exatamente o que eu disser. Concentre-se em mim – ele apontou dois dedos na direção dos olhos.

Mas Tom não conseguia. O ronco do centurião tinha aumentado e ficado ensurdecedor, com seus motores fazendo as folhas sacudirem das árvores suspensas. Uma sombra bloqueou o sol enquanto seus círculos se estreitavam ao passar por ele, e as armas brilhando ao atacarem e descerem ao alcance do fogo.

– Lamento muito por você não ter conseguido a sua vingança – Tom disse. Era horrível morrer sabendo que Vengerov não iria junto com eles.

– Tom, ouça: você tem que permanecer acordado até alguém encontrar vocês. Você precisa amarrar a sua perna e se certificar de que nenhum de vocês sangrará até a morte antes da ajuda chegar.

Tom estava confuso, exausto. Ele não sabia de que adiantava permanecer acordado. Eles não teriam tempo de sangrar até a morte. Estavam prestes a morrer, com aquela aeronave acima erguendo suas armas e o ronco do motor repartindo o ar.

– Jure que você permanecerá acordado. Você tem que fazer isso.

– Eu juro, está bem? Eu juro! – e Tom forçou-se para fechar os olhos, sentindo o corpo como um nó de tensão nos momentos que antecederiam os disparos das armas.

Lábios tocaram sua testa.

– Obrigado.

Um grande rugido preencheu o ar, e os olhos de Tom se abriram a tempo de ver outra aeronave romper as nuvens acima, com o fogo chamejando em suas blindagens contra aquecimento enquanto ela caía como uma estrela cadente. Rápida como um raio, ela atacou o centurião. As duas aeronaves surgiram em uma grande cortina de chamas e caíram no chão, e a explosão fez as orelhas de Tom pulsarem quando ele se lançou sobre Wyatt instintivamente. Quando ergueu a cabeça, viu as árvores distantes consumidas pelo fogo intenso, fragmentos de metal em chamas caindo do céu como chuva.

E então até isso ficou em silêncio, o pio e o zunido dos insetos aumentaram e Tom se pôs de pé, cheio de adrenalina, com o coração acelerado no peito e o cérebro tentando compreender o que ele tinha visto. Eles estavam vivos. Estavam salvos.

Ele riu delirantemente, chocado por tudo que viu, e o céu sobre eles ficou brilhante e límpido, livre de perigo.

– Oh, meu Deus. Você viu aquilo? – ele perguntou a Blackburn. – O centurião iria disparar e a outra aeronave veio e... cabum! Você viu... – ele olhou na direção em que Blackburn estava até então.

Mas Blackburn não estava mais ali.

Tom virou-se, olhando entre as árvores, examinando o chão da selva – a flora agitada apenas por seus próprios passos.

E então ele começou a compreender.

Blackburn tinha uma única arma em seu arsenal: sua aeronave.

O ar ficou denso com o fedor do metal em chamas, as árvores pararam de agitar próximo ao local da colisão. Ninguém poderia ter sobrevivido se ejetando da aeronave. Não naquela velocidade. Tom sentiu um nó na garganta, teve uma sensação de perda se abrindo como um abismo dentro dele.

Pela primeira vez em dois anos, ele estava inteiramente sozinho em sua própria cabeça.

ASSIM COMO OS MEGALOMANÍACOS que atacaram o mundo antes dele, Vengerov provou ser um covarde no final das contas. Quando os cadetes Intrassolares de ambos os lados derrotaram suas forças e o código para desativar seu código infalível infiltrou-se em todos os processadores, ele desapareceu.

Para onde, ninguém sabia. A tentativa de matá-lo tinha sido de Blackburn, que partira cedo para atacar a aeronave de Vengerov no espaço. Tom imaginava às vezes o que poderia ter acontecido se, por algum acaso do destino, o seu lançador de míssil não tivesse sido eletrocutado. Blackburn poderia ter destruído a aeronave de Vengerov e depois se virado abruptamente e explodido o drone prestes a matar Tom e Wyatt. Mas isso não tinha acontecido. No final, Blackburn teve uma única aeronave à sua disposição e um alvo que poderia destruir. Então ele escolhera passar a vida não se aproveitando da destruição de Vengerov, mas sim de salvar duas crianças que tinham sido derrubadas na Amazônia.

Tom olhou fixamente para as árvores em chamas, ciente do que tinha sido sacrificado. Não era vida. De um jeito ou de outro, Blackburn teria proporcionado aquilo, seja atacando a aeronave de Vengerov ou avançando contra o drone que os atacava. Ele tinha sacrificado algo muito maior: a vendeta que tinha dado sentido à sua existência. Tom sentiu muita tristeza no coração, e ele sabia que tinha feito uma promessa e que precisava cumpri-la, sua última promessa para Blackburn. Ele a cumpriu. Amarrou os piores dos ferimentos de Wyatt e os seus próprios. Ele permaneceu acordado, e, quando a aeronave de Vik e Yuri circulou sobre sua posição, ele estava alerta o suficiente para responder à mensagem enviada pela rede, direcionando-os para sua posição. Ele ainda estava consciente quando Wyatt se mexeu no suborbital e acordou vendo Yuri a segurando, com a expressão preocupada.

– Nós caímos? – ela murmurou.

– Vocês foram derrubados – Yuri disse. – Mas voltamos para ajudá-los.

Ela sorriu cansada.

– Eu sabia que você viria. Eu te amo.

Tom viu o rosto de Yuri se transformar com surpreso encanto, e, embora estivesse com o coração aflito e com dores por todo o corpo, ele conseguiu fechar os olhos sabendo que algumas coisas estavam certas com o mundo.

Ele passou três semanas doente na enfermaria da Agulha Pentagonal, e Wyatt bem mais tempo. O mundo se transformou.

Com a guerra silenciosa que Vengerov tinha travado abertamente contra o resto da humanidade e os processadores neurais sendo do conhecimento de todos, alguns segredos começaram a vazar no domínio público. Todos descobriram o modo como os combatentes de ambos os lados se uniram para destruir a frota de máquinas automatizadas de Vengerov. Todos descobriram os detalhes particulares dos computadores que tinham sido infiltrados em suas cabeças.

Quando Tom saiu da enfermaria, a reação do mundo todo estava no auge, caindo como um tsunami sobre a antiga elite. Ele viu evidência disso em primeira mão quando fez algo que receava e retornou a Manhattan.

Todos os guardas de segurança que antes protegiam os prédios residenciais mais caros tinham abandonado seus postos. As janelas estavam estilhaçadas, olhos temerosos espiavam para fora, procurando multidões irrequietas e vândalos.

Toda a hostilidade reprimida em direção ao restante da classe dominadora veio à tona e consumiu o mundo. As pessoas começaram a compilar bancos de dados de informações, listas de nomes, rostos e os crimes e delitos relacionados a eles. Elas enviavam umas para as outras, traduziam em todos os idiomas, não censuradas por nenhum governo.

Graças aos processadores neurais, os predadores do velho mundo tinham se tornado vítimas. Os executivos da Coalizão eram reconhecidos imediatamente em todos os lugares que frequentavam, até mesmo os homens que tinham pago um bom dinheiro para ter privacidade ao longo dos anos, que tinham mexido seus pauzinhos nos bastidores.

Ninguém venderia nada; o dinheiro deles não valia nada. Ninguém protegeria suas casas. As pessoas boicotavam o auxílio, o conforto e a assistência a eles que vinha de toda uma sociedade de seres humanos. Tom ouviu histórias de paramédicos deixando-os nas ruas sangrando e de mecânicos sabotando seus carros, bombeiros deixando seus prédios pegarem fogo.

Eles estavam exilados em meio à sociedade que tinham tentado dominar.

Quando Tom entrou no apartamento de sua mãe, reparou que não havia energia elétrica; alguém deve ter visto que aquela era uma residência de Dalton Prestwick, o CEO da Dominion Agra, culpado de auxiliar e encorajar a divulgação das nanomáquinas. Era provável que todo eletricista que ele chamasse se recusasse a ir até o apartamento e restaurá-lo. Talvez alguém tenha interrompido os serviços do lugar deliberadamente.

A mãe de Tom estava sentada no escuro, olhando em direção à janela. Bem abaixo dela, a rua movia-se lentamente com carros, seres humanos, um mundo que tinha continuado, um que prosseguia marchando adiante.

– Mãe.

Ela olhou de volta para ele, com desolação nos olhos, sem ânimo algum com

exceção do processador neural que regulava os processos químicos dentro do cérebro dela.

– Olá – a máquina na cabeça dela disse para ele, em perfeita dicção. – Thomas. Meu filho. Por que você está aqui?

Tom respirou de forma trêmula, buscando nela algum sinal da mulher de suas memórias. Eles estavam tão distantes para ele, aquela linda, sorridente menina que tinha se tornado mãe muito nova, que tivera tão pouco tempo para cuidar de si.

– Estou aqui para libertá-la.

Ela observou sem interesse enquanto ele puxou o fio neural e depois pôs de lado o cabelo loiro da mãe para apertá-lo na porta de acesso neural do cérebro dela. Depois ele juntou a outra ponta à sua própria porta.

Os olhos azuis dela permaneceram fixos nos dele, piscando a cada quinze segundos, enquanto Tom interagia com o processador dela, conectando-se com a mente dele, em busca de algo humano ali. Mas nenhuma emoção foi registrada. Nenhuma reação. Tom sentiu uma grande pontada de arrependimento e, com uma tremulação nos pensamentos, desligou o processador dela.

Ele a segurou antes que caísse, e, por algumas poucas batidas cardíacas, ela ficou sem computador funcionando em sua cabeça, permanecendo apenas o que tinha sobrado de sua mãe ali, os olhos anuviados, olhando fixamente para os dele enquanto ele cuidadosamente a colocava de volta em sua cadeira.

– Eu te amava, eu me lembro – Tom disse a ela, pensando naquela menina outra vez. – Acho que você me amava. Me desculpe por não ter percebido antes. E me desculpe por não ter feito isso antes. Eu tinha medo.

Por mais um instante, ela o contemplou, antes de seus olhos ficarem sombrios, sua respiração hesitante, e seja lá qual força animadora aquele computador tinha forçado a entrada em seu tecido neural, ela finalmente soltava sua última força sobre uma pessoa que tinha sido destruída há muito antes.

Ele a deitou com cuidado e fechou os olhos dela.

Uma voz o alcançou das profundezas do apartamento.

– O que você fez?

Tom não se virou para olhar para Dalton.

– O que eu deveria ter feito há muito tempo. Ela foi uma pessoa um dia. Ela não é sua.

Ele se virou e observou Dalton se curvar no chão, com os olhos marejados de lágrimas.

– Mas eu a amava. Nunca amei ninguém a não ser ela.

Tom olhou fixamente para ele, pensando no que Dalton tinha amado. Uma mulher que dizia o que ele tinha a programado para dizer, que fazia qualquer coisa que ele a programasse para fazer. Não era amor, não mesmo. Era a mesma forma que

Vengerov tinha considerado sua criação, Vanya. Era uma sensação de posse. Era narcisismo.

Mas Tom sentiu um curioso vazio no lugar um dia ocupado pelo ódio a Dalton.

– Eu sei que você pensa assim.

Dalton coçou a testa.

– Não sei o que fazer sem ela. Não tenho para onde ir. Minha esposa foi embora com as crianças porque os manifestantes não nos deixavam em paz... As pessoas não me ofereciam a menor cortesia nas ruas. Eu recebi meu processador neural antes de qualquer uma delas. Não tive escolha!

– Que choque grande para você, não foi? – Tom disse friamente. – Você foi uma marionete totalmente descartável para Joseph Vengerov assim como o restante de nós.

– As pessoas me iam na rua. Outro dia alguém atirou uma garrafa na minha cabeça. Havia policiais ali, parados, fingindo que não tinham visto nada! Fui para o hospital, mas ninguém queria me atender! Médicos e enfermeiras passavam andando por mim como se eu fosse invisível. Tentei contratar seguranças, mas eles me cobraram tudo o que eu tinha e depois desapareceram, e, toda vez que tento ligar para o meu advogado, a recepcionista dele derruba minhas ligações... Tom, você não é cruel. O público vê você e os seus amigos como heróis... Por favor, Tom, eu cuidei de sua mãe. Eu a amei. Independentemente do que você pensa de mim, deve haver algo que eu possa fazer, algum lugar aonde eu possa ir.

Tom refletiu um pouco por ele.

– Sei de um lugar aonde você pode ir.

Dalton o seguiu após sair do apartamento, sorrindo de gratidão, tentando descobrir o que Tom tinha em mente. Tom chamou um táxi para os dois. Dalton escondeu o rosto para que o taxista não o reconhecesse. Ele parou de agradecer quando o táxi chegou no endereço que Tom havia fornecido ao motorista – o de uma delegacia.

– O que é isso?

– Você quer um lugar para ir – Tom disse. – Este é um lugar para você ir.

Dalton arregalou os olhos para ele. Ele tinha obviamente esperado que o garoto o levasse em um avião ou fizesse algo para levá-lo escondido para fora do país.

– Entregue-se à polícia – Tom disse. – Confesse tudo o que você fez na Dominion Agra. Comece pelas nanomáquinas, talvez pelo modo como ajudou a explorar as pessoas com menos poder do que você e entre nos detalhes sobre toda a propina e corrupção dos oficiais públicos. Conte tudo isso a eles.

– Eu não vou para a cadeia!

– Dalton – Tom disse, inclinando-se para a frente –, para qualquer lugar aonde você for, as pessoas vão te reconhecer. Algumas vão abusar de você, e a maioria permitirá isso. Ninguém vai ajudá-lo. Este não é mais o seu mundo.

– Eu sei o que elas querem – Dalton disse histericamente. – Aquelas pessoas lá fora querem roubar tudo o que tenho! Elas estão com inveja porque fui bem-sucedido e elas não foram!

– Não – Tom disse categoricamente. – Elas não estão com inveja. Nunca estiveram. A maioria daquelas pessoas não se importa com a sua riqueza e não quer a roubar de você. Se você tivesse conquistado essa riqueza com alguma ideia nova ou com trabalho árduo, e não por meio de trapaça, propina e sugando pessoas poderosas, elas iriam, na verdade, admirá-lo pelo seu sucesso. Tudo o que elas querem é o que sempre quiseram, o que lhes foi negado durante toda a vida: justiça.

– Não é simples assim.

– Sim, é sim. Elas querem que você enfrente as mesmas consequências por suas ações que elas enfrentaram pelas ações delas. Se você se entregar, será julgado e provavelmente passará um tempo na prisão, mas quer saber? As pessoas vão ficar satisfeitas. Você pode até conseguir sair ileso e viver em sociedade novamente – Tom encolheu os ombros. – Ou poderá sair andando e se arriscar nas ruas, mas você enfrentará a justiça de uma forma ou de outra. É realmente escolha sua se vai concordar em cumprir as mesmas regras que nós ou se vai deparar com uma multidão irada em algum lugar.

– Mas... mas... – Dalton bravejou.

– Fim de papo – Tom disse. – Saia do carro ou vou contar ao taxista quem você é. O que você fizer a partir de agora não é problema meu.

E quando Dalton pôs o pé para fora, Tom puxou a porta com tudo e o deixou seguir seu destino. Não era problema dele o que aconteceria com Dalton Prestwick.

Tom sabia que aquela era a última vez que ele o veria.

O EXÉRCITO FICOU CHOCADO quando descobriu que Tom estava vivo desde o seu desaparecimento durante as férias de Natal, um ano e meio antes.

As audiências públicas estavam começando, a tentativa de o mundo compreender o que tinha acontecido com Joseph Vengerov, as nanomáquinas, a Agulha Pentagonal. Os investigadores ouviram o suficiente dos amigos de Tom para saber que ele estava relacionado de alguma forma às ações de Joseph Vengerov, então ele se viu no centro de um furacão ao qual não estava preparado. Ele não podia falar sobre isso, explicar o que acontecera e certamente não conseguiria suportar expor todas suas memórias com um dispositivo de varredura.

Ele não foi oficialmente preso, mas Tom não encontrou um termo melhor para definir o que teve que passar. Os primeiros soldados que vieram para interrogá-lo ficaram frustrados. Os próximos o ameaçaram. Tom caiu no silêncio que primeiramente foi teimoso e inflexível, e de repente um silêncio que ele não podia quebrar mesmo que tentasse enquanto sua sensação de confinamento começava.

Por um breve instante, a sensação de total desprendimento do mundo voltou a

ameaçar Tom. O tempo começou a se estender sem fim, os dias perderam toda a coerência, todo o sentido. Desta vez, seu pai não veio, nem Blackburn. Pois Blackburn estava morto. Só de pensar nisso Tom estremeceu.

Mas então um dia a porta de sua cela abriu e quem a adentrou foi Olívia Ossare.

– Tom, eu recebi a designação como sua assistente social – a voz dela flutuou até ele.

Ele olhou fixamente para ela sem dizer nada, conhecendo-a.

– Fiquei tão contente de saber que você está bem – ela disse baixinho. – Você se importa de conversar comigo?

Ele ainda não conseguia dizer uma palavra.

Ela sorriu.

– Está bem. Vamos apenas nos sentar aqui.

Foram necessárias várias visitas até que Tom ficasse bom da cabeça novamente, até se sentir humano o suficiente para realmente dar voz às perguntas que o importunavam.

– Estou encrencado?

– Acho que há perguntas que você precisará responder. Mas mais tarde.

– Meus amigos estão bem?

– Eles estão bem. Estão muito ocupados – Olívia disse calmamente. – Tem ocorrido um turbilhão de audiências.

– Eu vou ter que fazer isso?

– Só quando você estiver se sentindo melhor.

Mas ele começou a se sentir melhor rapidamente, pois os interrogadores não voltaram e Olívia pediu a permissão dele para compartilhar informações seletivamente, assim eles não teriam que passar por aquilo. Tom concordou. Ele poderia falar com ela. E continuou a falar com ela.

Alguns meses depois, ele acabou mesmo testemunhando diante do congresso interino, repleto de representantes públicos novos em folha que o seu processador neural não conseguiu identificar. Eram todos suplentes; as pessoas que antigamente ocupavam seus assentos estavam apodrecendo na prisão. Ele não foi perguntado sobre seu tempo com Vengerov. De alguma forma, Olívia Ossare e o general Marsh tinham conseguido classificar isso como histórico médico confidencial, extraoficial. Em vez disso, ele foi testemunha para depor contra Joseph Vengerov.

Tom poderia fazer isso.

Todos os seus amigos estavam esperando ele terminar e o cercaram como uma falange ao saírem do Capitólio juntos. Câmeras piscaram na direção deles. Por um instante, Tom sentiu-se completamente estupefato, movendo-se na direção do ruído da multidão, e a exposição parecia pressioná-lo de todos os lados, as pessoas o chamando pelo nome, gritando perguntas – e então ele avistou um volume familiar

de cabelo laranja na multidão e parou com um solavanco.

E Vik também. Ele soltou uma risada bem alta.

– Beamer? – Vik gritou. – Stephen Beamer!

– Ei! – Beamer gritou de volta, acenando com os braços.

Tom se esqueceu de todo seu desconforto, dominado pela surpresa e alegria. Ele e Vik correram até o velho amigo do ano calouro.

Beamer não se lembrava muito de sua época na Agulha Pentagonal, pois a maioria de suas memórias daquele tempo tinha sido removida de seu processador da série Vigilante. Mas ele conhecia os rostos dos amigos, mesmo que não se recordasse dos nomes. Beamer tinha deixado a Agulha Pentagonal bem no início em parte porque não gostava da ideia de um computador em sua cabeça e em parte porque sentia falta da namorada.

Mas ele acabou com um computador na cabeça de qualquer jeito.

– E minha namorada terminou comigo duas semanas depois que cheguei em casa – Beamer admitiu mais tarde, quando eles estavam sentados em um restaurante, pondo os assuntos em dia.

Ninguém se manifestou por um longo instante, sem saber como reagir. Só os lábios de Vik que entortaram. Então Beamer começou a rir e tudo ficou bem. Eles caíram na risada até formarem lágrimas nos olhos.

Mais tarde, quando Beamer e sua nova namorada foram embora, os quatro continuaram no restaurante. Não havia mais toque de recolher agora que o programa de combatente Intrassolar estava sendo desativado, e a Agulha era quase uma cidade fantasma enquanto o novo governo debatia como usar os recursos previamente dedicados aos esforços de guerra. Tom olhou ao redor e viu que eles estavam sozinhos, e então admitiu algo a seus amigos.

– Então, eu estou fazendo... – ele sentiu as bochechas corarem, mas achou que eles deveriam saber. – Estou fazendo terapia. O exército está me forçando a fazer terapia cinco vezes por semana. Aparentemente, se eu não fizer, não recebo meu salário destes últimos anos por, ahn, violação de contrato ou algo do tipo.

O silêncio se fez entre eles. Tom olhou de rosto em rosto, sentindo-se sem jeito. Então:

– Espere – disse Vik –, nós não deveríamos saber disso?

Tom lançou um olhar confuso para ele.

– Vocês já sabiam?

– Thomas, você ficou aprisionado por mais de um ano – Yuri ressaltou. – Era esperado que você enfrentasse avaliações mais extensivas do que a maioria das pessoas.

– Sim – Wyatt falou alto. – O que você acha que eu andei fazendo desde que parei de conversar por três meses? É o procedimento padrão.

– Mas nós estávamos designados a ver Olívia logo após o acidente de Yuri – Tom ressaltou. – Depois acabava.

– Para você, não para mim – Wyatt exclamou. – Eu nunca recebi ordens para parar a terapia.

– Então não é apenas comigo – Tom disse admiradamente.

– Só com você? – Vik riu. – Por favor, não se esqueça do cara de pele parda que detonou uma arma nuclear debaixo da Obsidian Corp. – ele bateu um dedo no próprio peito. – Tem pessoas muito nervosas comigo que querem ter certeza absoluta de que sou completamente são.

Todos olharam para Yuri.

Ele piscou e depois sorriu.

– Eu recebi uma avaliação preliminar, junto com os demais.

Ele diplomaticamente omitiu sua verdadeira resposta: obviamente fora considerado o mais são de todos e não precisou passar pela terapia obrigatória.

– Então estamos todos loucos, com exceção de Yuri – Tom concluiu.

– Basicamente – Wyatt concordou.

Yuri repousou uma mão no ombro.

– E se você pensar nisso, Thomas, é como sempre foi.

E era. Tom começou a rir, tirando um grande peso das costas. Naquele momento, rodeado por seus amigos, com as audiências do Senado para trás e o futuro escancarado à sua frente, de repente ele percebeu que as coisas ficariam bem.

NOS MESES QUE SEGUIRAM, o mundo mudou ainda mais à medida que as pessoas começaram a tentar programar seus processadores neurais. A autoprogramação não era mais ilegal, e na verdade a habilidade de codificar e manipular o processador neural de alguém se tornou uma exigência do software nas máquinas. Todos aprenderam com um download como se autoprogramar.

O conhecimento começou a se disseminar em todas as partes. Não era como os downloads que Tom e seus amigos tinham recebido todos os dias na Agulha, pois esses eram opcionais, estavam todos nos bancos de dados públicos para as pessoas que tinham interesse em aprender novos idiomas, novas habilidades. O resultado foi incrível. As pessoas que nunca tinham aprendido a ler, que nunca tinham sido instruídas, conseguiam compensar os anos de ausência escolar com alguns poucos downloads.

Novos progressos vieram. Algumas invenções eram coisas secundárias, como atualizações aos processadores neurais que encerravam a brecha de funcionalidade entre os das séries Auster e Vigilante, mas outras eram mais importantes, como a fusão a frio, uma atividade antigravitacional em funcionamento, um motor iônico superior que poderia propelir uma aeronave da Terra a Marte em quatro dias.

As pessoas estavam começando a chamar de a era da singularidade, um tempo em que o progresso tecnológico infinito era finalmente possível. Todos os gênios secretos da humanidade tinham sido libertadores e estavam enfim sendo usados, sem nenhum daqueles velhos e obstinados manipuladores do poder em uma posição para impedir isso, preservando o *status quo*.

No novo mundo brilhante, Tom finalmente sentiu-se pronto para enfrentar o antigo. Ele tinha conversado com Olívia Ossare sobre isso; ele se sentia preparado.

Pelo menos, ele havia se sentido assim há alguns minutos. Agora que se sentou no bar, as palavras atravancaram em sua garganta. Seu pai falou primeiro.

– Você parece familiar.

Tom olhou de relance para o homem a alguns assentos de distância dele, fingindo que não estivera se preparando para falar com ele durante uma boa hora agora.

Neil espiou na direção dele, coçando o queixo.

– Você estava no noticiário?

– Hum, sim, estava – Tom não sabia bem se devia se sentir decepcionado ou não.

Neil abriu um sorriso e acenou para o atendente servir um refrigerante a Tom.

– Eu sabia que tinha reconhecido você – Neil deslocou-se até o banquinho ao lado

do dele. – Você e um outro bando de recrutas Intrassolares, vocês derrubaram a Obsidian Corp. juntos, né? – ele riu e brindou seu copo com o de Tom assim que o atendente trouxe o pedido. – Parabéns!

Tom ergueu o copo, sentindo um nó na garganta. Ele tinha seguido Neil o dia inteiro. Seu pai tinha um emprego agora. Ele havia aparentemente programado algo em si mesmo que moderava seu consumo de álcool também. Tom tinha ido até lá para devolver sua memória a ele, para desfazer o que Vengerov tinha feito, mas algo sempre o impedia. A memória das palavras de Dalton sobre como Tom tinha arruinado a vida do pai... ou talvez fosse apenas a expressão no rosto de Neil, a forma como ele parecia tão jovem. Feliz.

– O que você vai fazer depois? – Neil perguntou a ele. – Ouvi dizer que estão convertendo todos vocês em uma espécie de força internacional...

– Uma legião galática – Tom disse. – Este é o plano.

Primeiro, ele tinha visto Elliot em todos os canais da TV, ajudando a defender a ideia: converter todas as aeronaves dedicadas ao esforço de guerra em veículos exploratórios. Logo, a ideia se espalhou como fogo, um grande símbolo de humanidade dando um passo à frente no futuro, unindo as fronteiras do país: um projeto financiado com participação de várias nações por todo o mundo, dedicado a explorar o sistema solar e além dele, enviando as pessoas para o espaço novamente. As coisas aconteciam mais rápido na era da singularidade. As dependências de treinamento foram instaladas em San Francisco. O general Marsh tinha sido escolhido para encabeçar a aventura. A primeira turma de astronautas havia sido selecionada entre muitos cadetes Intrassolares, independentemente do país.

Como um gesto simbólico, a prioridade especial foi dada àqueles cadetes que tinham participado no esforço para libertar o mundo de Joseph Vengerov. Foi assim que Vik, Yaolan, Yuri e até Tom se alistaram. Pela primeira vez, Tom vivia não apenas no mesmo hemisfério de Medusa – como Yaolan –, ele vivia a uma caminhada de trinta segundos no corredor dela.

Quanto a Wyatt...

Ela tinha recebido a oferta, mas andava evasiva ultimamente. Tom não sabia bem o que Wyatt estava planejando, mas, sempre que a via, ela parecia estar transbordando empolgação, pronta para explodir com algo que não poderia compartilhar com ele. Ele sabia que ela tinha uma nova turma inteira de colegas em algum lugar em que esteve trabalhando que eram tipos seriamente inteligentes como ela. Engenheiros aeronáuticos, astrofísicos. Ela só podia contar que estava trabalhando em algo muito importante. Seja lá o que fosse, Tom estava contente por tê-la encontrado. Era a primeira coisa que a fazia ficar realmente animada desde a morte de Blackburn.

Tom achou difícil encarar o rosto amigável e desatento de seu pai. Em vez disso,

seu olhar encontrou a tela sobre a cabeça, onde um antigo clipe de Joseph Vengerov estava sendo discutido. Os repórteres recontavam seu histórico familiar: pais divorciados; um irmão mais novo, Ivan, que, segundo os rumores, era profundamente inválido. Tom sentiu-se golpeado por um soco quando soube pela primeira vez da existência de um verdadeiro Ivan, um irmão realmente mais novo de Joseph que tinha morrido havia alguns anos. Ele tentava evitar qualquer coisa relacionada a Vengerov.

Mas às vezes era inevitável. Naquele dia, o programa discutia o modo como as trágicas mortes de Ivan e seu pai, Alexei, resultaram na porção majoritária da herança da LM Lymer Fleet por parte de Vengerov e na sua posse como CEO. Surgia agora a especulação quanto à natureza suspeita daquelas mortes. Seria possível aqueles homicídios terem sido um prévio indício do que estava por vir? Foi apresentado com sensacionalismo, como entretenimento. Vengerov tinha se transformado em uma figura de fascinação mórbida para o resto do mundo.

Tom desviou o olhar. Ele não conseguia sequer suportar vê-lo. Ele ainda sentia tanta repugnância e aversão a Vengerov que as emoções pareciam envenená-lo.

– Eu conheci aquele canalha há anos – Neil observou, contemplando a tela.

Tom lançou um olhar de relance, confuso, para ele, perguntando-se o que ele ainda se recordava de Vengerov.

– Ele me contratou uma vez – Neil comentou. – Ele não conseguia ganhar de nenhum jogador decente de pôquer porque dava para ver a mente dele trabalhando, examinando as probabilidades e os cálculos... Sempre escolhia a solução mais matematicamente lógica. Isso o tornava previsível. Foi por isso que ele me contratou, para tentar descobrir o que estava fazendo de tão errado. Mas esse não era realmente o problema dele. Ele simplesmente não sabia agir como humano. Ele não estava enganando ninguém. A culpa é minha por ele ter aprendido a jogar. Pensei que estava ensinando o cara a blefar, e não a agir de forma tão rude, e a calcular durante o jogo, mas, na verdade, eu estava o ensinando a ser um ser humano.

Tom olhou fixamente para o rosto de Vengerov na tela e ficou com uma sensação ruim. Vengerov tinha desaparecido após sua derrota. Ninguém o encontrou. Ele era o fugitivo mais procurado no mundo agora, mas, de alguma forma, ele tinha se livrado totalmente de ser detectado.

– Eu não sabia o que havia de errado com ele naquela época, mas agora ele faz sentido para mim – Neil disse. – Desde que eu pense nele como um computador, não como uma pessoa, uma máquina tentando agir como o restante de nós. É por isso que ele fez tudo isso, essa é a minha teoria. Ele viu como nossa sociedade funciona e notou quem estava no poder, quem controlava tudo. Se tivéssemos sido governados por Gandhis, aquele computador na cabeça dele teria calculado a forma mais eficiente de difundir a paz. Mas nós éramos governados por sociopatas, então

foi isso que ele aprendeu a ser. Ele se tornou o melhor sociopata ganancioso e sedento por poder de todos. É por isso que ele não estava satisfeito com todo o poder que tinha, com toda a sua riqueza. Ele queria o mundo inteiro e tudo que havia nele.

O estômago de Tom revirou. Ele não queria sequer pensar em Vengerov e menos ainda falar sobre ele com seu pai. Tratou de se pôr de pé, percebendo que aquilo tinha sido uma má ideia. Ele não poderia fazer aquilo. Simplesmente não poderia.

Então, Neil o agarrou pelo braço e arqueou a sobrancelha.

– Você tem certeza de que eu não o conheço, colega?

Um grande e esmagador amor tomou conta de Tom. Neil tinha cedido a tanta coisa por ele. Ele devia isso para seu pai, para também libertá-lo.

– Sim – Tom disse de forma rápida. – Tenho certeza.

Ele quase saiu do bar depois daquele momento. Quase. Porque quando encontrou Yaolan e sussurrou para ela que queria sair, ela suspirou, desceu do banquinho do bar e marchou na direção de Tom.

– Você está sendo ridículo, Tom.

Então ela enfiou o fio neural de volta no pescoço de Neil e instalou o programa sozinha.

– Ei... – Tom contestou.

– É por isso que você me trouxe junto, não é? Para garantir que você execute?

– Não era o meu plano, não!

– Então você tem sorte por eu estar por perto – ela ficou na ponta do pé e o beijou. – Sente-se com o seu pai. Vou ficar do lado de fora esperando você para ter certeza de que eu tinha razão.

Agora Tom sabia tanta coisa sobre Yaolan que não sabia antes, como o fato de a escola inteira dela ter desmoronado durante um terremoto, quando ela era criança. Como ela tinha se livrado dos escombros em chamas; como ela havia passados anos entrando e saindo de hospitais, recuperando-se de cirurgias reconstrutivas; e como ela tinha recusado categoricamente lutar como combatente se o exército chinês insistisse em submetê-la a outra cirurgia para consertar seu rosto cicatrizado. Ela estava determinada e sem medo de se manter firme, sem recuar, por anos. Ela era pequena, inteligente e mandona. Tom a achava inacreditavelmente atraente, ainda que, por vezes, se irritassem um com o outro.

E agora, Tom se viu sem escolha, ali de pé diante de seu pai, uma mistura de emoções o corroendo por dentro. Ele assistiu ao programa fazer sua mágica, o fardo de anos voltando ao rosto de seu pai, e a expressão de Neil deixando de ficar leve, despreocupada e se transformando em algo mais solene. Então, Neil arrancou o fio neural e começou a se sentir confortável, pegando nos ombros de Tom e o examinando.

– Você iria me deixar aqui assim? – Neil perguntou.

Tom evitou o olhar dele.

– Sim.

– Tommy, pelo amor de Deus, por quê?

– Porque – Tom não conseguia olhar para ele. – Eu sei a verdade, pai. Eu sei de tudo.

– Você sabe.

Tom foi de encontro aos olhos dele.

– Sim, eu sei sobre a minha mãe. Sei que você nunca quis isso. Dalton me contou tudo.

Seu pai abaixou a cabeça. Ele afundou em uma cadeira, e Tom permaneceu ali, em pé, observando-o entorpecidamente.

– Você não tem que... – as palavras pararam em sua garganta, e Tom percebeu repentinamente que não estivera apenas protegendo seu pai. Doía-lhe muito ver suas piores suspeitas se confirmarem, perceber o quanto ele era um fardo para sua própria família.

Mas Neil o pegou pelo braço quando Tom instintivamente tentou se afastar. Ele agarrou o outro braço de Tom também e o puxou para perto dele.

– Eu cometi um erro terrível uma vez, Tom – Neil disse a ele. – Existem as pessoas certas e as erradas para terem filhos, e a sua mãe e eu éramos as pessoas erradas. Eu só percebi como estava enganado quando já era tarde demais.

– Quando ela começou a ter problemas.

– Antes disso, eu pensei que tinha o mundo todo na palma da minha mão. Eu conseguia ler *qualquer um*. Mas eu não achei que aconteceria com ela. Ela estava como... como no meio do olho do furacão, Tommy. Havia algo hipnotizante nela quando estava calma, mas, quando ela mudava o comportamento, era um deus nos acuda.

Tom olhou fixamente para ele. Pela primeira vez em sua vida, seu pai começou a fazer sentido para ele.

– Um dia ela partiu com você. Sem me avisar, nem nada. Vocês dois desapareceram uma noite enquanto eu estava fora – Neil analisou o rosto dele. – Eu esvaziei a minha conta bancária tentando rastreá-la, mas foi a polícia quem a encontrou, quando ela pôs fogo na casa do pai dela, além de incendiar metade da vizinhança. Vocês dois poderiam ter sido mortos. Ela sequer entendeu o que tinha feito no final das contas.

Tom se viu olhando em seu interior, repentinamente sem fôlego, lembrando-se daquelas memórias que Blackburn retirou de sua cabeça com o dispositivo de varredura. Lembrando-se de ver sua mãe, eufórico enquanto caminhavam juntos por uma rua escura. O fogo que ele tinha visto nos momentos anteriores ao curto-circuito

no dispositivo de varredura. Fogo. Não tinha sido através do dispositivo. Tinha sido algo de suas primeiras memórias.

– Eu não conseguia suportar mais aquilo – Neil sussurrou. – Vengerov estava bem ali perto, um respeitável homem de negócios com uma empresa inteira sob seu controle, e ele disse que poderiam tirá-la das minhas mãos, consertá-la. Ele disse que tinham novos procedimentos, os experimentais que poderiam... eu acreditei nele. Eu sabia que não conseguiria tomar conta dela sozinho, e ele iria encontrar um belo lar para você, segundo ele. Por um breve instante, eu cedi a essa ideia de que poderia voltar no tempo, mudar tudo, me livrar de todas as minhas responsabilidades. Esse foi meu outro erro. Eu não sabia o que ele faria com ela. Com *você*. Se eu soubesse... E assim que eu vi o que a empresa dele tinha feito com ela, voltei para buscar você. Eu teria destruído o mundo todo se eles tivessem machucado você. Você tem que compreender isso.

– Você nunca me disse nada.

– Depois daquela cirurgia que Vengerov tinha feito em seu cérebro, você não parecia se lembrar dela. De nada. Eu não poderia mudar o que tinha acontecido. Pensei que fosse melhor não lhe dizer imediatamente. E, quanto mais você crescia, foi ficando mais difícil de lhe contar. Você não teve a sua mãe por perto por minha causa. Por causa do que eu fiz. Eu não sabia bem se você me perdoaria, Tommy.

– Você parecia mais feliz sem mim – Tom resmungou.

– A preocupação que tive com você foi responsável por algumas rugas no meu rosto, mas eu não trocaria você. Por nada. Se você me odeia, não te culpo, Tommy. Eu já me odiei por muito tempo.

– Eu não te odeio. É que...

– O quê?

– Minha mãe está morta.

Neil tentou recuperar o fôlego.

– Eu desliguei o processador neural dela – a voz dele mal saiu num sussurro. – Me desculpe.

Neil olhou fixamente para ele por um longo instante.

– Aquela não era a sua mãe. Se havia restado alguma coisa dela, um traço, você realmente acha... – a voz dele sumiu. – Se tivesse a menor parte de sua mãe naquela aparência física, eu não teria os deixado ficar com ela. Se desligou aquela máquina na cabeça dela, você fez a coisa certa para ela. Um de nós fez a coisa certa para ela, graças a Deus.

Em seguida, seu pai estendeu os braços e o envolveu, e por um instante Tom se retesou, sentindo uma mão em forma de concha em sua nuca. Então, ele relaxou, e os fantasmas do passado sumiram.

– Me desculpe, Tommy. Vamos para casa e depois eu farei o que deveria ter feito

anos atrás e lhe contar tudo sobre sua mãe. A pessoa que ela realmente era nos melhores dias. A mulher que eu amei. E ela amava você. Amava tanto você... E eu também tenho que conhecer a sua nova namoradinha.

Tom recuou, sentindo uma pontada de orgulho com a lembrança de que agora ele estava com Yaolan. Então, ele percebeu algo.

– Espere – ele deixou escapar. – O que você quer dizer com “vamos para casa”?

O NOVO EMPREGO FORMAL de Neil era supervisionar um cassino local, procurando pessoas que usavam seus novos processadores neurais para trapacear.

– Eu estava diminuindo o consumo de bebida e encontrei este emprego, mas eu tinha um buraco na minha vida que aparentemente não conseguia preencher – Neil observou, mostrando a Tom o apartamento de dois dormitórios que ele tinha alugado. – Algo parecia estar faltando. Agora sei o que era.

– A sua própria casa.

– Não – Neil despenteou o cabelo de Tom. – Você sabe o que eu não tinha.

Mais tarde, Tom deitou esparramado em sua própria cama, em seu próprio quarto, em seu próprio apartamento da família pela primeira vez em sua vida, com sua própria namorada bem ao seu lado, ela repousando o queixo em seu ombro.

– E o seu pai não se incomoda de eu dormir aqui?

– Eu te disse, meu pai é bem relaxado com tudo. Acredite se quiser – Tom ergueu as sobrancelhas para ela. – Eu era até mais responsável do que ele.

– Você tem razão: é muito difícil acreditar nisso – Yaolan brincou. – Quando visitarmos minha família, garanto que você dormirá no lugar mais distante de mim.

– Contanto que eles tenham sono pesado, eu posso dar um jeito nisso – Tom disse, abrindo um sorriso.

Ela divagou encostada nele, e por um longo instante ele só a observou. Tom percebera que a amava naquele dia no espaço, e, embora ela nunca tenha retribuído essas palavras para ele, seus sentimentos nunca haviam mudado.

Nem mesmo, bem, depois... depois de fugir de Vengerov.

Tom tentou evitar pensar em Joseph Vengerov, pois mesmo agora as memórias eram como uma lança que o apunhalava. Ele olhou fixamente para a escuridão, pensando no oligarca ainda à vontade em algum lugar por aí, iludindo o mundo todo e até mesmo os continentes mais avançados em tecnologia.

Involuntariamente, as palavras de seu pai voltaram à sua mente: *Eu penso nele como um computador, não como uma pessoa, uma máquina tentando agir como o restante de nós.*

E então, de repente, Tom sentiu como se estivesse preso.

Tudo voltou apressadamente a ele, aquelas memórias voltaram a ele, aquelas que Vengerov lhe deu para criar outra identidade, para criar Vanya.

Em todas as memórias estava Vanya... o próprio *Ivan*, rejeitado, um exilado incapaz de compreender qualquer coisa, incapaz de comunicar qualquer coisa, tendo

como única proteção seu irmão mais velho, Joseph, que parecia um deus de ouro em um mundo de caos. Tom tinha admitido que as memórias de Vanya eram falsas, manipulações, pois em todas estava o irmão mais velho de Vanya, Joseph, um cara genuinamente decente. Ele achava que Vengerov as criara só para ele.

Até mesmo Olívia acreditou que Vengerov inventou as memórias de Vanya puramente para manipular Tom e cultivar uma sensação de “desamparo instruído” que iludiria o garoto a pensar que ele sempre fora ineficiente, um exilado... e dependente de Joseph Vengerov.

Mas Ivan era real. Ivan tinha sido real. Talvez aquelas memórias fossem realmente as verdadeiras memórias de Ivan também.

A pele de Tom começou a suar frio. Não. Ivan pode ter sido real, mas ele estava morto. Como Vengerov teria conseguido retirar as memórias de Ivan para dar a Tom?

E então ele teve um estalo.

Por que *Joseph* Vengerov, o filho perfeito, receberia o primeiro processador neural de todos em sua cabeça? Por que Alexei Vengerov correria um risco com o filho que não tinha necessidade daquilo?

A cabeça de Tom girou com a resposta.

Porque não foi ele. Não foi ele.

IVAN VENGEROV REALMENTE TINHA sido excluído, a vergonha de seu pai, mas ele era incapaz de compreender por quê, incapaz de entender o que tinha feito de errado ou o que era tão diferente nele em um mundo que não lhe fazia sentido.

Até uma máquina ser instalada em sua cabeça.

Ivan Vengerov recebeu o primeiro processador neural. Não Joseph. *Ivan*.

Tom imaginou Vanya com um processador neural. Ele imaginou o tipo de pessoa que Vanya tinha se tornado depois de receber o intelecto super-humano. Vanya deve ter entendido o mundo pela primeira vez, e entendeu com a fria precisão de uma máquina. Ele olhou ao redor, notando a maneira como as pessoas o tratavam, e viu o desprezo, a crueldade e o ostracismo em sua vida, tudo devido à sua deficiência. Vanya deve ter assumido que ser humano significava ser impiedoso com aqueles mais frágeis do que ele.

Neil tinha descoberto isso também. O processador neural de Vengerov calculava exatamente como ele poderia se tornar o melhor. E ele não tinha começado a se tornar o melhor ao pretender ser o CEO mais poderoso do mundo, ele tinha começado se tornando o filho perfeito em sua família.

Ele tinha se tornado Joseph Vengerov.

Ivan não tinha morrido. *Joseph* sim.

A pessoa que Tom conhecia como Joseph Vengerov era realmente Ivan, o verdadeiro Ivan com o computador na cabeça. É dali que as memórias vinham. Elas eram todas reais. Todas elas. Vengerov sabia exatamente que memórias dar a Tom

para fazê-lo se sentir indefeso, pois ele tinha sobrevivido a elas.

E, ao compreender isso, Tom teve certeza absoluta de que sabia exatamente onde Vengerov tinha se escondido. Ele ficou ali deitado, paralisado, com o entendimento por um longo instante, com Yaolan dormindo em seu peito e um claro pensamento penetrou em sua mente.

Ele tinha que conversar com Vik.

– TOM? – VIK DISSE COM sono, espiando na direção dele na Sala de Conferências com o cabelo escuro despenteado. Ele se endireitou na mesma hora, ficando mais atento a algo que viu no rosto de Tom. – Ei, Tom, o que foi? O que há de errado?

Tom percebeu que estava com o corpo todo trêmulo.

– Doutor, eu sei onde ele está. Eu sei.

– Você sabe?

– Estou quase certo disso.

– O que você quer fazer?

Tom passou as mãos no cabelo.

– Eu tenho que lidar com isso. Tenho que fazer sozinho.

– Então iremos juntos – e Tom estava tão grato por Vik não chamar isso de “gloriosa revanche”. Não havia nada de glorioso desta vez. Era simplesmente algo que tinha que ser feito.

A FAMÍLIA DE VANYA costumava ficar em uma datcha, uma casa de campo no interior, bem longe da civilização. Ela não era listada como uma propriedade oficial da família ou como uma propriedade da Obsidian Corp. Era longe o bastante para não haver internet ali, praticamente não havia nenhuma tecnologia.

Era uma das únicas maneiras pelas quais Vengerov poderia ter desaparecido no mundo moderno.

E Tom se lembrou do afeto que Vanya tinha pelo lugar. Ivan recebeu um coelho de estimação ali.

Certamente, Vengerov não estava esperando por Tom quando ele entrou caminhando pela porta da frente.

– Oi, Ivan.

Vengerov olhou para cima de onde estava lendo rapidamente antigos projetos, observando-o atentamente como se ele fosse um fantasma. Tom se mexeu levemente para que Vengerov pudesse ver que ele possuía um aparelho de choque na mão. Ele não tinha intenção de matá-lo. Afinal de contas, Vengerov não tinha máquinas o protegendo ali, nem criados e nada sequer remotamente acessível a uma rede. Ele era apenas um homem sozinho.

E Tom e Vik estavam em dois.

Vengerov se sacudiu para ficar de pé e recuou na direção da porta traseira, mas quando ela abriu deslizando, Vik estava do lado de fora sorrindo delicadamente.

– Como vai? – ele disse, obstruindo a fuga dele. – Eu ajudo Tom em todas as cruzadas de revanche dele.

– Ele é um bom amigo – Tom disse.

Vengerov refletiu sobre a situação e olhou para Tom, erguendo as mãos. Ele não demonstrava pânico no rosto, só certa curiosidade sobre o que se passava.

– Muito bem, senhor Raines. Você me localizou. Está aqui para me matar?

– Na verdade não – Tom disse categoricamente. – Estou aqui para levá-lo em custódia para poder ser julgado. Se você resistir, então vou mudar de ideia, Ivan.

O olhar de Vengerov ficou sério.

– Por que você está me chamando assim?

– Pela mesma razão pela qual eu sabia onde você estaria – Tom olhou de relance ao redor da casa de campo de uma maneira vagarosa, tentando esconder como era desconcertante reconhecer o local pelas memórias de Vanya. O mundo todo tinha procurado as várias aeronaves inativas no espaço, buscando o esconderijo secreto de Vengerov na órbita. Ninguém tinha considerado a possibilidade de ele ter simplesmente se desligado de qualquer forma de contato ou da internet e ter se escondido na Terra.

– Você não criou as memórias de Vanya só para bagunçar a minha cabeça – Tom disse pensativamente. – Elas já existiam. São suas. Suas memórias. Você é Ivan. E como eu tive as suas memórias, sabia sobre este grande esconderijo. Então acho que eu deveria agradecê-lo, Ivan. Você me conduziu diretamente até aqui. Agora está na hora de ir.

Vengerov não resistiu. Tom tinha percebido há muito tempo que Vengerov tinha máquinas para duelar contra ele e milhares de subordinados. Ele nunca fazia nada sozinho, não se o computador em sua cabeça calculasse que havia alguma possibilidade de ele ser ferido fisicamente. Ali, no meio do nada, longe dos intrometidos olhos eletrônicos que poderiam denunciá-lo para um mundo atrás dele, Vengerov não tinha aliados. Sua linha de ação ideal era cooperar e aguardar sua vez até ter certeza de que teria uma rota de fuga. Tom sabia disso.

Então ele cooperou. Os passos de Vengerov vacilaram ao avistar um de seus próprios suborbitais usados de forma temporária por Tom e Vik. Eles o prenderam na parte de trás da cabine e então Vik os lançou no espaço.

– Você percebe, senhor Raines – a voz de Vengerov flutuou no alto-falante – que, se eu for levado em custódia, terei que mostrar a eles minhas memórias com um dispositivo de varredura de todo o seu tempo comigo.

Tom ficou tenso.

– E daí? Não me importo.

– Você parecia se importar muito em uma ocasião – Vengerov afirmou, soando quase satisfeito. – Tenho a impressão de recordar você implorando para que eu não

compartilhasse a sua experiência com seus amigos.

Vik tampou o interfone, silenciando-o.

– Não dê ouvidos a ele.

– Você não precisa fazer isso – Tom disse, olhando fixamente para o console diante dele.

– Esqueça-o. Pegamos o canalha. Isso é o que importa.

Tom olhou para Vik, seu melhor amigo, seu apoio incondicional. Ele finalmente lhe contou a verdade.

– Sabe, ele não me reprogramou. Sei que eu disse aquilo, mas ele não fez isso. Blackburn o deixou de fora do meu processador.

Fez-se um longo silêncio. Em seguida, Vik disse:

– Eu sei.

Tom recuperou o fôlego. Então Vik sabia durante todo o tempo. Blackburn não tinha mentido para eles. Seu melhor amigo tinha fingido não saber que ele tinha sido totalmente subjugado para facilitar as coisas. Uma mão parecia segurá-lo pela garganta. Era estranho Vengerov tê-lo subjugado ao ameaçar mostrar aos seus amigos todas as vergonhosas fraquezas que tentara esconder deles por tanto tempo... mas não tinha sido necessário. Ele nunca precisou escondê-las deles. Vik aceitava até mesmo o pior dele.

E Tom percebeu de repente que nada que Vengerov dissesse um dia lhe daria algum poder sobre ele.

Naquele momento, havia uma movimentação na tela mostrando Vengerov. Vik apontou para ela. Tom acenou com a cabeça. Havia dois sinais de câmera da cabine traseira. Vengerov tinha desativado a única de que ele tinha conhecimento. Tom e Vik trocaram um olhar sugestivo, cientes do que estava prestes a acontecer.

Vengerov estava fazendo sua escolha: se permitiria ser submetido a um julgamento justo ou não. Eles o observaram encontrar o traje espacial e prendê-lo ao seu corpo. Vengerov olhou de relance a porta que o separava da cabine deles e, com o traje espacial no lugar, deslocou-se até a escotilha. A mão dele começou a girá-la para abrir.

Então, enquanto Tom e Vik assistiam à cena, ele abriu a escotilha com um solavanco e a corrente de ar o levou para o espaço. Naturalmente, Vengerov tinha planejado usar o sistema de propulsão do traje espacial para buscar abrigo em uma de suas aeronaves em órbita ainda não descobertas.

Ele não percebeu que Tom e Vik tinham removido a unidade de propulsão.

Tom deu a Vengerov tempo suficiente para que ele percebesse que não estava com o controle de sua dinâmica e tempo suficiente para tentar ativar seu transmissor – e perceber que este também tinha sido removido de seu traje. Ele não conseguia sequer enviar uma mensagem pela rede com seu processador neural: havia um

interferidor costurado em seu traje. Se ele tentasse tirá-lo, o traje se romperia.

Tom virou um dos alto-falantes unidirecionais que ele sabia que chegaria até o capacete de Vengerov e disse:

– Oi, Ivan. A esta altura, acho que já deve ter percebido que você não tem absolutamente controle algum sobre seu traje espacial e que você está flutuando à deriva. Eu queria lhe dar uma escolha. Assim como as escolhas que você me deu. Você poderia ter enfrentado o julgamento, ou poderia decidir não enfrentar. Você obviamente achou melhor não enfrentar.

Vik girou a aeronave para que, diretamente na frente deles, seus sensores pudessem captar o solitário homem vestido de astronauta flutuando em contraste com a trama escura de estrelas, e a dinâmica de Vengerov o fazendo flutuar para longe da Terra. Ele estava de costas para o planeta. Isso significava que ele jamais o veria novamente.

– É realmente um desperdício – Tom disse a Vengerov. – Você tinha a tecnologia para mudar o mundo. Os processadores neurais permitiram o início da singularidade. Todos nós poderíamos ter crescido juntos, mas isso não era o suficiente para você. A única forma com que você se sentia poderoso era usando essa tecnologia para pisar no resto de nós. Se tivesse tentado ajudar a humanidade, você teria sido a maior pessoa da história, o catalisador que mudou o mundo para melhor. As pessoas o teriam reverenciado. Mas aí está você, apenas outro megalomaniaco prestes a morrer sozinho, e as pessoas o esquecerão. Mas você tem uma última escolha, Ivan, a mesma que você me deu. Ninguém está vindo para salvá-lo. Você pode flutuar sozinho no espaço até o seu oxigênio acabar ou pode tirar o seu capacete.

E, com isso, Tom cortou a transmissão.

A mão de Vik estava cerrada com um punho.

– Quer dar uma volta para termos um bom vislumbre do rosto dele? – ele disse ameaçadoramente. – Eu gostaria de olhar por um bom tempo para a cara dele agora.

Tom sentiu uma onda de afeição pelo amigo. Ele pôs a mão no ombro de Vik.

– Não, cara. Vamos para casa.

Ele não precisou ver o choque, a descrença e o consequente medo no rosto de Vengerov quando ele fez cálculo após cálculo e ainda assim não encontrou escapatória da situação, quando ele compreendeu que não havia como sobreviver àquilo. Aquele medo primário de morte deve ter sido a primeira emoção que Vengerov tinha verdadeiramente sentido desde que recebeu seu processador neural, mas Tom não se importava em se satisfazer com isso. Ele não deixava de pensar que o homem que tinha acarretado tanto sofrimento nos outros tinha sido um fruto tortuoso do maltratado Vanya.

Tudo o que ele realmente queria era que Vengerov sumisse. De sua memória, de seu mundo, do universo. Tom e Vik elevaram-se para longe daquele minúsculo traje

espacial à deriva no vasto vácuo, flutuando, flutuando para longe – viajando um solitário caminho até o vazio, até desaparecer contra as distantes estrelas.

Deslizando na vista à frente de Tom e Vik, onde Vengerov jamais voltaria a vê-la, estava a brilhante e gloriosa Terra. As luzes brilhavam por toda sua superfície e a civilização humana entrava em sua era dourada, com o último oligarca caindo no esquecimento.

- É SÉRIO, COMO VOCÊ está se sentindo?

– Vik, eu não me importo – Tom garantiu a ele. – Você vai primeiro. Estamos bem.

Fazia meses desde que eles tinham se livrado de Vengerov no espaço. Agora, Tom e Vik estavam novamente dentro de uma aeronave em uma missão bem mais importante. Vik abriu um sorriso com um olhar de louco e, então, deu o primeiro passo pela escotilha da nave espacial deles, com as botas esmagando a areia vermelha do planeta Marte.

E assim, Vikram Ashwan, um astronauta indiano com a Legião Galática, tornou-se o primeiro ser humano a pisar em um planeta alienígena.

Vik e Tom tinham treinado para esse momento durante meses, desde quando foram selecionados para a missão em que se tornariam os primeiros humanos a pisarem em Marte. A tecnologia mais moderna fez a viagem ser rápida, indolor e barata, e se tratava apenas de uma missão precursora à maior que aconteceria mais para o final do ano – mas o mundo todo estava a assistindo.

Vik foi primeiro e Tom o seguiu para fora da aeronave, com uma grande sensação de admiração. Agora o céu estava vermelho escarlate e vívido sobre eles, e a paisagem vermelha como ferro se estendia por todos os lados.

Vik ficou em silêncio, impressionado. Tom deu os primeiros passos e olhou fixamente para as botas, agora oficialmente em Marte. Era o mesmo local que seu avatar tinha conquistado naquela primeira simulação de treinamento para as Forças Intrassolares. Agora ele estava ali para valer. Pessoalmente. Como alguns adolescentes de catorze anos que sobreviviam de salões de RV, Tom *nunca* teria imaginado que aquilo seria possível.

Ele começou a rir, estático, ao se dar conta disso.

– Caramba! – ele exclamou. – Estou em Marte!

– Eca, Tom, não! – Vik gritou, elevando as mãos para segurar o globo de seu capacete.

– Que foi, cara?

Vik se debateu, chutando um brilho de areia vermelha e com irritação na expressão facial sob a luz carmesim.

– “É um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade.” Está lembrado dessas palavras? Foi a primeira coisa que Neil Armstrong disse quando pisou na Lua. As primeiras palavras são importantes. Elas são enormes e

historicamente significantes. Monumentais! E nós somos atualmente os primeiros seres humanos em um planeta que não é a Terra. Nossas primeiras palavras são...

– Caramba, estou em Marte – Tom percebeu, consternado.

Vik acenou com a cabeça tristemente.

– Podemos retirar o que eu disse? – Tom sussurrou.

– Isto está sendo transmitido ao vivo para toda a Terra. Não acho que podemos voltar atrás.

– Desculpe – Tom disse a Vik. Então, repentinamente ciente de seu público invisível, ele gritou: – Desculpe, Terra! Câmbio!

– Já que estamos sendo antiprofissionais – Vik disse na direção da câmera fixada no veículo deles e fez um sinal de positivo. – Te amo, Sveta!

Tom riu, pensando na mais nova namorada de Vik e companheira de Legião Galática, Svetlana Moriakova. Ela fingiria estar sem jeito, mas ficaria contente com o gesto.

Eles iniciaram suas tarefas recolhendo algumas amostras de solo. Vik fincou uma pequena bandeira da Índia em meio às duras rochas vermelhas.

– Eu anexo este planeta à Índia.

Tom sabia que ele estava fazendo isso para irritá-lo, mas ainda assim contestou.

– Você não pode fazer isso. Eu sou norte-americano. Meu país tem parte nisso.

– Não é assim que funciona aqui na Índia, Tom.

– Meio a meio, ou então disputaremos.

– Nós queremos mesmo começar este capítulo novo em folha na história da Índia com a primeira guerra mundial de Marte?

Tom queria cutucá-lo de brincadeira, mas eles não conseguiam fazer isso com trajes espaciais.

Vik abriu um enorme sorriso, com olhar de louco.

– Ei, doutor.

– O quê, doutor?

– *Estamos* em Marte.

– Estamos em Marte.

Eles não conseguiam parar de rir um para o outro.

AS COMEMORAÇÕES ESTAVAM A toda quando eles retornaram para a Terra, embora a missão em Marte tivesse sido originalmente um teste para a nova tecnologia de aterrissagem antes da missão principal que aconteceria no fim do ano. O projeto secreto de Wyatt tinha se tornado realidade: um motor interestelar que envolvia o espaço na frente de uma aeronave e o expandia atrás para permitir a viagem mais rápida que a luz. Ela tinha feito parte da equipe para planejar a equação final que levaria ao dispositivo funcional. Finalmente, ela estava tendo uma chance de atingir o objetivo que tinha prometido pouco antes de o Cruithne atingir a Terra: estava ajudando a espalhar a

vida humana além da Terra.

Naturalmente, os melhores entre os jovens astronautas tinham sido selecionados para voar em sua primeira missão, uma viagem para o sistema estelar Alpha Centauri, um no qual se acreditava que existiam planetas habitáveis. A missão de Marte tinha sido de Tom e Vik; a missão interestelar seria de Yaolan e Yuri.

Todos se reuniram alguns dias antes da missão interestelar, lendo algumas das novas reportagens que cobriram a missão de Tom e Vik em Marte. Tom estava um pouco sem jeito pela crítica desdenhosa de sua conduta, intitulada “‘Caramba, estou em Marte’: O caso contra astronautas adolescentes”, mas seus amigos acharam hilário, o que não demorou a divertir Tom também.

– Tive que prometer ao general Marsh que eu diria palavras melhores do que as suas – Yaolan disse, acomodando-se ao lado de Tom, e ele sentiu a habitual pontada de surpresa sempre que a via nos últimos dias. Um dos progressos de células-troncos pós-singularidade tinha capacitado sua pele a se regenerar com apenas um spray escuro, aplicado algumas vezes por semana. Yaolan relutantemente procurou o tratamento, ciente de que uma aparência chinesa amistosa só fortaleceria seu caso para conseguir um lugar na missão interestelar.

Tom tinha admitido apenas para Olívia Ossare que estava preocupado por ela não querer saber dele quando as cicatrizes sumissem. Ele se sentiu um idiota ao admitir isso, mas estivera tão certo quando os outros começaram a notar Yaolan que ela terminaria e encontraria alguém melhor.

– A questão não é sobre Yaolan, é sobre a sua visão de si mesmo, Tom – Olívia tinha dito a ele. – Você precisa dar a ela um voto de confiança e acreditar nos sentimentos que ela tem por você.

E ela tinha razão. Os medos de Tom não tinham fundamento. Nada havia mudado, mesmo que Yaolan chamasse a atenção por um motivo diferente agora.

– Então, Yaolan – Vik disse do outro lado da mesa, erguendo um copo –, ainda nervosa?

– Nunca – ela jurou.

– Estou me sentindo muito apreensivo – Yuri garantiu a Vik, não aparentando estar nem um pouco preocupado mesmo sabendo que a próxima grande missão seria a sua.

Vik disse a Yaolan:

– Você tem que prometer que, se conhecer um alienígena bonito lá fora, você vai pelo menos enviar uma mensagem para Tom antes de fugir com ele.

– Se eu tiver tempo – Yaolan brincou. – Estarei obviamente ocupada tentando descobrir como fazer amor docemente com essa nova forma alienígena de vida.

– Talvez haja algo no processador neural sobre isso – Yuri sugeriu.

– Você atualizou o seu processador ultimamente, não atualizou? – Wyatt

perguntou abruptamente, tão concentrada que estava se inclinando sobre metade da mesa. – Toda vez que eu falo com Tom ele está fazendo corpo mole, sem fazer suas atualizações.

– Eu tenho uma atualização automática para o software, mas, assim que eu atualizar o hardware, ele ficará obsoleto novamente – Tom alegou.

Wyatt balançou a cabeça.

– É chamado de progresso tecnológico exponencial por uma razão. Use a singularidade, Tom.

Os olhos de Yaolan piscaram.

– Wyatt, eu não sonharia em deixar o sistema solar com um hardware obsoleto – ela acotovelou Tom levemente, pois ele faria isso. Ele sorriu. – E Yuri jamais faria isso também.

– É claro que o Yuri não faria – Wyatt disse, sorrindo para ele.

Yuri riu, admirando isso.

– Outro sistema solar – o rosto dele estava deslumbrado. – Nós abriremos os olhos e veremos todas as estrelas de outro ponto na galáxia – ele lançou o olhar para cima, e Tom, também olhando para o alto, ficou com o coração acelerado, pensando repentinamente em como seria realmente longe.

Ele atentou para a hora em seu processador neural e disse:

– Ei, enquanto estamos todos aqui, vocês querem ver o novo memorial?

Vik franziu um pouco a testa, mas Wyatt acenou prontamente com a cabeça e Yuri fez um aceno hesitante. Tom olhou para Yaolan, e, embora ela nunca tivesse tido uma ligação pessoal, ela sabia que Tom tinha. A mão dela pegou a dele furtivamente.

– Vamos.

VIK NÃO SE IMPRESSIONOU.

– Ele parece um ditador maluco.

Os cinco olharam fixamente para a estátua de James Blackburn, o fantasma da máquina, instalada em meio a outros memoriais dedicados a vários presidentes falecidos em Washington, D.C.

O título de “Fantasma da Máquina” não pertencia mais a Tom, o fantasma que tinha explodido os drones, e nem a Joseph Vengerov, o fantasma que tinha usado o agente do caos para destruir qualquer oposição às suas nanomáquinas nos salões do poder – mas ao verdadeiro que tinha acertado os primeiros golpes substanciais contra os oligarcas que costumavam ser donos do mundo, o verdadeiro catalisador que tinha mudado a história, mudado o mundo.

– Não acredito que ele aprovaria – Yuri refletiu. – Ele acharia isso muito pomposo.

– Eu gostei – Wyatt comentou. Ela e Tom trocaram um olhar sugestivo.

– O que você acha que ele diria se lhe mostrássemos o mundo agora? – Tom indagou, olhando ao redor e vendo as distantes aeronaves subirem no ar – aeronaves de verdade, com pessoas dentro, e não meramente drones que os vigiavam.

Agora que a época dos oligarcas estava encerrada, todas as possibilidades do universo estavam ao dispor deles. Claro, haveria futuros vilões, mas os inimigos da era da singularidade certamente não eram nada perto daqueles antigos.

– Eu acho que ele não acreditaria nisso – Yaolan se arriscou. – Eu não teria acreditado que tudo poderia mudar tanto em tão pouco tempo.

Tom olhou para o alto, novamente na direção da estátua. Blackburn tinha se autodenominado monstro. Tinha perdido a família, e, dali em diante, o único sentido que ele conseguia ver em sua vida foi encontrado na destruição de seu adversário.

Mas você estava enganado, Tom pensou para aquela pessoa que jamais responderia na outra ponta do elo neural. *Tudo isso aconteceu por causa de você*. A existência de Blackburn tinha importado mais do que ele pudesse imaginar. Não apenas para Tom e Wyatt, mas para toda a humanidade.

Tom apenas desejava que ele pudesse ter notado isso.

Na noite anterior à transferência dela para a aeronave interestelar, Tom e Yaolan pegaram o novo elevador espacial até a órbita. Lá eles entraram a bordo de uma nave espacial e sobrevoaram juntos ao redor da Terra, adiando o momento que ele a deixaria para seu grande lançamento. Logo ela teria novos planetas para ver, um novo sistema solar para explorar, mas no momento eles estavam contentes em assistir enquanto a luz do sol lançava auroras por toda a vívida atmosfera azul de seu planeta.

– Me diga uma coisa – ela disse.

Eles se desligaram da gravidade, para conseguirem se deslocar juntos, olhando pela janela. A cabeça dela repousou no peito dele, e os dedos dele dividiram o escuro cabelo dela.

– O quê?

– Por que você deixou Vik pisar em Marte antes de você? Você se arrisca em tudo. Pensei que vocês fariam alguma competição para ver quem dava os primeiros passos, mas você simplesmente o deixou ir à sua frente.

– Ele queria mais – Tom disse com um sorriso. – Ei, eu posso viver sendo um Buzz Aldrin.

– Mas eu sei que você também estava na operação como piloto de testes para o lançamento interestelar – ela insistiu. – E você solicitou a missão de Marte em vez disso. Você sabia que o lançamento interestelar seria o projeto principal. Você parecia tão animado com isso quanto eu estava.

– Talvez eu estivesse sendo realista ao me retirar da operação. Missão longa, isolada no espaço? Eles seriam mais loucos do que eu se me escolhessem para isso.

– Mas você nem sequer tentou. Esse não é você – ela ergueu os olhos para

encontrar os dele. – Você me disse uma vez que adoraria salvar o mundo. Que você se orgulharia disso eternamente. Mas você salvou o mundo de fato e não se orgulhou disso.

Ele acariciou a bochecha dela.

– Você está preocupada comigo?

– Eu vou ficar ausente por um longo tempo. Quero ter certeza de que você vai ficar bem, Tom.

– Yaolan, não estou deprimido – ele olhou para baixo na direção da Terra, com o coração inflado. – Quando eu era mais novo, teria pulado de alegria com a chance de fazer história e ser o primeiro a deixar o sistema solar. Eu queria ser alguém. Ser importante. Mas isso nunca foi realmente o que eu quis. Acho que, na minha cabeça, essa era a coisa que eu tinha que fazer para conquistar um lugar no mundo. Digo, eu não tinha nada quando criança e não pertencia a lugar algum. Se eu fizesse algo espetacular, alguma coisa que ninguém pudesse ignorar, isso mudaria tudo e eu finalmente pertenceria a algum lugar. Durante todo o tempo, o que eu estava realmente procurando era isto.

– Uma chance para voar em uma nave espacial? – Yaolan brincou.

Ele riu.

– Isso é muito impressionante, tenho que admitir. Mas, não. Isto. *Você*. Vik. Wyatt. Yuri. Pessoas que pertencem a mim. Pessoas às quais eu pertenço. Uma chance de me encaixar em algum lugar, de ser parte de algo em vez de um exilado. Você não enxerga isso? Eu *sou* feliz. Tenho tanto agora que tem dias que não consigo sequer acreditar que tudo isso é real – os olhos dele atraíram os dela. – Você sabe que eu te amo, certo? De verdade. Te amei desde a primeira vez e te amo agora.

– Eu também te amo, Tom.

Foi a primeira vez que ela disse essas palavras para ele, e Tom ficou emocionado.

Em seguida, ela se inclinou para a frente e o beijou. O cabelo preto dela flutuou no tecido sedoso acima deles. Um nevoeiro dourado começou a iluminar a curvatura da Terra do lado de fora da janela. O coração de Tom pulsou ao sentir que tudo tinha se resolvido da melhor forma.

Tom e seus amigos – não, sua *família* – tinham moldado sua trajetória por meio de algumas das mais sombrias horas da humanidade. Eles tinham nascido em um mundo em decadência que entrava em uma era sem precedentes da tirania tecnológica.

Ainda assim, houve razão para a esperança durante todo o tempo. Logo mais à frente, havia outra trilha, uma complicada, mas que sempre estivera ali, à espera daqueles com coragem para enfrentar o último dos oligarcas. As trevas da era deles tinham lhes dado a oportunidade de mudar a história e marcar o início de uma nova era dourada.

Tom estava em paz. Aquela criança agitada que ele fora um dia tinha crescido e

se tornado um homem com um lugar próprio no universo. Pessoas que pertenciam a ele. E uma pessoa que ele amava acima de tudo.

– Você sabe – ele sussurrou no ouvido de Yaolan –, se você realmente fugir com algum alienígena bonito, eu vou segui-la por toda a galáxia e começar a primeira guerra intergaláctica da Terra só para conquistá-la novamente.

Ela riu.

– É bom você fazer isso mesmo.

Tom puxou Yaolan em seus braços enquanto sua aeronave sobrevoava pelo espaço, com o sol surgindo por detrás de seu planeta e uma infinidade de possibilidades logo além do horizonte.



Curta a fanpage do insígnia no facebook

Prêmios, conteúdo exclusivo e muito mais.

facebook.com/insigniaarmasecreta

vreditoras.com.br

facebook.com/vreditorasbr

Table of Contents

[Página de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nomes - Coalizões e Corporações](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Na WEB](#)